

Ordem dos Cartuxos



Textos Seleccionados



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

ÍNDICE

- Iniciação a vida Cartusiana, p. 4;
- A alegria de ser Cartuxo, p. 8;
- O que aprendi na Grande Cartuxa, p. 28;
- Atrás das pegadas de São Bruno, p. 32;
- Carta de Guigo I - a um amigo sobre a vida solitária, p. 66;
- A Cartuxa Gaúcha de Maria Medianeira, p. 68;
- Profissão de fé de São Bruno à hora de sua morte, p. 74;
- Estatutos da Ordem Cartusiana, p. 76;
- Scala Claustralium, p. 137;
- O Rosário (o Terço): a sua origem e a sua intenção primordial, p. 148;
- Mensagem do Santo Padre aos membros da família dos Cartuxos por ocasião do IX centenário da morte de São Bruno, p. 161;
- Anexo - Instrução geral sobre a Liturgia das Horas.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

INICIAÇÃO À VIDA CARTUSIANA

Esse primeiro texto seleccionado foi traduzido e adaptado do original francês, dum monge da Grande Chartreuse, feita na Cartuxa de Ivorá, e está acessível no blog de Juan Mayo, no link dos trabalhos Cartusianos.

Para os devidos efeitos e, atendendo a que, para além de ter pedido autorização (à qual ainda aguardo resposta), é do domínio público, tomei a liberdade de aqui publicar uma pequena passagem deste excelente trabalho.

A vida Cartusiana

Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento... e amarás o teu próximo como a ti mesmo. Desses dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas (Mt 22, 37- 40).

A chamada de Deus

Como toda a vida religiosa, a vida cartusiana é uma resposta a uma chamada de Deus. Esta vocação não procede de si mesmo, é recebida. Não se trata duma simples escolha pessoal, é uma história de amor, conseqüentemente uma história de dois. Jesus convida alguns homens para, por amor, o sigam na solidão da montanha para permanecer com Ele e contemplar o esplendor do seu rosto.

"Cristo, Palavra do Pai, por mediação do Espírito Santo, elegeu desde o princípio alguns homens, a quem levou à solidão para uni-los a si em íntimo amor." (Estatutos, Prólogo)

"Aqueles que conhecem o amor conjugal podem compadecer-se de nós, crendo que não sabemos o que é o amor. O amor de Deus percebido na fé, em uma fé obscura, é mais seguro, mais próximo, mais doce, mais forte, mais tranquilizador e também mais embriagador que qualquer outro amor. Nós temos na fé uma certeza que nenhuma outra experiência pode dar.

Assim é o sentido da Escritura : “Eu casar-me-ei com você na fé” (Ives Raguin. Célibat pour notre temps).

A resposta humana

Esta chamada de Deus dirige-se a um ser humano livre. Deus propõe, não se impõe. Hoje em dia surge a dificuldade que pode provir da compreensão da chamada. A vida contemplativa é pouco conhecida e frequentemente pouco apreciada; está tão afastada e, às vezes, é tão contrária aos costumes do mundo moderno, que poucos estão preparados para experimentar seu atrativo. Não obstante, hoje, como ontem, há candidatos que continuam a bater às nossas portas. Que esperamos deles? Um desejo profundo de consagrar a sua vida à oração e à busca de Deus no amor “ Tenho sede do Deus forte e vivo, quando verei a face de Deus?” (Sal 42. 2) Este ideal contemplativo deve ser acompanhado pelo atrativo da solidão, já que é nesse ambiente que decorre a maior parte da vida do monge. Entretanto, porque os cartuxos não são eremitões em sentido próprio, a parte da vida em comum não se deve desvalorizada. Entre outras qualidades indispensáveis, o equilíbrio e o juízo reto ocupam o primeiro lugar. Ainda pode-se acrescentar: a maturidade afetiva capaz de preparar-se para um compromisso de vida, o espírito de fé e abertura que esteja disposto a se deixar guiar pela obediência, e a saúde suficiente.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

A chamada à vida cartusiana manifestar-se-á frequentemente por um desejo que pode aparecer de repente, ou após uma experiência espiritual importante, ou, pelo contrário, amadurecer pouco a pouco ao longo dos anos. Na prática, não é fácil julgar à distância com exatidão sobre os próprios atrativos e aptidões. Devido a isto, será necessário um ou dois retiros mais ou menos prolongados numa Cartuxa, para discernir a chamada de Deus. Várias etapas deverão, pois, respeitar-se.

O fim

O fim da vida cartusiana é a união com Deus no amor (Estatutos Cartusianos 1, 4). A união mais profunda e contínua que seja possível nesta vida. Amor gratuito e íntimo de Deus, por Ele mesmo. Ele tem seu fruto em Deus, que é o primeiro a nos chamar a sua amizade: Nele ele nos escolheu antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis diante dele no amor (Ef 1, 4). É Deus quem se está doando, é o Espírito Santo em nós.

O caminho

A nossa vida, o nosso amor, é resposta ao amor. Ela está fundada sobre a fé no amor do Pai invisível feito palpável em Cristo e dado a nós pelo seu Espírito.

Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém vem ao Pai a não ser por mim (Jo 14, 6).

Aquele que permanece em mim e eu nele produz muito fruto; porque, sem mim, nada podeis fazer (Jo 15, 5).

Filhos no Filho, nós entramos, participamos na vida íntima de Deus. Nascidos do Pai aspiram ao Espírito de amor que cria e regenera toda a humanidade, e todo o universo, eternamente. Já aqui neste mundo unidos a Cristo, nós vamos ao Pai, no Amor: Pois, por meio dele, nós, judeus e gentios, num só Espírito, temos acesso junto ao Pai (Ef 2, 18) Um manancial se tem alumiado em mim e sussurra; diz no meu íntimo: vem em direção ao Pai (Ignácio de Antioquia).

Os meios

Para abrir o nosso coração a este caminho de Amor e lhe purificar (porque só os corações puros verão a Deus: Mt 5, 8), nós praticamos a solidão, o silêncio, a pobreza, a castidade, a obediência, a caridade fraterna, a Lectio Divina, o estudo, o trabalho. Mas, sobretudo, nos damos à oração tão contínua quanto nos seja possível, que suba como incenso do altar do nosso coração. Oração de adoração, de louvor e de intercessão no Ofício Divino, onde a Igreja reza pelas nossas vozes. Oração de Cristo. Oração de íntima comunhão com Deus, dentro de nosso coração. Gemidos inefáveis do Espírito, que dão expressão ao desejo profundo e aos sofrimentos do homem e da Criação inteira: Assim também o Espírito socorre a nossa fraqueza. Pois não sabemos o que pedir nem orar como convém; mas o próprio Espírito intercede por nós com gemidos inefáveis (Rom 8, 26). Oração da noite e do abandono. Oração de luz e de alegria. Silêncio de um coração que ama. Dilatação de nosso coração à medida do Seu. Presença. Pobreza. Amor. Simplicidade onde tudo se funda na unidade: Eu lhes dei a glória que me deste para que sejam um, como nós somos um (Jo 17, 22).

Os estágios da formação

Antes de entrar no mosteiro Se alguém pretende incorporar-se num mosteiro, deve, antes de tudo, amadurecer seriamente seu desejo na oração. Tal decisão não deve tomar-se sem antes refletir. Depois deve pôr-se em contato com um mosteiro, expondo o melhor possível o que o atrai para a vida cartusiana. Em resposta, seguramente lhe pedirão alguns informes necessários acerca dos seus estudos, sua família,



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

etc.

Se parecer oportuno, ser-lhe-á proposto fazer um retiro no mosteiro, para que possa ter uma experiência deste gênero de vida. Fora de casos vocacionais como estes, os cartuxos não aceitam pessoas que desejam fazer retiros. Se a experiência for positiva, pode acontecer que ainda se lhe peça que demore por certo tempo a entrada, para provar (tempo chamado pré-postulantado) ou, ao contrário, que lhe seja permitido entrar no mosteiro quando lhe parecer bem.

Postulantado e Noviciado

Ao entrar no mosteiro, o candidato começa o postulantado que durará de três meses a um ano. E terminado este, se a sua vocação se confirma, tomará o hábito do cartusiano e começará o noviciado, que dura dois anos. A seguir vêm os votos temporários por três anos os quais serão depois renovados por mais dois anos. No final, tem lugar a profissão solene, pela qual o monge se compromete definitivamente perante Deus e perante a Igreja.

As pessoas de menos de 45 anos são as adequadas para empreender este gênero de vida cartusiano.

O Postulantado

O Postulantado é uma primeira aprendizagem da vida cartusiana. Este livro contém os ensinamentos necessários e os conselhos que nos ajudarão a adaptar a um estilo de vida solitário, silencioso e, contudo, fraternal. Toda ela ordenada à união com Deus no amor: Nele ele nos escolheu antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis diante dele no amor (Ef 1, 4). Tendes a simplicidade e a humildade de vos deixar formar pelo ritmo da vida, dia a dia e pouco ao pouco aprenderéis no interior pelo coração, os costumes de uma intimidade com Cristo. Vida de paz e de alegria, escola de caridade.

Um Testemunho da Ressurreição

"Na Solenidade da Encarnação do Verbo de Deus. Um Noviço Português professou os seus primeiros votos, de Estabilidade, Obediência e Conversão de Costumes - Frei Paulo José Fonseca. 43 anos, Licenciado em Economia, trabalhava em Albufeira. Fez a profissão na Missa conventual, presidida pelo Rev Prior da Cartuxa Frei Pedro Castro com a Comunidade e assistência de seus familiares e alguns amigos da Ordem. Emitiu os votos monásticos de Obediência, Estabilidade e Conversão de Costumes, enquanto os religiosos mais modernos fazem votos de Obediência, Castidade e Pobreza.

Scala Coeli cumpre este ano o cinquentenário do seu restauro. A celebração deverá ter lugar com uma Missa solene no dia 14 de Setembro. Presidida pelo Sr Arcebispo D. José Alves e acompanhada, seguramente, pelo clero eborense e amigos da Cartuxa.

O Noviciado na Cartuxa

Quem, ardendo em amor divino, deseja abandonar o mundo e captar as coisas eternas, quando chegam a nós recebamo-los com o mesmo espírito. É, pois, muito conveniente que os noviços encontrem nas Casas onde têm de ser formados, um verdadeiro exemplo de observância regular e de piedade, de guarda da cela e do silêncio, e também de caridade fraterna. Se chegasse a faltar isto, mal se poderá esperar que perseverem em nosso modo de vida. Aos que se apresentem como candidatos, se os tem de



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

examinar atenciosa e prudentemente, segundo o aviso do apóstolo São João : Examinai se os espíritos vêm de Deus. Porque é realmente verdadeiro que da boa ou má admissão e formação dos noviços depende principalmente a prosperidade ou decadência da Ordem, tanto na qualidade como no número das pessoas. Expõe-se ao candidato o fim de nossa vida, a glória que esperamos dar a Deus por nossa união com sua obra redentora, e que bom e gozoso é deixá-lo tudo para aderir-se a Cristo. Também se lhe propõe o duro e áspero, fazendo-lhe ver, quanto seja possível, todo o modo de vida que deseja abraçar. Se ante isto segue decidido, oferecendo-se com sumo gosto a seguir um caminho duro, fiado nas palavras do Senhor, e desejando morrer com Cristo para viver com Ele, por fim se lhe aconselha que, conforme ao Evangelho, se reconcilie com os que tiverem alguma coisa contra ele. O noviciado se prolonga durante dois anos ; tempo que o Prior pode prorrogar, mas não mais de seis meses. Não se deixe aplanar o noviço pelas tentações que costumam espreitar aos seguidores de Cristo no deserto ; nem confie em suas próprias forças, senão mais bem espere no Senhor, que deu a vocação e levará a termo a obra começada.

A Profissão

Morto ao pecado e consagrado a Deus pelo batismo, o monge pela Profissão se consagra mais plenamente ao Pai e se desembaraça do mundo, para poder tender mais retamente para a perfeita caridade. Unido ao Senhor mediante um compromisso firme e estável, participa do mistério da Igreja unida a Cristo com vínculo indissolúvel, e dá depoimento ante o mundo da nova vida adquirida pela Redenção de Cristo. Findo laudavelmente o noviciado, o noviço converso se apresenta à Comunidade. Prostrado em Capítulo pede misericórdia e suplica por amor de Deus ser admitido à primeira Profissão em hábito dos professos, como o mais humilde servidor de todos. Depois de ter feito pelo menos oito dias de retiro espiritual, o dia estabelecido, o irmão renovará sua petição ante o Convento. Então o Prior o admoestará sobre a estabilidade, a obediência, a conversão de costumes e restantes coisas necessárias ao estado de conversos. Depois, emitirá na igreja a Profissão por três anos. Tem-se de tentar absolutamente que o irmão, ao emitir seus votos, proceda com maturidade de juízo, e não se comprometa senão com plena liberdade. O dia assinalado, o que vai professar emite a Profissão na Missa conventual, depois do Evangelho ou o Credo. Então, realmente, a entrega de si mesmo que pretende fazer com Cristo, através do Prior é aceita e consagrada por Deus. O que vai professar escreva por si mesmo em língua vernácula a Profissão nesta forma e com estas palavras: Eu, frei N., prometo... obediência, conversão de meus costumes e perseverança neste ermo, diante de Deus e dos seus Santos e das relíquias deste ermo, construído em honra de Deus e da bem-aventurada sempre Virgem Maria e de São João Batista, na presença de Dom N., Prior. Se se trata da Profissão temporária, adicionem-se depois de "prometo", as palavras que limitem o tempo ; se da Profissão solene, diga-se "perpétua". É de saber que todos nossos ermos estão dedicados, em primeiro lugar, à bem-aventurada sempre Virgem Maria e a São João Batista, nossos principais patronos no céu. Desde o momento de sua Profissão, saiba o irmão que não pode ter coisa alguma sem licença do Prior, nem ainda a bengala em que se apoia quando caminha, já que já não é dono nem de si mesmo. Dado que todos os que determinaram viver regularmente têm de praticar com grande zelo a obediência, nós o faremos com tanta maior entrega e fervor, quanto mais estrita e austera é a vocação que abraçamos ; pois se, o que Deus não permita, esta obediência faltar, tantos trabalhos careceriam de mérito De aqui que Samuel diga: Melhor é obedecer do que sacrificar, e melhor a docilidade do que a gordura dos carneiros”.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

A ALEGRIA DE SER CARTUXO

Introdução

Há alguns anos o filme “O Grande Silêncio” causou grande impacto no público. Revelou um pouco sobre a vida dos cartuxos, mas só um pouco, porque a mudez do filme deixou os espectadores com muitas perguntas no ar. Quem são esses monges vestidos com grosseiros hábitos brancos? Que sentido tem essa vida retirada e silenciosa, tão diferente da vida dos sacerdotes e religiosos dedicados à vida pastoral, ao ensino, às missões, inseridos no mundo? Os cartuxos defendem com firmeza o seu silêncio e retiro do mundo para poder viver seu carisma próprio e especial, por isso fogem da publicidade e raramente concedem entrevistas aos meios de comunicação. Não é de se admirar que sejam tão pouco conhecidos. Apesar de tudo, a vida solitária dos cartuxos sempre atraiu homens famintos do Infinito, desejosos de viver ocultos aos olhos do mundo, consagrando a sua existência totalmente a Deus no silêncio e na solidão de um ermo. Santos como Inácio de Loyola, João da Cruz e outros, sentiram o desejo de ingressar em uma cartuxa. E a Cartuxa continua despertando interesse em não poucas pessoas de fé que se sentem atraídos por uma vida de fé singela, centrada no essencial. Recolhemos aqui as perguntas que há alguns anos o Pe. Rosendo Roig, jesuíta, planejou para os cartuxos de Miraflores (Burgos, Espanha). Também aproveitamos para adicionar outras perguntas que os aspirantes costumam nos fazer em suas cartas e em seus retiros vocacionais. Esperamos que estes simples diálogos sirvam de orientação aos jovens desejosos de saber mais sobre o carisma e a vida diária dos cartuxos.

1. A Vocação

- Quando um jovem aspira ingressar na Cartuxa...
- Normalmente nos escreve.
- A quem se dirige?
- Normalmente ao Pe. Prior.
- E quem lhe responde?
- O Pe. Mestre de noviços lhe manda uma carta incluindo um opúsculo informativo que dá uma ideia geral sobre as observâncias e exigências da vocação cartusiana. Hoje a maior parte dos aspirantes se dirige a nós por e-mail.
- E depois?
- Se responde e persiste em seu propósito, depois de recebermos informações favoráveis da parte de algum sacerdote que o conheça, o aspirante é convidado a passar uns dias de experiência na Cartuxa.
- Como passará esses dias?
- Para que a experiência seja mais proveitosa, ele vive em uma cela do claustro e segue os mesmos horários da Comunidade.
- Essa experiência esclarece alguma coisa?



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

- Depois de vários dias o aspirante terá uma ideia bastante aproximativa da vida que deseja abraçar.
- Quem se ocupa dele durante esses dias?
- O Pe. Mestre de noviços o visita com frequência, e com ele o aspirante fala amistosamente sobre a vocação e tudo o que está relacionado a esta.
- Qual é precisamente a finalidade desse diálogo?
- Aprofundar a espiritualidade cartusiana para ajudar o aspirante a discernir a sua vocação.
- Que motivações não seriam válidas para ser monge cartuxo?
- As desilusões da vida, o desejo de uma vida tranquila, sem problemas, em geral qualquer motivo egoístico. O único motivo válido é a busca dos valores que não passam, a busca mais ou menos claramente percebida (ou ao menos pressentida) de Deus. Procuramos analisar a vocação com o máximo de discrição e paciência.
- Com que idade se pode entrar na Cartuxa?
- Tende-se a desaconselhar cada vez mais o ingresso antes dos 21 anos.
- Dos 21 até que idade?
- Sem a autorização especial do Capítulo Geral ou do Reverendo Padre, que é o Superior Geral da Ordem, não se pode receber ninguém que já tenha 45 anos.
- E se a autorização é concedida?
- Se a idade não supera muito os 45 anos pode ser concedida, mas só depois de ter feito uma experiência especial de três ou quatro meses antes de ser admitido como aspirante.
- Por que essa experiência?
- Porque nessa idade a adaptação às observâncias da Cartuxa é mais difícil e é preciso ver claramente se o candidato é capaz de adaptar-se antes de ser admitido como aspirante.
- E quanto à saúde, o que exige a Cartuxa?
- Antes da admissão, nossos Estatutos aconselham “consultar médicos prudentes que conheçam bem o nosso gênero de vida”. Pequenos desequilíbrios psíquicos que em outro lugar passariam quase despercebidos encontram na solidão da Cartuxa uma caixa de ressonância que, aqui, impediriam de viver uma vida normal. Hoje os exames médicos são obrigatórios antes do Noviciado e da Profissão.
- Quanto ao caráter, o que exige?
- A vocação à solidão da Cartuxa exige uma vontade determinada e um juízo equilibrado.
- Então os caracteres tranquilos levam vantagem sobre os temperamentos nervosos?



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

- Nem sempre. Os temperamentos nervosos também podem se adaptar bem à Cartuxa.
- Sintetizando, qual é a qualidade essencial que se requer para ingressar na Cartuxa?
- Como a vida do cartuxo é uma vida de oração, dificilmente se admite a quem não sinta atração pelo recolhimento e pela oração. Na vida contemplativa nenhuma qualidade, por excelente que seja, pode suprir o espírito de piedade.
- Qual é especificamente a missão do Pe. Mestre de noviços?
- Dirigir a formação dos noviços, ajudá-los em suas dificuldades e nas “tentações que costumam insidiar os discípulos de Cristo no deserto”.
- Na Cartuxa se segue algum método específico de oração?
- Normalmente o noviço cartuxo começa sua aprendizagem nos caminhos da oração através da “lectio divina”. Este método de oração tradicional na vida monástica, sintetizado por Guigo II, o Cartuxo, consiste em ler pausadamente uma passagem da Sagrada Escritura e “ruminá-lo” lentamente. Depois, em silêncio, pode-se servir de sentimentos de agradecimento, de louvor, de contrição, que tal texto fez surgir dentro de nós para transformá-lo numa oração ao Senhor. Quando esse texto já não nos diz nada de especial, ou quando sobrevêm as distrações, volta-se a ler uma outra passagem, deixando-a descer ao coração. Este método de oração é muito simples e reduz notavelmente as distrações. Todo o ambiente da Cartuxa faz com que o monge se deixe possuir pela oração.
- Vocês dão muita importância à formação na vida de oração?
- Não poderia ser diferente. É importante que a oração do noviço tenda a simplificar-se, transformando-se num olhar singelo e amoroso ao Senhor, ainda que se trate apenas dos primeiros graus dessa oração de “simples olhar” ou de “quietude”, é conveniente que o noviço chegue a saborear a oração contemplativa. O mestre de noviços deve educá-lo com muita prudência à contemplação, consciente de que esta é a meta da oração.
- Não é exigir demais de um simples noviço?
- Normalmente se um noviço recebe a graça da experiência contemplativa de Deus, por mais simples e curta que seja, já estará preparado para superar os momentos de desânimo ou aridez e as crises que não costumam faltar, principalmente no tempo de noviciado. Viver habitualmente na presença de Deus, em relação contínua e orante com a Sua Palavra no Ofício Divino, a liturgia das Horas, e nos momentos dedicados à “lectio divina”, vão arrancando o “homem velho” que dorme no fundo de cada um. O jovem monge vai se livrando da tirania dos sentidos e das paixões, do forte reclame do mundo sensível, do qual sinceramente se despediu ao entrar na Cartuxa, mas que continua ali, agarrado em seu interior. Vai superando assim a dispersão dos sentidos, a superficialidade, a inconstância, e toda a sua vida vai sendo penetrada quase imperceptivelmente da proximidade de Deus. Então, no recolhimento e no silêncio interior que invadem seu espírito, lhe são quase conaturais os sentimentos de adoração, de gratidão e de alegria espiritual. Se faltasse esse pilar da oração contemplativa, a vocação estaria sempre exposta ao desânimo, aos vaivéns dos sentimentos mutáveis, ao cansaço, à aridez e falta de gosto pelas coisas espirituais: muitas vezes são essas as causas que estão na raiz da maioria dos casos de abandono da vida monástica.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

2. As etapas do caminho: monges do claustro

A. O Postulantado

- Suponhamos que um aspirante a monge cartuxo tenha dado sinais de verdadeira vocação, no parecer dos Superiores da Cartuxa. O que se faz?
- Recebe-se o jovem como postulante.
- O que é Postulantado?
- É o período de prova que prepara para o Noviciado.
- Quanto tempo dura?
- De seis meses a um ano.
- Que tipo de vida leva o postulante?
- Uma vida muito parecida com a dos monges.
- Exatamente igual?
- São-lhe concedidas certas dispensas com o objetivo de que sua adaptação à nova vida seja gradual.
- Como se veste?
- Como secular, mas nos atos comunitários usa um manto preto.
- No que o postulante ocupa o tempo?
- Nos momentos não consagrados à oração, se dedica a formar-se no espírito da Cartuxa, aprende as cerimônias litúrgicas e estuda latim.
- Latim?
- É, latim.
- Demora muito para aprender o latim?
- Normalmente, depois de alguns meses de esforço, o postulante consegue adquirir modestos conhecimentos que lhe permitem entender os livros litúrgicos.

B. O Noviciado

- Suponhamos que, concluídos os meses de postulantado, a conduta do candidato tenha sido adequada...
- Se a Comunidade lhe dá voto favorável, é admitido para o Noviciado.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

- Quanto dura o Noviciado?
- Dois anos.
- O que faz o noviço durante o primeiro ano?
- Ele se forma na vida espiritual, aplicando-se ao estudo da liturgia e das observâncias cartusianas.
- E no segundo ano?
- Começa os estudos que o preparam para o Sacerdócio: dois anos e meio de Filosofia e três anos e meio de Teologia.
- E onde cursa esses estudos?
- Devido à vocação eremítica da Cartuxa, esses estudos têm lugar na solidão da cela.
- Mas como?
- Duas vezes por semana os estudantes vão à cela de um cartuxo conhecedor das matérias estudadas. Ali prestam contas de seus estudos e pedem as explicações necessárias. O cartuxo professor resolve as dificuldades que eles possam ter encontrado. Também é comum recorrer a professores de fora para assegurar melhor a formação teológica dos alunos.
- Como os noviços se vestem?
- Portam um hábito igual ao dos monges que já fizeram profissão, mas a cógula é curta e sem as faixas laterais.
- O que são as faixas laterais?
- São duas tiras de tecido que unem a parte da frente e a parte de trás da cógula. Os noviços continuam a usar o manto preto nos atos comunitários.

C. A Profissão temporal

- Passados os dois anos, a Comunidade deu seu voto favorável. O que acontece com o noviço?
- Ele chega à Profissão temporal.
- Por que “temporal”?
- Porque ele emite os votos de estabilidade, obediência e conversão de costumes por três anos somente.
- Quais são os efeitos da Profissão temporal?
- Por ela, o “jovem professo” é definitivamente inscrito nos registros da Cartuxa onde emitiu os votos. Os anos de antiguidade na Ordem passam a contar a partir dessa primeira Profissão.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

- E o Noviciado acabou?
- O jovem professo continua a ser membro do Noviciado como um noviço. O Pe. Mestre de noviços dirige a sua formação espiritual. Mas, no curso desses três anos, continua seus estudos eclesiásticos e aprofunda mais a formação espiritual iniciada no Noviciado.
- E passados os três anos?
- O jovem professo renova os votos por mais dois anos. A diferença é que nesses dois anos viverá com os professos de votos solenes, experimentando assim plenamente a vida que pensa em abraçar para o resto da vida.
- Continua estudando?
- No último ano habitualmente interrompe os estudos para dedicar-se mais plenamente à oração e à solidão da cela.

D. A Profissão solene

- Já se passaram sete anos e enfim chegou a tão desejada hora da consagração definitiva.
- Dia importante para um cartuxo?
- É o maior acontecimento na vida de um cartuxo juntamente com a Ordenação ao Sacerdócio.
- A que ele se compromete?
- A viver para sempre e exclusivamente para o louvor de Deus. A Profissão solene é fruto de uma longa corrente de graças às quais o candidato correspondeu generosamente com a sua fidelidade diária.
- O que acontece depois da Profissão solene?
- Sob certos aspectos esta é mais um começo. O monge cartuxo em um ato sublime se consagrou a Deus. Agora tem de viver essa consagração dia a dia. O Sacerdócio conferido ao terminar os estudos coroa a Profissão.
- Que sentimentos preenchem a alma do cartuxo no dia de sua Profissão solene?
- Acho que os mesmos que, com acento lírico, expressou nosso Pai São Bruno na carta aos Irmãos de Chartreuse: “Alegrai-vos, pois, meus caríssimos irmãos, por vossa feliz sorte e pela abundância de graças que Deus derramou sobre vós. Alegrai-vos por terdes escapado dos muitos perigos e naufrágios do tempestuoso mar do mundo. Alegrai-vos por terdes alcançado o refúgio tranquilo e seguro do porto mais escondido. Muitos gostariam de alcançá-lo, muitos até se esforçam para chegar até ele, sem o conseguir. E muitos outros, depois de tê-lo alcançado, dele são excluídos, porque a nenhum deles se lhes havia concedido do alto. Portanto, meus irmãos, tende por certo que quem quer que tenha desfrutado de tão grande bem, e por um motivo ou outro o perde, lastimar-se-á por toda a vida”.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

3. Os irmãos cartuxos

- Sempre houve Irmãos na Cartuxa?
- Quando São Bruno se retirou ao deserto de Chartreuse, dois de seus companheiros eram leigos: Andrés e Guérin. Foram eles os primeiros Irmãos da Ordem. Sim, sempre houve Irmãos na Cartuxa. Com pequenas variações, o número de Irmãos na Ordem Cartusiana permaneceu durante séculos como na atualidade: sete ou oito Irmãos para cada dez Padres. Os Monges do Claustro e os Irmãos são duas formas distintas de conjugar uma mesma vocação. Uns e outros compartilham sob formas complementares a responsabilidade da missão que incumbe às comunidades cartusianas: fazer com que exista no seio da Igreja uma família de solitários.
- Explique.
- Os monges do claustro vivem em suas celas a maior parte do dia.
- E os Irmãos?
- Mesmo participando da mesma vocação solitária que os Padres, eles a realizam de uma forma distinta. - Como?
- Os Irmãos empregam certo tempo ao trabalho manual fora de suas celas assumindo as tarefas materiais do mosteiro.
- Fale-me mais sobre os Irmãos.
- Os Irmãos cartuxos, desde o começo até hoje, têm impressionado por sua estabilidade e seu elevado nível espiritual. Têm na Cartuxa um lugar próprio perfeitamente definido.
- E a que se deve isso?
- À vigilância dos Capítulos Gerais, à proximidade do Prior e do Procurador – que é o monge encarregado dos assuntos materiais do mosteiro –, mas sobretudo ao clima espiritual de silêncio e solidão do qual os Padres e os Irmãos participam igualmente, ainda que segundo modalidades distintas.
- Qual é a formação de um Irmão cartuxo?
- É um caminho parecido ao dos monges do claustro. A duração do Postulantado varia e depende em boa parte da formação espiritual do candidato: pode durar de seis meses a um ano. Se a conduta do postulante deixa entrever uma vocação autêntica, após a votação da Comunidade ele é admitido ao Noviciado de Converso. Sua duração é de dois anos.
- Quem é o Pe. Mestre dos Irmãos?
- Tradicionalmente seria o Pe. Procurador, mas ultimamente é comum que seja o mesmo dos monges do claustro. O Pe. Mestre os dirige na formação e os ajuda a superar as provas e dificuldades que encontram no caminho.
- Quando termina satisfatoriamente o Noviciado, o que faz?



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

- O Irmão faz sua primeira Profissão por três anos. A partir desse momento, ele fica constituído como membro da Ordem. No final desses três anos, o converso temporal renova seu compromisso por mais dois anos. Durante todo esse tempo continua sob a direção do Padre Mestre.
- Então, para chegar a ser Irmão cartuxo são necessários sete anos de formação.
- Isso. E terminados os sete anos de formação chega o momento tão desejado de consagrar-se definitivamente a Deus através dos votos solenes. A cerimônia da Profissão acontece assim: durante a Missa conventual ele lê a fórmula da Profissão. Depois a deposita sobre o altar como símbolo de sua entrega a Deus.
- Os Irmãos recebem uma formação especial?
- A formação é sólida, adaptada ao seu estado. A Ordem dispôs para eles o que hoje chamamos “formação permanente”. Quer dizer, durante os primeiros 7 anos de suas vidas como cartuxos, orientados pelo Pe. Mestre, dedicam um tempo todos os dias ao estudo da Bíblia, de Teologia, Liturgia, Espiritualidade... Esta formação se adapta a cada Irmão. Ao longo de suas vidas podem continuar estudando.
- O que os Irmãos leem?
- Eles têm à sua disposição a Biblioteca da Casa. As seções de Espiritualidade e Vidas de santos são as que mais frequentam.
- Quantas horas por dia trabalha um Irmão?
- Normalmente cinco, distribuídas entre a manhã e a tarde, mas durante o período de formação são reduzidas para que possam dedicar mais tempo à própria formação.
- Em que consiste o trabalho na Cartuxa?
- Antes de tudo é bom sublinhar que o trabalho dos Irmãos é um trabalho monástico. Eles não são empregados cuja principal razão de ser é a de fazer funcionar o mosteiro. Quando dizemos que o seu trabalho é um trabalho monástico queremos dizer que se trata de um ato religioso que os ajuda a progredir na prática das virtudes e que os aproxima de Deus.
- Como conseguem em pleno trabalho conservar o espírito de oração e de solidão?
- Os Estatutos da Ordem aconselham a recorrer, durante o trabalho, a breves impulsos em direção a Deus (chamados “orações jaculatórias”). Pode-se também interromper o trabalho para um breve momento de oração. - Os cartuxos trabalham em grupo?
- Procura-se, na medida do possível, que cada um trabalhe individualmente na obediência que lhe foi confiada.
- É importante o silêncio?
- Sim, é muito importante o silêncio durante o trabalho. Nossos Estatutos dizem: “Só o recolhimento durante o trabalho conduzirá o Irmão à contemplação”.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

- Tanta concentração espiritual não atrapalha a eficácia do trabalho?
- Normalmente não. Em seu espaço de trabalho, o Irmão tem liberdade e iniciativa. E a dedicação e o interesse por seu trabalho costumam transformar os Irmãos Cartuxos em verdadeiros especialistas.
- E a oração “oficial”, a oração litúrgica, como é regulada para eles?
- É como a dos monges do claustro, através da oração das Horas canônicas, ainda que um pouco reduzida.
- Os Irmãos suprem as Horas canônicas com alguma coisa?
- Frequentemente os Irmãos preferem rezar determinado número de Pai Nossos e Ave-Marias por cada Hora do Ofício Divino. Assim era antigamente.
- Quando eles participam da Missa?
- Podem participar da Missa celebrada pelo Pe. Procurador, bem cedo. E, se preferem, podem assistir à Missa conventual com os Padres.
- Como vocês não tomam café da manhã, o que fazem e onde ficam os Irmãos entre a Missa e a hora do trabalho?
- Em suas celas, dedicados à oração e à leitura espiritual.
- E quando acaba o trabalho?
- Ao meio-dia, antes do almoço, fazem uma visita de quinze minutos ao Santíssimo.
- E à tarde?
- Frequentemente interrompem o trabalho para ir à igreja celebrar as Vésperas com os Padres, mesmo não sendo obrigados.
- A que horas acaba o dia de trabalho?
- Às seis e meia. Antes de jantar, alguns aproveitam para fazer outra visita de quinze minutos ao Santíssimo.
- E depois do jantar?
- Fazem as orações que fecham o dia cartusiano e vão dormir.
- A que horas?
- Até as oito da noite.
- E a que horas se levantam?
- À meia-noite, para celebrar as Matinas com os Padres.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

- E voltam a dormir?
- Sim, até as duas da manhã, antes dos Padres, pois não são obrigados a assistir às Laudes, salvo em dias festivos.
- E ao chegar na cela, o Irmão volta a dormir?
- Não imediatamente. Ao chegar na cela, dedica quinze minutos à chamada “oração materna”, que o faz tomar consciência de seu papel de intercessor. Prostrado no chão, expõe lentamente ao Senhor as necessidades da Igreja e do mundo. Ninguém fica excluído das intenções dessa oração: desde o Papa até o último pecador oculto na noite enquanto descansam seus irmãos, os homens.

4. Os aspectos mais característicos da espiritualidade cartusiana

A. Deus só

- Diferentemente das ordens religiosas de vida apostólica, que se dedicam à pregação, ao ensino, ao cuidado dos enfermos etc., a que se dedica a Ordem Cartuxa?
- Nossa missão na Igreja é o que tradicionalmente se chama de “vida contemplativa”.
- O que é, então, a vida contemplativa para um cartuxo?
- Um mistério que se aproxima do mistério de Deus, de cuja grandeza e incompreensibilidade ela participa de certa forma. Mais além do cuidado pelas coisas do mundo; mais além, inclusive, de todo ideal humano e da própria perfeição, o monge cartuxo busca a Deus. Ele vive só para Deus, dedicado de corpo e alma a louvar a Deus. Este é o segredo da vida puramente contemplativa: viver só para Deus, não desejar mais que a Deus, não querer saber de outra coisa senão de Deus e não possuir mais que a Deus. Aquele que reconhece a Deus como o Bem supremo, compreenderá o valor dessa vida de consagração radical que é a vida do cartuxo.
- É um lindo ideal.
- É, mas esse lindo ideal exige um clima adequado para acontecer.
- E qual é o clima adequado?
- As nossas usanças e observâncias criam esse clima e revelam assim o seu sentido. Consideradas isoladamente, sem relação com o seu fim, seriam incompreensíveis e não passariam de um monte de práticas estranhas.
- Vejamos...

B. A solidão e o silêncio

- Qual é a palavra que mais se repete na Cartuxa?
- Se alguém se desse ao trabalho de buscar o vocábulo mais repetido nas páginas de nossos Estatutos,



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

seriam certamente as palavras “solidão” e “silêncio”.

- Sua espiritualidade têm algum slogan?
- A espiritualidade cartusiana é a espiritualidade do deserto.
- É uma tradição?
- Assim afirmam nossos Estatutos quando dizem: “Os fundadores de nossa Ordem seguiam uma luz vinda do Oriente, a dos antigos monges que, consagrados à solidão e à pobreza de espírito, povoaram os desertos numa época em que a lembrança ainda viva do sangue derramado pelo Senhor ainda ardia em seus corações”.
- Essa espiritualidade lhes é própria, ou tem fundamentos em outro lugar?
- A Sagrada Escritura e a tradição da Igreja oferecem argumentos para colocar a vida solitária acima de qualquer outra vocação.
- Apesar de reconhecer que a solidão é somente um meio, vocês lhe tributam um verdadeiro culto. Por quê?
- Porque, como dizem muito bem os nossos Estatutos, citando Dom Guigo, quarto sucessor de São Bruno no eremitério Chartreuse, a solidão é o meio mais apto para a união com Deus: “o gosto pela salmodia, a aplicação à leitura, o fervor da oração, a profundidade da meditação, a elevação da contemplação e o dom das lágrimas, não podem encontrar ajuda mais poderosa que a solidão”.
- Então essa importância que a Cartuxa dá à solidão tem alguma repercussão na estrutura jurídica da Ordem?
- Toda a legislação da Cartuxa tende a conservar e favorecer essa solidão e esse silêncio, que são os traços mais marcantes da espiritualidade do deserto e da espiritualidade cartusiana.
- Pode me indicar alguns aspectos de seus Estatutos sobre a vida de solidão do cartuxo?
- Os Estatutos proíbem ao cartuxo, por exemplo, pregar, confessar e fazer acompanhamento espiritual, coisas em si excelentes, mas que não estão na linha da vocação eremítica.
- Tanta rigidez não poderia assustar a Igreja Católica contemporânea?
- Ao contrário, isto é precisamente o que a Igreja pede hoje ao cartuxo. O Concílio Vaticano II disse claramente que o dever dos contemplativos é “ocupar-se só de Deus na solidão e no silêncio... por mais urgente que seja a necessidade de apostolado ativo” (Perfectae Caritatis, 7). Talvez seja “silêncio” a palavra de que mais necessita o mundo hoje.
- Vocês, os cartuxos, defendem sua vocação contemplativa com a solidão, mas como conseguem se livrar da invasão dos meios de comunicação social?
- Para evitar esse perigo, na Cartuxa não há rádio, nem televisão, e os Estatutos recomendam prudência com as leituras profanas.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

- Então vocês vivem alheios ao mundo de hoje?
- Nossos Estatutos nos falam da necessidade de “viver alheios aos barulhos do século”, como algo fundamental para a vida solitária. Mas cabe ao Pe. Prior o cuidado de transmitir aos monges as notícias que não seria bom que ignorassem, para que a comunidade possa apresentar ao Senhor as necessidades de todos os homens.
- Essa observância dura e peremptória não corre o risco de materializar a vida da Cartuxa?
- Toda a nossa legislação sobre o silêncio e a solidão constitui a letra de nossas observâncias. Nelas o monge vê refletido o clima propício para a nossa vocação eremítica, mas sabemos muito bem que isso não é tudo e nem o principal.
- Em uma palavra, o que é necessário para um cartuxo?
- Que se enamore da solidão para vivê-la em intimidade com o Senhor.
- O cartuxo que é fiel a esses princípios é feliz?
- Sim, porque o monge que é fiel à sua vocação compreende que Deus o chama a uma solidão e a um silêncio de espírito cada vez mais profundos.

C. O repouso espiritual

- Solidão e silêncio cada vez mais profundos?
- Sim, a solidão exterior cria o ambiente propício, necessário para que se possa desenvolver uma solidão mais perfeita, a solidão interior.
- Em que consiste a solidão interior?
- Em um processo espiritual pelo qual a memória, o entendimento e a vontade vão perdendo o interesse e o gosto pelas coisas passageiras. Por sua vez, Deus começa a ser percebido como o único que pode saciar as profundas aspirações do espírito. Só quando o cartuxo descobre, admirado, que enfim é só Deus que o preenche, começa a ser um autêntico “monge” contemplativo. Esta descoberta produz uma sensação de liberdade e gozo interior que é difícil expressar com palavras.
- Esta experiência é algo típico e exclusivo da Cartuxa?
- Se trata de um processo espiritual já descrito na espiritualidade dos antigos monges do deserto, tal como Antão, Pacômio, Evágrio, e em geral nos místicos cristãos de todos os tempos.
- Como vocês, cartuxos, o concretizam?
- Acho que todo esse processo espiritual poderia ser resumido em uma palavra muito cara a nosso pai São Bruno e aos primeiros cartuxos: “quies”, isto é, o repouso espiritual.
- Se entendo bem, isso significa que todo o ambiente da Cartuxa tende a isso?



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Cruz Dum Volvitur Orbis”

- A um clima de solidão e silêncio que elimina o barulho perturbador dos desejos e imagens terrenos. Se trata de uma atenção tranquila e sossegada da mente em Deus, favorecida pela oração e pela leitura pausada. Chega-se assim a essa “quies”, ou “repouso” da alma em Deus. Esse repouso divinizado, simples e gozoso faz com que o monge toque de alguma forma a beleza da vida eterna.

- Que grau de contemplação é esse?

- Digamos que a “quies”, é a meta do cartuxo, é onde anela chegar.

D. Fidelidade à Cruz

- Vocês têm a fama de serem muito penitentes.

- Sobre o tema das penitências da Cartuxa, como sobre tantos outros, existem as ideias mais estranhas. Para nós as penitências são simples “meios para aliviar o peso da carne para poder seguir o Senhor mais prontamente”, como dizem os nossos Estatutos.

- Mas você sabe que hoje em dia a penitência individual não é considerada um meio infalível... Vivemos em um tempo de compreensão e diálogo.

- É, nos dias de hoje, a penitência e, em geral, tudo o que supõe sacrifício e abnegação, é malvisto; costuma-se falar disso com notável inconsciência. Todo o mundo acha razoável que um esportista se prive de muitas coisas boas e submeta o seu corpo a duros treinamentos.

- Vocês, monges cartuxos, desejam viver segundo o “homem novo” da Sagrada Escritura. Pode me dizer precisamente quais são as penitências básicas?

- A separação do mundo, a ausência de notícias e de passatempos... São privações que talvez custem mais aos noviços. Tem também o sono dividido em dois tempos, a simplicidade no vestir, a frugalidade na alimentação...

- O que vocês comem?

- Ao meio-dia almoçamos à base de hortaliças, peixe ou ovos e fruta.

- Quando não fazem jejum, o que jantam?

- Nos dias em que não jejuamos, o jantar consiste em dois ovos, ou o seu equivalente em peixe, e fruta.

- Quando fazem jejum?

- Os jejuns começam no dia 15 de setembro, um dia depois da Exaltação da Cruz, e duram até a Páscoa, isto é, uns sete meses.

- Em que consiste o jejum?

- Em uma só refeição ao meio-dia. À tarde se faz um lanche, geralmente pão e uma bebida.

- Na sexta-feira vocês têm um regime especial?



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

- Todas as semanas fazemos uma abstinência, em que tomamos apenas pão e água. Geralmente é feita na sexta-feira, em memória da Paixão do Senhor, mas se na semana ocorre alguma festa, essa abstinência é feita nas vésperas da festa.
- Vocês comem carne?
- Tradicionalmente, desde os tempos de São Bruno, jamais se come carne, nem se serve carne a ninguém nas Casas da Ordem.
- Os aspirantes e os noviços também são obrigados a seguir todas essas páticas de jejum?
- A adaptação ao nosso gênero de vida requer tempo e prudência. Por isso, os aspirantes e os noviços se iniciam progressivamente em nossos usos e costumes, sob a vigilância do Pe. Mestre de noviços, que os aconselha.
- E os doentes?
- Os nossos Estatutos dizem: “Se em alguma circunstância ou com o passar do tempo um monge percebesse que alguma de nossas observâncias supera as suas forças e, em vez de impulsioná-lo, o atrapalha na sequela de Cristo, então, com confiança filial, trate do assunto com o seu prior e com ele decida a medida oportuna para si, ao menos temporariamente”.
- É permitido fumar?
- O tabaco é proibido “por motivos de abnegação e pobreza”.
- Resumindo...
- São esses os aspectos mais marcantes da ascese cartusiana. A Ordem os julga suficientes e, com um grande senso de prudência, ordena formalmente que “ninguém se entregue a práticas de penitência fora dos indicados nos Estatutos sem o conhecimento e a aprovação da parte de seu Prior”. A Cartuxa herdou de São Bruno sua moderação e seu equilíbrio. Em sua carta ao amigo Raul, ele descreve com entusiasmo a amenidade das paisagens da Calábria e, se seu amigo se admirara dessas expansões menos espirituais, explica: “a nossa frágil mente, fatigada por uma austera disciplina e pela aplicação às coisas espirituais, muitas vezes com essas coisas encontra alívio e readquire vigor. Na verdade, o arco sempre tenso perde a força e torna-se menos apto para o seu ofício”.
- Para concluir este tema, quais são os principais traços do espírito cartusiano?
- A união com Deus, tender à oração contínua na solidão e no silêncio, a “quies” (repouso contemplativo), a simplicidade de vida, a austeridade: estes são os traços principais do espírito cartusiano, que coincidem com as linhas mestras da espiritualidade do deserto.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

5. AS PECULIARIDADES DA CARTUXA

A. O cartuxo, um eremita integrado em uma família monástica

- De tudo o que falamos até agora, posso perceber que o que é mais característico na vida do cartuxo é viver na solidão e no silêncio. Eu li em algum lugar que dentre todas as Ordens monásticas, pelo menos no Ocidente, vocês são a que vive mais a vida eremítica mais puramente.

- É provável. Já lhe disse que o cartuxo é antes de mais nada um eremita que passa quase o dia todo em sua cela ou ermo. Esse é o traço marcante da nossa identidade e o nosso carisma específico.

- Mas esse carisma de solidão da Cartuxa não corre o risco de talvez obscurecer aspectos importantes e evangélicos como o amor e o serviço ao próximo? Acho que foi Santo Agostinho que disse: “Como posso lavar os pés dos meus irmãos se vivo trancado em um ermo?”

- Essa frase é de São Basílio, pai do monaquismo oriental. Mas não podemos esquecer que, na Igreja, como dizia São Paulo, os membros não têm todos a mesma função. “A vida dos cartuxos é consagrada ao louvor de Deus e à oração de intercessão por todos os homens”.

- E daí?

- Daí que, embora o nosso carisma específico não preveja a assistência dos enfermos, nem a pregação, nem o ensino dos jovens, a Cartuxa não é uma instituição puramente eremítica; a vida solitária é equilibrada por uma parte importante de vida comunitária que também é parte essencial do nosso carisma.

- Ah, é?

- É, e isso desde o começo da Ordem. Apesar da forte atração que São Bruno tinha pelo deserto, é certo que ele não foi um solitário do estilo tradicional, como os eremitas Paulo, Antão e Bento o foram: estes iniciaram a vida monástica vivendo completamente sozinhos no deserto. E São Bruno? Nunca esteve sozinho, pois o acompanhava sempre um grupo de amigos que compartilhavam o seu ideal.

- Esse é um detalhe interessante.

- Para nós é importante viver como eremitas em nossas celas, mas formando ao mesmo tempo uma família unida no interior do mosteiro. No passado se usava o termo “família” para designar as comunidades cartusianas, por causa do número reduzido de seus membros. Hoje os nossos Estatutos fazem o mesmo.

- Como esse aspecto “familiar” é vivido na prática?

- Por exemplo: somos nós mesmos que cuidamos de nossos enfermos e idosos em tudo, acompanhando-os sempre quando necessário, ainda que para isso tenhamos que sair da cela. E o fazemos com carinho, convencidos de que o amor fraterno está sobre qualquer outra consideração e valor espiritual.

- Começo a entender. E percebo até que suas recreações e passeios comunitários têm também algo a ver com isso da vida em família.

- Acertou em cheio. A recreação do domingo e o Passeio semanal dão à vida eremítica da Cartuxa um



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

ambiente familiar, humano e evangélico que nos ajuda a conservar um saudável equilíbrio.

B. A cela

- Você citou várias vezes a “cela” como se fosse uma coisa especificamente cartusiana. Como é a cela do cartuxo?

- De todas as dependências do mosteiro, as celas do grande claustro são a coisa mais característica da Cartuxa. Basicamente, as celas de todas as cartuxas são compostas dos mesmos elementos, mas a disposição interna pode variar.

- Pode me descrever brevemente as celas?

- As celas são interligadas pelo grande claustro, que é um longo corredor, geralmente em forma de quadrilátero. A palavra “cela”, que os cartuxos usam desde a origem da Ordem para designar seus ermos, evoca espontaneamente a ideia de um único cômodo. Na verdade, a cela do cartuxo é uma pequena casa de um ou dois pavimentos, em cujo espaço há lugar para uma sala de estudos, um oratório, uma pequena oficina de carpintaria e até para uma horta ou jardim. Sua relativa amplitude se explica pelo gênero de vida especialmente eremítico da Ordem: o cartuxo passa a maior parte de sua vida na cela. Nossos Estatutos dizem que a cela é para o cartuxo como a água para o peixe e o aprisco para as ovelhas.

Uma letra do alfabeto talhada em madeira e pregada em cada porta distingue umas celas das outras. O primeiro cômodo da cela é um amplo saguão presidido por um crucifixo e uma imagem de Nossa Senhora. A seus pés, de joelhos, o cartuxo reza uma Ave Maria sempre que entra na cela. Por isso, esse cômodo se chama “Ave Maria”. Perto da porta há um armário mesa com os utensílios necessários para as refeições. Em um canto pode-se ver uma portinha, um guichê numa parede, no qual o Irmão despenseiro deposita a comida que o monge retirará no momento de tomar sua refeição. O cartuxo come em sua cela; somente nos domingos e solenidades almoça com a Comunidade, no refeitório. Da “Ave Maria” se passa a um cômodo bem iluminado que serve de oficina de carpintaria. Para trabalhar a madeira, dispõe de um torno a pedal, de um banco de carpintaria e das ferramentas mais comuns. Em um extremo da oficina, uma porta nos conduz à horta/jardim, que cada um cultiva segundo os próprios gostos. O cuidado do jardim serve tanto como exercício físico, como uma agradável recreação e distensão espiritual. Voltando à “Ave Maria”, uma escadaria nos conduz ao cômodo principal, de uns seis metros por cinco. É iluminada por uma grande janela que se abre para o jardim. Eis a mobília: uma mesa e uma cadeira de madeira; uma estante de livros; ao fundo, presidindo a habitação, um pequeno oratório com um reclinatório para as orações; ao lado do oratório, uma humilde cama; e junto à porta de entrada, outra porta que dá para o banheiro. Essa é a cela do cartuxo. Ali ele passa os seus dias, os seus anos, em silêncio, a sós com Deus.

- A cela é um céu ou um purgatório?

- O primeiro, para quem recebeu o dom precioso dessa vocação que é viver só, para Deus. Os monges de todas as épocas experimentaram e cantaram a beleza da vida solitária na cela, onde passam seus dias na intimidade do Senhor. Os nossos Estatutos se unem a essa longa tradição monástica dizendo: “Ali Deus e seu servo se entretêm em frequentes conversas, como fazem os amigos. Ali, a alma fiel se une ao Verbo de Deus, a esposa ao Esposo, a terra ao céu, o humano ao divino”.

- Ok, mas devido ao ambiente cheio de barulho, de imagens e distrações característico da nossa sociedade, não fica difícil para os jovens adaptar-se a uma vida de silêncio e de solidão tão estrita como a



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

que se vive na Cartuxa?

- Normalmente a cela exige para o noviço um processo mais ou menos longo e custoso de adaptação – ou melhor, eu diria de desintoxicação – para fazer silêncio em seu interior, acalmar a fantasia, os afetos, os sentidos, até acalmar o espírito, concentrar-se no essencial, nos valores transcendentais que, em definitiva, são os únicos que podem saciar os desejos mais profundos da alma.

- Que conselhos daria a um jovem que chega do mundo e começa a viver a sua nova vida na cela, uma vida tão diferente da que viveu até então?

- O Pe. Mestre de noviços lhe indicará prudentemente os horários precisos para ocupar seus dias de forma organizada e útil na leitura, na escritura, na salmodia, na oração, na meditação, na contemplação e no trabalho. Ensinar-lhe-á também a lutar contra as tentações de desânimo, a habituar-se pouco a pouco a uma tranquila escuta do coração e a deixar que Deus entre em seu íntimo. Acima de tudo, aconselhar-lhe-á a confiar no Senhor: Ele lhe deu essa vocação de predileção e lhe dará também as graças necessárias para levá-la a bom termo.

C. Os horários da Cartuxa

- Porque o cartuxo tem uma predileção por essas horas de louvor noturno, Matinas e Laudes - Os horários da Cartuxa são um pouco estranhos, não?

- É, são um tanto originais.

- A que horas vocês vão dormir?

- Às 19h30min ou 20h. No verão, a essa hora, o sol ainda está acima do horizonte.

- Deitar para dormir às 19h30min ou 20h! E a que horas se levantam?

- Às 23h30min da noite. A essa hora o sino da igreja chama para a oração.

- Então o dia do cartuxo começa às 23h30min da noite?

- Isso.

- E o que fazem os cartuxos a essa hora?

- Iniciam a sua missão de louvor rezando as Matinas do Ofício da Bem-Aventurada Virgem Maria.

- Já começam bem o dia.

- À meia-noite e quinze o sino toca de novo.

- Pra quê?

- Para que a comunidade se dirija à igreja. Então vão todos caminhando pelos claustros solitários e pouco iluminados.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

- E chegados à igreja?
- Colocam-se os livros de coro sobre as estantes, apagam-se as luzes e entra-se em um profundo silêncio. Ao sinal do Prior, inicia-se o canto das Matinas.
- O que são as “Matinas”?
- As Matinas são compostas por duas partes chamadas “noturnos”, com seis salmos cada um. Nos dias festivos há um terceiro noturno de três cânticos. A salmodia é grave, quase lenta. Ao final de cada noturno há leituras da Sagrada Escritura ou dos Padres da Igreja, e a cada leitura segue o canto de um responsório. Nos domingos e em dias de festas importantes, as leituras e seus respectivos responsórios são doze; nos dias de semana há só uma leitura (no verão europeu) ou três (no inverno europeu). O canto Te Deum e a leitura do Evangelho do dia concluem as Matinas de doze leituras; os dias feriais terminam com as preces de intercessão pelas necessidades da Igreja e do mundo. Ao final das Matinas se guardam alguns minutos oração silenciosa e então inicia-se o Ofício das Laudes. Depois, em suas celas, os Padres rezam as Laudes do Ofício da Bem-Aventurada Virgem Maria e se deitam sem demora.
- A que horas?
- Isso depende da duração dos Ofícios. Frequentemente às 3 horas da manhã.
- E por que tudo isso?
- Porque o cartuxo tem uma predileção por essas horas de louvor noturno, quando o silêncio da noite convida a uma oração mais fervorosa.

D. A manhã

- E a que horas vocês acordam de novo?
- Às 6h45min. Os Irmãos que não participam das Laudes se levantam uma hora antes. Às 7h os Padres rezam a Hora Prima, seguida de um momento de meditação.
- E a Missa?
- Às 8h nos reunimos na igreja para a celebração da Missa conventual. Essa Missa é sempre cantada, e dura aproximadamente uma hora. Nos domingos e nas solenidades, a Hora Terça precede a Missa, que nos dias festivos costuma ser concelebrada.
- E quando acaba a Missa conventual?
- Os Irmãos, em suas celas, fazem quinze minutos de ação de graças pela Missa, e depois trabalham até a Hora Sexta. Os Padres costumam celebrar a Missa recitada em umas capelas destinadas a esse fim. De volta à cela, rezam Terça e reservam boa parte do tempo à leitura espiritual.
- Mas vocês não tomam café da manhã? O que fazem até a hora do almoço?
- Os monges em formação estudam e se exercitam em algum trabalho manual: carpintaria, encadernação, pintura, cuidado do pequeno jardim/horta de sua cela...



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

- A que horas almoçam?
- Às 11h30min ou ao meio-dia, depois de rezar a Hora Sexta. Almoça-se solitariamente na cela, exceto nos domingos e nas solenidades. Normalmente o almoço é depois da oração do Angelus.
- E depois do almoço?
- Até às 13h, o cartuxo costuma se distrair um pouco no jardim, fazendo algum trabalho, caminhando...
- E depois disso?
- Os monges rezam a Hora Nona e o tempo até às Vésperas é dedicado ao trabalho manual, à leitura, ao estudo e à oração. Os Irmãos voltam a seus trabalhos em suas respectivas “obediências” ou oficinas da cartuxa: a cozinha, a alfaiataria, a despensa, o campo, a marcenaria, obras...
- Esses horários não mudam nunca?
- Nos domingos e solenidades a Hora Nona é cantada na igreja e logo após os monges se reúnem na sala capitular, onde escutam uma leitura do Evangelho ou dos Estatutos. De lá vão à horta, ou, se o tempo não o permite, ao claustro, onde têm um encontro fraterno.

E. A tarde

- Como vocês passam a tarde?
- Todos os dias às 16h se cantam as Vésperas na Igreja. O Ofício das Vésperas dura meia hora e é composto por um hino, quatro salmos com suas respectivas antífonas, uma leitura breve, um responsório, o Magnificat, e termina com as preces de intercessão e o canto da Salve Regina, cujos texto e melodia são ligeiramente diferentes dos do rito romano. Depois das Vésperas o tempo é consagrado aos exercícios espirituais.
- A que horas vocês jantam?
- O jantar, ou, nos dias de jejum, o “lanche”, é geralmente às 17h45min.
- E o que fazem depois do jantar?
- Nesse momento sobra um tempo livre para a distensão, seja no jardim, seja pela cela.
- Quando e como acaba o dia do cartuxo?
- Às 19h o sino toca o Angelus da tarde. Os monges podem prolongar a oração ou a leitura espiritual ainda por uma hora, mas é aconselhável não demorar para deitar-se. O dia acaba com a oração de “Completas”, Hora do Ofício na qual se agradece a Deus por todas as graças recebidas durante o dia e se lhe suplica proteção para a noite que está chegando. Assim termina, entre as 19h30min e as 20h, o dia do monge cartuxo.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

6. Horários em função da vida litúrgica

- Suponho que os seus horários sejam estabelecidos em função da vida litúrgica. Certo?
- Isso mesmo. As Matinas no coração da noite, a Missa conventual de manhã cedo e as Vésperas à tarde são os momentos fortes do dia, nos quais os monges deixam as suas celas para ir à igreja.
- Que lugar ocupa a liturgia na vida do cartuxo?
- A nossa vocação é ser com o Cristo e no Cristo um louvor a Deus Pai, através do nosso ministério de louvor e de intercessão. A Eucaristia, celebrada e cantada em melodias gregorianas a cada manhã em comunidade, é, segundo os nossos Estatutos, “o centro e o cume da nossa vida”.
- E o Ofício Divino?
- O cartuxo reza boa parte do Ofício divino sozinho na cela, mas sabe bem que a sua voz não é uma voz individual, isolada, perdida na imensidão do mundo, mas que é a mesma oração de Cristo e de toda a Igreja. Na liturgia, o Cristo, na qualidade de nossa Cabeça, reza em nós, de modo que nele nós podemos reconhecer a nossa voz, e em nós a sua.

7. As origens da Ordem Cartuxa

- Antes de terminar, faça-lhe uma pergunta elementar: o que é a Cartuxa?
- É uma Ordem monástica nascida no final do século XI, um caminho evangélico que percorreu mais de nove séculos.
- Quem é o fundador?
- Mais que um “fundador”, eu diria o “iniciador” deste gênero de vida foi São Bruno, nascido em Colônia, Alemanha, por volta do ano 1030. Foi estudante, depois cônego e reitor da famosa escola catedralícia de Reims, França. Com seis companheiros, retirou-se em um lugar solitário e escondido nos Alpes do Delfinado, o maciço de Chartreuse (Cartuxa), a uns trinta quilômetros de Grenoble. A casa geral da Ordem se encontra ainda hoje naquele lugar.
- Porque vocês dizem que São Bruno não foi o fundador da Ordem, mas o seu iniciador?
- Porque, na verdade, ele não escreveu nenhuma regra monástica, nem sequer permaneceu por muito tempo no eremitério de Chartreuse. Solicitado pelo Papa Urbano II, que havia sido seu discípulo em Reims, teve de ir a Roma e acompanhar o Papa em seus deslocamentos pela Itália meridional. Urbano II compreendeu o carisma de São Bruno, que era profundamente atraído pela vida eremítica, e autorizou que se retirasse novamente em um lugar solitário da Calábria, em Santa Maria da Torre. Lá fundou com outros companheiros um eremitério similar ao de Chartreuse. Ali morreu em 1101, e ali repousam seus restos mortais. Mas foi a primeira fundação da Cartuxa, nos Alpes franceses, que conservou o seu espírito e, com o passar dos anos, se converteu na Ordem monástica dos Cartuxos.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

O QUE APRENDI NA GRANDE CARTUXA

Artigo publicado na revista "Seleções do Reader's Digest", Abril de 1953, n.º 135 – Edição brasileira, da autoria de A. J. Cronin.

Ao brilho intenso do sol dos Alpes da Saboia francesa, depois de uma subida extenuante, normalizei a respiração e puxei a corda da campainha. Aberto o postigo da pesada porta, após um momento de exame, um irmão leigo de capuz pardo introduziu-me, silenciosamente, num pátio murado, onde, entre canteiros de flores a zumbir de abelhas, uma fonte cantava. Adiante, de cada lado da vetusta igreja, corriam dois compridos claustros arqueados, dos quais saíam fileiras de curiosas moradas de íngremes telhados vermelhos. Percebi logo que se tratava dos eremitérios individuais onde habitam, na solidão e no silêncio, os monges da Ordem.

Sabendo que quase nenhum estranho tinha entrado naquele remoto santuário, experimentei profunda palpitação de expectativa. Depois de uma velocíssima viagem de 6.500 quilômetros, e sentindo ainda nos ouvidos o burburinho de Nova York, eu me encontrava no pátio do famoso mosteiro da Grande Cartuxa.

Mas eis que se aproxima de mim, com passos rápidos e com um sorriso tímido mas amistoso, um vulto franzino de hábito branco. Era o Prior, homem dos seus 50 anos, de face corada e de olhos de um azul muito escuro. Deu-me as boas-vindas com simplicidade e dignidade, e ouviu, cortesmente, a explicação dos motivos da minha visita. Depois levou-me a um eremitério desocupado e disse que o Padre Arquivista iria acompanhar-me numa visita geral. E retirou-se.

O eremitério era de pedra e tinha no andar térreo uma pequena oficina com ferramentas, um banco de carpinteiro e um depósito de madeira; no andar superior ficavam o oratório singelo e o quarto de dormir. Nesta, o que vi foi uma mesa simples de carvalho, um pequeno aquecedor de ferro, uma estante de livros, um modesto genuflexório e a cama com um tosco colchão de palha.

Um sino tocou suavemente, ecoando entre os cumes banhados de sol. Lá no alto, o céu era de um azul ofuscante. Tomado pelo sentimento da solidão que me cercava, sentei-me. Era ali, naquela prisão voluntária, que um homem tinha decidido passar toda a sua vida. Era ali, que ele trabalhava e orava, cultivava o seu pequeno jardim e se entregava àquela intensa contemplação que é o fim e o propósito do monge cartuxo.

Nessa altura ouvi uma leve pancada na porta. Era Dom Arthaud, o padre Arquivista, homem idoso mas de porte viril, rosto largo e simpático, olhos castanhos inteligentes piscando brevemente atrás dos óculos, para surpresa minha.

- Às suas ordens, senhor. Que deseja saber? – perguntou-me ele depois de me cumprimentar.
- Tudo. Diga-me antes de mais nada: guarda-se aqui silêncio absoluto?
- Exatamente. Excepto, é claro – acrescentou, fazendo uma delicada vênica – quando recebemos a honra de receber alguém como o senhor.
- Quando começa o dia para os monges?
- Às 5 e 45 levantamo-nos com o sino e nos ocupamos com orações até às 7 e 15.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

- E em seguida fazem a primeira refeição?
- Não. A nossa primeira e única refeição completa é feita ao meio-dia.
- Somente ao meio-dia?! – Exclamei. – Em que consiste?
- Em geral, consta de verduras da nossa horta.
- Comem carne de vez em quando?
- Nunca. (O meu espanto pareceu diverti-lo). E uma vez por semana, bem como em muitos dias especial, o nosso único sustento é pão seco e água.

Os meus olhos viraram-se para a dura cama de madeira.

- Deitam-se cedo? – perguntei.
- Sim. Às seis e meia da tarde.
- Pelo menos têm um bom descanso à noite.
- Só até às 10 horas – disse o monge com um sorriso suave. – Então o sino toca, nós nos erguemos para o Ofício noturno, e depois, acendendo nossas lanternas, vamos para as devoções em comum na igreja.
- Mas então quando é que se deitam?
- Cerca das 3 da manhã.
- E tornam-se a levantar às 5 e 45!
- Exatamente... E garanto-lhe que é descanso mais do que suficiente. – O monge apertou-me o braço, como que para abafar em mim qualquer expressão de dó.
- Venha comigo. Vamos dar uma volta pelo mosteiro.

Enquanto me conduzia pela belíssima igreja, com magníficos assentos e coro lavrados, o Padre Arquivista informou-me a fundação se devia a S. Bruno, com mais seis companheiros em 1084. Mas o que me interessava mais era o lado humano do que o histórico. Enquanto caminhávamos por um corredor de lajes, úmido mesmo naquele dia de Verão com o calafrio da antiguidade, perguntei:

- Vocês não sentem frio aqui no Inverno?
- Oh não. – Ele bateu familiarmente a pedra nua como quem tocasse o ombro de um velho amigo. – As paredes são espessas. E nós temos os nossos pequenos aquecedores.
- Mas parece que não aquecem grande coisa...
- Talvez não. – O piscar dos seus olhos acentuou-se. – Mas rachar lenha nos aquece.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

Pensei nos longos meses de neve, nas procissões noturnas através da escuridão gelada, no serviço religioso à meia-noite naquela igreja imponente e tenebrosa, e não pude reprimir um arrepio. Ao dobrar uma esquina, vimos um jovem leigo empurrando um carrinho cheio de fatias de pão, parando para deixar uma fatia na janelinha de cada eremitério.

Dom Arthaud explicou que aquele brave garçom voltara à pouco do serviço militar, tendo-se distinguido na campanha da Indochina.

- Cada qual toma a sua refeição sozinho?

- Sim... sempre na solidão.

- E é essa a sua razão de hoje?

O Padre Arquivista fez que sim com a cabeça. Com adorável simplicidade, dobrou o possante bíceps e disse:

- O pão é bom. Eu deixo um pedaço de pão sobre o meu banco de carpinteiro quando trabalho... como e trabalho... como e trabalho... trabalho e como... Ninguém pensa em comida quando está deveras ocupado.

- Ocupado?

- Fique certo, meu amigo, que o tempo não dá para o que desejamos fazer. Os bancos esculpidos à mão que o senhor tanto admirou na igreja são todos trabalho dos nossos monges. O mesmo se dá com estes painéis – e mostrou uns lindos trabalhos de linho lavrado ao longo do vestíbulo interno. – Também os móveis do nosso mosteiro, os armários do vestiário e inúmeras outras coisas... Como vê, até no sentido mais material não somos totalmente ociosos.

Prosseguimos a visita pelo claustro. O Padre Arquivista indicou um ermitério próximo e explicou:

- Ali mora um americano... Temos aqui dois americanos. E um padre mexicano. Outro da Áustria. Até um do Japão temos aqui.

- Então vêm gente de toda a parte?

- Sim, meu amigo. Mas temos todos um destino comum.

Com um gesto expressivo ele conduziu-me por uma arcada gótica a um pátio relvado coberto de flores e de flores silvestres. Ali, em filas bem ordenadas, via-se uma série de singelas cruces de madeira preta, sem nomes, nem inscrição.

Fiquei calado por algum tempo.

- São muitas juntas umas das outras... aquelas cruces – disse eu por fim.

- Nós não ocupamos muito espaço. Isto porque não precisamos de caixões. Como em vida, bastanos uma tábua para deitar-nos em cima.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

De volta ao eremitério e novamente só, tratei de por em ordem as minhas ideias. O modo de vida naquela prisão voluntária era muito mais severo do que eu havia imaginado. E no entanto, em vez de tristeza peculiar à penitência, em vez da melancolia do ascetismo que eu esperava, o que parecia impregnado na própria substância daquelas antigas pedras cinzentas era uma alegria despreocupada.

O sino soou mais uma vez. O sol escondera-se atrás dos picaros da montanha. E com a passagem silenciosa das horas naquela estranha existência, que vista de fora, parecia falsa e contrária ao bom senso, assumiu um tranquilo ar de sanidade, enquanto o mundo hostil e absurdo lá de baixo se apresentava perdido no caos e na confusão.

Lá em todos os continentes, os homens disputavam desvairadamente o lucro, e em momentos de lazer só se preocupavam com divertimentos que lhes deleitassem os sentidos. A televisão lampejava, o rádio papagueava, os aviões roncavam fendendo as nuvens com maior rapidez que o som, grandes navios atravessavam velozes os sete mares transportando cargas humanas para aqui e para ali, em busca de riqueza ou de prazer. Ao mesmo tempo, porém, atormentada e perplexa, vítima de um profundo desassossego, a Humanidade não conhecia a verdadeira felicidade. Em cada terra, ganhando malignidade cada dia, acumulavam-se os apetrechos feitos pelo Homem para a destruição de seu semelhante.

A ciência era agora a senhora, a pobre Humanidade a escrava, e o Homem, esquecido da simplicidade dos seus antepassados, atolado num imenso lamaçal de interesses individuais e de ideais falsos, extenuava-se e suavava para fazer girar o moinho sem fim da sua própria desagregação. Essa, debaixo do seu verniz de civilização, era a triste epopeia da Terra, um mundo de trágicos desastinos girando pelo espaço, tendo apenas alguns poucos a erguerem o espírito, o coração e a voz para o Criador.

Não seriam, pois, mais sábios aqueles que tinham resolvido passar os seus dias neste retiro monástico, longe do barulho e da fúria mundana, perto da abóbada celeste, de maneira a poderem fixar permanentemente a vista nas verdades eternas e oferecer talvez, por suas humildes preces, uma reparação pela culpa dos outros?

Poucos, sem dúvida, são capazes de tal retraimento. A convicção deste facto enraizou-se em mim à medida que os dias passavam e eu conheci privações insólitas, o tormento das noites sem dormir e da alimentação espartana, a angústia da solidão nova.

Mas da experiência foi nascendo pouco a pouco uma verdade fulgurante. No supremo isolamento da Grande Cartuxa, inatingível embora para a maioria de nós, encontra-se uma salutar advertência – a necessidade imprescindível que todo o homem tem de se separar dos outros de quando em quando e fazer uma peregrinação interior ao seu próprio coração. Colhidos no vórtice da vida moderna, enredados nas suas complicações, adquirimos o medo de ficar sozinhos e preferimos procurar qualquer distração do que permanecer na sempre difícil companhia dos nossos próprios pensamentos.

A minha estada ali tinha, forçosamente de chegar a um termo. Quando me despedi dos bons monges e desci à planície lá baixo, senti uma estranha tristeza no coração. Mas, percebi, claramente, que a minha subida ao convento não tinha sido em vão e aprendi a lição da Grande Cartuxa. A sua mensagem era, manifestamente esta: que de vez em quando devemos tomar um pouco de tempo às múltiplas preocupações do nosso trabalho e das nossas distrações para reajustar o nosso senso de valores, para relegar ao seu lugar próprio os nossos desejos materiais. Banindo da nossa boca a inevitável desculpa: Eu bem desejava, mas não disponho de tempo", devemos arranjar um tempo – cinco, dez, vinte minutos ao fim do dia, uma hora em cada tarde de domingo consagrado a um passeio de meditação, um fim de semana, de tempos a tempos, inteiramente dedicado a recolhimento. Então veremos como são de pouca importância as coisas que perseguimos com tanto afã; então, talvez, pudéssemos descobrir não só a consciência de nós mesmos, mas o que é muito mais importante – a existência da nossa própria consciência."

Ontem como Hoje, esta Vocação, tem muito a dar ao Mundo.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

ATRÁS DAS PEGADAS DE SÃO BRUNO

“Tu, que és meu Senhor,
Tu, cuja vontade prefere à minha.
Não me é possível contentar-me com palavras
ao apresentar-te minha oração.
Escuta meu grito que te suplica
como um imenso clamor...
Tu, de quem me constituís servo:
Te rogo-te com insistência,
até merecer atingir teu favor.
Pois não almejo um bem da terra;
não peço mais do que o que devo pedir:
só a Ti...
Tem piedade de mim!
E como imensa é tua misericórdia
e grande meu pecado, tem piedade de mim imensamente
em proporção à tua misericórdia.
Então poderei cantar teus louvores,
contemplando-te, Senhor.
Te bendirei com uma bênção
que perdurará ao longo dos séculos;
te louvarei com o louvor e a contemplação,
neste mundo e no outro,
como Maria, de quem nos diz o Evangelho,
que escolheu a parte melhor.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

Amém”.

Oração atribuída a São Bruno

Introdução

Querido/a leitor/a, convidamos-te durante umas horas a caminhar conosco depois das impressões de São Bruno. Como talvez já sabes, temos que nos remontar nove séculos atrás... No entanto, observarás que, ainda que nos separam de Bruno 900 anos, sua pessoa, seu espírito... Seguem à nossa frente estando vigentes sempre vivos em nossa atualidade, e ainda hoje interpelam a muitas almas que se sentem atraídas e convidadas intimamente a seguir os seus passos.

Que secreto mistério, que descoberta, que pérola preciosa impulsionou Bruno a enfrentar a solidão?

Mistério do convite interior que Deus faz sentir a algumas almas para a vida puramente contemplativa e de absoluta entrega ao amor. Mistério dessas vidas ocultas, humanamente escondidas com o Cristo oculto. Mistério dessa oração de Cristo no deserto, no monte pela noite durante sua vida pública, em Getsemani... Dessa oração de Cristo que se prolonga em cada etapa da vida da Igreja nas almas que Deus chama. Mistério de solidão e de presença no mundo, de silêncio e de irradiação evangélica, de singeleza e de glória de Deus...

É este, precisamente, o mistério que agora tentaremos descobrir na alma de Bruno.

Breve História de São Bruno

O Maestro Bruno, alemão de nação, da célebre cidade de Colônia, filho de pais ilustres. Formado tanto nas letras seculares como nas eclesiásticas.

Cônego da Igreja de Remos, não inferior a nenhuma de entre as francesas; e escolaster (isto é: Reitor). Abandonou o mundo e fundou o ermo da Cartuxa que presidiu por seis anos.

Solicitado pelo papa Urbano II, antigo discípulo seu, trasladou-se à cúria romana para ajudar ao mesmo Papa com seus alentos e conselhos nos negócios eclesiásticos.

Mas não podendo levar a agitada vida da cúria, inflamado em amor da solidão e quietude abandonadas, deixou a cúria e renunciou também ao arcebispado da Igreja de Reggio, para a qual tinha sido eleito por vontade do mesmo Papa.

Retirou-se ao ermo de Calábria, chamado a Torre, onde, com alguns leigos e clérigos viveu em solidão o resto de seus dias. Ali morreu e recebeu sepultura, depois de uns onze anos de sua saída de Chartreuse. (Crônica Magister; S.XII)

O parágrafo anterior, extraído da Crônica Magister ou Crônica dos cinco primeiros priores da Cartuxa, vem a ser um resumo da vida do Santo. Vamos agora a percorrer com mais detalhes estes fatos, e veremos neles a mão de Deus.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

Primeiros anos de São Bruno e apelo a Sèche-Fontaine

Em que data nasceu? Ignoramo-la; mas apoiando-nos num dado verdadeiro, a data de sua morte (6 de outubro de 1101), e nos acontecimentos de sua vida, podemos conjecturar sem grande perigo de erro, que Bruno nasceu entre 1024 e 1031. Nós optamos por cifrar a data em 1030.

Em Colônia (Alemanha) viveu seus primeiros anos, mas não conservamos nenhum documento deste período. Quando era menino, Colônia vivia ainda desse ressurgimento religioso que tinha impulsionado seu arcebispo Bruno I.

Naquela época, só os mosteiros e as igrejas tinham escolas onde se iniciava aos meninos nas letras humanas; numa destas escolas supomos que teria realizado Bruno os primeiros estudos. Um fato, em mudança, parece inegável: desde seus primeiros anos revelou nosso Santo dotes intelectuais invulgares, pelo que foi enviado a continuar seus estudos na escola catedralícia de Remos (França). Remos deixará realmente sua impressão nele, até o ponto em que, esquecendo sua origem alemã, se lhe chamará mais tarde Bruno "o francês".

Não se sabe com certeza em que se ocupou Bruno desde o fim de seus estudos pessoais até sua nomeação para escolaster (Reitor) de Remos, mas, já que esta cidade era então um dos focos intelectuais mais célebres da Europa de então, e tinha que manter sua elevada reputação mediante uma esmerada seleção do professorado, Bruno deve ter demonstrado sua competência nos cargos secundários que se lhe confiaram previamente, para que, apesar de sua idade (só contava 26 ou 28 anos) colocassem-lhe no posto mais destacado de suas escolas.

A eleição era uma grande honra e foi aceita com grande humildade e espírito de serviço pelo novo escolaster. O fato de que se lhe designasse tão jovem para ocupar um posto tão delicado significava que, Herimann, seu predecessor no cargo, tinha descoberto nele, não só excepcionais dotes para o ensino, senão também qualidades de trato e, inclusive, de governo.

Durante uns vinte anos foi um brilhante diretor do ensino em Remos . Ao claustro da catedral chegaram multidão de discípulos. Alguns deles atingiriam as mais altas dignidades da Igreja, como Eudes de Chatillon que foi eleito papa com o nome de Urbano II.

É de destacar também que, na época de sua docência em Remos, Bruno sobressaía aos olhos de seus discípulos no conhecimento dos textos sagrados, sobretudo do Saltério, e supomos que, tanto em Chartreuse como em Calábria, gozou-se de ter colegas "sábios", orientando a seus ermitões para o estudo da Bíblia. Além de escolaster da catedral de Remos, ocupou assim mesmo o cargo de cônego na mesma.

Em 4 de julho de 1067, o arcebispo de Remos, Gervasio, morria deixando fama de virtude. Sucedeu-lhe Manasés de Gournay com o título de Manasés I (1). Foi consagrado em outubro de 1068 ou 1069 e, ainda que tinha obtido a sede de Remos por simonia (2) em cumplicidade com o rei de França, Felipe I, Manasés , a princípio, administrou sua diocese de uma maneira calma que permitia esperar dele um governo normal.

Mas em seguida veio à luz seu duplo jogo. Para satisfazer sua cobiça sem, contudo, perder por isso sua sede episcopal, soube misturar habilmente os gestos de sábia e caritativa administração, com as rapinas mais audazes.

Manasés I nomeou a Bruno chanceler, encarregado por ofício da composição, registro e expedição



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

dos documentos oficiais da cúria da Arquidiocese. Promover Bruno era lisonjear à opinião pública, sobretudo à universitária; era dar provas de boa vontade, sendo tão viva e geral a estima de que o Santo gozava.

Como vimos observando, Bruno se nos revela primeiro como uma alma totalmente orientada aos estudos sagrados; depois, como um "Maestro", e, finalmente, como um homem cuja autoridade moral se impõe a todos. Tinha decidido consagrar sua vida ao estudo e ao ensino da fé; as coisas de Deus tinham cativado seu coração e bastavam para encher sua alma. Era um homem justo no sentido bíblico da palavra e, tal como o abade de Saint-Arnould, Guilherme, teve muito cedo que ter-se com o arcebispo Manasés I...

Em setembro de 1077, os pais do Concílio de Autun deporiam a Manasés, seguindo as diretrizes do papa Gregório VII em sua condenação da simonia. Mas o arcebispo conseguiria o perdão do Papa apesar da oposição de seus cônegos. O confronto se manterá até o ano 1080 em que o Papa lhe destituiu definitivamente.

Durante todo este tempo, os clérigos dissidentes tiveram que deixar a sede episcopal de Remos, pondo em perigo suas nomeações e propriedades, e situando-se numa posição muito delicada em relação à hierarquia eclesial. O conde Ebal os acolherá durante esse período em suas terras.

Bruno não ignorava a situação em que se encontrava, apesar de seu total comprometimento. Sofreria profundamente tanto por sua caridade, justiça e honradez, como por seu amor à Igreja.

A miséria moral de Manasés I, não podia menos do que provocar no santo e reto Bruno uma destas duas reações: a resistência ou a renúncia para uma vida mais pura. Neste ambiente, o culto à Palavra de Deus, o amor da mais elevada amizade e a integridade que vemos em Bruno, condenam a alma humana a certa solidão. Um ser puro é, sempre e em todas as partes, um solitário. Ademais, à medida que se agravasse a situação, se sentiria mais obrigado a continuar a luta e mais atraído para a solidão.

Não é sem razão conjecturar a funda inquietude que para um coração submisso e bondoso era ter que se enfrentar publicamente e até suas últimas consequências a um superior eclesiástico. Viu e aceitou seu dever desde o princípio do conflito, com tanta clareza quanto o legado pontifício, Hugo de Die, mas sem impaciências, nem debilidade. Conduta serena. Não dá um passo precipitado, vai ao exílio quando deve, depõe ante os concílios para isso convocados e, pelo demais, sabe calar. Conduta limpa. Ele se mantém até o final, sem servilismo e sem orgulho. Conduta justa e forte de homem bom na maturidade de seus quarenta e cinco a cinquenta anos, acrisolada pela tribulação.

É provável que a hora da prova constituísse para Bruno a hora da luz. O desterro por Cristo será um passo decisivo em seu caminho para Deus. Durante aquela experiência única, o Espírito que o tinha conduzido o chamará ao deserto para falar-lhe ao coração.

A narração do mesmo Bruno a respeito de sua vocação no jardimzinho da casa de Adam, impõe-se por si só como documento histórico.

É a recordação pessoal mais íntima que temos de Bruno e ainda que os dados não nos permitam situar o lugar ou a data com precisão, pode-se afirmar que foi por volta de 1080, pouco antes ou imediatamente depois de ser deposto Manasés. A cena descrita por ele quinze ou vinte anos mais tarde -depois de 1096, quando Raúl foi nomeado preboste- escapa de sua pena como uma experiência única. É a chave de sua vocação e seu destino.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

Encontram-se juntos Bruno, Raúl e Fulco; os três têm estado vinculados por propugnar na diocese e para o arcebispado a reforma eclesiástica. E, com mais categoria, Bruno. Depois vem Raúl, membro também do cavildo, posteriormente preboste e arcebispo dez anos depois. Chamam-no "o Verde", provavelmente pela cor pálida de sua pele. Indubitavelmente é homem de valia. Com ele conservará Bruno relação de amizade e correspondência por muito tempo, e a ele vai dirigida a carta em recordação deste fato. O terceiro é Fulco. A bondade que irradia Bruno une os corações dos três amigos.

E sob aquela plácida e espiritual conversa de amigos no risonho jardim, irrompeu como uma labareda o Espírito Santo: "Então, ardendo em amor divino, prometemos, fizemos voto e dispusemos abandonar em breve o mundo fugaz para captar o eterno e receber o hábito monástico".

A decisão, como a conta seu protagonista, tem um pouco de repentina e muito de poderosa. O "amor", e não qualquer, senão o "divino", fez-lhes literalmente "arder". Três verbos fundem e somam sua ação: "prometemos", isto é, abraçamos uma opção mediante a virtude da fidelidade; "fizemos voto", comprometemo-nos ante Deus em virtude da religião; "dispusemos", determinamos como executá-lo. Tríplice ação unificada que recai também sobre um tríplice objeto: abandonar o mundo fugaz, retiro à solidão; captar o eterno, vida contemplativa; e receber o hábito monástico, passar à ordem monacal.

Se cada situação concreta da vida humana tem um caráter singular e único, há algumas que marcam a pessoa para sempre. Assim foi neste caso para Bruno.

Era um chamado forte e inconfundível à conversão total a Deus, vocação a seu próprio destino de santidade. Então não podia conhecer com detalhes seus caracteres. Os irá descobrindo numa busca perseverante. Menos ainda podia adivinhar a originalidade deste chamado Divino e sua transmissão a futuras gerações de monges. Mas como uma semente que, fielmente cultivada, chega a árvore frondosa, estavam ali em germe todas as facetas da vocação monástica, tão rica em horizontes.

Ainda que não pensasse nisto, estava iniciada a vida em Deus e seu serviço, a entrega radical por amor ao Único sempre inesgotável, o desenvolvimento em plenitude da graça batismal, à escuta e comunhão com o Espírito, sua função eclesial como membro do Corpo místico, o depoimento de uma vida consagrada nos conselhos evangélicos, a esperança viva dos bens celestiais e a parusia. E expressamente mencionados no compromisso dos três amigos estavam três rasgos fundamentais: o hábito monacal, que era como dizer a vida monástica; a solidão, a contemplação e o motor disso tudo, o amor divino.

Bruno é um homem calmo, mesurado, de uma igualdade inalterável de caráter. Sua vida interior parece ter amadurecido lentamente nos cargos e provas, com a experiência do mundo e dos homens. Tivesse podido, sem dúvida, graças a uma disposição providencial, dever seu apelo a um acontecimento extraordinário; mas o chamado interior a uma vida mais profunda, coroando uma constante e excepcional fidelidade, é bem mais conforme com seu caráter e com o tipo mesmo de santidade que se reconhece nele. Este homem grave e recolhido, avançado já nas vias do espírito, não ia ser chamado por Deus com um golpe teatral, nem determinado a mudar de vida por um terror súbito: depois de ter caminhado longos anos na presença do Senhor, recebe simplesmente a graça de uma maior dedicação a Deus.

Seria imprudente fixar com demasiada precisão a data em que os três amigos, Bruno, Raúl Le Verd e Fulco Le Borgne realizaram seu voto no jardimzinho da casa de Adam. Seja como for, a conversão narrada por Bruno é um momento alto na história de sua vocação, um desses momentos de altura e plenitude, uma dessas horas a partir das quais se pode contemplar o panorama interior da alma distinguindo os diferentes níveis.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

Este momento para Bruno e seus dois colegas é um momento de fogo divino.

Ante as diferentes opções graves de sua vida, tinha-se decidido plenamente por Deus, com uma intransigência e intensidade significativas. Tinha consagrado os anos de sua juventude e maturidade ao estudo pessoal e depois ao ensino dos Livros Santos. Não só se fez clérigo, senão que tinha aceitado o canonicato na forma usual na catedral de Remos então, e neste cargo tinha manifestado virtudes cujo depoimento nos chegaram pelos "Títulos fúnebres" (3). O “chamado de Deus” no jardimzinho, marcava-lhe um novo horizonte em sua vida.

Depois da generosa entrega, a seguinte etapa é a busca de um ambiente humano e eclesial onde possa realizá-la. Dentro do monaquismo descarta a Cluny, posição muito significativa naquelas circunstâncias, conhecendo muito bem a realidade e o ideal de sua observância. Bruno indaga, procura, mas nunca por este lado. Não se sabe que visite abadia ou algum mosteiro clunicense, nem há referência alguma que indique especial conexão com esta ordem.

Ao outro extremo dos cenobitas estavam os "reclusos", homens ou mulheres voluntariamente encerrados numa cela murada ou selada pelo bispo, ou em dependência de um mosteiro próximo. Também Bruno não procurou por aí. Mais do que viver, quer conviver com a solidão.

Numa data que não podemos precisar exatamente, mas que se situa entre 1081 e 1083, Bruno abandonou Remos depois de renunciar à sede arquiépiscopal a que, segundo os escassos dados históricos com que contamos, teria sido proposto. Dirigiu-se, junto com dois colegas, Pedro e Lamberto, para o sul, em direção a Troyes.

Quando Bruno, Pedro e Lamberto foram a Roberto, abade de Molesmes, nas cercanias de Troyes, acabavam de presentear à abadia a herdade de Sèche-Fontaine, que não utilizavam. Sèche-Fontaine, pois, foi o lugar onde, com a aprovação de Roberto, instalou-se Bruno com seus colegas. Ali viveram vida eremítica.

Inevitavelmente tinha que chegar o dia em que Molesmes, pela expansão de seu crescimento, poria aos ermitões de Sèche-Fontaine a alternativa de elegerem para si a vida cenobítica unindo-se à abadia, ou a vida eremítica, processo frequente nas fundações eremíticas que durante aqueles anos povoaram os bosques e solidões da França. A opção não demorou em apresentar-se; os ermitões, aos que se tinham unido alguns discípulos, dividiram-se segundo suas diferentes vocações. Pedro e Lamberto escolheram Molesmes, seguindo em Sèche-Fontaine.

Mas Bruno leva em si outro ideal de vida espiritual: sente-se impulsionado pelo Espírito de Deus ao "deserto", e escolhe o eremitismo. Assim vemos como, acompanhado indubitavelmente de alguns colegas, deixa Sèche-Fontaine e vai à procura de um lugar apropriado para a realização de seu projeto. Esta separação se fez num clima de sinceridade e caridade.

Fora como fosse, a nova partida de Bruno, sua saída de Sèche-Fontaine, dá-nos uma luz especial sobre sua vocação. Como monge, não se sente chamado à vida cenobítica. Quer a solidão, o "a sós com o Só", a sós com Deus. Este é o autêntico apelo do Espírito Santo em sua alma e em sua vida.

De novo empreendeu a rota do sul com alguns colegas; dirigiram-se para Grenoble, em direção aos Alpes. Procuravam um lugar onde pudessem responder ao chamado de Deus, e atraídos pela santidade de Hugo, bispo dessa cidade, foram vê-lo.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

Estamos no ano 1084 quando Bruno e seus colegas chegam à presença de Hugo de Grenoble; começa assim uma maravilhosa e misteriosa aventura...

A data em que aquela semente de vida solitária caía em terra de Chartreuse é uma dessas datas indeléveis que emolduram a história de uma instituição.

O deserto de Chartreuse

Bruno, quando chegou a Grenoble, não tinha nenhuma ideia preconcebida sobre o lugar onde implantaria seu eremitério. Só deseja encontrar um lugar adequado para esse tipo de vida.

Anda em procura; sua ideia da vida eremítica é clara, mas não sabe onde realizá-la. Espera encontrar esse lugar na diocese de Hugo, onde abundam as montanhas, mas não está seguro disso. Em caminho, está convicto de que encontrará em Hugo um homem verdadeiramente de Deus, que compreenderá seu projeto e cujo trato e conversa, como os de Roberto de Molesmes, estimularão seu fervor.

Sete são os que formam o pequeno grupo que se apresenta ante o Bispo. Desconhecemos onde e quando aderiram a Bruno seus colegas; nenhum documento nos revela, mas os sete estavam decididos a levar juntos vida eremítica e já desde algum tempo procuravam um lugar propício para realizar seu projeto.

Bruno os conduz até o Bispo que, inspirado por um sonho, os guiará até o deserto do maciço montanhoso de Chartreuse. É Guigo, o quinto prior da Cartuxa, autor da "Vida de Santo Hugo", quem nos refere e autentica a realidade do sonho, e sua provada austeridade no-lo confirma.

Se, finalmente, Bruno e seus colegas se instalam no deserto de Chartreuse, não é porque eles mesmos tenham escolhido o lugar, foi Deus mesmo quem o escolheu por mediação de seu intérprete, o bispo Hugo.

Numa manhã de junho, durante a festa de São João Batista, um pequeno grupo de homens, com rostos graves e pobre vestimenta, saía da residência episcopal de Grenoble, guiados pelo jovem bispo Hugo. Dirigiam-se para o norte e tomaram a rota do Sappey. Deixando atrás as últimas casas do povo, penetraram no imenso bosque.

Neste lugar solitário penetraram corajosamente nossos viajantes pela porta da Cluse e, como se procurassem o ponto mais selvagem, subiram até o extremo norte, onde o ermo termina numa garganta fechada por montanhas tão altas que o sol mal penetra ali durante a maior parte do ano. Ainda hoje as árvores se esticam para o céu entre as fendidas rochas, como fantásticas lanças, para conquistar ao menos com suas copas o ar puro, a luz e o calor.

Ali se deteve a pequena caravana; tinham chegado. O lugar escolhido vem de encontro à ânsia ardente dos sete primeiros cartuxos pela vida solitária. Porque é certo que não esperavam encontrar outra coisa no lugar onde se estabeleceram! A presença de uma fonte determinou provavelmente a localização.

Ficavam no deserto sete homens: Maestro Bruno, Maestro Landuino, toscano de Luca e renomado teólogo; Estevão de Bourg e Estevão de Die, cônegos ambos de São Rufo; Hugo, a quem chamavam o capelão por ser o único que entre eles exercia as funções sacerdotais, e dois laicos, Andrés e Guérin, que seriam os conversos.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

Bruno queria a vida eremítica pura, com solidão estrita, suavizada somente por alguns atos de vida comunitária. Uma vida eremítica, portanto, cujos perigos e inconvenientes se vejam equilibrados por elementos de vida cenobítica.

A comunidade será pouco numerosa, o suficiente para garantir a subsistência, mas evitando que seu aumento desproporcionado condicione necessidades impossíveis de cobrir. Admirável solidariedade espiritual de um grupo de homens, apaixonados de Deus, que se organizam entre si para que de suas vidas unidas brotasse a contemplação pura.

A parte de vida comunitária não é uma simples concessão à fragilidade da natureza humana, senão que constitui um verdadeiro intercâmbio espiritual e humano. Uma amizade santa une entre si aos membros do grupo. Amizade que se faz entre fortes personalidades de grande mérito, doutrina e santidade, cujo protótipo é Bruno. Estes três rasgos parecem caracterizar ao cartuxo, tal como o quer São Bruno.

A contemplação deve nutrir-se na fonte da Sagrada Escritura e os santos Pais; por sua vez, este conhecimento deve encontrar um estímulo na contemplação. Conhecimento cheio de amor, e amor que leva ao conhecimento. O cartuxo vive, em seu espírito e em seu coração, o mistério de Deus. E o vive com grandeza de alma. Nada há de mesquinho nesta vocação. Tudo está marcado com esse caráter de absoluto, de exigência, de totalidade, de plenitude, que dá sua verdadeira talha ao homem de Deus.

Daí a importância do lugar escolhido, porque semelhante forma de vida não se pode realizar em qualquer parte. Precisam-se umas condições especiais: um deserto, uma separação do mundo, um número reduzido de ermitões, uma proporção razoável entre "pais" e "irmãos". A Chartreuse oferecia uma ocasião excepcional, quicá única, para realizar sem nenhum obstáculo semelhante ideal.

Nestas circunstâncias é difícil imaginar que Bruno e seus colegas tivessem tido nem a mais remota ideia de fundar uma Ordem. Não, só formaram um grupo reduzido de solitários, com umas exigências concretas e numas condições únicas que podiam esperar continuassem muito tempo depois. Tinham uma consciência demasiado viva da originalidade de seu estilo de vida e, sobretudo, tal amor ao silêncio, à humildade, ao esquecimento e à abnegação que não sonhavam em estendê-lo a outras partes e a outras pessoas. A ideia de multiplicar sua experiência no espaço e, sobretudo, no tempo, era-lhes totalmente estranha. Convinha que a primeira geração de cartuxos, e o mesmo Bruno, vivessem e morressem sem outra intenção que a de viver como perfeitos ermitões contemplativos, a fim de que seu ideal levasse à experiência de uma pureza absoluta. Mais tarde, o Senhor disporia as coisas de modo diferente ao que tinham pensado, mas isto seria obra de Deus...

O 9 de dezembro de 1086 proporcionou uma grande satisfação a Bruno e a seus colegas. Neste dia, num sínodo celebrado em Grenoble, o bispo Hugo ratificou solenemente as doações que tinham feito dois anos antes os proprietários das terras de Chartreuse. Os cartuxos ficavam donos definitivamente daquelas posses e ademais na carta se definia, não sem solenidade, o fim e a razão de ser do eremitério.

Bruno podia crer por fim que tinha atingido o porto pelo que suspirava sua alma. Durante seis anos seguiu esta vida que considerava como a mais pura, a mais santa, a mais consagrada a Deus e também a mais eficaz num mundo em que a mesma Igreja institucional, demasiado comprometida em interesses políticos e temporários, corrompia-se. Na Cartuxa cria ter encontrado definitivamente esse estar a sós com Deus, que considerava como o prelúdio do cara a cara eterno.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

Junto ao papa Urbano II

Desde sua eleição, Urbano II se propôs rodear-se de homens íntegros, cuja absoluta fidelidade à Igreja e à obra empreendida por Gregório VII conhecia, para associá-los ao governo da Igreja; Hugo, abade de Cluny, Juan, de Monte-Cassino, Bruno e até um total de quinze monges, foi chamando paulatinamente a seu lado durante seu pontificado.

Bruno recebeu um dia a inesperada notícia de que o Papa lhe chamava a Roma, e não para passar uma temporada, senão para ficar ali. Sua obediência foi absoluta e incondicional quando conheceu a ordem de Urbano II; a notícia, no entanto, provocou entre os ermitões que viviam com Bruno um grande desânimo.

O tempo urgia. Como seus colegas estavam decididos a não continuar sem ele sua experiência de Chartreuse, Bruno tinha que solucionar, antes de partir, a questão da propriedade. De acordo com o bispo de Grenoble, Hugo, que tinha jurisdição sobre as terras de Chartreuse, decidiu-se que o domínio passasse à abadia de Chaise-Dieu, representada por seu abade Seguin.

Quiçá seja este o momento em que Bruno mostrou maior grandeza de alma. Trata-se de renunciar àquilo pelo qual tinha sacrificado tudo, e de voltar a encontrar-se com o que tinha abandonado. Aquela solidão conquistada ao preço de tanta tenacidade, de tanta paciência e tão conscientes renúncias, aquela solidão na qual tinha encontrado respostas às mais profundas aspirações de sua alma, aquele puro amor de Deus, aquela experiência espiritual que, à vista de todos, parecia favorecida pelo Senhor e que prometia tão maravilhosos frutos de santidade, tudo aquilo ficava de repente reduzido ao nada por uma ordem do Papa. E ele tinha que partir para a corte romana onde voltaria a encontrar em grau superlativo todas aquelas preocupações, perigos e intrigas que tinha tratado de evitar ao sair de Remos.

Se ao menos seus amigos, seus colegas, estivessem decididos a prosseguir a experiência cartusiana ou tentassem continuá-la... Mas não, ele se ia e eles queriam ir-se também. No fundo de seu sacrifício pessoal, o comprovar agora de repente o vivo afeto que lhe tinha aquele pequeno grupo, pese a seu magnífico esforço de renúncia ao mundo, devia ser para Bruno uma ocasião de humilhação mais do que de consolo. Assim se encontrava ante um sacrifício total de seu projeto primitivo, pelo que tanto tinha lutado, e isto com seus sessenta anos.

Deus ia ensinar-lhe, e a ensinar-nos por meio de sua vida, que existe uma solidão ainda mais profunda do que a solidão do deserto... A solidão da obediência e da entrega de si mesmo àqueles quem não escolheu, mas que foram escolhidos pelo Senhor: "Outro te cingirá e te levará onde tu não querias ir". A frase de Jesus a São Pedro se realizará em Bruno.

Mas temos aqui que seus colegas dispersos voltam sobre seus passos e, reflexionando melhor sobre os conselhos de Bruno, começam a duvidar da sensatez de sua decisão. Bruno e seus filhos voltam a examinar sua situação. Ele, desde Roma, lhes seguirá sendo fiel e lhes ajudará com seus conselhos e sua amizade.

Agora a situação muda por completo. Aceita-se o conselho de Bruno e se reagrupa a comunidade. Bruno lhe dá um novo prior na pessoa de Landuino. Mas então surge um problema muito grave: aquele grupo de ermitões já não é proprietário de Chartreuse. E este direito de propriedade, que lhes assegura sua subsistência e independência, é indispensável para viver de novo sua vocação. Bruno solicitou de Seguin a restituição das terras, passo que não deixava de ser humilhante para ele. Ainda que fora segura sua estabilidade pessoal no plano traçado, o fato de que o grupo voltasse atrás em sua decisão inicial de



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

dissolver a comunidade, podia parecer, aos olhos de quem conheciam mal a vida dos ermitões, um sinal de inconstância e uma prova de insegurança com respeito ao futuro da fundação.

Bruno julgou prudente que Urbano II interviesse neste assunto. A carta do Papa a Seguín, não representava em si mesma a simples transferência de um direito de propriedade. Em realidade constituía a primeira aprovação pontifícia dos cartuxos e afirmava algo que sempre tinha parecido a Bruno essencial em seu projeto: a total independência de seus ermitões de qualquer patrocínio, fora de quem fosse: bispo, abadia ou príncipe.

No mês de setembro de 1090 vemos, pois, restabelecido em seu primeiro estado o eremitério de Chartreuse. Bruno está longe, mas não ausente... Dentro de uns dez anos poderemos comprovar, pelo contrário, o fervor, a unidade do grupo, a fidelidade de Landuino e a intensidade da presença invisível de Bruno entre seus filhos de Chartreuse.

O esforço de Bruno por adaptar-se ao ritmo de vida da corte pontifícia parece ter sido leal. É verdade que as circunstâncias não eram muito favoráveis para tal adaptação; a difícil diplomacia daquele tempo, a guerra, o cisma, as intrigas, criavam um clima, um mundo no que Bruno não chegava a se encaixar. E no fundo de seu coração se deixava sentir, tanto mais vivo quanto mais o contradizia a situação, o desejo de solidão e sossego.

Bruno expôs a Urbano II seu desassossego e solicitou a permissão de abandonar de novo a corte para voltar a seu deserto. Mas Urbano II tinha então um delicado posto a dar provimento, o arcebispado de Reggio, e pensava em Bruno para tal cobertura.

Bruno teve conversas francas e íntimas com o Papa, abrindo sua alma e expondo seus desejos, suas aspirações, seu caminho, àquele que tinha a missão de orientar sua vida. E Urbano, que podia manter e confirmar sua ordem impondo a Bruno o episcopado sob censuras eclesiásticas, reconheceu ao fim em seu antigo Mestre uma vocação excepcional, um apelo particular, pelo que Rangier foi eleito em seu lugar para a sede de Reggio.

A decisão honrava tanto a Urbano II como a Bruno. Os dois se inclinaram ante essa realidade misteriosa, mas clara e real e imperiosa, que se chama vocação de Deus.

Faz uns meses Bruno tinha sacrificado sua vocação de ermitão a uma convocação do Papa; agora Urbano II sacrificava seu apelo ante uma convocação superior descoberta na alma de Bruno. Através deste sacrifício a Igreja reconhecia o valor eminente da vida puramente contemplativa para sua obra de Redenção.

Sua alma tendia a voltar humildemente e com singeleza àquele lugar onde tinha conhecido a solidão e a paz do deserto durante seis anos. Tudo lhe chamava para seus filhos de Chartreuse. Podia prever de antemão sua alegria ante a notícia de sua volta. No entanto, em seu desejo de voltar a Chartreuse, tropeçou com a vontade expressa de Urbano II: devia permanecer na Itália e, dada a conflituosa situação que existia com os normandos no sul da península, não de se estranhar que o mesmo Papa dirigisse os passos de Bruno para Calábria.

Este fato teve para a experiência eremítica de Bruno uma importância considerável. A mesma Chartreuse dará provas de estar tão profundamente impregnada do espírito de Bruno que, o grupo de ermitões, apesar de sua ausência, pode viver fervorosamente segundo seu ideal.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

Vimos ao Santo deixar Sèche-Fontaine ansioso de uma maior solidão, encontrar na Cartuxa um deserto onde se realizava esta solidão num grau único, permanecer ali seis anos, e não sair dali senão por obediência. Vimo-lo renunciar ao arcebispado de Reggio. Todos estes fatos falam por si mesmos.

Não cabe dúvida nenhuma, Bruno não tem outro desejo, uma vez conseguida a permissão do Papa, que encontrar uma solidão análoga à de Chartreuse para viver ali com Deus. Espera que a Providência lhe conduzirá de novo para o deserto onde está sua verdadeira vocação. Desde seu ponto de vista o problema é singelo. Quando "o Único necessário" se apodera de uma alma, tudo se simplifica.

Solidão reconquistada em Calábria e morte de São Bruno

Bruno se encontra agora com dificuldades muito diferentes das de Chartreuse. Na primeira Cartuxa, a fundação lhe foi facilitada ao máximo por Hugo de Grenoble, que compreendia seu ideal até o ponto de fazê-lo seu, apoiando-lhe com toda a sua autoridade, e esbanjando-lhe seus conselhos e ajuda. Ao contrário, na Calábria foram os homens mais do que a natureza os que entorpeceram seu projeto.

A decisão de Bruno de voltar à vida eremítica teve lugar no momento em que Urbano II e o conde normando Rogério tentavam dar-se mostras de uma amizade inquebrantável. Pelo demais, a política de latinização da vida monástica que inaugura o conde Rogério em Calábria não é vista com maus olhos pela corte pontifícia. Quanto a Bruno, só lhe domina uma ideia: voltar a achar em Calábria, na medida em que as circunstâncias permitam, a solidão e a paz de que tinha gozado em Chartreuse.

O lugar onde Bruno instalou seu novo eremitério se chamava Santa Maria da Torre e, ainda que solitário, não oferecia à solidão dos eremitões as mesmas defesas naturais que o maciço montanhoso de Chartreuse. É ali, no entanto, onde se levanta o novo eremitério e onde o Santo, com outros colegas leigos e clérigos, volta a dedicar-se à vida puramente contemplativa.

Não nos cabe a menor dúvida em relação ao que Bruno viveu e ajudou a viver aos demais em Santa Maria da Torre esta vida contemplativa ideal e concreta, apaixonante e existencial. Apesar da diferença de lugares e circunstâncias políticas, tudo nos inclina a crer que, os dez anos de Calábria foram para ele muito parecidos aos seis de Chartreuse: o mesmo silêncio, o mesmo gosto pela solidão, o mesmo zelo pela vida contemplativa, a mesma influência espiritual em sua comunidade, a mesma singeleza e bondade, a mesma caridade...

Mas Bruno guarda a recordação da Cartuxa longínqua e vela por ela. Deus lhe reserva um gozo do qual se conservará para os cartuxos um precioso depoimento: a visita, sobre o ano 1099, do prior de Chartreuse, Landuino, e com esta ocasião, a carta "ad fratres Cartusiæ".

A viagem de Landuino nos atesta que a comunidade de Chartreuse conservou um profundo afeto para Bruno e continua vendo nele o seu verdadeiro Pai.

Chega o ano 1101 e os dias do Santo se acabam. Na semana que precedeu a sua morte, Bruno quis fazer sua profissão de fé, segundo costume muito estendido naquela época.

Mais do que uma profissão de fé, suas palavras são uma profissão de amor. Bruno quis morrer na Luz que tinha alumiado toda sua vida.

Em 6 de outubro, domingo, sua alma santa se separou de seu corpo; era o 6 de outubro do ano do Senhor 1101. Tinha um pouco mais de 70 anos, e fazia 17 que tinha fundado o eremitério de Chartreuse.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

A calma serenidade desta morte nos atesta a Carta encíclica que seus filhos de Calábria escreveram encabeçando o Rolo de defuntos. Ali se vê também a comunhão profunda de todos os corações num mesmo afeto para ele.

Mal se conheceu a notícia de sua morte, a gente de Calábria e Itália correu a venerar seus restos mortais. Conta-se que os cartuxos tiveram que deixar exposto três dias o cadáver antes de enterrá-lo.

Depois de sua morte Bruno recebeu sepultura, como os demais ermitões, no cemitério de Santa Maria.

Por seu carisma de fundador, São Bruno comunicou esta riqueza de vida sobrenatural através de um duplo canal, como mestre e como pai. Ambos os caracteres se diferenciam e se completam. O mestre ensina, o pai engendra; o mestre transmite ciência, o pai vida, algo substancial semelhante a si mesmo; o mestre pode originar uma tradição, o pai estabelece uma herança. O fundador influi de vários modos: por possuir as virtudes próprias da vocação que inicia, ou por impulsionar ao seguimento de Cristo, ou por desenvolver em si mesmo o carisma da vocação.

Seus discípulos viram nele um homem sábio, bondoso, exemplar, profundamente singelo, lançado ele próprio e arrastando aos demais à busca de Deus. Autêntico formador que ensinava o que vivia. Assim o viu Guigo: "Famoso por sua religião e piedade, modelo de honradez, gravidade e total maturidade". E na mesma linha o viram seus sucessores, como dom Le Masson: "Ainda que não deixou forma escrita de vida..., foi modelo de solitários..., forneceu meios para avançar na caridade e acelerar o seguimento de Cristo sem olhar nunca atrás".

Mas também descobriam nele o pai, apelativo que com as novas gerações de cartuxos foi ganhando em significação. Consequentes com este uso monástico e reclamando-o a bondade inata de São Bruno, as primeiras comunidades de Chartreuse e de Calábria o chamaram Pai.

Há que renunciar certamente a conhecer com profundidade os acontecimentos da vida de São Bruno. Mas depois destas linhas podemos trazer à luz alguns rasgos de sua fisionomia que nos contribuem um conhecimento bem mais importante do que o detalhe de tal ou qual dado de seu "curriculum vitæ".

Pudemos ver a São Bruno distinguido por sua ciência, amado por seus discípulos, incorruptível num meio dominado pela simonia e num tempo no qual, ainda os homens retos, deixavam-se induzir a certos compromissos. Calmo, constante, de vontade firme, sabendo assumir suas responsabilidades nas horas necessárias. Em fim, renunciando a tudo e esforçando-se por consagrar-se inteiramente a Deus no momento em que tivesse podido atingir sem intriga nenhuma as mais altas dignidades, das quais todos lhe julgavam capaz.

Ao seguir passo a passo as peripécias da luta contra o arcebispo simoniaco, desprende-se como rasgo principal esta honradez a toda prova. Assim, pode-se confiar nos títulos fúnebres, cujos autores ficaram visivelmente impressionados por este aspecto da fisionomia de Bruno. Seus contemporâneos viram nele um homem "justo e sincero", "um excelente varão", que foi "a honra do clero, íntegro de costumes", "de uma admirável probidade", "cuja piedosa vida ia realçada por sua honradez". Foi "singelo, reto, e cheio de amor de Deus"... Já em 1102, na metrópole de Remos, os cônegos com quem tinha vivido o qualificavam de "santo".



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

Alma de São Bruno

Antes de mergulharmos na alma de São Bruno, devemos ter em conta que os rasgos de sua alma, não se deram em síntese e de uma vez. Teve nele um crescimento dinâmico, entretecido de purificações, chamados do Espírito e entrega da alma, do que só percebemos reflexos. Numa primeira etapa, os vinte anos de magistério, amplia seu saber bíblico, e exercita e aviva, com o caso de Manasés, seu sentido eclesial. A perseguição acrisola seu amor. Uma veemente irrupção do Espírito chamando-o ao deserto e sua generosa resposta arrematam esta fase. Segue um segundo período de busca de lugar e de forma de observância monástica. Outra prova trunca estes afãs, o chamado inevitável a Roma. E uma série de íntimas renúncias, a Chartreuse, a Roma, a Reggio, vão coroando e perfilando seu carisma. Na última etapa vive com intensidade sua vocação contemplativa e se prepara para o chamado definitivo à Pátria. Todos estes acontecimentos foram forjando sua alma.

Neste itinerário, uma série de notas personalíssimas se foram estruturando sobre três grandes coordenadas. Na sabedoria descansa sua vida contemplativa, a docilidade à escola do Espírito Santo, sua ponderação e equilíbrio. Na bondade estribam seu amor e fidelidade a Deus, a obediência e o gozo, o culto litúrgico e outras manifestações cenobíticas. Na simplicidade se fundam a aspiração ao Único necessário, o silêncio e solidão eremíticos, a estabilidade e a pobreza.

Monge como tantos outros de seu século, e mais especialmente eremita como muitos, não procura de modo algum uma fórmula singular. Mas a vida monástica vivida por ele recebeu uma tonalidade própria devido às aspirações de sua alma e a seu temperamento pessoal, tonalidade que se conservou sem dúvida alguma como o selo característico de sua Ordem.

Solidão

Vimos aparecer ante nós, cada vez mais claramente o amor de São Bruno para a solidão. Sabemos que pese aos chamados que lhe solicitaram repetidas vezes para a vida ativa, voltou sempre à vida contemplativa levada no ermo. O depoimento de sua predileção por este gênero de vida se mostrou em certas circunstâncias com vigor excepcional.

Antes de mais nada, São Bruno anseia para sua busca do Senhor um deserto longe dos homens. Na Cartuxa, Deus lhe tinha outorgado uma solidão inacessível. Escreverá a Raúl Le Verd: "Quanta utilidade e gozo divino trazem a solidão e o silêncio do ermo a quem os ama, só o conhece quem o tenha experimentado...".

Ainda que não possuíssemos outro texto, bastaria este para caracterizar os atrativos de sua alma. Ao ler estas linhas se verifica que a solidão é para Bruno um elemento essencial de sua vocação e o lugar de seu encontro com Deus.

Um as linhas mais abaixo, na mesma carta, Bruno repete as mesmas ideias, quase as mesmas palavras. Trata-se de algo que leva gravura no coração. O deserto engendra em quem a ele se entrega, gozo e utilidade, mas de uma qualidade muito especial, por serem divinos. A seus olhos, o único verdadeiro gozo, a única utilidade digna de tal nome é encontrar a Deus e deixar-se transformar por Ele. Em termos mal velados acaba de entregar-nos seu segredo; o que adicione depois, não fará mais do que precisar o modo como o deserto realiza sua obra, transformando o homem em imagem de Deus.

Se para Bruno, a "divina sabedoria" consiste na união com Deus na vida contemplativa, a solidão é a escola onde se vive sob a direção do Espírito Santo que leva à consecução desta divina filosofia.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

Entre os diferentes títulos fúnebres que engrandecem a solidão vivida por Bruno, podemos citar o número 54: “Se retirou à solidão, e ali como suavíssima fruta, espalhou seu aroma chamando para Cristo aos iludidos pela vã glória do mundo. Dia e noite estava atencioso aos preceitos do Senhor, convertido em modelo dos quem levam vida de solidão...”.

Bruno foi sem dúvida nenhuma, entre os solitários de seu século, um dos que mais se distinguiu por sua fidelidade a toda prova ao ideal de solidão.

É um mestre em matéria de solidão, mas se sente atraído a escrutinar sua dimensão espiritual, sem deter-se na observância exterior que implica, e que é evidente para ele.

O primeiro sentimento que surge da pena de Bruno, é que a autêntica solidão, a solidão estável e profunda, é um dom totalmente gratuito de Deus.

A solidão é uma graça que se há que receber com agradecimento. Não é uma conquista de nossa vontade, por muito perseverante que seja. Não é também fruto de alguma técnica humana...

Bruno não vacilará em sacar esta conclusão: temos de temer perder uma dita tão desejável, pela razão que seja, já que nossa alma sentirá um contínuo pesar por sua perda. A solidão, em especial a solidão interior, essa que permite gozar em paz do sossego e a segurança, essa solidão, pode perder-se...

O Santo não deixa nunca pressentir que para ele a solidão seja recusar aos demais, ou elevar um muro entre ele e seus irmãos, os homens. Ao invés, sentimo-lo muito atencioso a todas as dimensões da autêntica caridade.

Para atrever-se a falar da solidão e do silêncio do deserto, há que os ter enfrentado e ter-se apaixonado por eles. Para evocar a utilidade e gozo divinos que engendram, há que os ter saboreado.

Para adentrar-se no silêncio do coração e saborear sua divina profundidade, há que começar por despojar-se, e deixar-se despojar, de todas a seguranças e apoios a nosso alcance, com os que contávamos espontaneamente. Há que aprender a não ter mais apoio sólido do que o mesmo Deus. Esta atitude acha um modo de expressar-se exteriormente quando, sob a ação da graça eliminamos os objetos supérfluos, e com o tempo deve ir aprofundando-se até chegar a purificar nosso coração de todo desejo de possuir às criaturas ou até o mesmo Deus. Mas como já advertimos, uma solidão assim é um dom recebido graciosamente de Deus e não se obtém à base de exercícios de força de vontade.

A breve história da vida do Santo nos mostrou ao papa Urbano II aprovando sua volta à solidão. Está, pois, Bruno na solidão por apelo divino e por vontade da Igreja. Seu ministério era o ministério da oração e cooperou mais aos trabalhos de Urbano II pela reforma da Igreja com a santidade de sua vida de oração no segredo de sua cela que pelos demais meios.

Convém fixar-se neste detalhe de modo especial porque, depois de São Bruno, será o ponto fundamental da doutrina de dom Guigo. A Ordem Cartusiana se caracteriza especificamente dentro da Igreja por sua fidelidade à vida contemplativa em solidão, livre de toda outra função. Cumpre, pois, seu papel na vida do Corpo místico, papel exclusivamente espiritual.

Por isso São Bruno dava a seus filhos da Cartuxa a recomendação essencial de guardar intacta sua solidão espiritual e material, e manter vivo o fervor de seu amor, preservando-a de todo contato que pudesse alterá-la. Sua vocação é amar a Deus, e sem voltar ao mundo têm de difundir silenciosamente a



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

vida divina nas almas.

Fidelidade

Na vida solitária eleita por São Bruno, a alma permanece "sob a direção do Espírito Santo", e um dos frutos da solidão é "a paz e o gozo no Espírito Santo".

Nesta vocação tudo é obra do amor. A recordação do amor de Deus se repete sem cessar, como um estribilho, na pena de São Bruno: "ardendo em amor divino" fizeram voto os três amigos. Não há que deixar-se secar este amor como o fez Raúl: "se resfriou o ânimo e se desvaneceu nosso fervor". Bruno não desconhecia os dons naturais de seu amigo, e os serviços que pode prestar à Igreja. Raúl será mais tarde um excelente arcebispo de Remos. No entanto, aos olhos de São Bruno a vocação contemplativa, consagrada ao amor do modo mais exclusivo, conserva a primazia.

Não acabou ainda de mencionar o amor quando volta a insistir de novo sobre ele. Preferiria que fosse "o amor de Deus quem movesse a seu amigo" a responder ao apelo, antes que qualquer outro motivo.

Vivendo a vocação de solidão, no silêncio do deserto, "se adquire aquele olho cuja serena contemplação fere de amores ao Esposo, e com cuja limpeza e pureza se vê a Deus".

Vários títulos fúnebres evocam o lugar do amor de Cristo na vida de São Bruno:

"Bruno, honra do clero, honra e prudência do mundo. Quando andava por estas terras brilhava pela vitalidade da sua inteligência... Ao deixá-las para ser parceiro vosso, ermitão de vosso ermo, abandonou por completo o ônus das honras, sem outra preocupação que o amor de Cristo."

"Ermitão arrebatado desta vida pela sede de Cristo... Beneficiaria à fé da Igreja conhecer seu comportamento".

Como vimos, Bruno sempre permaneceu fiel ao chamado do Espírito, pese às dificuldades. Nada lhe apartou de sua vocação e em todo momento sua alma ardia em espera de ver cumprido para sempre seu chamado à vida de solidão e silêncio.

Desprendimento - Simplicidade

O "Único necessário" é objeto de uma busca intensa de Bruno na solidão. Entregou-se a Deus ardendo em amor. Renunciou a quanto podia separá-lo de seu objetivo. Toda sua vida de cartuxo fica alumada pela plenitude desta orientação de sua alma para a vocação contemplativa. Nada lhe detém. Vê-lo-emos sucessivamente desprendido de sua cátedra, do mundo e das honras. Desprendido de seu desprendimento mesmo, de sua autoridade, e inclusive -em certo sentido- daquela realidade vivente que seu impulso espiritual deu a luz.

A posição de São Bruno neste ponto é bem definida: a solidão, o desprendimento absoluto por Deus, a abstenção de toda irradiação da atividade ao exterior são os distintivos da vida monástica querida por ele. A alma permanece livre de todo contato com o mundo, de qualquer ocupação ou preocupação que não seja Deus só: virgindade espiritual.

Num silêncio profundo dos cuidados da terra, um desprendimento de todo afeto terreno. A alma



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

do Santo está livre de tudo, salvo de seu amor; está plenamente unida a Deus.

O "útil" para São Bruno não está, pois, na ordem da eficiência externa, senão no plano do amor. Não é perseguir um fim humano, senão procurar a Deus. Não é dar-se à ação, senão à contemplação. A grandeza do homem não se mede pelo que faz, senão pelo que é, e seu grau de ser depende de seu grau de amor. Nada é para ele mais "útil" do que entrar na intimidade divina.

Na solidão e o silêncio, sua alma se eleva a Deus. Assim agrada-lhe comparar sua vocação a um velar da alma, esperando com ânsia ao Senhor.

Para caracterizar a vida que leva com os seus, usa de uma imagem que simboliza e evoca o essencial de sua fisionomia: é a imagem do resguardado porto, calmo e seguro. A imagem expressa na mente de Bruno o retiro da solidão, a paz da vida contemplativa que aqui se leva, e também a libertação do mundano ruído e suas inquietudes.

A simplicidade que se desprende do estudo da vida monástica segundo São Bruno não consiste tão só na simplicidade de seu fim e na libertação das complicações do mundo. Reside, antes de mais nada, em que o Santo não propôs "práticas" particulares de santificação. Os textos onde expressou seu pensamento vão enlaçados pela só perspectiva da união com Deus pela oração, união que ele realizou plenamente em sua cela solitária. Sua vida está ordenada a procurar ao mesmo Deus com mais intensidade no homem interior, encontrar-lhe antes e possuir-lhe com maior perfeição.

Se todas as qualidades naturais de São Bruno, aperfeiçoadas pela graça, resumem-se na "fuit æqualis vitæ" (de ânimo sempre igual), todos os rasgos de seu pensamento monástico vêm convergir no "porto calmo e seguro" que lhe oferece a solidão para procurar, dentro da simplicidade, a Deus só.

Firmeza - Estabilidade - Igualdade de ânimo

Depois das lutas em Remos e em todas as épocas de sua vida, impressiona ver a firmeza da vontade de Bruno e sua constância no cumprimento do dever, prudentemente reconhecido. Esta estabilidade no esforço, uma vez decidida a tarefa a realizar, parece ser um rasgo distintivo de seu temperamento, que se observa em todas as etapas.

Firme e estável aparece ante Manasés, e a mesma firmeza mostra na busca da solidão, na volta ao deserto, quando se viu obrigado abandoná-lo, e na fidelidade à vocação contemplativa escolhida. Não se deixa seduzir pelas necessidades ativas quando estas se lhe oferecem...

O tema que sustenta toda a carta a Raúl é a estabilidade na vocação. Bruno conjura a seu amigo a que seja fiel à decisão tomada fazia algum tempo de consagrar-se a Deus na vida monástica. Os argumentos se juntam sob sua pena. Todos convergem ao mesmo ponto. Para Bruno não se lhe oculta que a estabilidade requer uma grande fortaleza de espírito. É preciso não deixar desvanecer-se o fervor. O antigo adágio segundo o qual a solidão é a pátria dos fortes, emprega-o o Santo sob uma forma pessoal: "Aqui, na solidão, podem os homens esforçados recolher-se em seu interior quanto queiram... Aqui concede Deus a seus atletas, pelos esforços do combate, a ansiada recompensa...".

A estabilidade é, portanto, para São Bruno um fator essencial da vocação contemplativa na solidão. Requer quietude, perseverança, continuidade no esforço. Pede almas o suficiente fortes para renunciar à dispersão, para não ter necessidade de ser sustentadas por imagens diversas de atividades externas renovadas com frequência, já que a cela não oferece outra ocupação fundamental que a aplicação



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

à oração.

Sua união com Deus se manifesta principalmente pela igualdade de ânimo através de todas as coisas; pelo equilíbrio em sua vida onde existe uma harmonia entre a razão que informa e a fé que alumia; por uma sensatez que foge dos extremos, precisamente porque o excesso é rodeio e se pretende ir a Deus diretamente, em linha reta. Essa estabilidade é a paz forte e suave que assegura o caminho da alma e o faz também seguro para os discípulos que suscitará seu exemplo e seu amor.

No curso de sua vida, em Remos em particular, São Bruno suportou tribulações invulgares. Não se deixou abater por elas. Outras vezes se lhe ofereceram grandes honras, que não lhe seduziram. Durante sua vida espiritual, tanto nos acontecimentos importantes como nas humildes ocupações no meio das quais seus filhos lhe viram viver durante vários anos, permaneceu sempre com igualdade de ânimo.

Quando Deus se encontra no homem, as tribulações não podem quebrantar a estabilidade de sua vocação. O homem íntegro dirigido pela medida da razão onde Deus habita, não se verá turbado. Aqui se vê como a igualdade de ânimo é uma virtude, porque é Deus mesmo quem lha dá.

Se a alma de São Bruno não se deixou abater nunca pelas desgraças da adversidade nem ensoberbecer na prosperidade, foi porque em definitivo tudo o referia à glória de Deus.

Sensatez - Prudência - Equilíbrio

Vimos já como São Bruno se mostrou plenamente apaixonado pelo Senhor por sua eleição da solidão, seu desprendimento total, a pureza de seu ideal, a firmeza de seu propósito de dedicar-se à vida contemplativa. Poderíamos esperar, sem dúvida, ver-lhe extremoso no uso dos meios de ascetes pelos quais a alma sobe a Deus. Mas, pelo contrário, vamos ver nele na consecução de seu ideal, uma sensatez, uma ponderação, uma mesura nas austeridades verdadeiramente notáveis. Estas características, a nosso modo de ver, são essenciais nele, tanto mais quanto se apartam dos extremismos frequentes em sua época...

A pessoa de São Bruno respira serenidade e equilíbrio humano. A austeridade, segundo ele, tem de ir guiada pela razão. O Santo tende a uma vida cheia de discrição, de sensatez e prudência; numa palavra, razoável. E para ele é este um princípio necessário numa vida austera, para perseverar na observância e para que o homem não perca a aptidão para esta observância estrita. A alma deve dilatar-se para Deus e não viver em tensão por um esforço demasiado rígido. A posição de São Bruno é bem clara.

Tato - Bondade

Não existia nele dureza, senão uma firmeza misturada com uma abundante dose de suavidade. Os monges da Calábria, que tinham vivido sob seu governo, anotaram cuidadosamente este detalhe: "... Sempre foi singelo em suas palavras; à firmeza de um pai unia o coração de uma mãe. Não foi dominador, senão manso como um cordeiro".

Harmonizava o exercício da autoridade com a prudência e a bondade. Não é o asceta severo que jamais quisesse permitir uma mitigação na austeridade, nem o homem espiritual desumanizado desconhecedor das fraquezas da natureza humana, nem o superior rígido sem entranhas de compaixão. Interessa-se pelos demais, por seu equilíbrio e por sua saúde. Os mesmos princípios encontramos em São Bruno a propósito da correção de faltas.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

A melhor prova do tato e moderação de Bruno no cargo de superior, é o gosto demonstrado por seus filhos para com a sua pessoa, tanto na Grande Cartuxa como na Calábria. Provam-no fatos irrecusáveis: "viviam unidos a ele pelos laços de um afeto verdadeiramente familiar".

A carta aos monges da Grande Cartuxa manifesta uma grande bondade em São Bruno. A bondade de nosso santo parece ter impressionado de modo especial a seus contemporâneos, e os que lhe conheceram registraram esta característica da bondade como muito típica nele.

Alguns dos títulos fúnebres nos dão preciosos depoimentos dos dotes de seu coração. Dizem-nos que, além da ciência, possuía essa influência especial que cativa e arrasta às almas: "Este Pai, ilustre fundador de uma Ordem monástica, mostrou-se sempre exemplar a seus irmãos, e lhes ensinou a menosprezar a vileza deste mundo aspirando às graças da pátria celestial. Cremos que não é necessário chorar por suas faltas; deve gozar já do descanso da glória. Pois se algum santo mereceu o descanso por sua virtuosa vida, este santo foi Bruno que goza já do eterno descanso por seus muitos méritos. De ilustre posição em nossa urbe, era o sustento e a honra dos seus. Oferecia-se-lhe a fortuna e arrastava depois de si como ninguém a estima de todos, por sua bondade, sua perícia nas artes, sua eloquência e sua riqueza. A tudo renunciou em favor de Cristo e seguindo-o despojado de tudo, retirou-se com outros ao ermo".

"Este doutor teve tais dotes de coração e de palavra, que ultrapassava a todos os mestres da época. Reflexivo, bom, eloquente em sua expressão ...".

Verdadeiramente tinha algo no coração de Bruno que conquistava as almas. As duas cartas escritas desde Calábria refletem a mesma bondade. Ali explica São Bruno como amava o Bem, fonte de toda bondade.

O verdadeiro sentido, na mente de Bruno, da exclamação "Oh Bonitas" , não é a bondade derramada pelo Senhor nas criaturas, mero reflexo ou analogia da sua. Também não se trata da bondade tal como a representamos em nossos pobres conceitos humanos, como uma perfeição pertencente a Deus, mas diferente dele, incapazes como somos de considerar como simples o que em si exclui toda composição. Para São Bruno a fórmula em toda sua exatidão teológica é bem mais rica e profunda, é o mesmo Deus, bondade por essência.

Devoto de contemplar a Deus neste atributo, o Santo veio converter-se num reflexo de tal bondade. Se tanto se lhe amava, se tanto se menciona a sua bondade, é porque a irradiava como fruto da plenitude de sua união com Deus.

Obediência - Pobreza

Toda a sua vida foi um depoimento de seu amor à Igreja e de sua obediência às diretrizes dos Sumos Pontífices. Em Remos, mostra-se plenamente este espírito de submissão nas lutas contra o arcebispo simoníaco. Mais tarde, encontraremos em Bruno o mesmo amor à Igreja em sua obediência ao chamado do Sumo Pontífice a Roma, e, em seu leito de morte, voltaremos a encontrá-la em sua formosa profissão de fé.

Esta obediência por ele praticada a quer também para seus filhos. Ao conhecer, através de Landuino, a perfeição na obediência dos conversos da Grande Cartuxa, notícia que lhe causou grande gozo, apresenta-se daí ocasião para expor seus pontos de vista sobre este particular. Para ele a obediência é o ponto mais alto que coroa toda a vida monástica. O Santo deixa entrever ao mesmo tempo os esforços que semelhante virtude exige, e os frutos que produz, se tal obediência vai acompanhada pelo amor.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

Quer que todas as coisas vão ordenadas com regra e medida, e para consegui-lo concede à obediência o direito de vistoriá-lo tudo. Textos, diretrizes suas, acontecimentos de sua vida, tudo converge para um fim de ponderação e bom sentido. Mais tarde, se verá a Dom Guigo tomar exatamente as mesmas posições de São Bruno e sobre as mesmas bases. Submeterá cuidadosamente à obediência a vida toda do solitário.

Reunindo os diferentes textos que possuímos, teremos uma vista panorâmica sobre o sentir de Bruno em matéria de obediência. Conjunto harmônico, cheio de equilíbrio e bom sentido, exigente e estimulante ao mesmo tempo, e impregnado de bondade. Convém-nos reter em resumo esta perspectiva de uma obediência que, animada de uma torrente de fervor, conduz à liberdade e ao gozo.

Já advertimos em São Bruno um maravilhoso espírito de desprendimento. Este espírito se manifesta em particular com respeito aos bens materiais.

O cargo exercido por ele em Remos levava consigo honras e riquezas temporárias. O abandono destas riquezas parece ter causado funda impressão na cidade de Remos: "Tudo o desprezou, e, pobre, aderiu-se a Cristo. Preferiu viver pobre por Cristo que rico para o mundo, cumprindo em sua integridade os preceitos divinos".

Este título fúnebre de Remos tem um valor excepcional por estarem ali bem informados da vida do Santo.

Depois de haver renunciado a tudo em Remos, Bruno viveu em Sèche-Fontaine instalado muito pobremente ao que parece, já que não se construiu ali nada estável senão depois de sua partida. Na Cartuxa, a pobreza era bem mais estrita. Ao chegar não tinha nada; os recursos eram quase nulos e o clima duro. Mais tarde lhe ofereceram a vida na corte romana, um arcebispado, postos honoríficos... Não aceitou nenhum e foi se instalar num lugar onde não tinha nada. A recordação dos acontecimentos ocorridos em Remos permaneceu nele tão vivo como o primeiro dia; o mesmo horror à riqueza, a mesma certeza de que o excesso de bens materiais é um grave obstáculo para a doação total da alma a Deus.

Em Chartreuse e em Calábria aceitou, no entanto, as terras e bens necessários para salvaguardar a solidão e a vida contemplativa, porque sua prudência lhe ditava que tudo isto era indispensável.

Há que adicionar que São Bruno não estabeleceu uma doutrina sobre a pobreza tal como ele a entendia; não se ocupou da pobreza como tal. Esta se viu implicada necessariamente em sua eleição de uma solidão consagrada exclusivamente a Deus, num lugar afastado de toda moradia humana. Para uma vida contemplativa deste tipo, precisa-se ter uma alma livre realmente de qualquer afeição transitória do mundo. Todos os acontecimentos da vida de São Bruno mostram como se ia despojando cada vez mais dos bens materiais para atingir uma libertação maior, para viver na solidão uma vida espiritual mais pura. Sabemos já que ele queria praticar a obediência por amor à liberdade. Do mesmo modo sua pobreza é uma libertação para dar-se ao Senhor. É este um caráter comum da pobreza para todo monge, mas em Bruno tal caráter está marcado com um relevo especial por causa da vida puramente contemplativa que ele se propõe.

Alegria

Os religiosos de Calábria assinalaram um traço especial na fisionomia de seu Pai Bruno: "Sempre estava com cara alegre...".



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

Tocamos aqui, ao que parece, um ponto essencial na atitude espiritual de nosso Santo: alegria, ação de graças. A carta aos monges da Cartuxa extravasa estes sentimentos:

"Alegrai-vos, pois, meus caríssimos irmãos, por vossa ditosa sorte e pela liberal mão da graça de Deus para com vocês... Alegrai-vos por ter atingido o repouso calmo e seguro do mais resguardado porto, que não se concedeu a outros muitos pese a seus desejos e esforços".

Não está ausente também o tema do gozo espiritual na carta a Raúl Lhe Verd. O pensamento das alegrias da glória eterna trouxe a São Bruno ao deserto, onde encontrou "o gozo do Espírito Santo".

Para ele, a vida de solidão em Deus se desenvolve ambientada num profundo gozo da alma. Esta vocação, indubitavelmente, vê-se privada de muitas satisfações que seriam legítimas em outras formas de vida; mantém-se da fé sem estimulantes exteriores; pode atravessar por momentos de cruz e por horas de escuridão. Mas está em posse do maior gozo que pode existir: viver consagrado exclusivamente a dar glória a Deus.

Amor à solidão, consagração total a Deus dedicando-se ao Único necessário, firmeza de vontade, estabilidade; e também sensatez, prudência, equilíbrio humano; natureza inclinada à amizade e à bondade, suavidade nas relações com seus inferiores; enfim, sólidas virtudes espirituais todos estes rasgos se fundem num conjunto harmonioso que se manifesta pela igualdade de ânimo de São Bruno entre os seus. A raiz de tudo isso está na intimidade que teve sempre o Santo com Cristo...

Podemos concluir dizendo que de sua pessoa emanava um sinal característico. Inspirava confiança. Tanta bondade, tanto equilíbrio, tão grande desejo de procurar a Deus com amor absoluto e total, fascinou há 900 anos atrás a seus seis colegas e segue fascinando nestes anos 2000 a muitas almas.

Mestre de grande penetração, luz e guia no caminho que conduz aos cumes da sabedoria. Fonte de doutrina, pérola de sabedoria, exemplo de bondade. Bruno não só suscitava admiração, senão que conquistava simpatias e amizades.

Homem de grande retidão e elevação moral inegáveis com uma admirável força de caráter para prosseguir até o fim, passasse o que passasse, o que julga ser a vontade de Deus com respeito a ele. Nem as dificuldades, nem as ameaças, nem os abandonos chegarão a apartar-lhe de um projeto quando em sua alma e em sua consciência julga que é a vontade de Deus.

À bondade se adiciona a prudência, prudência na palavra, nos conselhos, em sua conduta.

Singeleza e humildade de alma, bondade, desprendimento, grande honradez, que lhe trouxe fama de integridade, retidão e equilíbrio, de fidelidade e lealdade que nenhuma prova conseguiu pôr em dúvida.

Podemos dizer que foi uma alma totalmente entregue ao amor de Deus, e que só viveu para Deus e os demais.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

Cartas de São Bruno

Para Raúl Lhe Verd,

Preboste do Capítulo de Reims

Ao venerável senhor Raúl, preboste de Remos, envia Bruno suas saudações, com um espírito de caridade muito puro.

Brilha em ti a fidelidade a uma antiga e inquebrantável amizade, tanto mais admirável e digna de elogios quanto mais rara é encontrá-la entre os homens. Apesar da distância e do tempo que separaram nossos corpos, jamais teu afeto se separou de teu amigo. Atesta-o a extrema amabilidade de tuas cartas em que me repetes o entranhável de tua amizade, os numerosos favores que me prestaste a mim e ao irmão Bernardo por minha causa, e outros muitos atendimentos. Meu agradecimento não está, por verdadeiro, à altura do que tu mereces, mas brota da fonte límpida do amor, em pagamento de tanta bondade.

Um viajante, bastante de fiar em outras ocasiões, saiu faz tempo daqui levando uma carta que a ti eu dirigia. Como não regressou, parece-me justo enviar a um dos nossos para que ponha ao corrente a tua caridade de minha existência. Por escrito não me seria possível explicá-lo extensamente; de viva voz, ele o fará com todo detalhe.

Saiba tua dignidade -e sem dúvida não te será indiferente- que a saúde de meu corpo é boa (oxalá o fosse também a da alma), e que o concernente aos assuntos exteriores vai tudo bem. Mas, em verdade, estou esperando com insistente oração, um gesto da divina misericórdia que sane minhas misérias interiores e preencha o meu anseio.

Estou em Calábria com outros irmãos, homens religiosos, alguns muito cultos, que montam fielmente uma guarda santa, esperando o regresso de seu Senhor para abrir-lhe as portas assim que chegue. Vivo num deserto, afastado de povoado por todas as partes. Como falar de modo adequado de seu encanto, de seu ar saudável e temperado, da vasta e agradável planície que se estende entre os morros, com seus verdes prados e seus pastos em flor? Quem se atreveria a descrever a perspectiva das colinas que se elevam suavemente por todos os lados, o retiro dos vales umbrosos onde abundam rios, ribeiros e mananciais? Sem contar as hortas de irrigação e os jardins naturais de variadas árvores.

Mas, por que deter-me nestas coisas? Outros são os prazeres do sábio, infinitamente mais agradáveis e úteis, porque divinos. No entanto, quando o rigor da disciplina regular e os exercícios espirituais fatigam o frágil espírito, este costuma encontrar bem-estar e descanso em tais deleites. Efetivamente, o arco sempre tenso, perde sua força e já não serve mais.

Quanta utilidade e gozo divinos trazem a solidão e silêncio do deserto a seus apaixonados, só o sabem aqueles que o saborearam.

Aqui os homens ardentes podem, sempre que o desejam, entrar e permanecer em seu interior; fazer germinar vigorosamente as virtudes e alimentar-se com fruição dos frutos do paraíso.

Aqui se adquire aquele olhar límpido cuja visão clara fere ao Esposo de amor, e cuja pureza permite ver a Deus.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

Aqui nos urge um descanso diligente e nos ocupa uma calma atividade.

Aqui, pelo esforço do combate, concede Deus a seus atletas a esperada recompensa: a paz que o mundo ignora e o gozo no Espírito Santo.

Esta é a bela Raquel, tão formosa e preferida de Jacob, ainda que lhe desse menos filhos que Lia, mais fecunda, porém de olhos apagados. Efetivamente, os filhos da contemplação são menos numerosos que os da ação; mas José e Benjamim são preferidos por seu pai a todos os seus irmãos.

Esta é a melhor parte escolhida por Maria e que não lhe será tirada. Esta é a formosa Sunamita, única donzela eleita em todo o Israel, para estreitar em seu seio o ancião David e lhe dar calor.

E tu, meu irmão queridíssimo, oxalá a ames sobre todas as coisas, para que preso em seus abraços, ardas de amor divino! Se nascesse em tua alma o carinho por ela, cedo te enfastiaria essa sedutora e enganadora que é a glória do mundo; recusarias sem esforço as riquezas carregadas de ansiosas preocupações para o espírito, e te repugnariam os prazeres, tão nocivos ao corpo como à alma.

Tua prudência não te permite ignorar quem disse: "Quem ama o mundo e tudo o que há no mundo -isto é, o prazer da carne, os olhos insaciáveis e a ambição- não está nele o amor do Pai". E também: "Quem é amigo do mundo, converte-se em inimigo de Deus". Então, existe pior desordem, comparável manifestação de um espírito desviado e degenerado, atitude mais funesta e lamentável que levantar-se contra aquele cujo poder é irresistível ou cuja justiça se cumpre inexoravelmente, pretendendo declarar-lhe guerra? Somos talvez mais fortes do que Ele? Hoje sua paciente bondade convida-nos à penitência, mas quer isso dizer que não acabará por castigar a injúria que cometemos ao desprezá-lo? Há algo mais contrário e mais oposto à razão, à justiça e à própria natureza, que amar mais a criatura que o Criador, que procurar os bens passageiros mais do que os eternos, as coisas da terra mais do que as do céu?

Que fazer então, caríssimo? Que fazer senão crer nos conselhos divinos, crer na Verdade que não pode enganar? Ela dá esta advertência a todos: "Vinde a mim todos os que andais carregados e sobrecarregados e eu vos aliviarei". E não é um ônus terrível e inútil estar atormentado por seus desejos, ver-se sem cessar vergado pelas preocupações e angústias, pelo temor e dor que engendram tais desejos? Há ônus mais preocupante do que aquele cujo peso, com a maior injustiça, precipita a alma do cume de sua sublime dignidade até o fundo do abismo? Foge, irmão meu, foge, pois, destas turvações e inquietudes e passa da tempestade deste mundo ao repouso e à segurança do porto.

Conhecido é de tua prudência o que a mesma Sabedoria nos diz: "Quem não renuncia a quanto possui, não pode ser meu discípulo". Quão formoso, útil e agradável é frequentar sua escola, sob a direção do Espírito Santo, para aprender a divina filosofia, única a fazer-nos verdadeiramente felizes, quem não o vê?

Para ti, pois, é da maior importância examinar tua situação com a máxima discrição e prudência. E se o amor de Deus não te atrai, se o atrativo de tais recompensas não te comove, deixa-te ao menos convencer pelo temor de um castigo inevitável.

Bem sabes que compromissos te prendem, e a quem. Poderoso e temível é aquele a quem fizeste voto de entregar-te como oferenda agradável a seus olhos: não tens direito a faltar-lhe à palavra dada, e nem sequer a ti te interessa fazê-lo, pois Ele não suporta que alguém o engane impunemente.

Lembra-te, meu amigo querido: achávamo-nos um dia os dois, junto com Fulco o Caolho, no



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

jardinzinho contíguo à casa de Adam, onde então me hospedava. Os prazeres enganosos, as riquezas perecíveis deste mundo e as alegrias da glória sem termo, parece-me que ocuparam um momento a conversa. Então, inflamados de amor divino, prometemos e fizemos voto de abandonar sem tardança o século fugitivo, para ir em busca das realidades eternas e receber o hábito monástico. Tudo o tivéramos cumprido rapidamente se Fulco não tivesse marchado então a Roma; deixamos para executá-lo ao seu regresso. Atrasou-se, intervieram outros motivos; esfriaram-se os ânimos; o fervor se dissipou.

Que fazer então, caríssimo, senão livrar-te quanto antes de tal dívida, se não queres incorrer na cólera do Todo-poderoso e, por isso, em atrozes suplícios, como castigo dessa tão grave e prolongada falta de palavra? Que poderoso deste mundo deixaria impunemente a um de seus súditos defraudá-lo de um dom que lhe tivesse outorgado, sobretudo se o considera de valor excepcional? Portanto, presta atenção não às minhas palavras senão às do profeta, ou, melhor dito, às do Espírito Santo: "Fazei votos ao Senhor vosso Deus e cumpri-os todos os que a seu redor trazeis oferendas: Ele infunde terror, Ele deixa sem alento os príncipes, Ele infunde terror aos reis deste século". Ouves ao Senhor, ouves a teu Deus, ouves àquele que infunde terror, ouves ao que infunde terror aos reis da terra. Qual o motivo de tal insistência do Espírito Santo, senão a urgir-te que cumpras o voto que prometeste? Por que cumprir com pesar, o que não arcará nem perda nem diminuição de teus bens? Tu serás quem achará as máximas vantagens e não aquele a quem entregues o que lhe é devido.

Não te retenham, pois, as riquezas enganosas incapazes de remediar a miséria, nem o brilho do cargo de preboste que não pode exercer-se sem pôr a alma em grave perigo.

Encontras-te agora constituído administrador dos bens alheios e não seu proprietário. Se os empregas para teu uso pessoal -não te irrites minhas palavras- fazes algo tão odioso como injusto. Se o luxo e o fausto te atraem e manténs um grande modelo de vida, não te verás obrigado a suprir a escassez de bens adquiridos honradamente, encontrando o modo de tirar a uns o que ofereças a outros? E isto não é fazer o bem nem ser generoso, pois não há nada generoso se não é também justo.

Gostaria que te convencesse ainda de outra coisa. O Senhor Arcebispo põe grande confiança em teus conselhos e se apoia de bom grado neles. É fácil dar conselhos, ainda que nem todos sejam justos ou úteis, e a ideia dos serviços que lhe prestas não deve impedir-te de dar a Deus o amor que lhe deves. Esse amor, quanto mais justo é, tanto é mais útil.

Sim: há algo mais justo e mais útil, ou melhor dito, há algo tão profundamente arraigado e tão plenamente adaptado à natureza humana como amar o bem? E há outro ser, além de Deus, cuja bondade possa comparar-se à sua? Que digo: há outro bem fora de Deus só?

Por isto, ante esse bem cujo incomparável fulgor, esplendor e formosura se pressentem, a alma santa se abrasa no fogo do amor e exclama: "Com todo meu ser -exclama- tenho sede do Deus forte, do Deus vivo; quando irei, pois, ver a face de Deus?"

Oxalá, irmão, não desdenhes esta amigável recomendação! Oxalá não faças ouvidos surdos às palavras do Espírito Santo! Oxalá, caríssimo, satisfaças meu desejo e minha longa espera! Cessarão em minha alma o tormento das inquietudes, preocupações e temores que sinto por ti. Pois se te ocorresse -Deus te livre- deixar esta vida antes de cumprir teu voto, me deixarias entregue a uma contínua tristeza, sem o consolo de esperança alguma, trespassado de dor.

Portanto, quisera que te convencesse com minhas insistências: com motivo, por exemplo de uma peregrinação a São Nicolau, tem a condescendência de vir ver-me. Verás aquele que te ama com um amor



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

sem igual. Poderemos conversar de viva voz de nossos comuns interesses. Confio no Senhor que não te pesará enfrentar os cansaços de tal viagem.

Ultrapassei os limites comuns de uma carta: não podendo ter-te a meu lado, permaneci ao menos muito tempo contigo ao falar-te.

Guarda-te de todo o mal, meu irmão, vela por tua saúde e não esqueças meu conselho. Tal é meu mais ardente desejo.

Suplico-te que me envies a vida de São Remígio, já que é impossível encontrá-la por estes contornos.

Adeus.

Aos seus Filhos de Chartreuse

Frei Bruno saúda, no Senhor, a seus filhos ardentemente amados em Cristo

Inteirei-me do inflexível rigor de vossa observância razoável e digna de todo elogio, graças ao detalhado e consolador relato que me fez nosso tão afortunado irmão Landuino; escutei-o contar-me vosso santo amor e vosso incansável zelo pela pureza de coração e pela virtude. Por isso, o meu espírito exulta no Senhor.

Sim, exulto e sinto-me impulsionado a louvar e a dar graças ao Senhor; e no entanto, suspiro amargamente. Exulto, como é devido, ao ver crescer e frutificar vossas virtudes; mas sofro e me envergonho de permanecer estéril e negligente, prostrado no opróbrio de meus pecados.

Alegrai-vos, pois, meus caríssimos irmãos, por vossa feliz sorte e pela abundância de graças que Deus vos prodigalizou.

Alegrai-vos de ter escapado das tumultuosas águas do mundo, e de todos os seus perigos e naufrágios.

Alegrai-vos de ter chegado a possuir o sossego e a segurança, ancorando no mais seguro porto.

Muitos são os que quiseram aportar a ele; muitos, inclusive, se esforçam por atingi-lo, sem consegui-lo; muitos, enfim, depois de tê-lo conseguido, não são admitidos, porque a nenhum deles lho tinha concedido o céu.

Portanto, irmãos meus, estejam seguros e convictos: quem gozou desta dita tão desejável e depois a perde, por qualquer razão que seja, sentirá um contínuo pesar, se tem algum interesse pelo bem de sua alma.

A vocês, meus amados irmãos leigos, digo: "Minha alma glorifica ao Senhor", pois vejo sua incomensurável misericórdia descansar sobre vocês, ao ouvir falar a vosso amantíssimo Pai e Prior, que tanto se gloria e se regozija de vocês.

Também eu transbordo de alegria, vendo que em vocês, que não sabeis ler nem escrever, o Deus Todo-poderoso escreve com seu dedo, em vossos corações, o amor e o conhecimento de sua santa lei.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

Sim; demonstrais com vossas obras o que amais e o que conheceis, quando praticais com tanta prudência e generosidade a verdadeira obediência. É então, coisa evidente, que sabeis recolher o fruto infinitamente suave e vital do que Deus escreve em vocês.

Essa verdadeira obediência que praticais, é o cumprimento dos quereres de Deus; ao mesmo tempo abre acesso à submissão completa segundo o Espírito, da qual é sinal distintivo. Não pode existir sem muita humildade e uma excepcional abnegação. Acompanha-a sempre um amor muito puro do Senhor e uma autêntica caridade para com os demais.

Permaneçei, pois, meus irmãos, onde chegastes, e fugi como da peste do contato malsão com leigos inconstantes. Difundem por todas as partes seus escritos, dissertando sobre coisas que nem compreendem nem amam e que contradizem com suas palavras e suas obras. Ociosos e giróvagos, constituem-se em detratores de quem leva uma vida religiosa e boa. Creem-se dignos de elogios e difamam a quem os merece, eles a quem a obediência e qualquer disciplina lhes resulta odiosa.

Quis reter comigo o irmão Landuino por causa de suas graves e muitas doenças. Mas para ele é impossível recuperar a saúde, a alegria, a vida ou algo que valha a pena, estando longe de vocês, e não aceitou. Suas abundantes lágrimas por vocês, seus reiterados suspiros testemunham eloquentemente o muito que significais para ele, e o amor inquebrantável que vos professa a todos. Por isso não quis forçá-lo para não ferir a ninguém, nem a ele nem a vocês, que me são tão queridos por vossas virtudes.

Mas então, irmãos, advirto-vos com toda a franqueza, suplico-vos e insisto: manifestai em atos o amor que encerrais em vosso coração por ele, vosso Prior e Pai amadíssimo. Com delicadeza e atendimento, atendei a tudo quanto exigem suas diversas doenças.

É possível que recuse esses afetuosos serviços, preferindo comprometer sua saúde e sua vida antes que faltar em algo ao rigor da observância. Mas não é questão de aceitar isso. Talvez se envergonhe, ele, o primeiro da comunidade, ao ver-se o último neste ponto e tema que por sua culpa algum caia no relaxamento; mas, a meu juízo, não há nada que temer neste sentido.

Não querendo, no entanto, que fiquéis privados desta graça, autorizo-vos a fazer minhas vezes, de modo que possais obrigá-lo, respeitosamente, a aceitar o que disponhais para sua saúde.

Quanto a mim, irmãos, tende-o bem presente: depois de Deus não tenho mais do que um desejo, ir ver-vos. E quando possa o realizarei com a ajuda de Deus.

Adeus.

Comentário das cartas

Estas duas cartas são as únicas que conservamos e datam dos últimos anos de Bruno quando desfrutava da solidão em Calábria.

A carta a Raúl Lhe Verd está datada entre 1096 e 1101 -sempre com certa aproximação- e a carta a Chartreuse entre 1099 e 1100

Em ambas podemos observar que se expressa livremente, com toda nitidez. Com Raúl usará um estilo mais literário, mais polido, um tanto convencional e erudito; com seus irmãos de Chartreuse falará com toda singeleza, numa linguagem cordial e direta. Mas as duas são de uma sinceridade e uma abertura



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

de alma comovedoras. Descubrem-nos numa luz discreta, tamisada, mas maravilhosa, a alma profunda de Bruno ao final de sua vida, e quase ao termo de sua experiência da vida puramente contemplativa.

Como já mencionamos anteriormente, Raúl era um dos dois amigos com quem Bruno, no jardim de Adam, tinha feito voto de abandonar o mundo e abraçar a vida monástica.

Os anos tinham passado. Bruno tinha cumprido seu voto, e Raúl tinha voltado a Remos e vivia ali. A amizade entre Bruno e Raúl não se esfriou. Segundo nos diz o mesmo Bruno, Raúl lhe tinha escrito cartas encantadoras dando-lhe delicadas mostras de amizade.

Sua amizade está enraizada em Deus. Por isso se inquieta pelo futuro espiritual de seu amigo. Raúl tinha feito anos atrás um voto preciso, formal, e não o tinha cumprido. Não estava em regra com Deus. Neste suposto, Bruno expõe a Raúl a gravidade de sua situação, com energia e às vezes quiçá com rudeza, mas sempre com muito tato.

É de notar, que a trama desta carta a constitui o amor de Deus. Só o amor de Deus explica e justifica, por assim dizer, a vida contemplativa. Mas não um amor de Deus vivido de modo vulgar, senão um amor de Deus fervoroso, abrasador. Um amor excepcional como o que em outro tempo infundiu o Espírito Santo no coração dos três amigos reunidos no jardim de Adam.

Ao conjurar a seu amigo, tem o convencimento de não ser mais que o intérprete do Espírito Santo que fala a Raúl em seu interior. Aqui se funda a essência, a atitude fundamental desta vocação contemplativa. O contemplativo, segundo São Bruno, é aquele que vive a visão cara a cara da eternidade, ao menos como prelúdio e esperança. Espera e posse atual, desejo e gozo, luta e recompensa, deserto e ao mesmo tempo jardim, tal é a vocação puramente contemplativa segundo ele.

Chegamos a uma ideia fundamental para Bruno: a ideia de "quietude", de repouso ou sossego. Ideia central na concepção cartusiana da vida contemplativa. Este repouso é-lhe fruto da fê, a esperança e o amor, incluindo uma boa dose de prudência, equilíbrio, bondade, paciência, virgindade espiritual. "Quietude" será o epíteto privilegiado para qualificar "o porto da vida monástica", tanto na carta a Raúl Lhe Verd, como na escrita à comunidade de Chartreuse.

Este repouso não é conforto, segurança, imobilidade, passividade. É um repouso ativo, dinâmico, antecipação do repouso divino que a contemplação de Deus dará à alma na eternidade.

É indubitável que, em sua carta a Raúl Lhe Verd, Bruno conseguiu animar tudo o que diz com o fervor de seu amor a Deus, de sua alegria espiritual e de sua amizade a Raúl. Todo seu coração se insere em suas palavras; quanto diz, pensa-o, sente-o e o vive.

Nesta carta a Raúl, se destaca um fato central: a exortação a seguir a vocação monástica, com os motivos então alegados, as dificuldades possíveis e os sentimentos que surgiam aos que tratavam de retirar-se ao deserto.

Bruno, desejoso de comover o coração de seu velho amigo, deixa a palavra a seu próprio coração. A carta está escrita sob a perspectiva de uma sutil alternância entre a evocação das inexoráveis exigências da justiça do Todo-poderoso, e a descrição de quanto de sedutor encerra uma vida por inteiro consagrada a Deus.

Quando toca este segundo tema, é evidente que não faz retórica. Em termos mal velados, diz que



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

ele viveu o que continua vivendo no momento preciso em que escreve.

Depois de uma leitura atenciosa da carta a Raúl, como a seus irmãos de Chartreuse, a primeira impressão que se tem é de achar-se ante uma alma ardente, transbordando sensibilidade espiritual.

A carta a Raúl, em seu conjunto, apresenta Bruno animado de um carinho inesgotável para o amigo dos velhos tempos, apesar dos anos e da distância. Mas quando começa a falar das coisas de Deus, não lhe é possível conter sua emoção.

No entanto, não é um sentimental que se deixa levar por impressões superficiais. Bruno é um homem prático. Para ele a vida contemplativa não consiste em fomentar intermináveis ideias sublimes; trata-se de tomar os meios eficazes para chegar até Deus. É muito consciente que sua solidão é o lugar onde "se vive um lazer ativo, repousa-se numa sossegada atividade". A carta a Raúl está por inteiro construída de acordo com esse esquema de seu pensamento.

Bruno ficou definitivamente seduzido pela Beleza, pela Bondade incriada, que encontra a plenitude da paz, e não pode compreender a situação de desgarramento interior de seu amigo.

Por uma sorte felicíssima, chegou-nos até nós outra carta de São Bruno, dirigida à comunidade de Chartreuse. Carta preciosa em si mesma e muito conforme com a escrita a Raúl Lhe Verd.

Por acréscimo, as circunstâncias em que foi escrita e transmitida lhe dão uma comovedora significação. Não é sem razão que os primeiros cartuxos a considerassem como o último testamento de Bruno a seus filhos de Chartreuse e, ao mesmo tempo, como o supremo depoimento, selado pela morte de Landuino, da vinculação da Grande Cartuxa a Bruno.

Landuino partiu levando consigo uma carta de Bruno para a comunidade de Chartreuse. Mas aconteceu que, ao viajar para o norte da Itália, Landuino caiu em mãos dos seguidores do antipapa. Foi ameaçado, tiveram-lhe vários meses prisioneiro... Quando foi posto em liberdade, estava tão debilitado que não pôde seguir seu caminho. Refugiou-se no mosteiro próximo de Santo Andrés onde morreu a 14 de setembro de 1100, sete dias depois de sua libertação.

Apesar de tudo, a carta de Bruno a seus filhos de Chartreuse chegou a seu destino, já porque um dos colegas de viagem de Landuino escapasse dos apoiadores do antipapa Guiberto, já porque Landuino a confiasse a algum mensageiro antes de morrer.

Podemos imaginar com que veneração receberam os ermitões de Chartreuse esta mensagem, tão preciosa para eles por duplo motivo.

Nesta carta à comunidade de Chartreuse, mais breve, mais familiar e menos cuidada do que a escrita a Raúl Lhe Verd, os temas se reduzem com frequência a pequenas indicações, pelo que há que estar tanto mais atencioso para captá-las. É essencialmente uma carta de alegria, de louvor ao Senhor, de ação de graças.

Bastaria a breve carta a seus irmãos de Chartreuse, para transmitir-nos todo o ensino explícito que devemos receber dele.

Esta carta faz campear ante nossos olhos a figura de um monge de rasgos vigorosos e de coração imenso. Apaixonado perdidamente de Deus e de seus irmãos, chega até a esquecer-se de si mesmo. Seu



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

amor a Deus lhe remete a seus irmãos; o carinho para seus irmãos lhe faz descobrir neles um novo rosto do Senhor.

Sua vida contemplativa não fica encoberta pela presença viva e atenciosa de seus irmãos, em seu coração. Não se contenta em dizer que lhe basta amar a Deus e que nele ama a todos. Seus irmãos são seres concretos que ocupam um lugar em seu interior, sem turvar seu atendimento ao Altíssimo. Ao invés, eles lhe revelam o amor imenso que Deus tem ao solitário. Sua vida contemplativa se acha fundada sobre a harmonia, interior e exterior, entre solidão e vida fraterna.

Uma segunda parte da mesma carta, põe de manifesto uma convicção firmemente ancorada no coração de Bruno: a vida que plantou no íntimo de seus irmãos associa de maneira radical o dom puramente gratuito que Deus lhes concede de uma vida que destaca por sua paz, silêncio e obediência, com uma observância forçosamente austera, firme, perseverante e estável frente a todas as seduções do exterior.

Bruno não pede nada mais a seus discípulos. O resto é questão de vocação pessoal, que deverá desenvolver-se dentro do sólido e amplo marco por ele esboçado.

Penetrar na ditosa solidão de que fala Bruno equivale a uma conversão do coração que recebemos gratuitamente de Deus, e que nos estabelece na paz de seu amor.

Que dizem os papas?

Os papas foram sempre os defensores dos carismas particulares que o Espírito Santo suscita sem interrupção na Igreja. Os cartuxos nasceram com a bênção de Urbano II e nunca lhes faltou o consolo, o apoio e até a defesa do papa. Nas quatro cartas seguintes brilha este apreço por Bruno e pela vida contemplativa.

Não transcrevemos as cartas em sua integridade, já que cremos mais oportuno destacar delas apenas aquelas partes mais interessantes para o presente trabalho, tentando manter nelas a unidade e a mensagem que querem transmitir.

Inocêncio XI. Constituição Apostólica "Iniunctum nobis" (1688)

"A Ordem dos cartuxos é uma excelente árvore plantada pela destra de Deus no campo da Igreja militante, e sempre fecunda em frutos de santificação... Esta Ordem e seus membros não cessam de servir ao Senhor na contemplação das sublimes verdades divinas."

Pio XI. Constituição Apostólica "Umbratilem..." (1924)

"Pois, em verdade, nenhuma outra condição ou gênero de vida mais perfeito pode propor-se aos homens, suposta a divina vocação, para que o elejam e abracem; já que a muito estreita união com Deus dos que passam no claustro sua vida solitária e silenciosa, e a interna santidade dos mesmos, é o que mantém em todo seu esplendor essa santidade que a Esposa imaculada de Jesus Cristo oferece à vista de todos para que a contemplem e imitem".

"É prática habitual e como principal missão de tais solitários, o oferecer-se e consagrar-se a Deus oficialmente, digamo-lo assim, como vítimas propiciatórias pela própria salvação e a de seus próximos".



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

"Deus, pois, benigníssimo, que em nenhum tempo deixou de olhar pelos interesses e necessidades de sua Igreja, escolheu a Bruno, varão de insigne santidade, para devolver à vida contemplativa o lustro de sua pristina pureza".

"É coisa bem sabida que os cartuxos de tal maneira conservaram no transcorrer de quase nove séculos o espírito de seu Fundador, Legislador e Pai, que, ao invés do acontecido em outros Institutos, não tiveram nunca necessidade de correção alguma ou de reforma".

"Se em algum tempo foi conveniente que tivesse na Igreja de Deus tais anacoretas, maior motivo há para que existam e prosperem nos tempos atuais, onde vemos a tantos cristãos que, sem lembrar-se para nada do céu, correm em atrás das riquezas terrenas".

"Obedecendo às leis próprias de sua Ordem, não só exatamente, senão com intensa e generosa prontidão de ânimo, e sendo a observância destas leis meio eficaz para elevar as almas à santidade mais entranhada, é possível a estes monges chegar a converter-se em poderosíssimos e constantes intercessores junto a Deus em favor do povo cristão".

Paulo VI. Carta ao Ministro Geral da Ordem para o Capítulo Geral (1971)

"Justamente se afirma que elegeram a parte melhor (Lc 10,41) aqueles que, liberados do tumulto das coisas do mundo, servem a Deus com uma consagração total na solidão do corpo e do coração. Pois eles, despojando-se do que no tumulto da multidão freia à alma na contemplação das verdades divinas, podem viver com mais facilidade aquilo que, como afirmou esplendidamente São Teodoro Estudita, é o fim específico do monge: O monge é o que fixa o olhar somente sobre Deus, deseja ardentemente somente a Deus, consagrou-se somente a Deus e se esforça por render-lhe um culto indiviso; está em paz com Deus e se converte em fonte de paz para os demais".

"Esta é, sem dúvida alguma, uma forma singular de vida, com a que de algum modo se antecipa o modo de viver dos habitantes da Jerusalém celestial. Portanto, àqueles que vivem esta vocação solitária se lhes pode aplicar de modo singular o que Santo Agostinho disse das virgens: Quanto melhores sois vós, que começais antes da morte a ser o que os homens serão depois da ressurreição".

"No entanto, não se deve considerar aos eremitas como estranhos ao corpo da Igreja e à comunidade dos homens, pois, como claramente afirmou ao Vaticano II, a vida contemplativa é necessária para a plena presença da Igreja, e os contemplativos estimulam com seu depoimento ao povo de Deus e acrescenta-lhe uma misteriosa fecundidade apostólica".

"A Ordem dos cartuxos, com rara fidelidade, conservou em sua pureza e integralmente, esta vida segregada do mundo e unida a Deus, recebida como uma herança de seus Pais, e isto se converte em seu louvor e honra. Interessa, pois, a toda a Igreja que siga florescendo, ou seja, que seus membros, desejando dar a Deus a glória que lhe é devida, gastem comodamente todas as suas forças em sua adoração".

JOÃO PAULO II. Carta ao Ministro Geral dos cartuxos no IX centenário da fundação da Ordem (1984).

"Em diversas ocasiões, os romanos pontífices aprovaram esta vida segregada do mundo e, recentemente, fizeram-no em relação a vocês Pio XI e Paulo VI. Também o Concílio Vaticano II exaltou esta vida solitária, com a que os habitantes do deserto seguem de modo mais próximo a Cristo entregues à contemplação sobre o monte, e afirmou sua fecundidade misteriosa para a Igreja. E, finalmente, o novo



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

Código de direito canônico reafirma com força esta verdade, declarando que os Institutos dedicados inteiramente à contemplação têm sempre um posto eminente no Corpo místico de Cristo (c.674)".

"Tudo isto vale para vocês, queridos monges e monjas da Ordem cartusiana, que, separados do barulho do mundo, elegestes a parte melhor. Portanto, no rápido correr dos acontecimentos que atrapalham aos homens de nosso tempo, é necessário que vocês, olhando continuamente ao espírito original de vossa Ordem, permaneçais firmes com vontade inquebrantável em vossa santa vocação. Pois nosso tempo tem necessidade do depoimento e do serviço de vossa forma de vida. Os homens de hoje divididos por opiniões divergentes e frequentemente turvados pelo flutuar das ideias, induzidos inclusive a perigos de ordem espiritual pela publicação de uma multidão de escritos, e, sobretudo, pelos meios de comunicação que têm um grande poder sobre os espíritos, mas que às vezes se manifestam em oposição com a doutrina e a moral cristã, têm necessidade de procurar o Absoluto, e de vê-lo em certo modo provado por um depoimento de vida".

"Dar-lhes este depoimento é vossa missão. E também os filhos e as filhas da Igreja que se dedicam às atividades apostólicas devem, no meio das realidades flutuantes e transitórias do mundo, apoiar-se sobre a estabilidade de Deus e de seu amor, que veem testemunhada em vocês, que sois partícipes delas de um modo especial nesta peregrinação terrena".

"A mesma Igreja, que como Corpo místico de Cristo tem entre suas principais tarefas o dever de oferecer incessantemente o sacrifício de louvor à Majestade divina, tem necessidade dessa vossa piedosa solicitação, com que diariamente perseverais nas vigílias divinas".

"A Igreja está convosco, queridos filhos e filhas de São Bruno, e espera grandes frutos espirituais de vossas orações e de vossas austeridades, que sustentais por amor a Deus. Já tivemos ocasião de dizer, falando da vida consagrada a Deus: o importante não é o que fazeis, senão o que sois. Isto parece aplicar-se de um modo especialíssimo a vocês que vos abstendes da vida ativa. Enquanto comemorais, pois, as origens de vossa Ordem, certamente vos sentireis impulsionados a aderir-vos com renovado ardor do espírito e com alegria espiritual a vossa sublime vocação".

As Monjas Cartuxas

Quando São Bruno se adentrou nos bosques de Chartreuse (França) no longínquo junho de 1084, não suspeitava que seria Pai de uma numerosa família de monges e inclusive de monjas. Ele e seus seis colegas, não pretendiam mais do que encontrar "um lugar a propósito para a vida eremítica onde entregar-se à contemplação do Único Bem".

Só depois da morte de Bruno (1101) começou a expansão da forma de vida que ele iniciou. Expansão que, ao princípio, revestiu características próprias. Os primeiros mosteiros de monges cartuxos se constituíram a partir de grupos monásticos já existentes que adotaram os "Costumes" ou Regra em vigor em Chartreuse. Mais tarde esses grupos se uniram e formaram juridicamente nossa Ordem (1140).

Analogamente foi, em certo sentido, a origem do ramo feminino da Cartuxa. As monjas de Prébayon (em Provença, França), obtiveram graças ao Beato Juan de Espanha, cartuxo de Montrieux, uma cópia das "Costumes" da Cartuxa e as adotaram como Regra (em 1145). Nessa época o conceito de "Regra" era muito amplo... Ao escolher uma, podia-se adaptá-la às necessidades do próprio mosteiro, e isso é o que fizeram as monjas de Prébayon: tomaram os "Costumes cartusianas" conservando ao mesmo tempo certos usos peculiares, coisa perfeitamente legítima, já que nenhum vínculo jurídico as unia à Ordem Cartuxa. Sua filiação jurídica se realizou entre os anos 1150-1155.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

Essa filiação, ao princípio, foi principalmente de ordem espiritual. O mosteiro de Prébayon, situado num lugar muito solitário, encontrou na espiritualidade cartusiana o ideal que respondia à sua estrita separação do mundo. Mas a nível de observância prática, as monjas continuaram concedendo à vida comunitária um lugar mais amplo do que o previsto nos "Costumes" para os monges.

Ao multiplicar-se os mosteiros de monjas cartuxas, a Ordem foi concedendo-lhes acesso às diversas observâncias cartusianas. Nunca, no entanto, apressou-se por estabelecer a observância fim da vocação cartusiana: a solidão estrita e pessoal. Cria-se então que o temperamento feminino não era apto para assumir dita solidão na mesma proporção que os monges, e se aceitava essa crença sem discussão.

Passaram os séculos. Os mosteiros cartusianos femininos, ainda que não isentos de fraquezas, conheceram épocas de fervor e santidade. Contudo, o selo que marca nossa história é uma longa série de tribulações que desembocam na total extinção de nossas casas, tendo como causa mais profunda a Revolução Francesa (1792).

O ano 1820 assinala uma nova era: cinco monjas sobreviventes da Revolução reúnem-se e fazem ressurgir nossa vocação. Brotam as primeiras fundações em França e depois em Itália. A vida cartusiana feminina se organiza em todos esses mosteiros segundo as antigas e conhecidas tradições: uma separação formal do mundo e uma vida comum bastante intensa.

O século XX abre outros horizontes e para meados do mesmo se desenha uma nova corrente. As jovens gerações de monjas pressentem que o espírito de deserto da Cartuxa só pode viver-se plenamente se tanto a observância como as estruturas externas estão realmente de acordo com ele. Um desejo cada vez melhor definido surge num bom número de monjas; almeja-se uma vida cartusiana plena, em que a solidão ocupe um lugar semelhante ao que São Bruno e seus filhos lhe concederam desde o princípio. Lentamente se inicia uma orientação para uma solidão efetiva. As ações comunitárias se reduzem pouco a pouco e, depois de muitas sondagens e experiências, chega-se a realizar o que Bruno quis para seus colegas e o que certamente teria desejado para aquelas que o têm por Pai: uma autêntica vida solitária compartilhada fraternalmente.

As monjas cartuxas em Espanha

Comparando a família cartusiana com outras Ordens monásticas, adverte-se que na Igreja somos "um pequeno rebanho", e isto cabe aplicá-lo de modo especial ao ramo feminino. Nossos mosteiros, quando muito, chegam ao número de dez. Quase todos se concentram no sudoeste de França e no norte de Itália: só teve dois em Bélgica e até faz pouco tempo nenhum em Espanha.

Como explicar que nosso país (Espanha), de tão funda tradição contemplativa e cartusiana, tenha demorado tanto em ter em seu solo filhas de São Bruno? Mistério da Providência, que pode esclarecer-se considerando que a existência de monjas cartuxas foi, e é ainda hoje em dia, ignorada em muitos ambientes eclesiásticos que só conhecem o ramo masculino. Ademais, no passado, algumas vocações à vida cartusiana feminina preferiam orientar-se para outro gênero de vida contemplativa antes que verem-se obrigadas a deixar sua pátria. Por último, nossa Ordem sempre se mostrou reservada ao promover as fundações, não as aceitando mais do que se podia assegurar às monjas uma existência verdadeiramente solitária e independente.

No entanto, em 1949, em certos ambientes femininos de Espanha despertou um vivo interesse pela Cartuxa, e, ante as repetidas demandas, o Capítulo Geral da Ordem designou uma Cartuxa de monjas de Itália, a de São Francisco, para receber e formar às aspirantes espanholas, enquanto se procurava um lugar



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

adequado para estabelecê-las em Espanha

Em 1960, teve início a reconstrução da antiga abadia cisterciense de Santa Maria de Benifaçà (Castellón) para acondicioná-la e transformá-la em mosteiro cartusiano. Em 1967, os edifícios do interior de clausura estavam terminados, e um grupo de monjas espanholas, procedentes da Cartuxa de São Francisco, depositaram neste deserto a primeira semente da vida cartusiana feminina em Espanha.

Santa Maria de Benifaçà se acha num lugar privilegiado: um rincão agreste, em plena montanha, um verdadeiro "deserto cartusiano". No entanto, nosso mosteiro leva inscrita em sua estrutura a transição que vivem as monjas cartuxas nestes últimos anos. Iniciada sua reconstrução quando o Capítulo Geral não se tinha pronunciado sobre nossa orientação à solidão pessoal, seus edifícios, vistos do exterior, oferecem o aspecto cenobítico próprio de nossas antigas casas. Mas, em 1975, fizeram-se no interior as necessárias modificações, de maneira que as monjas dispõem de celas e de um marco ambiental com todas as características próprias da vocação solitária cartusiana.

Ideal e espiritualidade cartusiana

Falar da espiritualidade e do ideal da Cartuxa é dirigir singelamente um olhar agradecido para a rocha de que fomos talhados, para nosso pai São Bruno. Este nome evoca, para nós, suas filhas, aquele homem de coração profundo que se deixou seduzir pela Absoluta Bondade de Deus e, renunciando a um brilhante porvir, retirou-se ao deserto de Chartreuse. Ali, permanecendo à escuta do Espírito, concedeu ao Amor o direito de ser o tudo de sua vida e esse Amor, extravasando do coração de Bruno e impregnando os corações dos irmãos que com ele viviam no deserto, criou entre eles um vínculo indestrutível de caridade que nos transmitiram através dos séculos.

"Amor a Deus no deserto" e "amor às irmãs que compartilham nosso deserto" são os dois polos fundamentais da vocação cartusiana. Nossa vocação não costuma ser muito conhecida no que tem de mais peculiar, e se é com razão que nos consideram "monjas contemplativas", pois o somos, é muito importante adicionar algo essencial de nossa vocação: somos "uma comunhão fraterna de solitárias".

Procurar a união com Deus no silêncio e na solidão é nosso principal empenho e o ideal de nossa vocação. Por isto, a solidão impregna nossa existência interior e exterior. Nossos mosteiros se constroem, deliberadamente, em lugares apartados de toda população. As celas se encontram acondicionadas como ermidas, oferecendo assim a cada monja a possibilidade de uma autêntica vida solitária. Uma Cartuxa reproduz, hoje em dia, o que foram no Egito as "Cavernas" no princípio do monacato cristão.

Vocação cartusiana - Vocação Eclesial

Retirar-se para o deserto para passar ali a inteira existência é uma decisão que só pode tomar-se quando no coração arde a íntima certeza, mais ou menos bem formulada, de que no seio da solidão se esconde um AMOR incomparável que não pode ser igualado por nenhum outro amor.

A solidão cartusiana não pode corresponder a uma fuga ou confundir-se com esta, senão que é a resposta a esse Amor, tão grande, que tende a fazer-se absorvente até ocupar a inteira existência.

A vocação cartusiana não é "um circuito fechado com Deus". Ao chamar-nos ao deserto Deus pensava em sua Igreja e em todos os homens de boa vontade, e a nossa resposta a damos enquanto membros do Corpo de Cristo e como representantes da inteira família humana. Desejamos ser o coração adorador da Igreja e o coração amante da humanidade. Por isso, dia e noite, desde nossa solidão,



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

elevamos ao céu o louvor a Deus e em nome de todos apresentamos a Deus o grito de nossos irmãos os homens.

Abraçar a vida solitária na Cartuxa não supõe separar-se da família humana, senão que, separadas de todos, permanecemos unidas a todos, e em nome de todos estamos em presença do Deus vivo. Em nosso silêncio e solidão arrastamos a todos os que procuram a Deus e a todos os que Deus procura: nada escapa à influência da oração... No Corpo místico de Cristo cumprimos a missão de artérias que, silenciosas e escondidas, transmitem incessantemente o sangue vivificante aos demais membros.

Ainda que não entre diretamente em nossa vocação ser testemunhas ante o mundo, nossa mesma existência é, em certo sentido, um verdadeiro depoimento. Ao orientar-nos para aquele que É, somos em nossa sociedade como testemunhas de Deus, de sua existência, de sua presença no meio dos homens. Nossa vida mesma tenta expressar que Deus pode conquistar completamente um coração humano e liberá-lo dos condicionamentos da sociedade de consumo, e assim somos, em certo modo, sinais da existência dos bens eternos.

Não estará fora de lugar assinalar que a existência de uma monja cartuxa é uma experiência de alegria divina. Não necessariamente uma alegria que se faz exterior, senão a que brota espontaneamente ante a certeza de saber que o Amor de Deus está realmente presente em nossa vida, alegria ante a certeza de saber que a nossa é uma existência bem empregada, pois une num mesmo abraço a Deus e a todos os irmãos.

Cartuxa Santa Maria de Benifaça, 2001 - IX centenário da morte de São Bruno.

Cronologia

Principais fatos da vida de São Bruno com suas datas aproximadas:

1030: Nasce Bruno em Colônia, Alemanha;

1056: Bruno é nomeado reitor e cônego da catedral de Reims, França;

1068: Manasés de Gournay é nomeado arcebispo de Reims, adquirindo a dita sede por simonia;

1076: Manasés nomeia Bruno chanceler, encarregado por ofício da composição, registro e expedição dos documentos oficiais da cúria arquiépiscopal;

1077: Bruno demite-se do cargo de chanceler como protesto contra os abusos de poder mostrados pelo arcebispo Manasés e sua atitude de desobediência ao papa Gregório VII;

Em setembro do mesmo ano acontece o Concílio de Autun, em que Manasés é destituído pela primeira vez;

1080: Concílio de Lyon, a ordem de Gregório VII; o Papa destitui definitivamente o arcebispo Manasés e ordena sua expulsão de Reims. Ao voltar Bruno do desterro, se lhe oferece o arcebispado, mas recusa o cargo;

1082: Depois de ter realizado o voto de abraçar a vida eremítica, Bruno se instala com dois amigos (Pedro e Lamberto) no bosque de Sèche-Fontaine junto à abadia beneditina de Molesmes;



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

1084: Em busca de uma solidão mais profunda, Bruno e seis colegas guiados por Hugo, bispo de Grenoble, saem para o remoto e austero vale alpino da Chartreuse;

1086: Faz-se público no sínodo diocesano de Grenoble a doação e cessão de direitos dos limites do vale de Chartreuse;

1088: Urbano II, antigo aluno de Bruno, é eleito papa;

1090: Bruno é chamado a Roma como conselheiro do Papa; se lhe oferece o arcebispado de Reggio mas recusa o cargo;

1091: Com a aprovação do Papa, Bruno se instala novamente na solidão; desta vez em Calábria, Itália;

1096: Raúl é nomeado preboste do cabide de Reims e dez anos mais tarde arcebispo da dita cidade;

1099: Viagem de Landuíno desde Chartreuse a Calábria;

1101: Bruno falece em Calábria;

1514: Leão X autoriza aos cartuxos o culto a São Bruno;

1623: Gregório XV estende o culto de São Bruno a toda a Igreja.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Cruz Dum Volvitur Orbis”

CARTA DE GUIGO I A UM AMIGO SOBRE A VIDA SOLITÁRIA

1. Ao Reverendo..., Guigo, o menor dos servos da Cruz que estão em Chartreuse: “Viver e morrer por Cristo” (Cf. Fl 1,21).
2. Um imagina feliz o outro. A meu ver, aquele que o é verdadeiramente não é o ambicioso que luta para conseguir honras altivas num palácio, mas aquele que escolhe levar uma vida simples e pobre no deserto, que gosta de aplicar-se à sabedoria no *repouso*¹, e deseja com ardor permanecer sentado e solitário no silêncio (Cf. Lm 3,28).
3. Porque, brilhar nas honras, estar elevado em dignidade, é, a meu ver, cosia pouco tranquila, exposta a perigos, sujeita a cuidados, suspeita para muitos, e para ninguém segura. Alegre no princípio, equívoca com a prática, é triste no seu termo. Aplauda os indignos, indigna-se contra os bons, e a maioria das vezes, zomba de uns e de outros. Fazendo muitos infelizes, não faz ninguém feliz, nem satisfeito.
4. Em compensação, a vida pobre e solitária, pesada no começo, fácil no seu curso, torna-se no fim celeste. Está firme nas provas, confiante nas incertezas, modesta no êxito. É frugal na alimentação, simples no vestir, reservada nas palavras, casta nos costumes, e objeto dos maiores desejos porque não deseja absolutamente nada. Sente muitas vezes o aguilhão do arrependimento pelos seus pecados passados, evita-os no presente e previne-se contra eles no futuro. Espera na misericórdia, mas não contam com os seus méritos. Aspirando vivamente aos bens celestiais, rejeita os da terra. Esforça-se por adquirir uma conduta provada, mantém-se nela com perseverança, e guarda-a para sempre. Entrega-se aos jejuns pelo hábito da Cruz, mas aceita alimentos por exigência do corpo. Dispõe uma e outra coisa com a mais perfeita medida; com efeito, domina a gula sempre que decide comer, e o orgulho, sempre que quer jejuar. Dedica-se ao estudo, mas sobretudo das Escrituras e de obras religiosas nas quais o miolo do sentido a mantém mais ocupada que a espuma das palavras. E, o que é mais surpreendente e mais admirável, permanece sem cessar no *repouso*, e, ao mesmo tempo, nunca está ociosa². Multiplica as suas ocupações, de modo a faltar-lhe a maioria das vezes o tempo mais que atividades diversas. E lamenta-se mais frequentemente da falta de tempo que do aborrecimento do trabalho.
5. E que mais dizer? É um belo tema aconselhar o *repouso*³, mas semelhante exortação exige um espírito senhor de si que, cuidadoso com o seu próprio bem, desdenhe intrometer-se nos assuntos públicos ou alheios; um espírito que sirva sob Cristo na paz de forma a evitar ser simultaneamente soldado de Deus e defensor do mundo, e que saiba perfeitamente que não pode gozar aqui com este século e reinar no outro com o Senhor.
6. Mas estas coisas e outras semelhantes são muito pouco se te lembras do que bebeu sobre o patíbulo Aquele que te convida a reinar com Ele. De bom ou mal grado, importa-te seguir o exemplo de Cristo na sua pobreza, se queres ter parte em Cristo nas suas riquezas. “Se participamos nos seus sofrimentos, diz o Apóstolo, reinaremos também com Ele” (Rm 8,17), “Se morremos com Cristo, viveremos também com Ele” (2Tim 2, 11-12). O próprio Mediador respondeu aos dois discípulos que Lhe pediam para se sentarem um à sua direita e o outro à sua esquerda: “Podeis beber o cálice que Eu vou beber?” (Mt. 20, 21-22)⁴. Mostrava-nos deste modo que se chega aos festins prometidos dos Patriarcas e ao néctar das taças celestes pelos cálices das amarguras terrestres.
7. E porque a amizade já alimenta a confiança e que tu, meu apreciado amigo em Cristo, sempre me foste caro desde o dia em que te conheci, exorto-te, animo-te e peço-te, visto que és prudente, ponderado, sábio e muito hábil, que subtraias ao mundo esse pouco da tua vida que ainda não foi consumido; não tardes em



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

queimá-lo para Deus, como um sacrifício vespertino (Ps 140,2), depondo-o sobre o fogo da caridade (Cf. Lv 1,17), a fim de que, a exemplo de Cristo, sejas tu próprio sacerdote e também “Vitima (em sacrifício de) agradável odor para Deus” (Ef 5,2)⁵ e para os homens.

8. Mas, a fim de compreenderes mais plenamente para onde tende o ardor de todo este discurso, indico brevemente à prudência do teu juízo qual é o voto do meu coração e ao mesmo tempo o seu conselho: como homem de coração generoso e nobre, abraça o nosso gênero de vida, tendo em vista a tua salvação eterna, e, feito novo recruta de Cristo, vigiarás, fazendo uma guarda santa no campo da milícia celeste, depois de teres posto à cinta a tua espada (2Tm 2,11-12), por causa dos temores da noite (Ct 3,8).

9. Portanto, como se trata para ti duma coisa boa no seu empreendimento, fácil na sua realização e feliz no seu acabamento, peço-te que ponhas na consecução de um tão justo “negócio” tanta aplicação quanta a graça divina para tal te conceder. Onde e quando deves fazê-lo, deixo a escolha decisiva disso à tua sagacidade. Mas não creio de forma nenhuma que um prazo ou demora nisso seja algo vantajoso para ti.

10. Mas não me alongarei mais sobre tal assunto, receoso de que este discurso rude e deselegante te moleste como frequentador do Palácio e da Corte. Tenha, pois, esta carta um fim e uma medida, coisa que não terá nunca o meu grande afeto por ti.

Notas:

1- Como nos diz o estudioso do *Monacato Primitivo* dos Padres do Deserto, Dom Garcia Colombás, osb (BAC nº. 588, p. 653 y 693), o ideal dos monges orientais que eles designavam com a palavra *hesychia*, *apátheia*, os monges ocidentais o traduziam com o vocábulo *repouso*, *quies*, *puritas cordis*, *pax*, etc. Quando aqui nos fala Guigo do *otium* do contemplativo, se está referindo a esse ideal, ao qual já fazia referência São Bruno nas suas cartas (Cf., p.e.: *Ad Radulphum.*, 4 e 7; *Ad Fratres*, 2), no qual já se tinha exercitado aos pés de Jesus Maria de Betânia, como o mesmo Guigo nos fala nos seus *Consuetudines Cartusiae*, XX, 2. [\[regresso\]](#)

2- Guigo emprega nesta carta os mesmos termos utilizados por São Bruno ao dirigir-se a seu amigo Raul: *Aqui se pratica um repouso bem ocupado, se repousa numa sossegada atividade* (*Ad Radulphum.*, 6).

3- Ao aconselhar aqui Guigo a seu amigo o *repouso*, o *otium* contemplativo, devemos entender que o faz nas duas facetas que isso comporta. A este respeito, Dom G. Colombás fez notar que o ideal dos monges do Deserto levava consigo, por um lado, como estado de vida, a *hésychia* material, ou permanência repousada na solidão do ermo, e por outro lado, a *hésychia* interior, ou *repouso* silencioso, como estado da alma a que se ordena a primeira (Idem. Pág. 692). Tudo isso exige do solitário a seria ascese de negar-se a se mesmo e carregar a cruz de cada dia, como bom soldado de Cristo.

4- Perante estas citações da Palavra de Deus, o quinto sucessor de Bruno centraliza a genuína milícia do monge, no deserto, em sua inserção no mistério pascal de Cristo.

5- O apreço de Guigo pela dimensão sacerdotal da vida do monge, como membro de Cristo pelo Batismo (Cf. 1Pd 2, 9), fica aqui uma vez mais patente com esta citação do Apóstolo (Cf. Ef 5,2).



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

A CARTUXA GAÚCHA DE MARIA MEDIANEIRA

O Rio Grande do Sul é rico da presença da Vida Religiosa. Nele estendem-se os carismas dos religiosos/as dedicados ao apostolado, à docência, à assistência aos mais necessitados, e todo um grande leque de serviços na Divina Caridade, oferecidos no Corpo de Cristo, que é a Igreja, por mais de cem Congregações Religiosas.

Nas presentes linhas, nós queremos somente informar da nossa forma peculiar de vida de seguimento de Cristo no silêncio da solidão junto com uns irmãos que têm o mesmo ideal, assim como da caminhada histórica deste Mosteiro Cartusiano na serra de Três Mártires, perto de Ivorá. Tentaremos nestas linhas ser breves e objetivos.

A primeira palavra que podemos dizer sobre a nossa vida é que só na Fé pode ser compreendida. A vida eremítica nasce e vive no coração mesmo da Santíssima Trindade, e se vive através do Mistério Cristo. É a Igreja mesma, como Esposa desse Cristo, quem sente o chamado interior para viver na intimidade com o Esposo e, por Ele, com Ele e Nele, a Igreja, cada um de nós, remidos pelo Sangue do Esposo, sentimos a “fome” profunda de viver no “seio do Pai”.

É o próprio Concílio, quem, falando do posto que deve ter a vida contemplativa no conjunto de carismas do Povo de Deus, nos diz: “Convém estabelecer por todas as partes nas igrejas novas a vida contemplativa, porque pertence à plenitude da presença da Igreja” (Ad Gentes, nº 18). Com ação de graças à Divina Providência, temos de reconhecer, com humildade, que as catorze Comunidades Contemplativas do RS, falam muito alto desta “presença plena” da Igreja no Sul do Brasil.

Dividamos agora o nosso propósito em três pontos:

- Informar um pouco sobre a mesma Ordem Cartusiana,
- dizer como nasceu a Cartuxa gaúcha, e
- descrever a vida dos monges cartuxos.

1. A Ordem Cartusiana.

Entre as famílias contemplativas, encontra-se nossa Ordem. Esta apareceu na vida da Igreja numa época crucial. Não era nada novo em si, pois a sua essência enxertava-se no mais antigo monaquismo dos Pais do Deserto. Só vinha a reviver uma absoluta orientação para Deus, uma busca do Absoluto, mediante o divino louvor, a internação silenciosa na solidão do Deserto, uma penitência alegre e equilibrada. Esse programa de vida dos monges e monjas cartuxos não tem outro fim, como nos dizem os nossos Estatutos, que: "devidamente instruídos no nosso homem exterior, no homem interior procuremos ao mesmo Deus com maior fervor, achemo-lo com mais prontidão e o possuamos mais perfeitamente. E assim, com a ajuda do Senhor, possamos chegar à perfeição da Caridade, fim de nossa profissão e de toda vida monástica, e atingir depois a bem-aventurança eterna" (Est. Cart. 1, 4).

São Bruno é aquele “servo prudente” ao qual o escolheu Deus para ser o pai da nossa família monástica. Com mais seis companheiros, teve a missão, sem o pretender, "de devolver à vida contemplativa a beleza e a integridade dos seus primeiros tempos" (Cons. Apost. Umbratitem vitæ, de Pio XI). Isto acontecia em 1084, nas altas montanhas do Deserto da Chartreuse, nos Alpes Franceses. Bruno, depois de fundar um outro eremitério na Calábria, faleceu no dia 6 de outubro de 1101.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

A pureza do ideal contemplativo de Bruno, e o testemunho da sua vida são simultâneos. Embora dotado extraordinariamente para servir à Igreja no apostolado externo como cônego Deão da Catedral de Reims e como Reitor da nascente Universidade da dita cidade, compreendeu que Deus lhe pedia um outro serviço: a entrega de si mesmo ao "único necessário" aos pés do Mestre.

Uma extraordinária bondade envolve serenamente toda a existência de Bruno até se converter em nota característica do seu espírito, reflexo da sua alma e norma do seu proceder. A bondade de Deus será o atributo divino que mais intensamente penetrará o seu coração. E dessa Bondade nasce a harmonia interior, refletida na sua serenidade exterior, no domínio de si mesmo, na paz e na tranquilidade. E porque enamorado de Deus, "Cativado por Deus", pode difundir o amor divino nos corações amigos, conquistá-los para Deus, dispô-los à entrega total e dirigi-los pelo caminho empreendido no Deserto.

É luminosa a lembrança que dele nos deixou Santo Hugo, o bispo que o acolheu na sua Diocese: "Bruno era um homem célebre pela sua ciência e piedade; um modelo de virtude, ponderação e perfeita maturidade; ... um homem de coração profundo" (Vita S. Hugonis, PL 153, 770).

A obra de Bruno, consolidada e organizada estavelmente pelos "Costumes" do seu quinto sucessor, cresceu rapidamente por toda a Europa.

Uma grande veneração e fidelidade uniram todos os cartuxos com seu pai, fundador e regra viva do carisma que lhes deixava em herança, desejando pertencer sempre ao grupo dos homens e mulheres que não baseiam a sua existência nas coisas vãs e passageiras deste mundo, antes procuram, com toda a alma, Aquele que é Absoluto, e afirmam a supremacia do homem interior e dão ao mundo secularizado um testemunho de oração viva.

2. Como nasceu a Cartuxa gaúcha

Nos anos 80, Dom Ivo Lorscheiter († 2007), Bispo então de Sta. Maria e Presidente da CNBB, perante o fato do aumento das petições de jovens brasileiros ao Velho Continente que desejavam fazer experiências cartusianas, e diante do fato de que o Pe. Prior da Cartuxa de Évora (Portugal) contactou com ele por este motivo, depois de diversas conversas, este, junto dos Bispos gaúchos, animaram-se a pedir à Ordem da Cartuxa a sua presença no Brasil.

Eram anos difíceis não só para o nosso País, mas também para a Igreja inteira de depois do Concílio. Isto fazia que as esperanças numa fundação nas igrejas jovens não era algo muito factível na Ordem Cartusiana contudo, os planos da Providência não eram os “prudentes” dos homens.

Sim, o Capítulo Geral da nossa Ordem de 1983, aproveitando o IXº Centenário da Fundação da própria Ordem, acolheu a petição dos Bispos brasileiros, e aprovou a ideia de trazer o carisma de São Bruno à América Latina.

Depois de buscar um terreno apropriado para esta Fundação em lugares muito diferentes do Brasil (Bahia, Rio de Janeiro, Pelotas, Caxias do Sul, etc.), foi escolhido pelos monges enviados pela Ordem um belo e solitário lugar no nosso Estado, a uns 45 km. da Cidade de Santa Maria, na Paróquia de Ivorá, Diocese de Santa Maria, onde a Mitra oferecera um terreno oportuno, desmembrado da “Granja da Medianeira”, invocação mariana esta que foi escolhida para a futura Cartuxa.

No dia da Apresentação de Nossa Senhora, 21 de novembro de 1984, fundou-se este novo Deserto



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

Cartusiano, contado então com só um edifício, a “Casa de Fundação”, acrescentado aos poucos com algumas improvisadas celas eremíticas.

As obras da nova Cartuxa não atingiriam o seu termo, praticamente, até ao redor do ano 2000. E, junto com a construção material, a espiritual foi também crescendo aos poucos com a contínua companhia de Dom Ivo, verdadeiro Pai Espiritual nosso, e de outros bispos, como Dom Paulo Moretto, Bispo de Caxias do Sul, homem de oração com alma verdadeiramente contemplativa e cartusiana.

3. A vida dos monges cartuxos

Uma radical consagração a Deus no silêncio da solidão, constitui, o carisma vocacional do monge cartuxo, e esta é a causa pela qual a Igreja dispensa o cartuxo, como contemplativo ao 100%, de todos os ministérios ativos e externos (Cf. CIC, 674). Entre nós, a esse fim vão ordenados: a Liturgia, o gênero de vida solitária e comunitária, a formação e a espiritualidade.

Desse modo, os filhos e filhas da Igreja favorecidos com tal vocação, desejosos de se entregar radicalmente a Deus no Deserto, encontram na Ordem de São Bruno os meios e o ambiente necessário para se realizarem.

De momento só contamos no Brasil com um Deserto masculino, deixamos a Deus o tempo favorável para a fundação duma Cartuxa feminina, pois as petições vão-se acrescentando nos últimos anos.

Essa procura do rosto do Senhor na solidão só tem sentido pelo fato de responder a seu convite no fundo da alma; de tomar consciência duma presença gratuita de Deus nela; é um viver para Ele, porque só Deus merece a entrega incondicional do ser humano, criado à sua imagem e semelhança. A suprema razão da existência do cartuxo na Igreja radica nos indeclináveis direitos de Deus, Pai e Senhor, digno de que alguns dos Seus filhos/as vivam exclusivamente para Ele, consagrados ao Seu amor, louvor e adoração, em imediata relação com Deus vivo e pessoal.

É a resposta de fé, esperança e amor, com a qual o crente, o monge, se abre à revelação e à comunhão do Deus vivo, em Jesus Cristo, no Espírito Santo.

É bom não esquecer que a Igreja mesma é eremítica, contemplativa, no seu coração[1]. Aí reside a essência de quanto ela mesma crê, espera, ama e faz. Tudo na Igreja, Esposa de Cristo, deve ir encaminhado à contemplação do Esposo (Cf. SC, 2).

Com essa radical entrega a Deus, os cartuxos desejam lembrar ao mundo atual a transcendência de Deus, a cujo amor e serviço dedicam as suas vidas; a Redenção de Cristo, que estendem a todos os homens; o Reino futuro tornado presente no desejo e na procura; e o valor da adoração, mais efetiva que a maior atividade apostólica, segundo o dito de São João da Cruz. A vida cartusiana dá testemunho do Absoluto de Deus, num mundo ameaçado pelo relativo e efêmero; da presença de Deus, numa sociedade que põe de lado a religião; da primazia do amor, numa humanidade esquecida de que somos irmãos. É um chamamento e um dom para o mundo, e também uma resposta aos homens que, nos nossos dias, buscam com ânsia, mesmo fora da tradição cristã, métodos e experiências contemplativas nem sempre autênticos.

A solidão do Deserto não isola da comunhão do Corpo Místico as almas contemplativas; muito ao contrário, coloca-as no coração da Igreja e do mundo, como dizia Sta. Teresinha.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

O cartuxo não fica dispensado da ação pastoral pelo fato de ser um solitário. Antes, encontra nisso um dever ao nível pessoal e conventual. O ensinamento da Igreja não apresenta dúvidas: "Os instintos de vida contemplativa têm uma importância singular na conversão das almas com as suas orações, obras de penitência e trabalhos, porque é Deus quem, pela oração, envia operários para a Sua messe, abre as almas para escutarem o Evangelho e fecunda a palavra de salvação nos corações" (Ad Gentes, 40).

Se passarmos agora a descrever o dia a dia duma Cartuxa, temos que partir do fato de que o monge cartuxo é eremita e cenobita ao mesmo tempo. No mosteiro cartusiano vemos uma família, uma comunidade de solitários. São Bruno escolheu para a vida dos seus filhos as vantagens da vida solitária e as da vida em comum.

As contadas reuniões comunitárias fomentam o espírito de família; estreitam os laços que unem a todos “em Cristo”; fazem participar dos frutos da caridade fraterna e nos fazem contar sempre com o estímulo e o apoio dos irmãos na vivência da mesma vocação.

Durante a semana, os cartuxos reúnem-se só três vezes ao dia para os Ofícios na igreja conventual: Para a Vigília noturna de meia-noite; para Santa Missa, da parte da manhã; e para as Vésperas, à caída da tarde. A Cartuxa, desde a época da fundação, tem um rito litúrgico eremítico próprio, que renovado após do Concílio, é apropriado para esta vocação especial, no qual, "o monge, tendendo incessantemente para a união com Deus, cumpre em si mesmo todo o significado da Liturgia" (Est. Cart.,41, 4).

Especialmente na Vigília noturna, de 12,00 h. até 02,15 ou 03,00h., tudo se desenvolve num ambiente de recolhimento, silêncio e simplicidade num contato vivo com o louvor divino e a sua Palavra.

A última reunião do dia é a tida para as Vésperas, que terminam com o canto da Salve Rainha, súplica comunitária à Mãe e Rainha do Mosteiro.

Aos domingos e nas solenidades, há mais reuniões. São dias especialmente comunitários para o monge: quase todas as horas do Ofício Divino cantam-se no coro, o almoço é no refeitório comum (fora disso, o monge sempre come em sua cela) e uma recreação fraterna, vem completar esse aspecto cenobítico do Dia do Senhor. Além disto, um passeio semanal pelo campo, fora da Cartuxa, dá vida a esta convivência familiar. O acesso e comunicação com os superiores permitem-se sempre.

Não queremos ocultar aqui que, sem dúvida, a vida cartusiana é austera: ela é simples, pobre e sóbria, pois voluntariamente se prescinde dos desnecessários confortos. Desde faz nove séculos, esta vida, prudentemente organizada, considera as necessidades da natureza e de cada pessoa. Não supõe nada de extraordinário nem de inumano, antes se converte numa ajuda positiva, e em fonte de paz e de profunda alegria para o monge que, na medida da sua vocação na Igreja, dá com generosidade o 100% Àquele que se tem dado antes o 100% de Si a nós.

Dentro do mesmo carisma de São Bruno, segundo o atrativo interior de cada jovem candidato à nossa vocação, na Cartuxa pode-se aspirar a um regime com mais tempo de vida na cela, ou menos, segundo a graça e equilíbrio de cada um. Deste modo, uns monges têm o seu tempo de trabalho e estudo na própria cela, enquanto que outros têm seus trabalhos em um lugar diferente, nos serviços normais de todo Mosteiro. Os primeiros, “por uma designação da piedade divina, estão destinados ao sagrado ministério do altar” (Est. Cart. 3, 8), enquanto outros vivem especialmente o seu sacerdócio batismal nos trabalhos manuais, “consagrando o mundo à glória do Criador e ordenando as ocupações naturais ao serviço da vida contemplativa” (Est. Cart. 11, 3).



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

Ainda que a distribuição do tempo seja praticamente igual em toda a Ordem Cartusiana, colocamos aqui o horário deste Deserto de N^a. S^a. Medianeira:

00.00 - Vigília Noturna em comunidade.

02.45 aprx. - Repouso.

06.30 - Levantar. Prima. Oração (na cela).

08.00 - Missa Conventual.

09.00 - Tércia. Lectio divina. Estudo. Trabalho.

12.00 - Sexta. Refeição. Tempo livre. Estudo. Trabalho. Leitura.

14.00 - Noa.

17.30 - Vésperas (em comunidade).

19.30 - Completas. Repouso.

23.45 - Levantar (para a Vigília).

Bem está a acrescentar aqui que o horário é para o monge, e não o monge para o horário, por isto sempre o monge pede ter uma santa liberdade dentro dos tempos que não são consagrados à oração na igreja conventual.

Para terminar, podemos dizer que a presença de Maria é uma peculiaridade da Cartuxa. Toda a vida do cartuxo decorre sob a proteção de tão BOA MÃE. Como membros do Místico Corpo de Cristo, que é a Igreja (Col 1, 24), o cartuxo sente por Maria um amor filial, participação e prolongamento do que Jesus teve e tem pela sua Mãe. E, além da ternura maternal, o cartuxo encontra em Maria o modelo da sua vida contemplativa e o seu ideal vivo.

Com efeito, a Santíssima Virgem é o modelo da criatura dedicada e unida sempre a Deus. E, como Mãe de todos, tem a missão de formar e de tornar o monge semelhante a Jesus. Daí o fato de ser chamada desde há muito: "Mãe singular dos cartuxos" e de toda a espiritualidade cartusiana se impregnar da sua presença através duma vida que responde à mensagem que Ela deu em Fátima.

Conforme os desejos do Concílio Vaticano II, pedimos a esta piedosa Mãe da Igreja que nos conceda a todos os consagrados a graça de fazer mais visível a Cristo no mundo: “já seja entregue à contemplação no monte (como é o posto do monge em seu apostolado da oração), já seja anunciando o Reino de Deus às turbas, sanando aos doentes e feridos, convertendo os pecadores a uma vida correta, abençoando as crianças (como o prolongam muitos outros religioso/as nas diversas tarefas do apostolado direto), fazendo o bem a todos, sempre obediente à vontade do Pai que o enviou” (PC, 46).



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

Bibliografia

Palavras de Bruno. P. André; Ed. Grande Cartuxa; 1984

San Bruno. Melodia del silencio. E. Jiménez Hernández; Ed. Grafite; 1998

Maestro Bruno, Padre de monjes. Um cartujo; Ed. B.A.C; 1980

Saint Bruno. Lhe chartreuse. André Ravier S.J; Ed. P. Lethie-lleux; 1981

Aux Sources da vie Cartusienne. (T.1) M. Laporte; Ed. Grande Cartuxa; 1984

Notas:

- (1) Não há que o confundir com o preboste de Reims também chamado Manasés, que encabeçará o grupo rebelde contra seu homônimo, seguido por Bruno, Pôncio, Raúl, Fulco e seguramente alguns mais.
- (2) Simonia: compra ou venda de assuntos espirituais ou temporários inseparavelmente anexos aos espirituais.
- (3) "Títulos fúnebres" ou "Rolo de defuntos": textos elogiosos que se recolhiam, depois da morte de algum personagem eclesiástico importante, naqueles lugares aos que se ia para pedir sufrágios pelo defunto.
- (4) Ainda que tradicionalmente são variados os escritos que se adjudicaram ao Santo, atualmente a crítica mais rigorosa só admite como seus uma elegia escrita em sua juventude "Sobre o menosprezo do mundo" (que não contribui dados biográficos de interesse sobre ele), e as duas cartas que apresentamos a seguir.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

PROFISSÃO DE FÉ DE SÃO BRUNO À HORA DE SUA MORTE¹

Fizemos o possível para recolher a profissão de fé de Mestre Bruno, pronunciada diante de todos os irmãos reunidos, quando ele sentiu que se aproximava a hora de entrar no caminho pelo qual passa todo o ser vivo, pois ele nos tinha pedido, de maneira muito expressa, de ser testemunhas da sua fé ante Deus.

Texto da profissão²

1. Creio firmemente no Pai, e no filho, e no Espírito Santo, no Pai não gerado, no Filho unigênito, no Espírito Santo procedente de ambos, e que estas três pessoas são um só Deus.

2. Creio que este mesmo Filho de Deus foi concebido pelo Espírito Santo de Maria, a Virgem. Creio que a Virgem era castíssima antes do parto, virgem no parto e depois do parto permaneceu inteiramente virgem.

Creio que o mesmo Filho de Deus foi concebido entre os homens como um homem verdadeiro, mas sem pecado.

Creio que o mesmo Filho de Deus foi apressado por inveja dos judeus³, injuriosamente tratado, injustamente atado, cuspidos, flagelado, morto, sepultado.

Desceu à mansão dos mortos para libertar os seus, lá cativos.

Desceu para redenção nossa, ressuscitou e ascendeu aos céus, e voltará de lá para julgar os vivos e os mortos.

3. Creio nos sacramentos nos quais a Igreja crê e venera, e expressamente que o consagrado no altar é verdadeiro Corpo, verdadeira Carne e verdadeiro Sangue do Senhor nosso Jesus Cristo, que também nós recebemos para remissão de nossos pecados e na esperança da eterna salvação.

Creio na ressurreição da carne, na vida eterna. Amém.

4. Confesso e creio na santa e inefável Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, um só Deus natural, de uma só substância, de uma só majestade e poder.

E professamos que o Pai não foi gerado nem criado, senão que Ele é ingênito. O mesmo Pai de ninguém tira a sua origem. D'Ele recebeu o Filho nascimento, e o Espírito Santo procedência.

É, pois, fonte e origem de toda a Divindade.

E o mesmo Pai, inefável por essência, gerou inefavelmente da sua substância o Filho, mas não o gerou outro ser que o que Ele é, Deus de Deus, a Luz da Luz.

D'Ele, portanto, é toda a paternidade no céu e na terra.

Amém.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

Notas:

1- Mestre Bruno, ao fim de seus dias, desejou deixar aos seus o testemunho de haver *corrido na nobre competição até o fim, de haver chegado até à meta conservando a fé* (Cf. 2Tm 4, 7).

No presente texto, os seus companheiros do eremitério de Santa Maria da Torre (Calábria-Itália) nos deixaram a solene profissão de fé que ele fez antes da partida, sucedida a 6 de outubro de 1101.

2- Nesta bela proclamação de Fé de São Bruno, temos de ver duas coisas. Primeiramente a sã doutrina que Mestre Bruno teve que ensinar durante os seus largos anos nas Escolas Catedralicias de Remos, assim como a sua vivência do ensinado, que no momento da sua saída deste mundo latia no seu coração com a Luz na qual havia vivido e pela qual fielmente havia lutado.

Na profissão trinitária do quarto apartado, Bruno repete o começo da profissão de Fé do XIº Concílio de Toledo, só que falando em primeira pessoa.

3- No texto original se lê: "infames judeus". Expressões como estas, em autores antigos, devem ser lidas no contexto da antiquíssima *oração universal* da VI Feira Santa. Mais ainda, deve ter-se em conta nelas a forma de falar da época. É por isso que temos optado aqui por uma leitura mais de acordo com o espírito com que o fez a Igreja atual em relação à antiga oração universal referida.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

ESTATUTOS DA ORDEM CARTUSIANA

Capítulo 1

Prólogo aos Estatutos da Ordem Cartusiana

A graça de nosso Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo estejam com todos vocês. Amém.

Para louvor da glória de Deus, Cristo, Palavra do Pai por mediação do Espírito Santo, elegeu desde o princípio a alguns homens, a quem levou à solidão para uni-los a si em íntimo amor. Seguindo esta vocação o Maestro Bruno entrou com seis colegas no deserto de Cartuxa, o ano do Senhor de 1084, e se instalou ali. Tanto eles como seus sucessores, permaneceram naquele lugar sob a direção do Espírito Santo, e, guiando-se pela experiência, foram criando gradualmente um gênero de vida eremítica próprio, que se transmitia a seus sucessores, não por escrito, senão com o exemplo.

Mas a instâncias de outros eremitérios fundados na imitação do Cartuxo Guigo, quinto Prior de Cartuxa, pôs por escrito a norma de seu propósito, que todos se comprometeram a seguir e imitar, como regra de sua observância e como vínculo de caridade da nascente família. Mas como os Priores da observância cartusiana pedissem insistentemente aos Priores e aos irmãos de Cartuxa que se lhes permitisse ter na mesma Casa um Capítulo Geral comum, reuniu-se o primeiro Capítulo Geral durante o priorado de Antelmo, ao qual se submeteram para sempre todas as Casas, junto com a mesma Casa de Cartuxa. Por aquele então, as monjas de Prebayón abraçaram também espontaneamente o modo de vida cartusiana. Este foi o começo de nossa Ordem.

A partir de aqui, no decurso do tempo, a tenor da experiência e das novas circunstâncias, o Capítulo Geral ia adaptando a forma de vida cartusiana, e estabilizando e explicando nossa instituição. Esta contínua e esmerada acomodação de nossos costumes acrescentou progressivamente o conjunto de nossas Ordenações. Por isso, o ano do Senhor 1271, o Capítulo Geral reunindo num o principal sacado dos Costumes de Guigo, das ordenações dos Capítulos Gerais e dos usos da Grande Cartuxa tomados em conjunto, promulgou os Antigos Estatutos. A estes se adicionaram o ano 1368 outros documentos, que se denominaram Novos Estatutos ; adicionados também documentos no ano 1509, chamaram-se Terceira Compilação.

Existindo, pois, três coleções, por motivo do Concílio Tridentino foram redigidas num só corpo, o que chamamos a Nova Coleção dos Estatutos. Sua terceira edição foi aprovada em forma específica pela Constituição Apostólica *Iniunctum Nobis* do Papa Inocêncio XI. Uma nova edição, outra vez examinada e acomodada às prescrições do Código de Direito Canônico então em vigor, foi aprovada também em forma específica pelo Papa Pio XI na Constituição Apostólica *Umbratilem*.

Por mandato do Concílio Ecumênico Vaticano II, empreendeu-se uma adequada renovação de nosso gênero de vida, segundo a mente dos decretos do mesmo Concílio, guardando como algo muito sagrado nosso retiro do mundo e os exercícios próprios da vida contemplativa. Por isso, o Capítulo Geral do ano 1971 aprovou os Estatutos Renovados, uma vez examinados e corrigidos com a cooperação de todos os membros da Ordem.

No entanto, para concordá-los com o Código de Direito Canônico, promulgado no ano 1983, os susoditos Estatutos, novamente revisados, dividiram-se em duas partes, das quais, a primeira que compreende os livros primeiro, segundo, terceiro e quarto, contém as Constituições da Ordem. Nós, pois,



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

os humildes irmãos, Andrés, Prior de Cartuxa, e todos os demais com potestade no Capítulo Geral do ano 1989, aprovamos e confirmamos estes Estatutos.

Mas não por isso queremos relegar ao esquecimento os Estatutos anteriores, sobretudo os mais antigos, senão que se mantenha vivo seu espírito na presente observância, ainda que já não conservem força de lei.

Finalmente, exortamos a todos os professos e aspirantes de nossa Religião, e lhes rogamos encarecidamente pela misericórdia e bondade de Deus (quem com tanta clemência se dignou ajudar, dirigir e proteger a nossa família cartusiana, desde seus começos até o dia de hoje, provendo-nos em abundância de quanto conduz a nossa salvação e perfeição), que cada um em nossa vocação e ofício, esforcemo-nos por corresponder com a maior gratidão possível a tão paternal liberalidade e benevolência de Deus nosso Senhor. O que cumpriremos, se de tal modo nos dedicamos fiel e solícitamente à observância regular contida nos presentes Estatutos, que, reta e devidamente instruído e aperfeiçoado por estas disposições nosso homem exterior, no homem interior procuremos ao mesmo Deus com maior fervor, achemo-lo com mais prontidão e o possuamos mais perfeitamente. E assim, com a ajuda do Senhor, possamos chegar à perfeição da caridade, fim de nossa profissão e de toda vida monástica, e atingir depois a bem-aventurança eterna.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

Capítulo 2

Elogio de Guigo à vida solitária

Os monges que louvaram a solidão quiseram dar depoimento do mistério cujas riquezas experimentavam, e que só os bem-aventurados conhecem plenamente. Ali se leva a cabo um grande mistério, isto é, de Cristo e da Igreja, cujo eminente exemplar o encontramos em Maria Santíssima ; o qual está também inteiramente oculto em toda alma fiel, e a solidão tem a virtude de revelá-lo mais profundamente.

No presente capítulo, pois, tomado dos Costumes de Guigo, temos de ver alguns reflexos da alma daquele que teve por missão do Espírito codificar as primeiras leis de nossa Ordem. Porque estas frases do quinto Prior, segundo o antigo sentido alegórico da Sagrada Escritura retamente entendidas, tocam uma verdade sublime que nos une aos nossos Padres na fruição da mesma graça.

Na recomendação da vida solitária, à que estamos chamados por vocação especial, seremos breves, por conhecer os muitos louvores que lhe tributaram tantos varões santos e sábios, e de tanta autoridade que não nos consideramos dignos de pisar suas impressões.

Já sabeis como no Antigo e, sobretudo, no Novo Testamento, quase todos os mais profundos e sublimes mistérios foram revelados aos servos de Deus não entre o tumulto das multidões, senão estando a sós, e como os mesmos servos de Deus, quando queriam sumir-se numa meditação mais profunda, ou dedicar-se à oração com mais liberdade, ou alienar-se das coisas terrenas pela elevação do alma, quase sempre se apartavam do ruído das multidões e procuravam as vantagens da solidão.

De aqui que para tocar de algum modo o tema, Isaac sai a sós ao campo a meditar, e é de crer que isto não foi nele algo isolado, senão de costume ; que Jacob, enviando todas suas coisas por diante, fica a sós, vê a Deus cara a cara, e à vez pela bênção e a mutação do nome em melhor se torna ditoso ; atingindo mais num momento só do que durante toda a vida acompanhado.

Também nos atesta a Escritura quanto amavam a solidão Moisés, Elias, e Eliseu, quanto cresceram por ela na comunicação dos segredos divinos ; e até que ponto incessantemente corriam perigo entre os homens, e eram visitados por Deus quando estavam sós.

Jeremias se senta solitário, porque se acha penetrado da cólera de Deus Pedindo que se dê água a sua cabeça e a seus olhos uma fonte de lágrimas para chorar aos mortos de seu povo, solicita também um lugar onde poder exercitar-se mais livremente em obra tão santa, dizendo: *Quem me dará na solidão um albergue de caminhantes?*, como se não lhe fosse possível fazê-lo na cidade, indicando deste modo quanto impede a companhia o dom de lágrimas. Assim mesmo, quando diz: *Bom é esperar em silêncio a salvação de Deus*, para o qual ajuda muito a solidão, adicionando depois: *Bom é para o homem o ter levado o jugo desde sua mocidade*, com o qual nos dá um motivo de grande consolo, pois quase todos abraçamos este gênero de vida desde a juventude. E diz também: *Se sentará solitário e calará, porque se elevará sobre si mesmo*; significando quase tudo o melhor do que há em nosso Instituto: quietude e solidão, silêncio e desejo dos dons mais elevados.

Depois dá a conhecer que alunos forma esta escola, dizendo: *Dará sua bochecha a quem o ferir e se saciará de opróbrios*. No primeiro brilha uma paciência suma, e no segundo uma perfeita humildade.

Também João Batista, o maior dos nascidos de mulher segundo o panegírico do Salvador, pôs em



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Cruz Dum Volvitur Orbis”

evidência quanta segurança e utilidade contribui a solidão. O qual, não se sentindo seguro nem pelos oráculos divinos que tinham predito que, cheio do Espírito Santo desde o seio de sua mãe, teria de ser o precursor do Senhor no espírito e a virtude de Elias, nem pelas maravilhas de seu nascimento, nem pela santidade de seus pais, fugindo da companhia dos homens como perigosa, elegeu os apartados desertos como mais seguros, ignorando quaisquer perigos e a morte, por tanto tempo quanto habitou só no deserto. Quanta virtude adquiriu ali e quanto mérito, demonstrou-o o batismo de Cristo e a morte sofrida por defender a justiça. Fez-se tal na solidão, que só ele foi digno de batizar a Cristo que tudo o purifica, e de enfrentar o cárcere e a morte em defesa da verdade.

O mesmo Jesus, Deus e Senhor, ainda que sua virtude não podia verse favorecida pelo retiro nem impedida pelo público, no entanto, para instruir-nos com seu exemplo, antes de começar seu pregação e seus milagres quis submeter-se a uma espécie de prova de tentações e jejuns na solidão. Dele diz a Escritura que, deixando a companhia de seus discípulos, subia ao morro a orar a sós. E iminente já o tempo da Paixão, deixou aos Apóstolos para orar solitário, dando-nos com isto o melhor exemplo de quanto aproveita a solidão para a oração, quando não quer orar acompanhado nem de seus mesmos Apóstolos.

Aqui não passemos em silêncio um mistério que merece todo nosso atendimento : que o mesmo Senhor e Salvador do gênero humano se dignou mostrar-nos por si mesmo o primeiro modelo vivo de nosso Instituto, ao permanecer assim solitário no deserto, se entregava à oração e aos exercícios da vida interior, macerando seu corpo com jejuns, vigílias e outros frutos de penitência vencendo as tentações do inimigo com armas espirituais.

Agora considerai vocês mesmos quanto aproveitaram em seu espírito na solidão os santos e veneráveis padres, Pablo, Antônio, Hilarião, Benito, e tantos outros inumeráveis, e comprovareis que a suavidade da salmodia, o amor pela leitura, o fervor da oração, a profundidade da meditação, a elevação da contemplação e o batismo das lágrimas com nada se podem favorecer tanto como com a solidão.

Mas não vos contenteis com os poucos exemplos aqui citados em elogio de nosso modo de vida, senão vocês mesmos ide recolhendo outros muitos, tomados de vossa experiência cotidiana ou das páginas da Sagrada Escritura.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Cruz Dum Volvitur Orbis”

Livro 1

Capítulo 3

Os monges do claustro

Os que foram Padres de nossa Religião seguiam a luz do oriente, a daqueles antigos monges que, quente ainda em seus corações a recordação do Sangue recém derramado pelo Senhor, encheram os desertos para dedicar-se à solidão e a pobreza de espírito. Portanto, os monges do claustro, que seguem este mesmo caminho, convém que vivam como eles em ermos suficientemente afastados de toda moradia humana, e em celas livres de todo ruído, tanto do mundo como da mesma Casa ; sobretudo, que permaneçam alheios aos rumores do século.

Quem persevera firme na cela e por ela é formado, tende a que todo o conjunto de sua vida se unifique e converta numa constante oração. Mas não poderá entrar neste repouso sem ter-se exercitado no esforço de duro combate, já pelas austeridades nas que se mantém por familiaridade com a cruz, já pelas visitas do Senhor mediante as quais o prova como ouro no crisol. Assim, purificado pela paciência, consolado e robustecido pela assídua meditação das Escrituras, e introduzido no profundo de seu coração pela graça do Espírito, poderá já não só servir a Deus, senão também unir-se a Ele.

Convém também ocupar-se em algum trabalho manual, não tanto por simples distração do ânimo, quanto para submeter o corpo à lei comum dos homens e conservar e fomentar o gosto pelos exercícios espirituais. Por isso se lhe concedem ao monge em sua cela os utensílios necessários, a fim de evitar que se veja forçado a sair dela ; porque isto não lhe está nunca permitido, a não ser para as reuniões na igreja ou no claustro, e em outras ocasiões previstas pela regra. Agora bem, quanto mais austera é a senda que abraçamos, tanto mais estritamente nos obriga a pobreza em todas as coisas de nosso uso. Porque é necessário que sigamos o exemplo de Cristo pobre, se queremos participar de suas riquezas.

Unidos em comunidade pelo amor ao Senhor, a oração e o zelo pela solidão mostrem-se os monges do claustro como verdadeiros discípulos de Cristo, não tanto de palavra quanto de obra ; amem-se mutuamente, tendo os mesmos sentimentos, suportando-se e perdendo-se se algum tem queixa contra outro, a fim de que com uma mesma voz honrem a Deus.

Mantenham também os padres em seu espírito o íntimo vínculo pelo qual estão unidos em Cristo com os irmãos. Reconheçam que dependem deles para poder oferecer ao Senhor uma oração pura na quietude e a solidão da cela. Recordem que o sacerdócio ao que foram elevados representa um serviço à Igreja principalmente nos membros mais próximos, isto é, os irmãos da própria Casa. Tendo-se mútua deferência, padres e irmãos vivam na caridade que é vínculo de perfeição e fundamento e cume de toda vida consagrada a Deus.

É próprio do Prior mostrar em si mesmo a todos seus filhos, monges do claustro e leigos, um signo vivo do amor do Pai celestial, e reuni-los em Cristo de tal maneira que formem uma família, e cada uma de nossas Casas seja realmente, segundo a expressão de Guigo, uma *igreja cartusiana*.

A qual tem sua raiz e fundamento na celebração do Sacrifício Eucarístico, que é signo eficaz de unidade. É também o centro e cume de nossa vida, e ademais viático espiritual de nosso Êxodo, por onde na solidão retornamos por Cristo ao Pai. Assim mesmo, em todo o curso da Liturgia, Cristo como nosso Sacerdote ora por nós, e como Cabeça nossa ora em nós de maneira que nele possamos reconhecer nossas vozes, e em nós a sua.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

Na vigília noturna, nosso Ofício se prolonga bastante, segundo antigo costume, ainda que guardando sempre uma discreta moderação. Assim se alimenta a devoção interna com a salmodia e se pode dar o tempo restante à oração calada do coração sem fastio nem cansaço.

Segundo antigo costume nossa, todo monge do claustro está destinado, por uma admirável graça da piedade divina, ao sagrado ministério do altar. De onde se manifesta nele essa harmonia que, como diz Pablo VI, existe entre a consagração monástica e a sacerdotal. A exemplo, pois, de Cristo, faz-se juntamente sacerdote e vítima, em cheiro de suavidade para Deus, e pela união no sacrifício do Senhor participa das riquezas insondáveis de seu coração.

Como nosso Instituto está ordenado inteiramente à contemplação, temos de guardar com toda fidelidade nossa separação do mundo. Estamos, por tanto, isentos de todo ministério pastoral, por muito que urja a necessidade do apostolado ativo, a fim de cumprir nossa própria missão dentro do Corpo Místico.

Mantenha Marta seu ministério, laudável certamente, ainda que não isento de inquietude e turvação ; mas permita a sua irmã que, sentada junto aos pés do Senhor, dedique-se a contemplar que Ele é Deus, a purificar seu espírito, a adentrar-se na oração do coração, a escutar o que o Senhor lhe diga em seu interior ; e assim possa agradar e ver um pouquinho, como num espelho e confusamente, como o Senhor é bom, enquanto roga por sua irmã e por todos os que se afanam como ela. Maria tem a seu favor não só ao mais imparcial dos juízes, senão também ao mais fiel dos advogados, ao mesmo Senhor, que não se limita a defender sua vocação, senão que faz seu elogio, dizendo: *Maria escolheu a melhor parte, que não lhe será tirada*. Desta maneira a escusou de misturar-se nos cuidados e desassossegos de Marta, por piedosos que fossem.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

Capítulo 4

A guarda da cela e do silêncio

A nossa principal aplicação e propósito consistem em nos dedicar ao silêncio e à solidão da cela. Esta é a terra santa e o lugar onde o Senhor e o seu servo conversam frequentemente como dois amigos. É nela que muitas vezes a alma fiel se une ao Verbo de Deus, a esposa convive com o Esposo, as coisas da terra se ligam às do Céu, as humanas às divinas. Mas é muito o trajeto a percorrer, por caminhos áridos e secos, antes de chegar à fonte das águas e à terra de promessa.

Por isso convém que o que vive retirado em sua cela vele diligente e solícito para não se tentar nem aceitar nenhuma saída dela, fora das geralmente estabelecidas ; mais bem considere a cela tão necessária para sua saúde e vida, como o água para os peixes e o aprisco para as ovelhas. Se se acostuma a sair dela com frequência e por leves causas, cedo se lhe fará odiosa ; pois, como diz São Agostinho: Para os amigos deste mundo não há nada mais trabalhoso que não trabalhar. Pelo contrário, quanto mais tempo guarde a cela, tanto mais a gosto viverá nela, se sabe ocupar-se de uma maneira ordenada e proveitosa na leitura, escritura, salmodia, oração, meditação, contemplação e trabalho. Enquanto, vá acostumando-se à calma escuta do coração, que deixe entrar a Deus por todas suas portas e sendas. Assim, com a ajuda divina, evitará os perigos que frequentemente espreitam ao solitário : seguir na cela o caminho mais fácil e merecer ser contado entre os mornos.

Os frutos do silêncio os conhece quem o experimentou. Ainda que ao princípio nos resulte no duro calar, gradualmente, se somos fiéis, nosso mesmo silêncio irá criando em nós uma atração para um silêncio cada vez maior. Para consegui-lo, está estabelecido que não falemos uns com outros sem permissão do Presidente.

O primeiro ato de caridade para com nossos irmãos é respeitar sua solidão. Se se nos permite falar de algum assunto, seja nossa conversa tão breve quanto seja possível.

Os que não são de nossa Ordem nem aspiram a entrar nela, não se hospedem em nossas celas.

Os monges do claustro dedicam todos os anos oito dias a uma guarda maior da quietude da cela e do recolhimento. O que se acostumou fazer normalmente por motivo do aniversário da Profissão.

Deus nos trouxe à solidão para falar-nos ao coração. Seja, pois, nosso coração como um altar vivo, do que suba continuamente ante o Senhor uma oração pura, pela qual devem ser impregnados todos nossos atos.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

Capítulo 5

O trabalho na cela

O monge do claustro, sujeito à lei divina do trabalho em sua própria vocação, foge da ociosidade que, segundo os antigos, é inimiga do alma. Por isso, abraça com humildade e prontidão todos os trabalhos que necessariamente traz consigo uma vida pobre e solitária, a condição, no entanto, de que tudo se ordene ao exercício da divina contemplação, à que está totalmente entregado. Além dos diversos trabalhos manuais, faz parte de sua tarefa diária o cumprimento das obrigações de seu estado, principalmente as que se referem ao culto divino e ao estudo das ciências sagradas.

Em primeiro lugar, para não perder inutilmente na cela o tempo da vida religiosa, o monge do claustro deve dedicar-se com interesse e discrição a estudos apropriados, não pela vaidade de saber ou de editar livros, senão porque uma leitura sabiamente ordenada facilita à alma uma instrução mais sólida e põe a base para a contemplação das coisas celestiais. Erram, pois, os que julgam que, descuidando ao princípio o estudo da palavra de Deus ou abandonando-o depois, podem elevar-se facilmente à união íntima com Deus. Assim, fixando-nos mais na substância do conteúdo que no brilho aparente da expressão estudemos os mistérios divinos com esse desejo de conhecer que nasce do amor e o inflama.

Com o trabalho de mãos, o monge se exercita na humildade e reduz todo seu corpo a servidão, para que sua alma adquira uma maior estabilidade. De onde, nos tempos estabelecidos, é lícito dedicar-se a trabalhos manuais verdadeiramente úteis, porque não está bem desperdiçar em bagatelas e trabalhos inúteis um tempo precioso concedido a cada um para glorificar a Deus. No entanto, não fica excluída deste tempo à utilidade da leitura e a oração; mais ainda, sempre é aconselhável, enquanto se trabalha, recorrer pelo menos às breves orações chamadas jaculatórias. Também pode às vezes suceder que o peso do trabalho sirva de âncora que sujeite o vaivém dos pensamentos ajudando com isso ao coração a permanecer fixo em Deus constantemente, sem fadiga mental.

O trabalho é um serviço mediante o qual nos unimos com Cristo, que não veio ser servido senão a servir. São de louvar certamente os que se as arrumam por si sós para cuidar do mobiliário, das ferramentas e das demais coisas usadas na cela, aliviando no possível o trabalho dos irmãos. Pelo demais todos têm de ter a cela ordenada e limpa.

Sempre pode o Prior impor a um pai algum trabalho ou serviço para bem da Comunidade, e ele o aceita com agrado e com alegria de coração, pois no dia de sua Profissão pediu ser recebido como o mais humilde servidor de todos. Quando se encomenda um trabalho a um monge do claustro, seja sempre de tal natureza que lhe permita conservar sua liberdade interior enquanto trabalha, sem preocupar-se do ganho ou de quando tem de terminar. Porque convém que o solitário, atendendo não tanto à obra como ao fim tentado, possa manter seu coração sempre em vela. Mas para que o monge permaneça calmo e são na solidão muitas vezes será conveniente que goze de certa liberdade na ordenação de seu trabalho.

Normalmente não se tem de chamar aos padres a trabalhar fora de suas celas, sobretudo nas obediências dos irmãos. E em caso que se destinem alguns padres a fazer um trabalho em comum, eles poderão falar entre si do que requeira tal trabalho, mas não com os que chegam.

Toda nossa atividade nasça sempre da fonte interior, a exemplo de Cristo, que sempre atua com o Pai, de maneira que o mesmo Pai faça as obras permanecendo nele. Assim seguiremos a Cristo em sua vida humilde e oculta de Nazaré, tanto quando oramos a Deus no secreto, como quando trabalhamos por obediência em sua presença.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

Capítulo 6

A guarda da clausura

Desde os princípios de nossa Ordem se pensou que, mediante o estrito rigor da clausura, se expressaria e afirmaria nossa total consagração a Deus. Que grande necessidade devesse mediar para sair fora, aparece suficientemente claro pelo fato de que o Prior de Cartuxa não sai nunca dos termos de seu ermo. Agora bem, como numa mesma Ordem suas observâncias devem guardar-se de um modo uniforme e similar por seus professos, nós, que abraçamos o propósito cartusiano, de onde nos vem o nome de Cartuxos, não admitimos facilmente exceções ; mas se alguma necessidade o exigisse, sempre se tem de pedir permissão ao Reverendo Pai, salvo em algum caso urgente e nos demais previstos pelos Estatutos.

O rigor da clausura se converteria numa observância farisaica, se não fora um signo daquela pureza de coração à que unicamente se promete a visão de Deus. Para consegui-la, requer-se uma grande abnegação, sobretudo da natural curiosidade que o homem sente por tudo o humano. Não devemos deixar que nosso espírito se derrame pelo mundo, andando à busca de notícias e rumores. Pelo contrário, nossa parte é permanecer ocultos no segredo do rosto de Deus.

Temos de evitar os livros profanos ou revistas que possam turvar nosso silêncio interior. Particularmente seria contrário ao espírito da Ordem introduzir de qualquer modo no claustro jornais que tratem de política. Ainda mais, os Piores exortem a seus monges que sejam muito parcios nas leituras profanas. Mas esta advertência requer uma maturidade de espírito e um domínio de si mesmo que saiba aceitar sinceramente todas as consequências dessa melhor parte do que elegeu, a saber: sentar-se aos pés do Senhor e escutar sua palavra.

Não obstante, a familiaridade com Deus não estreita o coração senão que o dilata e o capacita para abarcar nele os afãs e problemas do mundo, junto com os grandes interesses da Igreja de tudo o qual convém que o monge tenha algum conhecimento. No entanto, a verdadeira solicitação pelos homens deve nascer, não da curiosidade senão da íntima comunhão com Cristo. Cada qual, escutando interiormente ao Espírito, veja que é o que pode admitir em sua mente sem que sofra menoscabo seu diálogo com Deus.

Se chegasse até nós alguma notícia do que ocorre pelo mundo, guardemo-nos de comunicá-la aos demais ; deixemos mais bem os rumores do século ali onde os ouvimos. Toca ao Prior informar a seus monges sobre os temas que não convém ignorar, em especial sobre a vida da Igreja e suas necessidades.

Sem verdadeira necessidade, não procuremos ocasião de falar com as pessoas da Ordem e com os demais que as vezes chegam a nossa Casa. Porque não aproveita ao amigo da solidão, firme no silêncio e ansioso da quietude, fazer ou receber visitas sem motivo.

Como está escrito: *Honra teu pai e tua mãe*, mitigamos um pouco o rigor da clausura para receber a nossos pais e a outros parentes próximos, dois dias ao ano, seguidos ou separados. Pelo demais, a não ser que, por amor do Senhor, nos o imponha uma inevitável necessidade, evitamos a visita dos amigos e as palestras dos seculares. Sabemos que Deus é digno de que se lhe ofereça este sacrifício, que será para os homens mais proveitoso do que as nossas palavras.

Nas Casas da Ordem canonicamente constituídas se guarda estrita clausura segundo a tradição da Ordem. Não se pode admitir dentro da clausura a mulheres. Quando falamos com elas, observamos a modéstia própria de um monge.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

Recordem os monges que a castidade pelo Reino dos Céus que professam, tem de estimar-se como dom exímio da graça, pois libera de modo singular seu coração para que mais facilmente possam unir-se a Deus com amor indiviso. Deste modo, evocam aquele maravilhoso conúbio, fundado por Deus e que tem de revelar-se plenamente no século futuro, pelo que a Igreja tem por Esposo único a Cristo. É, pois, mister que, empenhados em guardar fielmente sua vocação, acreditem em as palavras do Senhor e, confiados no auxílio de Deus, não presumam de suas próprias forças e pratiquem a mortificação e a guarda dos sentidos. Confiem também em Maria, quem por sua humildade e virgindade mereceu ser a Mãe de Deus.

Quanto proveito e alegria divina proporcionam a solidão e o silêncio do deserto a quem os ama, só o sabe quem o experimentou.

Aqui podem os homens esforçados recolher-se em seu interior quanto queiram, morar consigo, cultivar sem cessar os germes das virtudes e alimentar-se felizmente dos frutos do paraíso.

Aqui se adquire aquele olho limpo, cuja serena mirada fere de amores ao Esposo e cuja limpeza e pureza permite ver a Deus.

Aqui se vive um lazer ativo, repousa-se numa sossegada atividade.

Aqui concede Deus a seus atletas, pelo esforço do combate, a ansiada recompensa : a paz que o mundo ignora e o gozo no Espírito Santo.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

Capítulo 7

A abstinência e o jejum

Cristo sofreu por nós, dando-nos exemplo para que sigamos suas impressões. O que praticamos já aceitando as penalidades e angústias desta vida, já abraçando a pobreza com a liberdade de filhos de Deus e renunciando à própria vontade. Também, segundo a tradição monástica, corresponde-nos seguir a Cristo quando jejua no deserto, castigando nosso corpo e reduzindo-o a servidão, para que nossa alma brilhe com o desejo de Deus.

Os monges do claustro fazem uma abstinência semanal, geralmente a sexta-feira. Esse dia se contentam com pão e água. Em certos tempos e dias fazem jejum de Ordem, no que têm uma só comida.

A penitência corporal não devemos abraçá-la só por obedecer aos Estatutos ; está destinada principalmente a aliviar-nos do peso da carne para que possamos seguir com mais presteza ao Senhor.

Mas se em algum caso, ou durante uma temporada, sentisse um que alguma de nossas observâncias supera suas forças, e que mais bem o entorpece do que o impulsiona ao seguimento de Cristo, decida, em filial acordo com o Prior, a mitigação que lhe convém, ao menos temporariamente. Mas, tendo sempre presente o telefonema de Cristo, indague o que está ainda dentro de suas possibilidades, e o que não pode dar ao Senhor pela observância comum, supra-o de outro modo, negando-se a si mesmo e levando sua cruz cada dia.

Convém que os noviços se acostumem pouco a pouco às abstinências e jejuns da Ordem, a fim de que tendam ao rigor da observância com prudência e segurança, sob a direção do Maestro. Este os ensinará particularmente a vigiar-se para não faltar à sobriedade à hora da refeição, sô pretexto dos jejuns que têm de observar. Assim aprenderão a reprimir com o espírito as obras da carne, e a levar em seu corpo a mortificação de Jesus, a fim de que também a vida de Jesus se manifeste em seus corpos.

Segundo uma observância introduzida por nossos primeiros Padres e guardada sempre com um zelo especial, renunciemos em nosso propósito ao uso da carne. Observe-se dita abstinência como algo próprio da Ordem e signo do rigor eremítico no qual, com a ajuda de Deus, queremos perseverar.

Nenhum de nós se dê a exercícios de penitência fora dos indicados nestes Estatutos, a não ser com o conhecimento e aprovação do Prior. Mas se o Prior quisesse dar a algum de nós uma mitigação na comida, o sonho ou em alguma outra coisa, ou impor-lhe algo duro e grave, não podemos opor-nos, não seja que ao resisti-lo, resistamos não a ele, senão ao Senhor, cujas vezes faz para com nós. Pois ainda que sejam muitas e diversas as coisas que observamos, não esperamos que nenhuma delas nos aproveite sem o bem da obediência.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

Capítulo 8

O novicio

Quem, ardendo em amor divino, desejam abandonar o mundo e captar as coisas eternas, quando chegam a nós recebamo-los com o mesmo espírito. É, pois, muito conveniente que os noviços encontrem nas Casas onde têm de ser formados, um verdadeiro exemplo de observância regular e de piedade, de guarda da cela e do silêncio, e também de caridade fraterna. Se chegasse a faltar isto, mal se poderá esperar que perseverem em nosso modo de vida.

Aos que se apresentem como candidatos, se os tem de examinar atenciosa e prudentemente, segundo o aviso do Apóstolo São João: Examinai se os espíritos vêm de Deus. Porque é realmente verdadeiro que da boa ou má admissão e formação dos noviços depende principalmente a prosperidade ou a decadência da Ordem, tanto na qualidade como no número das pessoas.

Por isso, os Piores devem informar-se com prudência sobre sua família, sua vida passada e suas qualidades de alma e corpo; pela mesma razão, convirá conferir a médicos prudentes que conheçam bem nosso gênero de vida. Efetivamente, entre as dotes pelas que os candidatos à vida solitária devem ser estimados, tem de contar-se, sobretudo, um juízo equilibrado e são.

Não acostumamos receber noviços antes que tenham começado os vinte anos ; inclusive entre os que peça ser recebidos, recebam-se tão só aqueles que, a juízo do Prior e da maioria da Comunidade, tenham suficiente doutrina, piedade, maturidade e forças corporais para levar os ônus da Ordem; e que sejam o bastante aptos, sem dúvida para a solidão, mas também para a vida comum.

Mas convém que sejamos mais circunspetos na recepção das pessoas de idade madura, já que se adaptam mais dificilmente às observâncias e nossa forma de vida ; por isso não queremos que alguém seja recebido depois dos quarenta e cinco anos, sem licença expressa do Capítulo Geral ou do Reverendo Pai. Tal licença se requer também para admitir ao noviciado a um religioso paquerado o vínculo da Profissão em outro Instituto, e se se trata de um professo de votos perpétuos, o Reverendo Pai precisa o consentimento do Conselho Geral. Para admitir a alguém unido anteriormente com votos a um Instituto religioso, se nos aconselha ouvir antes ao Reverendo Pai.

Quando se nos apresenta algum com desejos de ser monge do claustro, primeiro se lhe pergunta em particular que motivo e daí intenção o movem a isso. E se realmente se vê que só procura a Deus, se o examina sobre alguns pontos que então é preciso conhecer : se tem a devida formação cultural para um monge que tem de ser promovido ao sacerdócio, se pode cantar e se tem algum impedimento canônico. No entanto, o postulante não poderá iniciar o noviciado até que tenha os suficientes conhecimentos de língua latina.

Cumprido isto, expõe-se ao candidato o fim de nossa vida, a glória que esperamos dar a Deus por nossa união com sua obra redentora, e que bom e gozoso é deixá-lo tudo para aderir-se a Cristo. Também se lhe propõe o duro e áspero, fazendo-lhe ver, quanto seja possível, todo o modo de vida que deseja abraçar. Se ante isto segue decidido, oferecendo-se com sumo gosto a seguir um caminho duro, fiado nas palavras do Senhor, e desejando morrer com Cristo para viver com Ele, por fim se lhe aconselha que, conforme ao Evangelho, se reconcilie com aqueles que tiverem alguma coisa contra ele.

Depois de uma provação de três meses, ao menos, e não mais de um ano, o postulante, numa data determinada, apresenta-se à Comunidade, que dará outro dia seu voto a respeito da admissão.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

O novicio, já que vai seguir a Cristo deixando todas suas coisas, entregue ao Prior integralmente o dinheiro e o demais que talvez trouxe consigo, a fim de que não seja ele mesmo senão o Prior, ou o que o Prior disponha, quem o guarde a modo de depósito. Por nossa parte, não exigimos nem pedimos absolutamente nada aos noviços nem aos que querem entrar em nossa Ordem.

O noviciado se prolonga durante dois anos ; tempo que o Prior poderá prorrogar, mas não mais de seis meses.

Não se deixe aplanar o novicio pelas tentações que costumam espreitar aos seguidores de Cristo no deserto, nem confie em suas próprias forças, senão mais bem espere no Senhor que deu a vocação e levará a termo a obra começada.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

Capítulo 9

O Maestro de noviços

A formação dos noviços se tem de encomendar a um Maestro que se distinga por sua prudência, caridade e observância regular, que esteja dotado da devida maturidade e experiência das coisas da Ordem que sinta um gosto especial à quietude e à cela que irradie amor por nossa vocação, que entenda a diversidade de espíritos e tenha uma mentalidade aberta às necessidades dos jovens. Ao ocupar-se com todo coração da perfeição espiritual de seus alunos, saiba também escusar os defeitos alheios.

O Maestro mostre-se solícito e vigilante com respeito à recepção dos noviços, antepondo o mérito ao número. Para que um seja cartuxo não de puro nome, senão real e verdadeiramente, não basta querer ; requer-se ademais, junto com o amor à solidão e a nossa vida, certa aptidão especial de alma e corpo, por onde se conheça a vocação divina. Tudo isto o tenha em conta o Maestro, a quem principalmente pertence o examinar e provar aos calouros. Não esqueça que certos defeitos, que num princípio pareciam quiçá de pouca monta, frequentemente costumam crescer e arraigasse mais depois da Profissão. É assunto grave o recusar ou despedir a alguém, e só se tem de decidir depois de madura deliberação. No entanto, receber a algum ou retê-lo longo tempo, quando consta que lhe faltam as dotes necessárias, é uma falsa e quase cruel compaixão. Esteja muito em guarda o Maestro para que o novicio se decida em sua vocação com plena liberdade, e não o compila em modo algum para que faça a Profissão.

O Maestro visitará ao novicio em momentos oportunos e ensinar-lhe-á as observâncias da Ordem que um novicio não deve ignorar. Cuidará, ademais, especialmente de que o novicio estude com interesse os Estatutos da Ordem. Ao Maestro toca também formar os hábitos do novicio, dirigi-lo em seus exercícios espirituais e pôr remédios oportunos a suas tentações. Esteja atencioso a que, de dia em dia, aumente o amor dos alunos para Cristo e a Igreja. Ainda que, a exemplo de nosso Pai São Bruno, deve ter entranhas de mãe, é preciso também que mostre uma energia de pai, para que a formação do calouro seja monástica e varonil. Deixe, sobretudo, que os noviços experimentem a vida solitária na cela e sua austeridade, e ensine-os a prestar-se mutuamente auxílio espiritual com caridade sincera e singela.

É muito proveitoso, certamente, que o novicio se dedique ao estudo e ao trabalho manual ; mas não basta que o solitário esteja ocupado em sua cela e persevere laudavelmente assim até a morte ; precisa, ademais, outra coisa : o espírito de oração e prece. Faltando o viver com Cristo e a íntima união do alma com Deus, de pouco servirá a fidelidade nas cerimônias e a mesma observância regular, e nossa vida se poderia justamente comparar a um corpo sem alma. Portanto, nada tenha mais no coração o Maestro do que inculcar este espírito e acrescentá-lo com discrição, para que os noviços depois de sua Profissão se acerquem cada dia mais a Deus e consigam o fim de sua vocação.

Cuide muito o Maestro de ir sempre às fontes de toda vida cristã, aos documentos da tradição monástica e à primitiva inspiração de nossa Ordem. Exponha compridamente o espírito de nosso Pai São Bruno e vele pelas sãs tradições, recopiladas principalmente por Guigo e guardadas fielmente desde o nascimento da Ordem.

A partir do segundo ano, os noviços começarão seus estudos, que serão prudentemente orientados para uma formação ao mesmo tempo monástica e sacerdotal, segundo as normas da *Ratio Studiorum*. Os monges não sejam promovidos ao sacerdócio até que estejam dotados de suficiente maturidade humana e espiritual, a fim de que possam participar mais plenamente deste dom de Deus.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

Capítulo 10

A Profissão

Morto ao pecado e consagrado a Deus pelo batismo, o monge pela Profissão se consagra mais plenamente ao Pai e se desembaraça do mundo, para poder tender mais retamente para a perfeita caridade. Unido ao Senhor mediante um compromisso firme e estável, participa do mistério da Igreja unida a Cristo com vínculo indissolúvel, e dá depoimento ante o mundo da nova vida adquirida pela Redenção de Cristo.

Quando se acerca o fim do segundo ano de noviciado, se o novicio parece digno de ser admitido, se o apresentará à Comunidade que, depois de alguns dias, bem pensado o assunto, dará seu parecer sobre a admissão do novicio. Este, por sua vez, não faça os votos senão com plena liberdade e maturidade de juízo.

Esta primeira Profissão se emite por três anos. Passado este prazo, corresponde ao Prior, depois do voto da Comunidade, admitir ao jovem professo a passar dois anos com os professos de votos solenes. Em tal caso, o monge renovará por um biênio a Profissão temporária. Durante um destes dois anos – normalmente o segundo –, o futuro professo estará livre de estudos canônicos, a fim de se preparar com mais reflexão para os votos solenes.

Porque o discípulo que segue a Cristo deve renunciar a tudo e a si mesmo, o futuro professo, antes da Profissão solene, renuncie a todos os bens que tem em ato ; pode também, se quer, dispor dos bens aos que tenha direito. Nenhuma pessoa da Ordem peça nada em absoluto de suas coisas ao professo temporária, nem sequer com fins piedosos, nem para dar esmola a quem seja, senão que ele deve dispor livremente de seus bens segundo lhe ele decida.

O que vai professar escreva por si mesmo a Profissão na forma e com as palavras: *Eu, frei N., prometo... estabilidade, obediência e conversão de meus costumes, diante de Deus e dos seus Santos, e das relíquias deste ermo, que está construído em honra de Deus e da bem-aventurada sempre Virgem Maria e de São João Batista, na presença de Dom N., Prior..*

Depois da palavra "prometo", se se trata da primeira Profissão temporária, adiciona-se "por três anos", e quando esta Profissão se prorrogue, especifique-se o tempo da prorrogação; mas se se trata da Profissão solene, diga-se "perpétua".

É de saber que todos nossos ermos estão dedicados em primeiro lugar à Santíssima Virgem Maria e a São João Batista, nossos principais patronos no céu.

A cédula de toda Profissão deve ser assinada pelo professo e pelo Prior que recebeu os votos, e levar consignada a data ; se a conserva no arquivo da Casa.

Feita a Profissão, o que foi recebido de tal maneira se considere alheio a tudo o do mundo, que não tenha potestade sobre coisa alguma, nem sequer sobre si mesmo, sem licença de seu Prior. Dado que todos os que determinaram viver regularmente têm de praticar com grande zelo a obediência, nós o faremos com tanta maior entrega e fervor, quanto mais estrita e austera é a vocação que abraçamos ; pois se, o que Deus não permita, esta obediência faltar, tantos trabalhos careceriam de prêmio De aqui que Samuel diga: *Melhor é obedecer do que sacrificar, e melhor a docilidade do que a gordura dos carneiros.*

A exemplo de Jesus Cristo, que veio cumprir a vontade de seu Pai e, tomando a forma de servo, aprendeu por seus padecimentos a obediência, o monge se submete pela Profissão ao Prior, que faz as vezes de Deus, e se esforça por chegar à medida da plenitude de Cristo.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

Livro 2

Capítulo 11

Os monges leigos

Desde suas origens, nossa Ordem, como um corpo cujos membros não têm todos a mesma função, compreende padres e irmãos. Tanto uns como outros são monges, e participam da mesma vocação, ainda que de maneira diversa. Graças a esta diversidade, a família cartusiana pode cumprir mais perfeitamente sua missão na Igreja.

Os monges do claustro, de quem tratamos até agora, vivem no retiro de suas celas e são sacerdotes ou chamados a sê-lo. Os monges leigos, dos quais vamos tratar agora com a ajuda de Deus consagram sua vida ao serviço do Senhor não só pela solidão senão também por uma maior dedicação ao trabalho manual. AOS primeiros irmãos, chamados conversos, se lhes uniram no correr do tempo outra classe de irmãos, os doados, que, sem fazer votos, oferecem-se por amor de Cristo à Ordem mediante um contrato recíproco. Já que levam vida monástica, chamamo-los também monges.

Bem como os primeiros Padres de nossa Ordem seguiram as impressões daqueles antigos monges que levaram uma vida de solidão e pobreza de espírito, igualmente nossos primeiros irmãos, Andrés e Guerin, decidiram-se a abraçar uma vocação parecida. É necessário, pois, que os conversos e doados não saiam dos termos do ermo senão rara vez e obrigados pela necessidade cuidando diligentemente de manter-se alheios aos rumores do século. Finalmente, suas celas de tal maneira estejam isoladas que, entrando em seu interior, fechada a porta e deixando afora todos os cuidados e preocupações, possam orar ao Pai em escondido repouso.

Os irmãos, imitando a vida escondida de Jesus em Nazaré, enquanto realizam os trabalhos diários da Casa, louvam ao Senhor em suas obras, consagrando o mundo à glória do Criador e ordenando as ocupações naturais ao serviço da vida contemplativa ; mas nas horas consagradas à oração solitária, e quando assistem aos Offícios divinos, dedicam-se a Deus por inteiro. Assim, pois, os lugares onde trabalham e vivem devem estar acondicionados de tal sorte que facilitem o recolhimento e, ainda providos de tudo o necessário e útil, deem a impressão de ser verdadeira mansão de Deus, não um edifício profano.

Unidos no amor do Senhor, na oração, no zelo pela solidão e no ministério do trabalho, os irmãos vivem juntos sob a direção do Procurador. Mostrem-se, pois, verdadeiros discípulos de Cristo, não tanto de palavra quanto de obra, fomentem a caridade fraterna, tendo uns mesmos sentimentos, suportando-se mutuamente e perdoando-se se algum tem queixa contra outro, a fim de ser um só coração e uma só alma.

Dentro de seu próprio marco de solidão, os irmãos trabalham para providenciar às necessidades materiais da Casa, que lhes estão especialmente confiadas. Assim permitem aos monges do claustro consagrar-se mais livremente ao silêncio da cela.

Padres e irmãos, discípulos daquele que não veio ser servido senão a servir manifestam de forma diversa as riquezas de nossa vida, consagrada totalmente a Deus na solidão.

Estas duas formas de vida, na unidade de um mesmo corpo, têm graças diferentes, mas complementares a uma da outra e com mútua comunicação de bens espirituais. Tal harmonia permite ao carisma confiado pelo Espírito Santo a nosso Pai São Bruno atingir sua plenitude.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

Entendam os padres que pelas sagradas Ordens, com as que foram marcados, receberam não tanto uma dignidade como um serviço. Ademais, o sacerdócio ministerial e o sacerdócio batismal dos leigos estão relacionados entre si, já que ambos participam do único sacerdócio de Cristo. Que cada qual, pois, correndo pelo caminho reto para a única meta de nossa vocação, persevere no estado ao que foi chamado.

O Prior há de ser para todos os seus filhos, monges do claustro e leigos, um signo vivo do amor do Pai celestial, unindo-os em Cristo de tal maneira que formem uma família e que, segundo a expressão de Guigo, cada uma de nossas Casas seja realmente, uma *igreja cartusiana*.

A qual tem sua raiz e fundamento na celebração do Sacrifício Eucarístico, que é signo eficaz de unidade. É também o centro e cume de nossa vida, e ademais viático espiritual de nosso Êxodo, por onde na solidão retornamos por Cristo ao Pai. Assim mesmo, em todo o curso da Liturgia, Cristo como nosso Sacerdote ora por nós, e como Cabeça nossa ora em nós.

E como o caminho mais seguro para ir a Deus é seguir de perto as impressões de nossos Fundadores, os irmãos devem propor-se como modelos aos primeiros conversos da Grande Cartuxa, que, sem contar ainda com uma regra escrita, deram forma e espírito a seu gênero de vida.

Sua recordação inundava de gozo o coração de São Bruno, e o movia a escrever: *De vocês, amaríssimos irmãos leigos, digo : Minha alma glorifica ao Senhor ao ver a grandeza de sua misericórdia sobre vocês. Alegro-me também de que, ainda sem ser letrados, Deus todo-poderoso grava com seu dedo em vossos corações não só o amor, senão também o conhecimento de sua santa lei. Com vossas obras, efetivamente, demonstrais o que amais e conheceis. Porque praticais com todo o cuidado e zelo possíveis a verdadeira obediência, que é o cumprimento da vontade de Deus e a clave e o selo de toda vida espiritual. Obediência que não existe nunca sem muita humildade e grande paciência, e que sempre vai acompanhada do casto amor do Senhor e da verdadeira caridade. O qual põe de manifesto que recolheis sabiamente o fruto muito suave e vivificador da Escritura divina. Permanecei, pois, irmãos meus, no estado ao que chegastes.*



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

Capítulo 12

A solidão

A nossa principal aplicação e propósito consistem em encontrar Deus no silêncio e na solidão. Aqui, o Senhor e o seu servo conversam frequentemente como dois amigos, a alma fiel une-se muitas vezes ao Verbo de Deus, a esposa convive com o Esposo, as coisas da terra se ligam às do Céu, as humanas às divinas. Mas geralmente é longo o trajeto a percorrer, por caminhos áridos e secos, até chegar à fonte á fonte da água viva.

No entanto, geralmente é longo o caminho de peregrinação por sendas áridas e ressecas até chegar às fontes de águas vivas.

O irmão deve vigiar com atencioso cuidado a solidão exterior, que com frequência não está protegida pelo retiro do claustro e a guarda da cela. Mas de nada aproveita a solidão exterior se não guarda também sempre a solidão interior, ainda durante o trabalho, bem que sem violência.

Sempre que não assistam ao Ofício divino na igreja nem estejam ocupados nos trabalhos das obediências, os irmãos se retiram a sua cela como ao refúgio mais seguro e calmo do porto. Na qual permanecem com paz e, quanto seja possível, sem fazer nenhum ruído, seguindo fielmente a ordem dos exercícios, fazendo-o tudo na presença de Deus, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, dando por sua mérito graças a Deus Pai. Nela se ocupam proveitosamente lendo ou meditando, sobretudo a Sagrada Escritura, que é o alimento da alma, ou se entregam à oração segundo suas possibilidades, não procurando nem aproveitando nenhuma ocasião para sair fora, salvo nas geralmente estabelecidas, ou que procedam da obediência. O homem por natureza foge às vezes do silêncio da solidão e da quietude; pelo qual diz também Santo Agostinho: Para os amigos deste mundo não há nada tão trabalhoso como não trabalhar. Também podem às vezes os irmãos, para seu proveito espiritual, dedicar-se a pequenos trabalhos em sua cela, com o consentimento do Procurador.

O primeiro ato de caridade para com nossos irmãos é respeitar sua solidão ; se temos permissão para falar de algum assunto em sua cela, evitemos palestras inúteis.

Depois do toque do Ângelus da tarde não vão os irmãos à cela do Prior ou o Procurador sem ser chamados. Depois dessa hora só ficam com os hóspedes os encarregados de servir-lhes Iguamente, quando um está na cela de outro ou em outra parte, quanto ouve esse toque vespertino deve retirar-se em seguida a não ser que tenha ordem especial de deter-se por mais tempo.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

Capítulo 13

A clausura

Já que deixamos o mundo para sempre a fim de assistir incessantemente ante a Divina Majestade, conscientes das exigências de nosso estado, sentimos horror por sair e percorrer lugares e cidades. Mas de nada serviria um rigor tão grande na clausura, se não tendêssemos por ela à pureza de coração à qual somente se promete a visão de Deus. Para consegui-la, requer-se uma grande abnegação, sobretudo da natural curiosidade que o homem sente por tudo o humano. Não devemos permitir que nosso espírito se derrame pelo mundo, andando à busca de notícias e rumores. Pelo contrário, nossa parte é permanecer ocultos no segredo do rosto do Senhor.

Quando é enviado um irmão a um lugar próximo, não aceita comida nem bebida de ninguém, nem alojamento, sem um mandato especial, ou obrigado por alguma necessidade inevitável e imprevista.

O Porteiro seja amável com todos, religiosamente educado, e abstenha-se por completo do muito falar ; assim edificará aos leigos com o bom exemplo. Quando tenha que receber ou com mansidão despedir a alguém, faça-o com palavras atenciosas, mas muito breves. E o mesmo se manda praticar a quem faz suas vezes.

Recordemos assim mesmo que os leigos não esperam do cartuxo que lhes fale de vãos rumores ou de política ; por isso, evitando todo tema profano ou frívolo, escrevamos sempre na presença de Deus, em Cristo.

O precioso carisma do celibato é um dom divino que libera nosso coração de maneira excepcional e nos impulsiona a cada um, cativado por Cristo a entregar-se totalmente por Ele. Esta graça não deixa lugar nem à estreiteza de coração nem ao egoísmo, senão que, em resposta ao amor inefável que Cristo nos manifestou, deve dilatar nosso amor de tal maneira que um convite irresistível inflame a alma a sacrificar-se sempre mais plenamente.

Seja, pois, o alma do monge, na solidão, como um lago tranquilo, cujas águas brotam do fundo mais puro do Espírito; nenhum ruído vindo de fora as perturba e, como límpido espelho, só refletem a imagem de Cristo.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

Capítulo 14

O silêncio

Deus conduziu a seu servo à solidão para falar-lhe ao coração ; mas só o que escuta em silêncio percebe o sussurro da suave brisa que manifesta ao Senhor. Ainda que ao princípio nos resulte no duro calar, gradualmente, se somos fiéis, nosso mesmo silêncio irá criando em nós uma atração para um silêncio cada vez maior.

Por isso, não lhes está permitido aos irmãos falar indistintamente o que queiram, com quem queiram ou o tempo que queiram. No entanto , podem falar do que seja útil para seu trabalho, mas em poucas palavras e baixinho. Além do que corresponde à utilidade do trabalho, só podem falar com licença, tanto com os monges como com os estranhos.

Como a guarda do silêncio é de suma importância na vida dos irmãos é preciso que guardem cuidadosamente esta regra. Nos casos duvidosos não previstos pela lei, fica à discricção de cada qual o julgar se lhe está permitido falar e quanto, segundo sua consciência e a necessidade.

A devoção ao Espírito que habita em nós e a caridade fraterna pedem que os irmãos contem e meça suas palavras quando lhes está permitido falar. É de crer que um colóquio longo e inutilmente prolongado contrista mais ao Espírito Santo e dissipa mais do que poucas palavras, inclusive ilícitas, mas em seguida interrompidas. Frequentemente, a conversa que começa sendo útil, degenera cedo em inútil, para terminar sendo censurável.

Os Domingos e Solenidades, e também os dias dedicados especialmente ao retiro, guardam com mais cuidado o silêncio e a cela. Todos os dias, desde o toque vespertino do Ângelus até Prima, deve reinar em toda a Casa um silêncio perfeito, que não podemos quebrantar sem verdadeira e urgente necessidade. Porque este tempo da noite, segundo os exemplos da Escritura e o sentir dos antigos monges, favorece de um modo especial o recolhimento e o encontro com Deus.

Não se permitam também não os irmãos dirigir a palavra sem permissão às pessoas de fora que chegam, nem conversar com eles ; unicamente se lhes permite devolver a saudação aos que encontrem ao passo ou se lhes acercem, e responder brevemente ao que lhes perguntem, escusando-se com que não têm permissão para falar mais.

A guarda do silêncio e o recolhimento interior requerem uma especial vigilância de parte dos irmãos, que têm tantas ocasiões de falar. Não poderão ser perfeitos neste ponto, se não tentam atenciosamente andar na presença de Deus.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

Capítulo 15

O trabalho

Os irmãos se dedicam ao trabalho nas horas assinaladas, a fim de que, providenciando às necessidades da Casa mediante seu trabalho com Jesus, o filho do Carpinteiro, orientem toda a criação à glória de Deus, e glorifiquem ao Pai ao mesmo tempo que associam ao homem todo inteiro à obra da Redenção. No suor e na fadiga do trabalho acham, efetivamente, uma partícula da cruz de Cristo, por onde, à luz de sua Ressurreição, fazem-se partícipes dos novos céus e da nova terra.

Segundo a antiga tradição monástica, o trabalho é um meio muito eficaz de progresso para a caridade perfeita pela prática das virtudes. Pelo equilíbrio que estabelece entre o homem interior e o exterior, o trabalho ajuda também ao irmão a sacar mais fruto da solidão.

Nas obediências, e em tudo o que têm a seu cargo, os irmãos seguem as disposições do Prior e do Procurador, aproveitando seus dotes naturais e os dons da graça no desempenho dos cargos que se lhes encomendam. Assim, pela obediência, aumenta-se a liberdade de filhos de Deus, e com esta submissão voluntária contribuem à edificação do Corpo de Cristo segundo o plano divino.

O Procurador com respeito aos irmãos, bem como o Encarregado de obediência com respeito a seus ajudantes, exerçam sua autoridade com espírito de serviço, de sorte que manifestem a caridade com que Deus os amou. Confiram-nos e escutem-nos gostosos, salva, com tudo, sua autoridade para decidir e ordenar o que tenha que fazer. Assim todos cooperam no cumprimento do dever com uma obediência ativa e cheia de amor.

Unidos a Cristo Jesus, que sendo rico se fez pobre por nós, os irmãos trabalham sempre com espírito de pobreza. Evitam, em especial tudo esbanja, e vigiam para que as ferramentas não se estraguem. Põem, igualmente, sumo cuidado em conservar em bom estado seus instrumentos, e, sobretudo, as máquinas.

O Enfermeiro e também o Cozinheiro, e os que tenham que atender às necessidades especiais dos enfermos, rodeiem de amor aos afligidos pela doença ; mais ainda, reconheçam neles a imagem de Cristo paciente, e alegrem-se de poder servir e aliviar a Cristo nos enfermos.

A vida do irmão, em primeiro lugar, ordena-se a que unido a Cristo permaneça em seu amor. Assim, mediante a graça da vocação aplique-se de todo coração a ter a Deus sempre presente, já na solidão da cela, já também em seus trabalhos.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

Capítulo 17

O noviço

Quem, ardendo em amor divino, deseja abandonar o mundo e captar as coisas eternas, quando chegam a nós recebamo-los com o mesmo espírito. É, pois, muito conveniente que os noviços encontrem nas Casas onde têm de ser formados, um verdadeiro exemplo de observância regular e de piedade, de guarda da cela e do silêncio, e também de caridade fraterna. Se chegasse a faltar isto, mal se poderá esperar que perseverem em nosso modo de vida.

Aos que se apresentem como candidatos, se os tem de examinar atenciosa e prudentemente, segundo o aviso do apóstolo São João : Examinai se os espíritos vêm de Deus. Porque é realmente verdadeiro que da boa ou má admissão e formação dos noviços depende principalmente a prosperidade ou decadência da Ordem, tanto na qualidade como no número das pessoas.

Por isso, os Piores devem informar-se com prudência sobre sua família, sua vida passada e suas qualidades de alma e corpo ; pela mesma razão, convirá conferir a médicos prudentes que conheçam bem nosso gênero de vida. Efetivamente, entre as dotes pelas que os candidatos à vida solitária devem ser estimados, tem de contar-se sobretudo um juízo equilibrado e são.

Não acostumamos receber noviços antes de que tenham começado os vinte anos ; inclusive entre os que peça ser admitidos, recebam-se tão só aqueles que, a juízo do Prior e da maioria da Comunidade, tenham suficiente piedade, maturidade e forças corporais para levar os ônus da Ordem ; e sejam o bastante aptos, sem dúvida para a solidão, mas também para a vida comum.

Mas convém que sejamos mais circunspetos na recepção das pessoas de idade madura, já que se acostumam mais dificilmente às observâncias e nossa forma de vida ; por isso, não queremos que se receba aspirante algum ao estado de converso passados os quarenta e cinco anos, sem licença expressa do Capítulo Geral ou do Reverendo Pai. Tal licença se requer também para admitir ao noviciado a um religioso paquerado o vínculo da Profissão em outro Instituto, e se se trata de um professo de votos perpétuos, o Reverendo Pai precisa do consentimento do Conselho Geral. Para admitir a alguém unido anteriormente com votos a um Instituto religioso se nos aconselha ouvir antes ao Reverendo Pai.

Quando se nos apresenta algum pedindo ser irmão nosso, é necessário que não padeça nenhum impedimento legítimo, que vinga movido por reta intenção, e que seja apto para levar os ônus da Ordem Razão pela qual seja interrogado devidamente sobretudo aquilo cujo conhecimento pareça necessário ou oportuno para formar um juízo reto a respeito de sua admissão.

Cumprido isto, expõe-se ao candidato o fim de nossa vida, a glória que esperamos dar a Deus por nossa união com sua obra redentora, e que bom e gozoso é deixá-lo tudo para aderir-se a Cristo. Também se lhe propõe o duro e áspero, fazendo-lhe ver, quanto seja possível, todo o modo de vida que deseja abraçar. Se ante isto segue decidido, oferecendo-se com sumo gosto a seguir um caminho duro, fiado nas palavras do Senhor, e desejando morrer com Cristo para viver com Ele, por fim se lhe aconselha que, conforme ao Evangelho, se reconcilie com aqueles que tiverem alguma coisa contra ele.

Depois de conviver uns dias conosco, se ao Prior lhe consta que pode ser recebido o aspirante, receberá o manto dos postulantes de mãos do Maestro de noviços. Exercitar-se-á em diversos trabalhos e obediências, e assistirá ao Ofício divino, para que se acostume quanto antes à nova vida. Antes de que comece o noviciado, seja provado na Casa ao menos durante três meses e não mais de um ano.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

Se o postulante fosse achado humilde, obediente, casto, fiel, piedoso, equilibrado, apto para a solidão e diligente no trabalho pode ser apresentado à Comunidade, incluídos os doados perpétuos. Apresentação que fazem o Vigário, o Procurador e o Maestro, quem clara e exatamente põem de manifesto as dotes e defeitos do postulante. E se toda a Comunidade, ou a maior parte, julga que pode ser admitido, corresponde ao Prior associá-lo à Ordem com a tomada do hábito monacal, tendo feito antes ao menos quatro dias de retiro.

O novicio, já que se propõe deixar todas as coisas para seguir a Cristo, entregue integralmente ao Prior o dinheiro e as demais coisas que talvez trouxe consigo, a fim de que sejam guardadas não por ele mesmo, senão pelo Prior ou por quem este designar. Por nossa parte, não exigimos nem pedimos absolutamente nada aos que querem entrar em nossa Ordem ou aos noviços.

O noviciado fato para monges leigos não vale para monges do claustro, nem vice-versa.

O noviciado se prolonga durante dois anos ; tempo que o Prior pode prorrogar, mas não mais de seis meses. O candidato, ao menos antes de começar o segundo ano, eleja entre a vida dos conversos e a dos doados, espontaneamente e com toda liberdade.

O candidato que passa com votos perpétuos de outra Religião à nossa uma vez cumprido o postulandado como dissemos antes, se fosse apto, é admitido ao noviciado dos conversos, no qual permanece cinco anos antes de ser admitido à Profissão solene.

Para sua admissão ao noviciado faça-se igualmente depois de passados dois anos, e depois, depois de outros dois, e finalmente antes da Profissão solene.

Se algum, já no segundo ano do noviciado dos doados, ou depois de feita a Doação, fosse passar ao estado dos conversos, ao Prior corresponde determinar o ordem de toda a provação, de modo que esta dure ao menos sete anos e três meses, e se observem as normas do Direito. O mesmo se faz quando um converso noviço ou professo de votos temporários passa ao estado de doado.

Não se deixe aplanar o novicio pelas tentações que costumam espreitar aos seguidores de Cristo no deserto ; nem confie em suas próprias forças, senão mais bem espere no Senhor, que deu a vocação e levará a termo a obra começada.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

Capítulo 18

A Profissão

Morto ao pecado e consagrado a Deus pelo batismo, o monge pela Profissão se consagra mais plenamente ao Pai e se desembaraça do mundo, para poder tender mais retamente para a perfeita caridade. Unido ao Senhor mediante um compromisso firme e estável, participa do mistério da Igreja unida a Cristo com vínculo indissolúvel, e dá depoimento ante o mundo da nova vida adquirida pela Redenção de Cristo.

Findo laudavelmente o noviciado, o noviço converso se apresenta ao Convento. Prostrado em Capítulo pede misericórdia e suplica por amor de Deus ser admitido à primeira Profissão em hábito dos professos, como o mais humilde servidor de todos.

Depois de ter feito pelo menos oito dias de retiro espiritual, o dia estabelecido, o irmão renovará sua petição ante o Convento. Então o Prior o admoestará sobre a estabilidade, a obediência, a conversão de costumes e restantes coisas necessárias ao estado de conversos. Depois, emitirá na igreja a Profissão por três anos. Tem-se de tentar absolutamente que o irmão, ao emitir seus votos, proceda com maturidade de juízo, e não se comprometa senão com plena liberdade.

Decorrido o triênio, ao Prior corresponde, depois do voto da Comunidade admitir ao jovem professo à renovação da Profissão temporária por dois anos.

O Prior admite aos professos temporários à Profissão solene depois do sufrágio dos monges professos de votos solenes, e com a anuência do Reverendo Pai. Também para esta Profissão deverá fazer o irmão duas vezes sua petição em Capítulo, como se disse ao falar da Profissão temporária.

Porque o discípulo que segue a Cristo deve renunciar a tudo e a si mesmo, o futuro professo, antes da Profissão solene, renuncie a todos os bens que tenha em ato ; pode também, se quer, dispor dos bens aos que tenha direito. Nenhuma pessoa da Ordem peça nada em absoluto de suas coisas ao professo temporal, nem sequer com fins piedosos, nem para dar esmola a quem seja, senão que ele disponha livremente de seus bens segundo ele decida.

O dia assinalado, o que vai professar emite a Profissão na Missa conventual, depois do Evangelho ou o Credo. Então, realmente, a entrega de si mesmo que pretende fazer com Cristo, através do Prior é aceita e consagrada por Deus.

O que vai professar escreva por si mesmo em língua vernácula a Profissão nesta forma e com estas palavras: *Eu, frei N., prometo... obediência, conversão de meus costumes e perseverança neste ermo, diante de Deus e dos seus Santos e das relíquias deste ermo, construído em honra de Deus e da bem-aventurada sempre Virgem Maria e de São João Batista, na presença de Dom N., Prior..*

Se se trata da Profissão temporária, adicionem-se depois de "prometo", as palavras que limitem o tempo; se da Profissão solene, diga-se "perpétua".

É de saber que todos nossos ermos estão dedicados, em primeiro lugar, à bem-aventurada sempre Virgem Maria e a São João Batista, nossos principais patronos no céu.

Todas as cédulas de Profissões, assinadas pelo Professo e pelo Prior que recebeu os votos, e com indicação da data, se guardarão no arquivo da Casa.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

Todos os religiosos de nossa Ordem permanecem daqui por diante professos da Casa onde, uma vez findo o noviciado, fizeram a primeira Profissão, ainda que sejam trasladados a outras Casas e façam ali sua Profissão solene.

Desde o momento de sua Profissão, saiba o irmão que não pode ter coisa alguma sem licença do Prior, nem ainda a bengala em que se apoia quando caminha, já que já não é dono nem de si mesmo.

Dado que todos os que determinaram viver regularmente têm de praticar com grande zelo a obediência, nós o faremos com tanta maior entrega e fervor, quanto mais estrita e austera é a vocação que abraçamos ; pois se, o que Deus não permita, esta obediência faltar, tantos trabalhos careceriam de mérito De aqui que Samuel diga: *Melhor é obedecer do que sacrificar, e melhor a docilidade do que a gordura dos carneiros.*



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

Capítulo 19

A Doação

Na Casa de Deus há muitas mansões : entre nós há monges do claustro e conversos, há também doados que, tendo abandonado igualmente o mundo, procuraram a solidão da Cartuxa a fim de consagrar toda sua vida a Deus, aplicando-se à oração e ao trabalho ao amparo da clausura. Pois não poucas vezes os homens mais virtuosos preferiram viver e morrer no estado de doados, para desfrutar, agregados aos filhos de São Bruno, de sua santa herança.

Findo laudavelmente o noviciado, o novicio doado é admitido pelo Prior a fazer a Doação temporária, depois da votação dos professos de votos solenes, e assim mesmo dos doados perpétuos.

O dia da Doação temporária ou perpétua, o futuro doado, tendo feito ao menos quatro dias de retiro, lerá sua Doação, escrita em língua vernácula, ante toda a Comunidade, antes de Vésperas, sob esta forma e com estas palavras: *Eu, irmão N., por amor de nosso Senhor Jesus Cristo e pela salvação de minha alma, obrigo-me a servir a Deus fielmente como Donato, observando a obediência e castidade, sem nada ter como próprio, para a edificação da Igreja. Por isso eu me entrego... a esta Casa, em compromisso recíproco, para a servir em todo o tempo, submetendo-me à disciplina da Ordem, segundo as normas dos Estatutos.*

Depois da expressão “me entrego”, adicione-se “por três anos”, se a Doação é temporária; e se se prorroga, indique-se o tempo de prorrogação; mas se a Doação é perpétua, diga-se “perpetuamente”.

Ainda que o doado viva em pobreza, conserva a propriedade e a disposição de seus bens. Mas antes do tempo da Doação perpétua, ninguém aliene nem permita que seja alienado nenhum de seus bens, ainda que o queira o mesmo doado.

Desde este momento, o doado fica constituído em pessoa da Ordem e incorporado a ela, podendo os Superiores, em caso de necessidade, trasladá-lo a qualquer de nossas Casas. No entanto, não pode ser expulsado da Ordem, a não ser que faltasse gravemente a alguma de suas obrigações, em cujo caso poderá o Prior, com o consentimento de seu Conselho, anular sua Doação. Mas quando se anula um contrato de Doação, ambas as partes, a saber, o Prior em nome da Comunidade, e o mesmo doado, assinem um instrumento que dê fé desta rescisão.

Terminado o triênio, ao Prior corresponde, depois da votação da Comunidade, incluídos os Doados perpétuos, admitir ao doado à renovação temporária por dois anos. O tempo da Doação temporária pode prorrogá-lo o Prior, mas não mais de um ano.

Decorrido o tempo de provação, ao Prior corresponde, depois da votação da Comunidade, incluídos os Doados perpétuos, admitir ao irmão ou à Doação perpétua, ou ao regime no que a Doação se renova cada três anos ; renovações para as quais não se repete a votação. Para a Doação perpétua se requer ademais o consentimento do Reverendo Pai.

Os doados são monges dotados de costumes próprios quanto ao Ofício divino e às demais observâncias. Estes costumes se podem adaptar às necessidades de cada um, de maneira que lhe permitam viver, segundo seu caminho pessoal, nossa vocação de união com Deus na solidão e o silêncio. Esta ordenada liberdade não a tomarão como uma concessão à sensualidade, senão em serviço da caridade. Entregam-se, por tanto, ao serviço do Senhor de diferente maneira que os conversos, mas sua oferenda a Deus não é menos verdadeira, nem menos ardente seu desejo de santidade. Prestam, assim mesmo, uma ajuda muito útil à Casa, encarregando-se as vezes de trabalhos que aos conversos lhes dificultariam a guarda de suas observâncias.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

Capítulo 20

A formação dos irmãos

Os irmãos principiantes estão sujeitos à direção do Maestro de noviços, que sempre será um Pai ordenado de sacerdote. Que seja, ademais, varão sobressalente em religiosidade, quietude, silêncio, juízo e prudência, que arda em autêntica caridade e irradie amor de nossa vocação, que compreenda também a diversidade de espíritos, e tenha uma mentalidade aberta às necessidades dos jovens. Sob sua tutela permanecem os conversos até sua Profissão solene, e os doados até sua Doação perpétua ou até que comecem o regime no que se renova a Doação cada três anos.

O Maestro instrua a seus alunos a fim de que a vida de oração, enraizada na fé e na caridade, saquem-na da genuína fonte da palavra de Deus, e a adaptem às obrigações próprias de seu estado, como são a solidão, o silêncio, a liturgia e o trabalho. Promove, também, o entendimento e o amor de nossos Estatutos bem como das tradições da Ordem Se preocupará de que o amor dos alunos a Cristo e à Igreja vá em aumento de dia em dia. Uma vez por semana atende à formação em comum de seus discípulos, tendo uma conferência de ao menos meia hora de duração, na que os instrua, sobretudo, a respeito do espírito e as observâncias de nosso propósito. AOS noviços se lhes concede mais tempo de cela, para que possam aplicar-se melhor a sua formação espiritual.

Visitando aos calouros e conversando singelamente com eles em particular o Maestro observa suas disposições espirituais e lhes dá conselhos acomodados a suas necessidades especiais, para que cada um possa atingir a perfeição de sua vocação.

O Procurador, que por razão de seu cargo trata diariamente com os irmãos, os moverá mais eficazmente à virtude e à oração com o exemplo de virtude e de vida de oração do que ele mesmo pratique ; porque a ciência divina se comunica melhor vivendo-a que explicando-a.

Cuide-se já desde o tempo de formação de não carregar aos irmãos com excessivos exercícios comuns ou observâncias alheias a nossa Ordem ; vigie-se mais bem para do que sejam iniciados na vida de oração e no verdadeiro espírito monástico.

Ao Prior e ao Maestro de noviços pertence o julgar, segundo sua prudência e discrição, da idoneidade dos candidatos ou dos irmãos jovens para seguir o gênero de vida da Ordem. Para que um seja cartuxo não só de nome, senão real e verdadeiramente, não basta querer ; requer-se ademais, junto com o amor à solidão e a nossa vida, certa aptidão especial de alma e corpo. Receber a algum ou retê-lo longo tempo, quando consta que lhe faltam as dotes necessárias, é uma falsa e quase cruel compaixão. Esteja muito em guarda o Maestro para que o novicio se decida em sua vocação com plena liberdade, e não o compila em modo algum para que faça a Doação ou a Profissão.

Quatro vezes ao ano dê conta, ante o Prior e o Conselho, do estado dos noviços doados e dos noviços conversos ; responda também às perguntas que se lhe façam sobre os demais membros do noviciado.

Os irmãos principiantes tenham livre acesso ao Maestro de noviços e possam tratar sempre com ele, mas espontaneamente e sem coação alguma. Exortamo-los a que exponham com singeleza e confiança suas dificuldades ao Maestro, aceitando-o como eleito pela divina Providência para dirigi-los e ajudá-los. Igualmente, todos os irmãos podem ir livremente ao Prior, quem, como pai comum, os receberá benignamente e os visitará algumas vezes em suas celas, mostrando o mesmo interesse por todos, sem



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

acepção de pessoas.

Os irmãos mais antigos, em especial os Encarregados de obediência, contribuem eficazmente à formação dos mais jovens com quem trabalham, se lhes dão exemplo de observância regular e praticam as virtudes e a oração no viver de cada dia. No entanto, abstenham-se ou pouco menos de ter conversas, ainda sobre temas espirituais, pois não devem misturar-se em coisas relativas à consciência alheia.

Para que a vida espiritual dos irmãos se sustente numa sólida base, se lhes dará aos jovens irmãos, desde o começo de sua vida monástica, uma formação doutrinal, à qual se reservará cada dia verdadeiro tempo. Tal formação tende a que o irmão se inicie nas riquezas latentes na Palavra de Deus e lhe permita adquirir uma percepção pessoal dos mistérios de nossa fé, ao mesmo tempo que vai aprendendo a sacar fruto da meditação em livros sólidos. O cargo de dar dita instrução corresponde ao Prior, ao Maestro e ao Procurador, quem farão de comum acordo, segundo as prescrições do Capítulo Geral.

A formação espiritual e doutrinal dos irmãos tem de ir-se completando durante toda a vida. Na consecução deste fim ajudam ao Procurador os padres designados pelo Prior, dando cada domingo uma conferência aos irmãos. Desde Todos os Santos até Páscoa, nesta conferência se explicam os Estatutos, e se leem os capítulos que é costume ler todos os anos na Comunidade dos irmãos ; esta conferência, pela que são também instruídos sobre as observâncias da Ordem, se encomendará preferencialmente ao Procurador. Desde Páscoa até a festa de Todos os Santos, tal formação versará sobre doutrina cristã, vida espiritual, e ademais sobre Sagrada Escritura e Liturgia, segundo as normas que estabelecerá o Prior ; este ensino seja profundo e, ao mesmo tempo, adaptada à capacidade dos irmãos. Estas duas classes de instrução, se parece oportuno, podem-se distribuir de outro modo, com a condição que não se diminua o tempo dedicado a cada uma.

Assim, os irmãos aprenderão a sublime ciência de Jesus Cristo, se se dispõem a recebê-la com uma vida de oração silenciosa, oculta com Cristo em Deus. Esta é a vida eterna, que conheçamos ao Pai e a seu enviado, Jesus Cristo.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

Livro 3

Capítulo 21

A celebração cotidiana da Liturgia

Depois de ter descrito a vida do monge à escuta de Deus na cela ou no trabalho, vamos tratar agora, com a ajuda do Senhor, da Comunidade. A graça do Espírito Santo congrega aos solitários para formar uma comunhão no amor, a imagem da Igreja que é uma e se estende por todas as partes.

Quando nosso Pai São Bruno penetrou no deserto com seis colegas, seguia as impressões dos antigos monges, consagrados totalmente ao silêncio e à pobreza de espírito. Com tudo, esta graça própria de nossos primeiros Padres consistiu em introduzir naquela vida a Liturgia cotidiana, que, conservando a força da instituição eremítica, associasse-a mais expressamente ao cântico de louvor do que o Sumo Sacerdote, Cristo, transmitiu a sua Igreja. Esta peculiar Liturgia a conservamos como mais conforme à vida contemplativa e solitária.

Ao modo da *sinaxis* dos antigos monges, em nossa Liturgia ocupam o lugar mais eminente as vigílias da noite, seguidas imediatamente de Laudes, a Eucaristia celebrada conventualmente, e também as Vésperas. Para estes officios nos reunimos na igreja.

Quando nos congregamos para a Eucaristia, em Cristo presente e orante se consuma a unidade da família cartusiana. Esta comemoração do sacrifício do Senhor reúne cada dia a todos os monges do claustro e aos monges leigos que o desejem.

Ademais, os sacerdotes na solidão celebram a Eucaristia, juntamente com a Igreja ; então a humilde oblação de sua vida no deserto é assumida em Cristo para a glória de Deus Pai.

No entanto, nos dias que se ajustam mais à vida comunitária, os monges podem concelebrar, unidos num mesmo sacerdócio.

A oração noturna é aquela na que, perseverando nas sentinelas divinas, esperamos a volta do Senhor, para que, quando chame, abramos-lhe ao instante. As Vésperas se celebram ao tempo em que o dia declina e convida às almas ao sábado espiritual.

As demais Horas canônicas da Liturgia as recitamos, segundo costume, na cela. Os Domingos e Solenidades, Terça, Sexta e Nona as cantamos no coro.

A Liturgia celebrada no segredo da cela se adapta à vida solitária, que é liberdade do alma, de tal maneira que possa harmonizar o mais possível com a inclinação do coração, ainda quando seja sempre um ato de nossa vida comunitária. Ao toque de sino, orando todos ao mesmo tempo, obtêm como resultado que toda a Casa seja um louvor da glória de Deus.

Enquanto celebram o Offício divino, os monges se fazem voz e coração da mesma Igreja, que por meio deles oferece a Deus Pai, em Cristo culto de adoração, louvor e súplica, e pede humildemente perdão pelos pecados. Cargo de suma importância, que desempenham os monges, certamente através de toda sua vida, mas mais expressa e publicamente por meio da sagrada Liturgia.

Sendo ocupação do monge meditar assiduamente as Sagradas Escrituras, até que se convertam em



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

algo próprio à pessoa, quando se nos apresentam pela Igreja na Sagrada Liturgia, acolhemo-las como pão de Cristo.

A Liturgia conventual se canta sempre. Nosso canto gregoriano, o qual sabemos que fomenta a interioridade e a sobriedade do espírito, é parte tradicional e sólida do patrimônio da Ordem.

Os monges do claustro estão obrigados ao Ofício divino segundo o descrevem nossos livros litúrgicos. A participação dos monges leigos na Liturgia pode realizar-se de vários modos ; em qualquer caso, participam na oração pública da Igreja.

Além do Ofício divino, nossos Padres nos transmitiram o Ofício da bem-aventurada Virgem Maria, cada uma de cujas Horas costuma preceder à Hora correspondente do Ofício divino. Com essas preces se celebra a perene novidade do mistério pelo qual a bem-aventurada Virgem engendra espiritualmente a Cristo em nossos corações.

Já que o Senhor nos chamou para que representemos ante Ele a toda criatura, é necessário que intercedamos por todos : por nossos irmãos, familiares e benfeitores, e por todos os vivos e defuntos.

Frequentemente celebramos a Liturgia da reconciliação, perpétua Páscoa do Senhor, pela que nos renova a nós, pecadores, que procuramos seu rosto. Efetivamente, nossa vida espiritual depende da assídua diligente e pessoal prática do Sacramento da Penitência.

Porque nossa vocação consiste em estar sem interrupção em vela cerca de Deus, toda nossa vida se converte numa espécie de Liturgia que em certos tempos se faz mais patente, já seja que ofereçamos orações em nome e segundo os ritos da Igreja, ou bem que sigamos os impulsos do próprio coração. Mas não nos dividimos por esta diversidade, já que sempre exerce em nós sua sacerdócio o mesmo Senhor, orando no mesmo Espírito ao Pai.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

Capítulo 22

A vida comum

Quando nas celas ou nas obediências praticamos a vida solitária, o coração se inflama e se alimenta com o fogo da divina caridade, que é vínculo de perfeição, e nos constitui membros de um mesmo corpo. Este amor mútuo que nos temos, podemos manifestá-lo prazenteiramente com palavras e obras, ou abnegando-nos por nossos irmãos, quando nos reunimos nas horas assinaladas pelos Estatutos.

A sagrada Liturgia é a parte mais digna da vida comum, como queira que fundamenta a máxima união entre nós, quando, diariamente unidos, de tal maneira participamos nela que podemos estar concordes em presença de Deus.

O Capítulo da Casa é um lugar particularmente digno ; nele fomos recebidos um dia cada um como o mais humilde servidor de todos ; nele reconhecemos ante nossos irmãos as faltas cometidas depois ; ali escutamos a leitura sagrada, e ali também deliberamos sobre questões que afetam ao bem comum.

Em algumas Solenidades nos reunimos todos no Capítulo para ouvir o sermão pronunciado pelo Prior ou por outro a quem ele tenha encarregado.

Nos Domingos e Solenidades excetuadas as Solenidades de Natal do Senhor, Páscoa e Pentecostes, e todas as que na Quaresma ocorrem entre semana depois de Nona vamos ao Capítulo para atender à leitura do Evangelho ou dos Estatutos. Cada duas semanas ou uma vez ao mês, segundo o costume das Casas, reconhecemos ali publicamente as faltas. Cada um pode confessar as faltas cometidas contra os irmãos, contra os Estatutos, ou também contra as obrigações gerais de nossa observância. E porque não se guarda a solidão do coração senão pela proteção do silêncio, quem o tenha quebrantado reconhecerá sempre sua falta, e sofrerá alguma penitência pública, segundo costume. Depois da acusação, o Prior poderá oportunamente fazer correções.

Os irmãos se reúnem os Domingos no Capítulo ou em outro lugar, a uma hora apropriada, e ali se lhes leem e explicam os Estatutos, ou um pai encarregado pelo Prior os forma na doutrina cristã. Ali mesmo reconhecem suas culpas, a não ser que tenham assistido ao Capítulo juntamente com os padres.

A juízo do Prior, os monges se reúnem no Capítulo sempre que tenha que deliberar sobre um assunto, ou que o Prior peça o parecer da Comunidade.

Comemos juntos no refeitório os Domingos e Solenidades; nestes dias nos reunimos mais com frequência dando lugar às expansões da vida de família. O refeitório, ao que entramos depois de um Ofício na igreja, recorda-nos o Jantar que Cristo consagrou ; abençoa as mesas o sacerdote que celebrou a Missa conventual ; e enquanto se nos serve o alimento corporal, nutrimo-nos da leitura divina.

Aos padres se lhes concede uma recreação comum depois do Capítulo de Nona; aos irmãos, a juízo do Prior, em qualquer solenidade, para quem o queiram. Uma vez ao mês há um colóquio para todos os irmãos ; este dia, a vontade do Prior, padres e irmãos podem ter uma recreação comum, à que também podem assistir os noviços e professos temporários.

Nas recreações recordemos o conselho do Apóstolo: *Alegrai-vos, tende um mesmo sentir, vivei em paz, e o Deus do amor e da paz estará convosco.* Como a recreação é uma reunião de Comunidade,



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

evitemos ficar-nos aparte ou falar fora do lugar onde estão todos reunidos, a não ser umas poucas palavras.

Já que, como diz São Bruno, o ânimo pusilânime, cansado pela estreita disciplina e os afãs espirituais, muitas vezes se alivia e toma alento com a amenidade do deserto e a beleza do campo, os padres têm um *espaciamento* (passeio) cada semana, excetuada a Semana Santa. Por sua vez, os irmãos têm um *espaciamento* ao mês, a gosto de cada um, quem, no entanto, deverão tomar parte nele ao menos três ou quatro vezes ao ano. Neste *espaciamento*, padres e irmãos, a juízo do Prior, podem passear juntos.

Segundo antigo costume da Ordem, uma vez ao ano se concede um grande *espaciamento*, que padres e irmãos, noviços e jovens professos podem fazer juntos, se o Prior o vê oportuno. Nesse dia está permitido sair dos limites do *espaciamento* aprovados pelo Capítulo Geral, e podemos levar um pouco de comida para tomar nele. Mas ainda neste caso se tem de guardar a frugalidade cartusiana, e comer longe dos estranhos. Ademais, o Prior pode conceder outro semelhante, mas sem que se vírgula nele.

Nossos *espaciamentos* sejam tais que favoreçam a união dos espíritos e seu saudável aproveitamento. Por isso, seguindo todos o mesmo caminho, passem juntos para que todos possam falar alternativamente uns com outros, a não ser que, por alguma causa razoável, pareça melhor formar duas ou três grupos. E se têm que atravessar necessariamente pelos povos vizinhos, se contentarão com passar singelamente e com toda modéstia, sem entrar nunca em casas de seculares. Não falem com os estranhos, nem lhes deem nada. Também não comam nos passeios, nem bebam outra coisa que água natural das fontes que encontrem no caminho.

Estas recreações foram estabelecidas para fomentar o amor mútuo e dar um alívio à solidão. Evitemos a loquacidade e as vozes e risos descompostos ; sejam nossas conversas religiosas, não vãs nem mundanas, evitando cuidadosamente toda sombra de detração ou murmuração. Quando não estejamos de acordo com outro, saibamos escutá-lo, tentando compreender sua mentalidade, a fim de que tudo sirva para estreitar mais o vínculo da caridade.

Três vezes ao ano, os padres fazem obras comuns, a vontade do Prior, que também poderá omiti-las. Entre Nona e Vésperas se faz o trabalho em comum, guardando silêncio. Estes trabalhos podem durar três dias. Além das ajudas que se prestem ao Sacristão, o Prior pode encarregar algum trabalho que alivie aos irmãos; e assim os padres se alegrarão de ter uma ocasião de participar nas tarefas dos irmãos. Na semana na que se fazem obras comuns, a qualquer pai lhe é lícito não assistir ao *espaciamento*.

Uma vez ao mês, os padres que queiram podem, com a aprovação do Prior, dedicar o tempo do passeio a algum trabalho a modo de obras comuns, com licença para falar entre eles.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

Capítulo 23

O Prior

A eleição do Prior

Toda Casa da Ordem onde estão presentes ao menos seis professos capazes de eleger, podem eleger a seu Prior. Mas a eleição deve fazer-se dentro dos quarenta dias ; decorrido esse tempo, proverá de novo Prior o Reverendo Pai ou o Capítulo Geral.

O ministério do Prior

O Prior, a exemplo de Cristo, está entre seus irmãos como quem serve ; rege-os segundo o espírito do Evangelho e segundo a tradição da Ordem que ele mesmo recebeu. Se esforça por ser útil a todos com sua palavra e seu exemplo de vida. Será, em particular para os monges do claustro, dos quais procede, um modelo de quietude contemplativa, estabilidade, solidão e fidelidade às observâncias de sua vocação.

Nem seu posto nem seu vestido se diferenciam em nada dos demais por sua dignidade ou luxo, nem também não leva nenhum distintivo que o dê a conhecer como Prior.

O Prior, que é no mosteiro o pai comum de todos, deve mostrar a mesma solicitação pelos irmãos e pelos padres. Os visitará de vez em quando em suas celas e obediências. Se algum vai a sua cela, o acolherá com grande caridade, e sempre escutará com agrado a cada um. Será tal que seus monges, sobretudo nas provas possam recorrer a ele como ao regaço de um pai cheio de bondade e abrir-lhe, se o desejam, sua alma livre e espontaneamente. Não julgando com miras humanas, se esforçará com seus monges por estar à escuta do Espírito na busca comum da vontade de Deus, da que, pela missão que recebeu, é intérprete para seus irmãos.

O Prior não deve, para fazer-se querer, relaxar a disciplina regular, porque isto não é guardar as ovelhas, senão perdê-las. Pelo contrário, governe aos monges como a filhos de Deus, promovendo sua voluntária sujeição, para que na solidão se conformem mais plenamente a Cristo obediente.

Os monges, por sua vez, amem em Cristo e reverenciem a seu Prior, e tributem-lhe sempre humilde obediência. Confíem nele, que tomou o cuidado de suas almas no Senhor, abandonando toda preocupação naquele que se crê faz as vezes de Cristo. Não se tenham por sábios em sua própria estimação, fiados em seu próprio juízo, senão que, inclinando seu coração à verdade, escutem os conselhos de seu pai.

Aos mais jovens, quando começam a viver entre os professos solenes, aos conversos recém feitos seus votos solenes, e aos doados que já não estão sob a tutela do Maestro, não os deixe o Prior abandonados a si mesmos e ao arbítrio de sua própria vontade, pois a experiência ensina que estes anos são os mais perigosos para nossa vocação, e que deles depende todo o resto de nossa vida. Ajude-os como pai, e inclusive como irmão, dialogando com eles singelamente em particular. Quanto seja possível, evite o pôr aos monges nos cargos mal terminaram os estudos, sobretudo no de Procurador.

Vele o Prior para que se tenha normalmente o Capítulo dos irmãos. Cuide, ademais, de que uma vez por semana se lhes explique a doutrina cristã ou os Estatutos. E como este é um dever seu grave, ponha sumo empenho em que os irmãos adquiram uma sólida formação e se lhes proporcionem livros adequados para isso.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

Mostre um cuidado especial com os enfermos, tentados e afligidos, sabendo por experiência que dura pode resultar-nos as vezes a solidão.

Como os livros são o alimento perene de nossas almas, o Prior facilite-se gostosamente a seus monges. Convém que se nutram principalmente da Sagrada Escritura, dos Padres da Igreja e dos bons autores monásticos. Forneça-lhes também outros livros sólidos, cuidadosamente seleccionados para utilidade de cada qual. Pois na solidão nos dedicamos à leitura não para conhecer todas as novas opiniões, senão para alimentar a fé na paz e favorecer a oração. Também pode o Prior, se é preciso, proibir algum livro a seus monges.

O Prior, para tomar alguma decisão nas coisas de maior importância relacionadas com as obediências dos Oficiais, apoie-se neles depois de ter trocado opiniões e de comum acordo. Eles, por sua vez, submetam-se sempre a suas ordens com ânimo filial. Aprenda ele a conhecê-los com suas dificuldades, com ânimo paternal, ajude-os, defenda sua autoridade em presença de todos, e, se é necessário, corrija-os com caridade. Proceda de tal modo que não só pareça interessar-se pela ordem externa, senão que, pessoalmente fiel ao Espírito, mostre a todos a caridade de Cristo Porque a paz e concórdia da Casa depende em grande parte de que os Oficiais estejam unidos com o Prior e de comum acordo.

O Prior não deve comer em sua Casa com os hóspedes desordenada e indiferentemente, senão somente com as pessoas às que não se lhes pode negar facilmente este atendimento, e ainda então, quantas menos vezes, melhor.

O Prior que por velhice ou doença não pode reger sua grei nem dar-lhe exemplo de vida regular, reconheça-o humildemente e, sem esperar ao Capítulo Geral, peça a misericórdia ao Reverendo Pai. Exortamos aos Definidores que não mantenham no cargo de Prior a pessoas gastadas pela velhice ou pouca saúde.

O Prior, cujo cargo requer não pouca abnegação, aplique-se a si mesmo aquelas palavras de Guigo: *Não tens de empenhar-te em que teus filhos, a cujo serviço te pôs o Senhor, façam o que tu queres, senão o que lhes convém. Deves submeter-te ao seu bem e não submetê-los a tua vontade, porque te foram confiados, não para que te coloques acima deles, mas ao seu serviço.*



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

Capítulo 26

O Procurador

O Prior põe à frente dos irmãos da Casa a um monge de entre os professos solenes como diligente Procurador; assim queremos que seja chamado. o qual, ainda que a exemplo de Marta, cujo ofício aceita, também ele necessariamente tem que se afanar e preocupar-se de muitas coisas, no entanto, não deve abandonar completamente ou tomar aversão ao silêncio e quietude da cela senão mais bem recorre sempre à cela, quanto se o permitem os negócios da Casa, como ao casaco do mais seguro e calmo porto, para acalmar - lendo, orando, meditando - os turbulentos movimentos de seu ânimo que nascem do cuidado ou administração das coisas exteriores; e para que possa guardar, no secreto de seu coração algo proveitoso que expor com unção e sabedoria aos irmãos a ele confiados.

O Procurador deve visitar em todo tempo aos monges enfermos que não assistem à igreja, mostrando-se com eles solícito e amável. Fora deste caso, não visita aos padres, nem entra em suas celas sem permissão, nem pode falar com eles fora da cela senão quando os encontra num colóquio concedido pelo Presidente ; no entanto, pode mudar umas palavras à porta da cela. Mas cuide muito de não difundir notícias do mundo pela Casa, pois sua função própria é tentar que os monges possam consagrar-se à quietude contemplativa.

O Procurador deve velar solícito pelas obediências dos irmãos e pela saúde corporal destes, atendendo-os com toda caridade. O primeiro, deles exemplo, porque mais são estimulados com fatos que com palavras ; gostosamente imitarão ao Procurador, se este imita a Cristo. Tente, sobretudo , não carregar aos irmãos com excessivo trabalho ; e a fim de que possam gozar na cela do suficiente recolhimento, o tempo dedicado ao trabalho não passe normalmente de sete horas.

Seja cada irmão responsável de sua obediência, e, a sua vez, o Procurador apoie sua autoridade nos trabalhos que se lhe encomendem. Sobre eles deve conferir o irmão ao Procurador, e submeter-se a sua vontade ; no entanto, quanto o permitam as coisas, o Procurador deixe fazer aos irmãos com a devida liberdade, para que cumpram melhor suas encomendas. E se quiser mudar algo em suas obediências, não o fará sem primeiro os consultar, ou ao menos os avisar.

O Procurador, como também os outros Oficiais da Casa, devem vigiar-se para não abusar de seu cargo e conceder-se dispensas ou coisas não necessárias, que não queriam conceder aos demais.

O Procurador deve mostrar-se atencioso com os hóspedes, sair a recebê-los quando chegam, e visitá-los depois. Ausente o Prior, o Procurador pode deixar de ir ao refeitório para assistir aos hóspedes Mas não vírgula desordenada e indiferentemente com todos, senão somente com as pessoas às que não se lhes pode negar facilmente este atendimento ; e isto, quantas menos vezes, melhor. Fora do Procurador, e do Vigário quando está ausente o Prior, nenhum monge assista à comida dos hóspedes.

O Procurador que deixa a tenta, deixa também toda preocupação e toda coisa supérflua, para seguir a Cristo nu no deserto.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

Capítulo 27

Os enfermos

A doença ou a velhice nos sugerem um novo ato de fé no Pai, que por meio destas penalidades nos configura mais estritamente com Cristo. Sócios assim de modo especial à obra da Redenção, unimo-nos mais intimamente a todo o Corpo Místico.

O Prior mostre uma peculiar solicitação e misericórdia com os enfermos, os anciãos e os atribulados. E o mesmo se recomenda também a todos os encarregados do cuidado dos enfermos. Segundo as possibilidades da Casa, proporcione-se-lhes caritativamente quanto seja necessário e conveniente. Todos os serviços, ainda os mais particulares, que não possam eles fazer-se por si mesmos, se os prestarão os demais humildemente, sentindo-se feliz aquele a quem se lhe mande tal coisa. Os que sofrem alguma doença nervosa, particularmente gravosa na solidão, sejam ajudados tudo o possível, para que compreendam que podem dar glória a Deus esquecendo-se de si mesmos e entregando-se confiadamente à vontade daquele que é Pai.

No entanto, é preciso recordar aos enfermos, como diz São Bento, que cuidem de não contristar a seus enfermeiros pedindo coisas supérfluas ou impossíveis, ou quiçá murmurando. A recordação da vocação que abraçaram lhes fará ver que, como há diferença entre um monge são e um secular são, deve tê-la entre um monge enfermo e um secular enfermo. Não permita Deus que por motivo da doença se lhes estreite o espírito e resulte inútil a visita do Senhor.

A estes, pois, se os exorta a considerar os sofrimentos de Cristo, àqueles, sua misericórdia. Então, estes se sentirão animosos para suportar; aqueles, prontos para servir. Se uns e outros consideram que tudo é por Cristo, quer sendo servidos quer servindo, não existe arrogância dum lado nem negligência do outro; mas cada um espera do mesmo Senhor o prêmio do dever cumprido; uns padecendo, outros compadecendo-se.

Como pobres de Cristo, nos contentaremos com o médico ordinário da Casa ou, se o caso o pede, com algum especialista das cidades próximas. Se algum pai se vê obrigado a recorrer a dito especialista que não seja o médico ordinário, o Prior lhe pode permitir que vá a uma das cidades próximas designadas pelos Visitadores com o consentimento do Capítulo Geral ou do Reverendo Pai, com a condição que volte o mesmo dia. Igualmente, o Prior pode permitir que seja hospitalizado um monge, mas convém que seja informado o Reverendo Pai.

Nossos enfermos, dedicados à solidão, recebem os cuidados necessários na própria cela, quanto é possível. Não estamos obrigados a seguir as prescrições de alguns médicos que favorecem as saídas de Casa, ou que receitam remédios ou cuidados contrários a nossa vocação, pois só nós somos responsáveis ante Deus de nossos votos. Tem-se de evitar também abusar de medicinas com detrimento da perfeição e da mesma saúde corporal, e com encargo da Casa.

Em todas estas coisas, entreguemo-nos com docilidade de alma à vontade de Deus, e recordemos que a prova da doença nos prepara para o gozo eterno, sentindo com o salmista: *Que alegria quando me disseram: vamos à casa do Senhor.*



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

Capítulo 28

A pobreza

O monge elegeu seguir a Cristo pobre, para enriquecer-se com sua pobreza. Não se apoiando no terreno senão em Deus, tem seu tesouro no céu, onde tende seu coração. Portanto, sem considerar nada como próprio, está preparado a pôr gostosa e livremente em mãos de sua Prior todas as coisas que se lhe concederam, quantas vezes este quiser.

Os professos solenes nada têm em particular, fora das coisas que a Ordem lhes concede para o simples uso. Também renunciaram à faculdade de pedir, receber, dar ou alienar alguma coisa sem permissão. Ainda entre nós, também não podemos mudar ou receber algo sem licença.

Os professos de votos temporários e os doados, ainda que conservam a propriedade de seus bens e a capacidade de adquirir outros, não têm nada consigo, como também não os noviços. O Maestro ensine individualmente a seus alunos o desprendimento dos bens temporários e das comodidades, e o amor à pobreza.

Segundo Guigo, se a um monge algum amigo ou parente lhe envia roupa ou algo pelo estilo, não se lhe dá a ele, senão mais bem a outro, para que não pareça que o tem como próprio. Assim, pois, nenhuma pessoa da Ordem se atreva a reclamar o usufruto ou qualquer outro título de propriedade sobre os livros ou outra coisa adquirida pela Ordem obrigado a ele; mas se se lhe concede o uso, aceite-o com agradecimento, não como de coisa própria senão alheia. Ninguém tenha nunca dinheiro a seu arbítrio, nem o guarde em seu poder.

E porque o Filho do homem não teve onde reclinar sua cabeça, observem-se plenamente em nossas celas a singeleza e a pobreza. Retiremos delas com perseverante empenho o supérfluo e o atraente, inclusive pedindo com agrado o parecer do Prior.

Não tenha nosso vestido nada de luxuoso ou supérfluo contrário à singeleza e pobreza religiosa. Pois em todas estas coisas, nossos Padres não se preocupavam senão de preservar-se do frio e cobrir a nudez, julgando que, certamente, aos cartuxos lhes corresponde a rusticidade em sua roupa e em todas as demais coisas que usam. Seguindo seu espírito, tentemos, no entanto, que tanto a roupa como a cela de cada um estejam limpas e em boa ordem.

A não ser que estejamos de viagem ou enfermos, compomos a cama com monástica austeridade.

Os instrumentos de certo preço só se permitirão a quem, segundo o juízo do Prior, pareça necessário. Os instrumentos músicos não estão de acordo com nossa vocação, nem os jogos, sejam do gênero que sejam. No entanto, para aprender nosso canto podem admitir-se instrumentos que educam a voz ou a gravam. Ficam totalmente excluídos de entre nós os instrumentos radiofônicos.

É tão grande a variedade das condições locais, que com frequência o que num lugar é necessário resulta supérfluo em outro, e assim não é possível estabelecer uma lei universal para todos. Exortamos, pois, aos Piores que atendam benévolos a todas as necessidades reais de seus monges, quanto o permitam os recursos da Casa. Movidos pela caridade de Cristo, não permitam que se os possa repreender justamente em isto, nem que, por sua mesquinharia, vejam-se os monges induzidos ao vício de propriedade. A pobreza será tanto mais grata a Deus, quanto mais voluntária, e o laudável não é carecer das comodidades do mundo, senão ter renunciado a elas.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

Capítulo 29

A administração dos bens temporários

O Prior não cuida coisas suas ou dos homens, senão as de Cristo pobre, a quem terá de dar conta de tudo. A ele lhe corresponde dirigir aos Oficiais e subordinados na administração dos bens empregá-los com discrição, segundo Deus, a própria consciência e o critério da Ordem e dos Estatutos, e velar sollicitamente para que não se desperdice nada.

O Procurador apresenta ao Prior recém instalado o estado dos bens principais da Casa, tanto móveis como imóveis, que será assinado pelo Prior e seu Conselho. O ata desta relação se guardará no arquivo da Casa.

Para a sustentação de nossas Casas determinaram nossos Padres não se fiar nos donativos que se recebem, senão, com a ajuda do Senhor, dispor de alguma renda anual fixa. Pois lhes parecia que por benefícios incertos não se têm de assumir ônus verdadeiros, que, depois, não se podem nem sustentar nem abandonar sem grande perigo ; os quais, ademais, sentiram horror pelo costume de andar pelo mundo pedindo esmola.

Creemos, no entanto, que com a ajuda de Deus nos bastarão uns recursos modestos, se persevera o empenho do antigo propósito de humildade pobreza e sobriedade na comida, no vestido e restantes coisas pertencentes a nosso uso, e se, em resumo, o desprezo do mundo e o amor de Deus, por quem se têm de suportar e fazer todas as coisas, vai crescendo de dia em dia. A nós também se referem às palavras do Senhor: *Não vos inquieteis pelo dia de amanhã, pois bem sabe vosso Pai celestial que de tudo isso tendes necessidade. Procurai primeiro o reino de Deus e sua justiça..*

Ainda que a Casa pode possuir tudo o necessário para a vida da Comunidade segundo a natureza de nosso Instituto, deve-se evitar qualquer luxo, lucro imoderado e acumulação de bens, para dar depoimento de verdadeira pobreza. Pois não basta que os monges se submetam ao Superior no uso dos bens ; é preciso que, como Cristo, sejam pobres realmente, tendo seu tesouro no céu. Não só se tem de evitar a suntuosidade, senão também a comodidade excessiva, para que tudo em nossas Casas tenha esse ar de singeleza característico de nossa vocação.

Nossos edificios sejam certamente adequados e idôneos para nosso modo de vida ; mas em todas partes fique a salvo neles a singeleza. Porque nossas Casas devem dar depoimento não de vão glória ou de arte, senão de pobreza evangélica.

Finalmente, exortamos e rogamos a todos os Priores de nossa Ordem, pelas entranhas de Jesus Cristo, Deus e Salvador nosso, imolado por nós na lenha da Cruz, que todos se apliquem de todo coração, segundo as possibilidades de suas Casas, a fazer esmolas com grande generosidade, tendo em conta que quanto esbanjem ou imoderadamente poupem é furtá-lo aos pobres e às necessidades da Igreja. Assim, conservando este fim comum dos bens, imitemos aos primeiros cristãos que não consideravam como própria nenhuma coisa, senão que todas as tinham em comum.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

Capítulo 30

A estabilidade

O monge não oferece a Deus a perfeita oblação de si mesmo, a não ser que durante toda a vida permaneça constante em seu propósito, o que livremente promete cumprir na Profissão solene. Por tanto como esta é irrevogável, antes de fazê-la pense com acalma se realmente quer entregar-se para sempre a Deus.

Em força da Profissão, o monge se insere na Comunidade como na família que Deus lhe deu, na que tem que se estabilizar em corpo e alma.

Cada um, por tanto, uma vez que se consagrou em seu estado, seja pai ou irmão, esmere-se por perseverar e avantajarse na vocação à que foi chamado, para uma mais abundante santidade da Igreja e para maior glória da Trindade, uma e indivisível.

Os monges não criam com facilidade que têm razões de importância para pedir a seus Superiores o traslado. A miragem e o desejo de mudanças de lugar enganaram a muitos, e desdiz do monge o estar tão pendente do clima, a alimentação, o caráter dos homens e outras particularidades pelo estilo.

Sabemos quanto favorecem à contemplação dos divinos mistérios a paciência e a perseverança nas condições de vida que o Senhor nos assinalou. Porque é impossível que o homem centre sua alma numa só coisa, se antes não fixa perseverantemente seu corpo num lugar ; e também a mente deve abraçar-se inquebrantavelmente a sua vocação, para poder acercar-se àquele em quem não há mudança nem sombra de mudança.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

Livro 4

Capítulo 31

O regime da Ordem

Os primeiros Piores da Ordem, querendo assegurar a continuidade e a estabilidade do ideal cartusiano, decidiram de comum acordo celebrar um Capítulo Geral na Grande Cartuxa ; todos submeteram à autoridade deste Capítulo suas Casas, para que as corrigisse e as conservasse em vigor, e prometeram ao mesmo obediência, em nome próprio e de suas Comunidades. Assim se consolidou para sempre o laço de caridade que une as Casas e a todos os membros da Ordem, resolvidos a avançar prazenteiramente pela senda do Senhor.

O Capítulo Geral se celebra cada dois anos, e a ele assistem os Piores, os Reitores, o Procurador Geral e os Vigários de monjas. Se não pudesse assistir algum dos que estão à frente das Casas, delegará num monge professo solene. Se alguma Casa não tivesse Prior, o Reverendo Pai poderá convidar a algum monge da mesma, professo de votos solenes, a que assista ao Capítulo Geral. Todos os quais no Capítulo gozam dos mesmos direitos e funções, a saber, os dos Piores.

A Assembleia na que se reúnem todos os que têm os direitos de Prior, e também os demais monges que possivelmente se encontrem entre os Definidores, chama-se Assembleia Plenária, a qual preside o Reverendo Pai. Esta Assembleia tem potestade para opinar de todos os assuntos referentes à Ordem, menos os que são concorrência do Definitório. Também dá a Assembleia seu voto consultivo sobre os pontos propostos pelos Definidores, e em tais casos estes não dão seu voto.

O Definitório, presidido pelo Reverendo Pai, está constituído pelo mesmo Reverendo Pai e por oito Definidores eleitos segundo se diz em outro lugar. Exceto o Reverendo Pai, ninguém pode ser eleito Definidor, se o foi já no Capítulo Geral precedente.

O mesmo Definitório opina a respeito das pessoas e das Casas. Em cada Capítulo Geral, segundo a comum obediência prometida e devida ao mesmo, todos os Prelados pedem misericórdia, para que o Definitório possa deliberar a respeito de sua absolvição ou confirmação. Pois, segundo nossa tradição, o Prior desempenha seu cargo enquanto pode exercê-lo com proveito da Comunidade a juízo do Capítulo Geral.

Também corresponde ao Definitório nomear ao Procurador Geral, que representa à Ordem ante a Sede Apostólica.

Não se pode estabelecer nem levar a efeito nada contra o contido nestes Estatutos que diminua o antigo rigor da Ordem cartusiana, a não ser que seja aprovado em dois Capítulos sucessivos, ao menos por dois terços dos que de fato tenham dado seu voto.

Se uma Ordenação, ainda que não afete ao rigor da Ordem, mudasse, no entanto, nossa observância substancialmente em algum ponto, não pode promulgar-se, salvo que obtenha pelo menos dois terços dos votos emitidos de fato, e deverá ser confirmada pelo seguinte Capítulo na mesma forma.

O Reverendo Pai, isto é, o Prior de Cartuxa, é Ministro Geral de toda a Ordem. Elege-o a Comunidade da Grande Cartuxa, mas esta eleição não tem valor jurídico até que seja aceita pelo colégio ou reunião dos Piores, as Prioras, e os Reitores.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

Qualquer que tenha sido eleito Reverendo Pai, não pode recusar este ofício.

O Reverendo Pai, a quem corresponde como Ministro Geral conservar a unidade da Ordem, tem potestade ordinária sobre as monjas cartuxas.

Todos os que gozam de autoridade na Ordem, considerem sempre a mente e as leis da Igreja como norma suprema segundo a qual se têm de entender as tradições da Ordem. Os Piores, a quem seus súbditos devem pronta obediência, convém que a sua vez deem exemplo a seus religiosos, submetendo-se humildemente às ordenações do Capítulo Geral ou do Reverendo Pai, e não as criticando adiante de outros.

Para fomentar melhor a comunhão de nossa Ordem com o Sumo Pontífice, o Reverendo Pai tem de enviar cada seis anos um breve relatório sobre a situação e a vida da Ordem à Sede Apostólica.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

Capítulo 32

A visita Canônica

O Capítulo Geral, muito solícito de que nas Casas da Ordem reinem a caridade, a paz e uma fiel observância, estabeleceu que cada dois anos se enviem Visitadores a todas elas, com o fim de expressar-lhes a solicitação da Ordem por cada uma, e com os poderes necessários para solucionar qualquer dificuldade que possa apresentar-se.

A Comunidade, desejando que a Visita seja um momento favorável no que Deus comunica sua graça, receberá com espírito de fé aos Visitadores ou os Comissários, que gozam da autoridade do Capítulo Geral ou do Reverendo Pai. Cada monge se esforçará com toda vontade em ajudá-los ao cumprimento de seu cometido. Visitadores e monges farão tudo o possível por estabelecer uma relação de mútua confiança.

O primeiro dever dos Visitadores é acolher aos monges com fraterna caridade e escutá-los com sumo atendimento. Depois, se esforçam por ajudar a todos a dar ao Senhor e a seus irmãos o melhor de si mesmos.

Exerçam seu cargo, não como juízes, senão como irmãos a quem os tentados e afligidos possam abrir livremente sua alma, sem temor de ver divulgadas suas confidências. Em assunto de tanta importância não se precipitem, senão procedam com calma.

Cada um pode falar livremente com os Visitadores para expor-lhes o que requer de sua parte uma solução ou um conselho, já se trate de sua vida pessoal ou da Comunidade. Também poderão expor-lhes com espírito construtivo, quaisquer coisas que pareçam úteis ao bem comum.

Antes de falar de outro monge, recolhamos o coração ante Deus; porque tanto mais poderemos praticar a verdade na caridade, quanto com ânimo mais dócil respondamos ao Espírito Santo. O que boamente está em paz, de ninguém suspeita. Mais vale com frequência guardar silêncio, que perder tempo falando de coisas que não se podem provar, ou de futilidades, ou ainda denunciando a quem já estão em caminho de corrigir-se.

Aos Visitadores corresponde não só dialogar com cada monge em particular senão também com a mesma Comunidade, como se faz na primeira e a última sessão da Visita.

A fim de que a Visita produza, com a ajuda do Senhor, frutos perduráveis, tentarão que a mesma Comunidade tome como coisa sua a própria renovação espiritual.

Os Visitadores se informarão da marcha da Comunidade e dos progressos realizados desde a última Visita, ou das dificuldades que tenham sobrevivido. Estimularão à Comunidade a perguntar-se sobre a fidelidade ao espírito e à letra da observância regular conforme se expõe nos Estatutos. Examinem também as contas da Casa, e vejam como se guarda a pobreza evangélica. Indicarão os remédios aos abusos que quiçá encontrem. A uma com os monges, e particularmente com o Prior, vejam atentamente com que disposições se ajudará à Comunidade para que sempre progrida na fidelidade a sua vocação.

Antes de dar por finda a Visita, escreverão os Visitadores na Carta as orientações que tenham dado e as decisões tomadas, e a redigirão em termos singelos e acomodados às pessoas Solícitos pela



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

continuidade do progresso da Comunidade em seu caminho para Deus, recordarão, se é preciso, alguns pontos já assinalados na Carta da Visita precedente.

Será oportuno muitas vezes pôr antes ao corrente ao Prior das medidas que pensam tomar, e escutar suas observações. Convém, efetivamente, que os Visitadores conheçam as intenções pastorais do Prior para guiar a seus monges, a fim de apoiá-las com eficácia.

Antes de tomar uma decisão com respeito a algum, ou de fazer alguma correção, os Visitadores tentem escutá-lo. Se julgam útil fazer observações a um monge, se o explicarão de palavra e de maneira que compreenda bem sua intenção. Finalmente, não se marchem da Casa sem antes segurar-se de que a Comunidade entendeu bem as intenções e prescrições da Carta.

Como o aproveitamento das Casas depende muito da eficácia das Visitas os Visitadores procedam em seu ofício com solitação e entrega, sem contentar-se nunca com o cumprimento meramente formal e exterior. Pensando unicamente no bem das almas, não poupem tempo nem esforços para que sua Visita aumente nos corações a paz e o amor de Cristo.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

Capítulo 33

A conversão de vida

Quanto mais elevado é o caminho que se nos abriu aos que herdamos de nossos Padres uma forma de vida santa, maior perigo temos de cair, não só por transgressões manifestas, senão também pelo peso natural da rotina. Como Deus dá sua graça aos humildes, devemos recorrer sobretudo a Ele, e estar sempre em pé de guerra, não seja que a vinha eleita se converta em bastarda.

O que nosso ideal de vida se mantenha a sua altura, depende mais da fidelidade de cada um do que da acumulação de leis, a adaptação de nossos usos, ou inclusive a concorrência dos Piores. Não bastaria obedecer as ordens dos Superiores e cumprir exatamente a letra dos Estatutos, se, guiados pelo Espírito, não sentíssemos segundo o Espírito. O monge, desde o começo de sua nova vida colocado na solidão, fica a seu livre arbítrio. Como já não é menino, senão varão, não ande flutuando levado por todo vento, senão examine o que agrada a Deus e siga-o espontaneamente, pondo em jogo, com sóbria sabedoria, a liberdade dos filhos de Deus de que é responsável ante o Senhor. Que ninguém, no entanto, tenha-se por sábio em sua própria estimação ; porque quem descuida abrir seu coração a um guia experimentado, é de temer que, defeituoso de discipulação caminhe menos do preciso, canse-se de correr ou, detendo-se, fique dormido.

Como, pois, poderemos cumprir nosso ofício no Povo de Deus como vítimas vivas, agradáveis a Deus, se nos deixamos separar do Filho de Deus, que é ao mesmo tempo vida e hóstia por excelência, pela relaxação e a não mortificação, as divagações da mente a vã charlatanaria, os inúteis cuidados e ocupações; ou se o monge na cela se acha aprisionado por seu amor próprio com miseráveis preocupações?

Esforcemo-nos com toda energia em estabilizar em Deus nossos pensamentos e afetos, com singeleza de coração e castidade de mente. Cada um, esquecido de si mesmo e do caminho deixado atrás, corra para a meta, para atingir o prêmio a que Deus o chama desde o alto em Cristo Jesus.

Mas quem não ama a seu irmão a quem vê, não pode amar a Deus a quem não vê. Dado que o fraterno diálogo entre os homens não se faz perfeito senão através do mútuo respeito das pessoas, certamente nos compete em grau máximo a nós, que moramos na Casa de Deus, dar depoimento da caridade que de Deus procede, quando recebemos amavelmente aos irmãos que convivem conosco, e nos preocupamos por abraçar com mente e coração o caráter e os modais deles, por mais diferentes do que sejam dos nossos. Porque as inimizades, as disputas e outras coisas semelhantes, nascem geralmente do desprezo dos demais.

Evitemos tudo o que possa prejudicar ao bem da paz ; sobretudo, não falemos mal de nosso irmão. Se na Casa nasce alguma dissensão entre uns monges com outros ou entre os monges e o Prior, provem-se paciente e humildemente todos os meios que possam resolver o assunto com caridade, antes de comunicá-lo aos Visitadores, ao Reverendo Pai ou ao Capítulo Geral. O melhor é do que a paz se conserve na família conventual, como fruto do esforço e a união de todos. O Prior, nesses casos, não se mostre dominante, senão como um irmão ; e se está em culpa, que a reconheça e se emende.

Como por causa dos Piores em grande parte decaí ou floresce o espírito nas Casas da Ordem, tentem edificar com seu exemplo, praticando antes de ensinar, sem permitir-se falar nada que o mesmo Cristo não tivesse querido dizer por eles. Entregados à oração ao silêncio e à cela, façam-se merecedores da confiança de seus súbditos, e mantenham com eles uma verdadeira comunhão de caridade. Com



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

benignidade e interesse vejam qual é sua vida na cela e qual seu estado de ânimo, para atalhar suas tentações aos começos, não seja que depois, quando o mal está muito arraigado, aplique-se demasiado tarde o remédio.

Por último hoje em dia há que evitar sobremaneira conformar-se ao mundo presente. Porque o procurar demasiado e abraçar com facilidade as coisas que olham à comodidade da vida, contradizem totalmente a nosso estado, especialmente porque uma novidade chama a outra. Os meios que nos concedeu a divina Providência não são para tentar-nos uma vida de presente. O caminho para Deus é fácil, pois se avança por ele não se carregando de coisas, senão desprendendo-se delas. Despojemo-nos a tal ponto que, tendo-o deixado tudo e a nós mesmos, participemos do estilo de vida de nossos primeiros Padres.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

Capítulo 34

Missão da Ordem na Igreja

Quanta utilidade e gozo divino trazem consigo a solidão e o silêncio do deserto a quem os ama, só o sabe quem o experimentou. Mas esta melhor parte não a elegemos unicamente para nosso próprio proveito. Ao abraçar a vida oculta, não abandonamos à família humana, senão que, consagrando-nos exclusivamente a Deus, cumprimos uma missão na Igreja onde o visível está ordenado ao invisível, a ação à contemplação.

Se realmente estamos unidos a Deus, não nos encerramos em nós mesmos, senão que, pelo contrário, nossa mente se abre e nosso coração se dilata, de tal forma que possa abarcar ao universo inteiro e o mistério salvador de Cristo. Separados de todos unimo-nos a todos para, em nome de todos, permanecer na presença do Deus vivo. Esta forma de vida que, quanto o permite a condição humana, orienta-se a Deus de forma direta e contínua, põe-nos num contato peculiar com a bem-aventurada Virgem Maria, à que costumamos chamar Mãe singular dos Cartuxos.

Tendendo por nossa Profissão unicamente àquele que é, damos depoimento ante um mundo demasiado implicado nas coisas terrenas, de que fora dele não há Deus. Nossa vida manifesta que os bens celestiais estão presentes já neste mundo preanuncia a ressurreição e antecipa de algum modo a renovação do mundo.

Finalmente, pela penitência participamos na obra de salvação de Cristo o qual isentou ao mundo escravo do pecado, especialmente com sua oração ao Pai e sacrificando-se a Si mesmo. Por isto, os que pretendemos viver este aspecto cristão da missão de Cristo, ainda que não nos dediquemos a nenhuma ação externa, no entanto exercitamos o apostolado de uma maneira preeminente.

Por tanto, para louvor de Deus, a cujo fim se fundou especialmente a eremítica Ordem cartusiana, entregados à quietude da cela e ao trabalho, ofereçamos-lhe um culto incessante para que, santificados na verdade, sejamos os verdadeiros adoradores que procura o Pai.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

Capítulo 35

Os Estatutos mesmos

Prestemos atendimento à disciplina de nossos Padres, renovada e acomodada nestes Estatutos, e meditemo-la continuamente. Não a abandonemos, e ela nos guardará. Amemo-la, e nos protegerá. Ela é a forma e o sacramento da santidade determinada por Deus para cada um de nós. Mas é o Espírito o que vivifica, e quem não nos permite contentar-nos com a letra. Porque a isto tendem unicamente os presentes Estatutos, a que, guiados pelo Evangelho, percorramos o caminho de Deus e aprendamos a amplitude da caridade.

O que não está expressado nos Estatutos, deixa-se ao arbítrio do Prior, com a condição que suas disposições estejam em harmonia com eles. Não queremos, no entanto, que por este ou outro motivo mudem os Piores facilmente os costumes são e religiosos de suas Casas. No entanto, tais costumes nunca poderão prevalecer contra os Estatutos.

Se pecar teu irmão, vê e corrige-o a sós tu com ele, diz o Senhor. Isto requer uma grandíssima humildade e prudência, e é danoso a não ser que se faça movimentado por pura caridade, que não procura seu proveito. Por nossa parte, desejemos também nós ser corrigidos. No entanto, com frequência será melhor encomendar as advertências ao Prior, ao Vigário ou ao Procurador, que as levarão a cabo segundo se o dite sua consciência e prudência.

Os monges prestem aos Estatutos uma obediência responsável, não por ser vistos como se procurassem agradar aos homens, senão com singeleza de coração, temerosos de Deus. Não esqueçam que uma dispensa sem causa justa, é nula. Ouçam e cumpram também com toda mansidão os preceitos e advertências de seus maiores, sobretudo os do Prior, que faz as vezes de Deus. E se alguma vez erram como homens, não demorem em emendar-se para não dar ocasião ao demônio ; mais bem voltem, pelo trabalho da obediência àquele de quem o homem se tinha apartado pela negligência da desobediência.

Contemplando todos os benefícios que o Senhor preparou aos que chamou ao deserto, alegremo-nos com nosso Pai São Bruno de ter atingido o repouso calmo do mais resguardado porto, no que somos convidados a sentir em parte a incomparável beleza do sumo Bem. Gozemo-nos, pois, por nossa feliz sorte e pela abundância da graça de Deus para com nós, dando sempre graças a Deus Pai que nos fez aptos para participar na herança dos santos na luz. Assim seja.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

Livro 5

Capítulo 36

Ritos da vida cartusiana

O que ingressa na família cartusiana, depois de uma primeira provação é recebido como novicio : pondo suas mãos entre as do Prior expressa sua sujeição e é sócio à Ordem ; se o conduz por todos à cela ou, se é um novicio irmão, à igreja, para dar-lhe a entender que sua vida está principalmente consagrada à oração.

A Profissão, e também a sua maneira a Doação, consumam-se ao pronunciar a fórmula de Profissão ou Doação, já que é um compromisso pessoal e livre. Antes de emitir os primeiros votos, ao que vai professar se lhe veste a cogula própria dos professos, pela que se significa a conversão de costumes e a consagração a Deus; antes do ato irrevogável da Profissão solene, pede com particular interesse a ajuda da oração a seus irmãos.

Recepção de um novicio do claustro

O postulante, ao fim de seu provação, é apresentado num determinado dia à Comunidade. Adiante desta, se lhe pergunta antes de mais nada se professou em algum Instituto religioso, se está livre do vínculo matrimonial, se padece alguma doença incurável, se pode ser promovido às sagradas Ordens, se carece de dívidas; advertindo-se que se ocultasse algo a respeito do que se lhe pergunta, poderá ser expulsado ainda depois da Profissão.

Outro dia, reunidos todos no Capítulo, o postulante pede *misericórdia* prostrado. Depois, a uma indicação do Prior, levanta-se e diz: *Suplico por amor de Deus ser admitido à provação em hábito monacal, como o mais humilde servidor de todos se a ti, Pai, e à Comunidade vos parecer bem..*

Então o Prior lhe expõe o gênero de vida que deseja abraçar.

Se a tudo isso respondesse que, confiando unicamente na misericórdia de Deus e nas orações de seus irmãos, tudo cumprirá com a ajuda da clemência divina, o Prior adverte-o que antes da Profissão poderá ir-se livremente, e que nós também o poderemos despedir com toda liberdade se, considerando o caso ante Deus, não nos parecesse idóneo para nossa vida. Se o postulante dá sua conformidade, ajoelha-se aos pés do Prior, juntas suas mãos entre as do Prior, e este, em nome de Deus e da Ordem, no seu próprio e no de seus irmãos, associa-o à Ordem. A seguir, o novicio recebe o ósculo de paz, primeiro do Prior, e depois, de todos os demais.

O mesmo dia, se é possível, ao novicio, vestido em privado, se o conduz à igreja, e, prostrado, ora na arquibancada do presbitério. O Prior, revestido de cogula eclesiástica e estola branca, coloca-se na última cadeira do coro direito. Os monges, de joelhos, coro contra coro, cantam o versículo *Veni, Sancte Spiritus*. Uma vez findo, inclinados todos sobre as misericórdias, o Prior diz um versículo e adiciona uma oração.

Depois, o novicio é conduzido por todos à cela, talheres, cantando os salmos 83 (*¡Que desejáveis...*), 131 (*Senhor, tem-lhe em conta...*) e 50 (*Misericórdia...*). Se bastam um ou dois, não se dizem mais. Vai primeiro o Prior, segue o novicio, depois o Procurador ou outro levando o água bendita e, finalmente, a Comunidade por ordem de antiguidade. Ao chegar o Prior à porta da cela, asperge ao



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

noviço e à cela mesma, dizendo: *Paz a esta casa*, e, tomando ao noviço pela mão, fá-lo entrar ao oratório, onde este ora ajoelhado. Terminado o salmo ou os salmos pela Comunidade seguem as preces indicadas no Ritual.

Uma vez concluídas as preces, o Prior impõe ao noviço a obrigação de guardar a cela e todas as demais observâncias e exercícios próprios de nossa Ordem, a fim de que em solidão e silêncio, e em assídua oração e generosa penitência, consagre-se a só Deus. E o encomenda ao Maestro de noviços.

Recepção de um noviço irmão

O postulante, ao final de sua provação, é apresentado num determinado dia à Comunidade. Antes de mais nada se lhe pergunta adiante dela se professou em algum Instituto religioso, se está livre do vínculo matrimonial, sem padece alguma doença incurável, se carece de dívidas ; advertindo-se que se ocultasse algo a respeito do que se lhe pergunta, poderá ser expulsado ainda depois da Profissão.

O dia da recepção o postulante, prostrado no Capítulo adiante de toda a Comunidade, pede misericórdia. A uma indicação do Prior, revestido de cogula eclesiástica e estola branca, levanta-se e suplica por amor de Deus ser admitido à provação em hábito monacal como o mais humilde servidor de todos. O Prior, pronunciada uma exortação, adverte-lhe que durante o noviciado poderá ir-se livremente, e que também nós o poderemos despedir se, considerado o caso ante Deus, não nos parecesse idôneo para nossa vida. O postulante, depois de dar seu consentimento, ajoelhando-se aos pés do Prior, junta as mãos entre as mãos do Prior ; este, em nome de Deus e da Ordem, no seu próprio e no de seus irmãos, associa-o à Ordem. Então se lhe veste a cogula de noviço e a capa, e é recebido com o ósculo de paz, primeiro pelo Prior e a seguir por todos os demais.

Atos seguidos, o noviço é conduzido do Capítulo à igreja, cantando a Comunidade o salmo 83 (*Que desejáveis...*). Vai diante o Prior, segue o noviço, depois os padres e irmãos, por ordem de antiguidade. Ao chegar o Prior à igreja, tomada ao noviço da mão e o leva às arquibancadas do presbitério, onde se prostra em oração. Entre tanto, a Comunidade, de joelhos, canta o verso *Veni, Sancte Spiritus*. Depois, o Prior, inclinado sobre as misericórdias ao mesmo tempo em que a Comunidade, diz o versículo e adiciona uma oração.

Acabado tudo, o noviço se levanta, faz inclinação profunda, e vai a sua cadeira do coro.

Profissão de votos simples

O dia antes da Profissão, seja simples ou solene, o noviço, antes de Vésperas, ou também o mesmo dia da Profissão pela manhã no Capítulo, prostrado adiante da Comunidade, pede misericórdia; ao dizer-lhe o Prior *Levanta-te*, levanta-se e suplica ser admitido à Profissão como o mais humilde servidor de todos ; e escuta de pé o sermão do Prior.

O dia da Profissão expõem-se no altar algumas Relíquias de Santos.

Quando se trata da Profissão temporária, ao começar o *Kyrie eleison* na Missa conventual, o Maestro de noviços ou outro se ele está impedido, deixa a nova cogula sobre as formas, adiante do que vai professar. Depois do Evangelho, ou o *Credo*, se se diz, omitida a Oração universal, o que vai professar se dirige à arquibancada do presbitério levando a nova cogula nas mãos, e ali, feita inclinação profunda, deixa-a e fica em pé. Então se lhe acerca o Prior e diz as preces contidas no Ritual. Depois abençoa, com a mão estendida, a cogula posta sobre a arquibancada ante o que vai professar, dizendo a oração



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

adequada. Terminada a bênção, asperge com água bendita a cogula.

Ato seguido, de joelhos ante o Prior na primeira arquibancada do presbitério, o que vai professar recita com voz inteligível (e se são variados, recitam juntamente) o salmo 15 (*Protege-me, Deus meu*), até o versículo *O Senhor é o lote*, exclusive. Então o Prior, ajudado pelo Sacristão, tira ao novicio a capa e a cogula, dizendo: *Que Deus te despoje do homem velho e de suas ações*, e lhe põe a cogula longa, dizendo: *e te revista do homem novo que foi criado por Deus em verdadeira justiça e santidade*. Se forem variados, repete as mesmas palavras para cada um.

Seguidamente, o novicio lê a fórmula da Profissão, escrita numa folha de papel que sustenta na mão. Se forem variados, têm de lê-la um por um.

Emitidos os votos, o professo entrega a folha ao Prior, e continua a leitura do salmo antes começado, desde *O Senhor é meu lote* até *Glória ao Pai... Amém*. Terminado isto, faz inclinação profunda e volta a seu lugar.

Na Missa de Profissão, o mesmo temporal que solene, o novo Professo, ainda que seja sacerdote, comunga depois do diácono de mãos do Prior, e, pelo mesmo, não concelebra; mas pode celebrar Missa rezada no mesmo dia.

Profissão solene.

Sobre as cerimônias em Capítulo e a preparação do altar, veja-se o n. 8.

Na Missa, que é do Prior, terminado o Evangelho, ou o Credo se se canta, omitida a Oração universal, o que vai professar (ou os que vão professar) acerca-se ao centro da arquibancada do presbitério, e ali, depois de ter feito uma inclinação profunda, canta o verso: *Acolhei-me, Senhor, com tua promessa, e viverei: que não fique frustrada minha esperança*. Ao qual responde a Comunidade, de cara ao altar, o mesmo e no mesmo tom. Repetido três vezes este verso por ambas as partes, a Comunidade, inclinada sobre as misericórdias, canta o *Glória Pai...*, *Senhor, tem piedade...*, e ora em segredo.

O que vai professar se incorpora ao começar o *Como era no princípio*, dirige-se pelo lado direito do coro até a cadeira primeira, e, de joelhos ante o monge, que está de pé, e depois ante os demais monges deste coro, diz com voz inteligível: *irmão, roga por mim*; passando, depois, aos monges do coro esquerdo, faz o mesmo.

Depois do qual, a Comunidade se ergue e se volta para o altar; e o que vai professar, de pé ante o meio do altar e voltado para ele, lê, com voz clara e inteligível que todos a ouçam, sua Profissão escrita em pergaminho; uma vez lida, beija o altar e a oferece sobre o mesmo. Prostrado adiante da cátedra aos pés do celebrante, recebe a bênção; enquanto a Comunidade se inclina sobre as misericórdias. O Prior canta a oração com a mão estendida sobre o professo, e se são variados a diz em plural. Depois o asperge com água bendita. O professo volta a seu lugar.

Na Prece eucarística se faz comemoração do novo professo solene, para que sua oblação fique mais intimamente incorporada ao sacrificio do divino Redentor.

Doação temporária

A Doação temporária se faz no Capítulo, antes de Vésperas, em presença da Comunidade. O



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Cruz Dum Volvitur Orbis”

novicio, prostrado, pede misericórdia. A uma indicação do Prior, vestido com cogula eclesiástica e estola branca e sentado ante o altar, levanta-se e diz: *Suplico por amor de Deus ser admitido à Doação temporária como o mais humilde servidor de todos, se a ti Pai, e à Comunidade vos parecer bem.* Depois, tendo escutado a exortação do Prior, enquanto a Comunidade permanece sentada e coberta, o novicio se adianta e se ajoelha ante a arquibancada do altar. O Prior se levanta e, ajudado pelo Procurador e o Sacristão, tira-lhe a capa e a cogula pequena, dizendo: *Que Deus te despoje do homem velho e de suas ações,* e lhe põe a cogula longa sem bandas, dizendo: *e te revista do homem novo que foi criado por Deus em verdadeira justiça e santidade.* Se forem variados, repete o mesmo a cada um.

O novicio lê então a fórmula de Doação, escrita numa folha de papel que tem na mão, e a entrega ao Prior uma vez feita a Doação.

O Prior aceita a doação com estas palavras: *E eu, caríssimo irmão, aceito tua Doação no nome de Deus e da Ordem; e, em meu nome e no dos meus sucessores, comprometo-me prover, com coração de pai, a todas tuas necessidades espirituais e corporais, desde que permaneças fiel a tuas promessas. E que a bênção de Deus todo-poderoso, Pai, + Filho e Espírito Santo, desça sobre ti e contigo permaneça para sempre. R/. Amém.* Depois da palavra "prometo", adiciona o tempo da Doação, se se trata da temporal; ou "durante toda tua vida", se se trata da perpétua.

Depois, todos vão ao coro para cantar as Vésperas.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Cruz Dum Volvitur Orbis”

Doação perpétua.

A Doação perpétua se faz em presença de toda a Comunidade, antes de Vésperas. Primeiro, reunida a Comunidade em Capítulo, o doado se prostra ante o Prior, que está sentado e revestido de cogula eclesiástica e estola branca, e pede misericórdia. Levanta-se a uma indicação do Prior, e diz: *Suplico por amor de Deus ser admitido à Doação perpétua como o mais humilde servidor de todos, se a ti, Pai, e à Comunidade vos parecer bem.*

Ouvida a exortação do Prior, dirigem-se todos à igreja, indo o doado por trás do Prior. O doado se ajoelha na arquibancada do presbitério, estando o Prior de pé adiante dele, e os demais monges em seus lugares de pé, voltados para o altar e talheres. Então o doado lê a fórmula de Doação, e o Prior a aceita e o abençoa.

Depois, enquanto o doado permanece ajoelhado no mesmo lugar, o Prior vai à última cadeira do coro direito e a Comunidade, de joelhos ante as formas, canta o *Sub tuum præsidium*. O cantor hebdomadário adiciona um versículo, e o Prior recita uma Oração.

Depois, este se deixa a cogula eclesiástica no vestuário e vai a sua cadeira; também o doado vai a sua cadeira, e começam as Vésperas.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

Capítulo 38

Eleição do Prior

Quando alguma Casa da Ordem fica sem Prior, o Vigário deve averiguar por votação secreta dos professos solenes que têm direito a eleger, se querem fazer a eleição do novo Prior. Se então se celebra o Capítulo Geral, a Casa comunicará quanto antes sua resposta ao Definitório. Se não quer eleger, ou se verificado um segundo escrutínio há ainda empate a votos, o Vigário peça ao Capítulo Geral ou, se então não se celebra, ao Reverendo Pai, que segundo sua prudência proveja à Casa em sua necessidade.

Se a Comunidade responde que quer eleger, o Vigário deverá admoestar seriamente no Senhor aos eleitores que a eleição de pastor de almas é assunto muito árduo e de suma importância, já que o bem ou o mal de toda a grei depende quase inteiramente de que o pastor seja bom ou mau; e que, por tanto devem proceder neste assunto com toda retidão, prudência e temor de Deus. Na eleição de Prior se deve atender antes de mais nada às dotes necessárias para o governo das almas. Também se requer alguma aptidão para a administração temporária, mas por si só não pode determinar a dar o voto; ademais, o cuidado do temporário se pode encomendar a outras pessoas.

Uma vez que o Vigário propôs tudo isto, prescreve-se a todos um jejum de três dias consecutivos, a não ser que se interponha uma Solenidade ou um Domingo.

Cada dia, até que tenha Prior, a Comunidade, depois de Laudes e de Vésperas canta com especial devoção o hino *Veni, Creator Spiritus*, como o traz o Ritual.

Todos podem licitamente, mais ainda devem, conferir aos membros da Ordem que conhecem melhor às pessoas. Mas guardem-se os religiosos assim conferidos de pressionar em modo algum aos eleitores.

Convocar-se-á o antes possível aos Confirmadores que devem presidir a eleição. Serão dois Priores, designados pelo Capítulo Geral ou o Reverendo Pai, ou se não podem achar-se facilmente dois Priores, um com um monge (que não seja da Casa eleitora). Se nada o impede, um dos dois Confirmadores deve ser um dos Visitadores da Província.

Os assim convocados para assistir à eleição, unam-se à Comunidade eleitora no silêncio e a oração, sem intrometer-se na futura eleição de nenhum modo. Sua missão não é designar pessoas, senão somente responder com toda verdade a quem lhes perguntem, e receber simplesmente os votos dos eleitores.

O dia em que se faz a eleição, celebra-se ou concelebra a Missa do Espírito Santo, com assistência de toda a Comunidade; preside um dos Confirmadores. Depois, o Vigário convoca no Capítulo aos Confirmadores e à Comunidade. Ali, estando todos de pé e descobertos, o Confirmador principal começa as preces que traz o Ritual. Depois, ele ou seu colega faz uma exortação. Terminada esta, ficam no Capítulo unicamente os eleitores com os confirmadores; os demais de retiram.

Então o Confirmador principal adverte a todos os eleitores que elejam a quem segundo Deus e sua consciência, julguem que é verdadeiramente apto e idôneo para o cargo de Prior naquela Casa.

Depois disto, o Confirmador principal manda que cada qual vá ao lugar destinado para escrever as papeletas, nas que só se põem o nome e sobrenome do proposto para Prior. Imediatamente se mete a



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

papeleta num envelope, leva-se à mesa dos Confirmadores e se joga na urna ali preparada ao efeito.

Se algum dos que têm voto não pode assistir pessoalmente à eleição poderá escrever uma papeleta e metê-la num envelope, igual que os demais. E os mesmos Confirmadores irão a sua cela, se é necessário, para recolher o voto.

Feita a votação, o Confirmador principal conta as papeletas e as abre. É preciso que o futuro Prior obtenha mais da metade dos votos emitidos de fato, isto é, sem contar os votos nulos e as abstenções. Se nenhum os atinge, os Confirmadores darão os nomes dos que obtiveram votos e dirão quantos recaíram sobre cada um. Então se queimarão ali as papeletas e se voltarão a escrever outras novas.

Se depois da terceira votação ninguém fica eleito, pode-se fazer uma quarta e última votação o mesmo dia; antes da qual poderão sair os monges fora do Capítulo e trocar opiniões entre si, mas sem falar com outros. Se finalmente não sai nenhum eleito, terá que escrever todo o assunto ao Reverendo Pai, quem, depois de ouvir aos Visitadores da Província proverá à Casa privada de pastor.

Mas, se resulta eleito algum, o Confirmador principal dirá em alta voz: *Temos Prior*, e dirá seu nome, sua Casa de Profissão e a obediência que tem, se então tivesse alguma, indicando também o número de votos que obteve. Por último, queimam-se todas as papeletas.

Depois de publicar-se adiante de todos o nome do Prior, o Vigário, a não ser que tenha recaído sobre ele a eleição, roga aos Confirmadores que acedam a confirmar como Prior ao eleito. Os Confirmadores assinalarão um prazo, a saber, um ou dois dias, para objetar contra a forma da eleição e a pessoa do eleito.

Se os Confirmadores não encontram nenhum impedimento, congregados em Capítulo todos e só os eleitores, enquanto os demais se reúnem na igreja, confirmarão ao eleito dizendo o Confirmador principal: *Nós, N. e N., humildes Priores das Casas N. e N., designados pelo Capítulo Geral (ou pelo Reverendo Pai) para presidir vossa eleição, com a autoridade de nossos Estatutos vos confirmamos como Prior desta Casa a Dom N., professo de tal Casa, no nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. E a Comunidade responderá: Amém.* Quando um dos Confirmadores está impedido ou é o eleito Prior, o outro fará por si só a confirmação. Depois, o segundo Confirmador lerá o processo verbal da eleição, que assinarão primeiro os Confirmadores e, depois deles, todos os eleitores.

O dia em que o Prior toma posse de seu cargo, à hora convinda, os Confirmadores (ou, em sua ausência, o Vigário e o Antiquior), tomando da cogula uno de cada lado ao novo Prior, conduzem-no à cadeira prioral na igreja, seguidos por toda a Comunidade. Feita ali uma breve oração ante as formas, de joelhos e descobertos, vão todos ao Capítulo, onde, depois de algumas palavras do Confirmador principal (ou do Vigário) ao novo Prior, este faz a profissão de fé segundo a norma canônica. A seguir se lhe acerca o Vigário e, de joelhos põe suas mãos juntas entre as do Prior. Ao perguntar-lhe este: "Prometes obediência?", responde: "Prometo", e, recebido o ósculo de paz levanta-se e se volta a seu lugar. O mesmo fazem depois do Vigário, o Antiquior e os demais por ordem.

Todo esse dia se celebra com gozo, come-se no refeitório e não se guarda jejum, a não ser que seja tal do que nem por uma Solenidade se quebrantaria. O Ofício que precede ao refeitório se canta na igreja.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

Capítulo 41

A Liturgia em nossa Ordem

Cume e fonte.

A Liturgia é a cume à qual tende a atividade da Igreja e, ao mesmo tempo, a fonte de onde mana toda sua força. Nós, que o deixamos tudo para procurar a só Deus e possuí-lo mais plenamente, devemos celebrar o culto litúrgico com especial fervor. Pois enquanto realizamos os ritos sagrados, especialmente a Eucaristia, ao ter acesso a Deus Pai por meio de seu Filho, o Verbo encarnado, que padeceu e foi glorificado, na efusão do Espírito Santo, conseguimos a comunhão com a Santíssima Trindade.

Signo de contemplação

Quando celebramos no coro o culto divino ou recitamos na cela o Ofício, nossos lábios pronunciam a prece da Igreja universal, pois a oração de Cristo é única, e por meio da sagrada Liturgia se faz extensiva a cada um de seus membros. Ademais, entre os monges solitários os atos litúrgicos manifestam de um modo peculiar a índole da Igreja, na qual o humano está ordenado e subordinado ao divino, o visível ao invisível, a ação à contemplação.

Complemento da oração solitária.

Nossos Padres, ao correr dos séculos, tentaram que nosso rito se conservasse adaptado a nossa vocação eremítica e ao reduzido de nossas Comunidades ; por isso é singelo, sóbrio e ordenado antes de mais nada à união da alma com Deus. Nossa Mãe a Igreja, como sabemos, aprovou sempre a diversidade de ritos litúrgicos, que manifesta melhor sua catolicidade e unidade. E assim, por meio dos ritos sagrados podemos expressar as mais profundas aspirações do Espírito, e a oração que brota do íntimo do coração adquire uma nova perfeição ao reconhecer-se a si mesma nas palavras sagradas.

A Liturgia se completa com a oração solitária.

Por outra parte, a oração comunitária que fazemos nossa pela celebração litúrgica, prolonga-se na oração solitária com a que oferecemos a Deus um íntimo sacrifício de louvor que está acima de toda ponderação. A solidão da cela é, efetivamente, o lugar onde o alma, cativada pelo silêncio e esquecida de toda humana preocupação, participa da plenitude do Mistério pelo que Cristo, crucificado e ressuscitado, retorna ao seio do Pai. Assim o monge, ao tender incessantemente à união com Deus, realiza em si mesmo todo o significado da Liturgia.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

Capítulo 52

O canto litúrgico

Modo de cantar e salmodiar

Nossa Ordem reconhece como próprio de sua Liturgia o canto gregoriano.

Devemos participar nos divinos louvores com atendimento e fervor de espírito e estar ante o Senhor não só com reverência, senão também com alegria, não com frouxidão nem sonolência, nem poupando a voz, nem mutilando os vocábulos, senão pronunciando com tom e afeto varonil, como é devido, as palavras do Espírito Santo.

Guardem-se a simplicidade e cadência no canto, para que esteja impregnado de gravidade, e fomenta a devoção; já que devemos cantar e salmodiar ao Senhor tanto com o coração como com os lábios. Será ótima nossa salmodia se nos apropriamos o mesmo afeto íntimo com que foram escritos os salmos e cânticos.

Evitem-se na salmodia a lentidão e a precipitação. Cante-se com voz plena, viva e ágil, de sorte que todos possam salmodiar devotamente e cantar com atendimento, sem dissonâncias, com afeto e perfeição.

Na mediante fazemos uma boa pausa. Começemos e concluamos todos a um tempo o princípio, a divisão e o fim do versículo. Ninguém se permita adiantar-se aos demais nem apressar-se ; cantemos todos a uma, todos a uma façamos as pausas, escutando sempre aos outros.

Em toda leitura, salmodia ou canto, não descuidemos acentuar e concertar bem os vocábulos, quanto seja possível, porque o entendimento capta e saboreia ao máximo o sentido, quando se pronuncia com propriedade.

É sumamente conveniente que se forme bem aos noviços no canto e são dignos de louvor os que, depois de sair do noviciado, nunca descuidam tal estudo.

Nas Casas da Ordem celebre-se cantado tanto o Ofício do dia como o da noite, sempre que assistam ao coro ao menos seis padres hábeis.

Os chantres, que estão à frente de cada coro devem ser peritos para poder dirigir bem e oportunamente aos demais na salmodia e canto na forma dita, mas sob a direção e autoridade do Prior. É ademais dever seu corrigir com modéstia os que cantam demasiado lenta ou apressadamente, ou de modo diferente a como está prescrito, mas é melhor do que o façam fora do coro.

Os chantres, em seu coro, sobem ou baixam o tom dos salmos e de todo o canto do Ofício divino, quando pareça conveniente, com o fim de que todos possam cantar comodamente.

Nenhum outro, estando eles presentes, pode corrigir o canto do coro, exceto o Prior ou, em sua ausência, o Vigário.

Perseveremos, pois, nesta maneira de salmodiar, cantando em presença da Santíssima Trindade e dos santos Anjos, inflamados em divino temor e íntimos anseios de Deus. Que o canto eleve nosso espírito à contemplação das realidades eternas, e que a harmonia de nossas vozes aclame jubilosa a Deus nosso Criador.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

Capítulo 53

Cerimônias conventuais no Ofício

Reunião na igreja

Logo que ouvimos o sinal para cantar conventualmente na igreja as Horas do Ofício divino, deixando todas as outras ocupações, devemos encaminhar-nos com prontidão a ela, guardando o maior recolhimento e gravidade. Porque nada é lícito antepor à "obra de Deus".

Ao entrar na igreja, benzemo-nos com água bendita, e vamos a nossas cadeiras; antes de entrar nas formas fazemos inclinação profunda ao Santíssimo Sacramento. Fazemos também dita inclinação nas arquibancadas do presbitério, sempre que a ele subimos ou dele baixamos, ou quando passamos ante o Santíssimo.

Ao chegar às cadeiras ficamos de pé, voltados para o altar e talheres, preparando-nos em silêncio para o Ofício; dada o sinal pelo Presidente, inclinamo-nos ou nos ajoelhamos para a oração, segundo o peça o tempo.

Enquanto se faz oração em silêncio antes uma Hora, não entramos à igreja.

Pelos intervalos de silêncio, nossa oração pessoal se une mais intimamente à Palavra de Deus e à voz pública da Igreja.

Na igreja evitamos todo ruído por reverência à divina Majestade; estamos com o devida compostura; temos as mãos fora da cogula. Sempre e em todas as partes temos de ter a vista recolhida, mas principalmente na igreja e o refeitório.

Cantadas as Horas ou finda a Missa ou outro Ofício, o Prior sai o primeiro da igreja, depois o Vigário e, seguidamente, os demais. Ninguém deve deter-se então na igreja ou outra parte, a não ser que uma evidente necessidade o justifique.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Cruz Dum Volvitur Orbis”

Capítulo 54

Cerimônias do Ofício na cela

O Ofício canônico.

Se alguma vez a evidente debilidade ou a excessiva fadiga nos obriga a sentar-nos durante o Ofício divino, ou se estamos em cama por razão de doença, rezemos, não obstante, com a reverência possível.

Porque no Ofício divino, onde quer que se reze, tem-se de guardar cuidadosamente reverência e dignidade, por ser em todo lugar uma mesma a Majestade e Divindade daquele em cuja presença falamos, e que nos olha e atende.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

Livro 9

Capítulo 62

Sacramentos

A Penitência

No sacramento da Penitência o Pai das misericórdias, pelo Mistério Pascal de seu Filho, nos reconcilia no Espírito consigo, com a Igreja e conosco mesmos. Recomendamos, pois, a todos que frequentem este sacramento pelo qual a conversão do coração, fim próprio do monge, insere-se no mistério da morte e ressurreição de Cristo.

O Prior tem o dever de designar alguns monges, entre os de maior discrição, para ouvir as confissões dos demais.

Ademais, qualquer pessoa da Ordem, para tranquilidade de sua consciência, pode válida e licitamente confessar-se com qualquer confessor que tenha faculdade para isso.

A respeito da confissão de pessoas estranhas à Ordem, que se tem de evitar quanto seja possível, e das mulheres, que não se as deve confessar de nenhum modo.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

Capítulo 65

Sufrágios

Já que somos membros os uns dos outros, convém que na oração levemos os fardos dos homens, nossos irmãos, e primeiro que tudo intercedamos:

(Resumo das pessoas pelas que oferecemos sufrágios:)

Por nossos Superiores

Pelo *Papa*.

Pelo *Reverendo Pai*, Prior da Cartuxa, como Ministro Geral de nossa Ordem e Pastor de todos nós.

Pelo *Procurador geral*.

Pelos *Visitadores*.

Pelo *Prior*.

Pelos *parentes e benfeitores* recém falecidos.

Pela *Igreja universal e pela Ordem*.

- Por nosso Santo Pai em Cristo, o Papa reinante;
- Pela conservação da unidade da Ordem;
- Para impetrar o auxílio celestial a fim de que todos se congreguem na única Igreja de Cristo;
- Pela paz e tranquilidade de todas as nações, e pelos que as governam;
- Pelas autoridades da nação de cada Casa da Ordem;
- Pelo próprio Bispo de cada Casa;
- Pelas pessoas da Ordem que estão em perigo de alma e corpo, e para consolação das mesmas;
- Por todos nossos benfeitores, pelos parentes, encomendados e amigos de todas as pessoas da Ordem, e pelos que temos obrigação.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

Outros sufrágios pelos defuntos

Depois da solenidade de Pentecostes, em todas as Casas da Ordem se celebram duas Trintários gerais:

- um por todos os fiéis defuntos detentos no Purgatório;
- o segundo, pelos parentes, benfeitores, encomendados e amigos de todas as pessoas da Ordem, pelos que têm participação na Ordem, e pelos que temos obrigação.

Ainda que são muitos os sufrágios que aplicamos por determinadas pessoas, confiamos em que, pela Misericórdia divina, todas nossas orações têm de aproveitar antes de nada à Igreja universal, para louvor da glória de Deus.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

SCALA CLAUSTRALIUM

(por Guigo II)

Tradução de D. Timóteo A. Anastásio, O.S.B, antigo Abade do Mosteiro de São Bento. Bahia (BRASIL). Cf. o livro: “Lectio divina, ontem e hoje” - Edições Subiaco.

Carta de Dom Guigo, Cartuxo, ao Ir. Gervásio, sobre a vida contemplativa

I

Ao seu dileto irmão Gervásio, o Ir. Guigo: o Senhor seja o seu deleite.

Amar-te, irmão, é para mim uma dívida, pois foste tu que, primeiro, começaste a me amar. E sou obrigado a te responder, porque, anterior, tua carta me convida a escrever-te.

Proponho-me, assim, a te transmitir certas coisas que pensei sobre o exercício espiritual dos monges, a fim de que possas julgar e corrigir meus pensamentos a propósito de um assunto que tu melhor conheces por experiência, do que eu pela reflexão.

É justo que eu te ofereça, em primeira mão, as primícias do meu trabalho. Pois convém que colhas os primeiros frutos da recente plantação que, em louvável furto, subtraíste à servidão do Faraó e à mole servidão, e colocaste no exército em ordem de batalha, enxertando sabiamente na oliveira o ramo habilmente cortado da oliveira selvagem (cf. 81144,2; Ex 13,14; Ct 6,3.9 e Rm 11,17.24).

II

Os quatro degraus

Um dia, ocupado no trabalho manual, comecei a pensar no exercício espiritual do homem. E eis que, de repente, enquanto refletia, se apresentaram a meu espírito quatro degraus espirituais: a leitura, a meditação, a oração, a contemplação.

Esta é a escada dos monges, que os eleva da terra ao céu. Embora dividida em poucos degraus, ela é de imenso e incrível comprimento, com a ponta inferior apoiada na terra, enquanto a superior penetra as nuvens e perscruta os segredos do céu (cf. Gn 28,12).

Estes degraus, assim como são diversos em nome e em número, também se distinguem pela ordem e o valor.

Se alguém examina diligentemente suas propriedades e funções, o que produz cada um deles para nós, e como diferem e se hierarquizam entre si, achará pequeno e fácil por sua utilidade e doçura todo o trabalho e esforço que lhes dedicar.

A leitura é o estudo assíduo das Escrituras, feito com aplicação do espírito.

A meditação é uma ação deliberada da mente, a investigar com a ajuda da própria razão o conhecimento duma verdade oculta.

A oração é uma religiosa aplicação do coração a Deus, para afastar os males ou obter o bem. A contemplação é uma certa elevação da alma em Deus, suspensa acima dela mesma, e degustando as



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

alegrias da eterna doçura.

Notada, assim, a descrição dos quatro degraus, resta-nos ver a função de cada um em relação a nós.

III

Qual a função de cada um dos citados degraus

A leitura procura a doçura da vida bem-aventurada, a meditação a encontra, a oração a pede, a contemplação a experimenta.

A leitura, de certo modo, leva à boca o alimento sólido, a meditação o mastiga e tritura, a oração consegue o sabor, a contemplação é a própria doçura que regala e refaz.

A leitura está na casca, a meditação na substância, a oração na petição do desejo, a contemplação no gozo da doçura obtida. Para que se possa ver isto de modo mais expressivo, suponhamos um exemplo entre muitos.

IV

A função da leitura

À leitura, eu escuto: Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus (Mt 5,8).

Eis uma palavra curta, mas cheia de suaves sentidos para o repasto da alma. Ela oferece como que um cacho de uva. A alma, depois de o examinar com cuidado, diz em si mesma: "Pode haver aqui algum bem, voltarei ao meu coração e tentarei, se possível, entender e encontrar esta pureza. Pois é preciosa e desejável tal coisa, cujos possuidores são ditos bem-aventurados, e à qual se promete a visão de Deus, que é a vida eterna, e que é louvada por tantos testemunhos da Sagrada Escritura".

Desejosa de explicar mais plenamente a si mesma esta coisa, começa a mastigar e a triturar essa uva, e a põe no lagar, enquanto excita a razão a procurar o que é e como pode ser adquirida tão preciosa pureza.

V

A função da meditação

Começa, então, diligente meditação. Ela não se detém no exterior, não para na superfície, apoia o pé mais profundamente, penetra no interior, perscruta cada aspecto.

Considera, atenta, que não se disse: Bem-aventurados os puros de corpo, mas, sim, "os puros de coração". Pois não basta ter as mãos inocentes de más obras, se não estivermos, no espírito, purificados de pensamentos depravados. Isto o profeta confirma por sua autoridade, ao dizer: Quem subirá o monte do Senhor? Ou quem estará de pé no seu santuário? Aquele que for inocente nas mãos e de coração puro (Sl 24,3-4).

Depois ela considera quanto o próprio profeta deseja essa pureza, ao orar: Cria em mim, Ó Deus,



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

um coração puro (Sl 51,12) e ainda: Se olhei a iniquidade no meu coração, o Senhor não me ouvirá (Sl 66,18).

A meditação pensa em como era o bem-aventurado Jó solícito por essa guarda, pois dizia: Fiz um pacto com os meus olhos para não pensar em nenhuma virgem (Jó 31,1). Eis como se dominava o santo homem que fechava seus olhos para não ver o que é vão, evitando olhar imprudentemente o que depois desejaria contra a sua vontade.

Depois de ter refletido sobre esses pontos e outros semelhantes no que toca à pureza do coração, a meditação começa a pensar no prêmio:

Como seria glorioso e deleitável ver a face desejada do Senhor, mais bela do que a de todos os homens (Sl 45,3), não mais abjeta e vil (cf. Is 53,2), não mais tendo a aparência com que o revestiu sua mãe, mas envergando a estola da imortalidade, e coroado com o diadema que seu Pai lhe deu no dia da ressurreição e da glória, o dia que o Senhor fez (Sl 118,24).

Ela concebe que nesta visão haverá aquela saciedade esperada pelo profeta, ao dizer: Serei saciado quando aparecer a tua glória (Sl 17,15).

Vês quanto licor emanou daquela pequena uva, quanto fogo nasceu duma centelha, quanto se alargou na bigorna da meditação, este pequeno pedaço de metal: Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus!

Mas, quanto mais poderia alargar-se, se alguém experiente viesse ajudar!

Sinto como "é fundo o poço", mas não passo ainda de um noviço rude, que mal cheguei a tirar poucas gotas.

Inflamada por esses fachos, incitada por tais desejos, a alma começa a pressentir, quebrado o alabastro, a suavidade do unguento. Não é ainda o gosto, mas é já o cheiro.

Por esse, a alma compreende quão suave seria experimentar essa pureza, cuja meditação a faz saber quanta alegria ela dá. Mas que fará ela?

Ardendo ao desejo de possuí-la, não encontra em si como a pode ter.

E quanto mais a procura, mais tem sede.

Enquanto se dá à meditação, sua dor aumenta, porque ainda não sente a doçura que a meditação mostra existir na pureza de coração, mas sem a dar.

Porque não cabe a quem lê nem a quem medita sentir tal doçura, se não recebe do alto (10 19,11) esse dom. Ler e meditar é comum tanto aos bons quanto aos maus, e os próprios filósofos pagãos encontraram, pelo exercício da razão, em que consiste, em suma, o verdadeiro bem.

Mas, tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus (Rm 1,21) e, presumindo de suas forças, diziam: Venceremos graças à nossa língua, nossos lábios são nossos (Sl 12,5). Assim, não mereceram receber o que tinham podido ver. Perderam-se em seus pensamentos (Rm 1,21), e a sua sabedoria foi devorada (Sl 107,27)



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

A sabedoria deles tinha as suas fontes no estudo das ciências humanas, e não no Espírito de sabedoria que é o único a dar a verdadeira sabedoria, isto é, a ciência saborosa que alegra e nutre, com inestimável sabor, a alma que a possui. É dela que foi escrito: A sabedoria não entrará na alma perversa (Sb 1,4).

Esta procede só de Deus. E como o Senhor deu a muitos a missão de batizar, mas guardou só para si o poder e a autoridade de perdoar os pecados pelo batismo, o que levou João a dizer, por antonomásia e de modo preciso: É ele que batiza, assim também podemos dizer: É ele que dá sabor à sabedoria, e faz saborosa a ciência da alma.

A palavra é dada a todos; a sabedoria do espírito, que o Senhor distribui a quem quer e quando quer (cf. 1 Cor 12,11), a poucos é dada.

VI

A função da oração

Vendo, pois, a alma que não pode por si mesma atingir a desejada doçura de conhecimento e da experiência, e que quanto mais se aproxima do fundo do coração (Sl 64,7), tanto mais distante é Deus (cf. Sl 64,8), ela se humilha e se refugia na oração. E diz: Senhor, que não és contemplado senão pelos corações puros, eu procuro, pela leitura e pela meditação, qual é, e como pode ser adquirida a verdadeira doçura do coração, a fim de por ela conhecer-te, ao menos um pouco.

Eu buscava, Senhor, a tua face, a tua face Senhor, eu buscava (cf. Sl 27,8); meditei muito tempo em meu coração, e na minha meditação cresceu um fogo (cf. Sl 39,4) e o desejo de te conhecer ainda mais.

Quando me repartes o pão da Sagrada Escritura, na fração do pão te tomas. conhecido por mim (cf. Lc 24,35). E quanto mais te conheço, tanto mais desejo conhecer-te, não já na casca da leitura, mas no sabor da experiência.

Isto não peço, Senhor, por meus méritos, mas pela tua misericórdia.

Confesso-me indigna pecadora, mas até os cãesinhos comem das migalhas que caem da mesa dos seus donos (Mt 15,27).

Dá-me, pois, Senhor, o penhor da herança futura, uma gota ao menos da chuva celeste, para arrefecer a minha sede, pois ardo de amor (cf. Ct 2,5).

VII

Efeitos da contemplação

Com essas e outras palavras, a alma inflama o seu desejo, mostra assim o que nela se fez, por encantações invoca o seu Esposo.

E o Senhor, cujos olhos são fixos nos justos e cujos ouvidos estão não só atentos às suas preces (cf. Sl 34, 16), mas presentes nelas, não espera a prece acabar. Pois, interrompendo o curso da oração, apressa-se a vir à alma que o deseja, banhado de orvalho da doçura celeste, unguento dos perfumes



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

melhores.

Ele recria a alma fatigada, nutre a que tem fome, sacia a sua aridez, lhe faz esquecer tudo o que é terrestre, vivifica-a, mortificando-a por um admirável esquecimento de si mesma, e embriagando-a, sóbria a torna.

Como em certas funções carnis a alma se deixa a tal ponto vencer pela concupiscência, que perde o próprio uso da razão e o homem se toma todo carnal, assim, ao contrário, nessa contemplação superior, os movimentos carnis são de tal modo vencidos e absorvidos pela alma, que a carne não contradiz em nada ao espírito, e o homem se torna quase todo espiritual.

VIII

Sinais da vinda da graça

Mas, Senhor, como descobrir quando realizas tudo isso, e qual é o sinal da tua vinda?

São, por acaso, os suspiros e as lágrimas os mensageiros e testemunhas da consolação e da alegria? Se assim é, estamos em presença duma nova antinomia e de uma significação inusitada.

Qual é, com efeito, a relação entre consolação e suspiros, alegria e lágrimas? Se é que se podem chamar lágrimas estas lágrimas, e não antes, abundância transbordante do orvalho interior derramado do céu, indício da purificação interior, limpeza do homem exterior.

No batismo de crianças, a purificação do homem interior é figurada e significada pela ablução exterior. Aqui, ao contrário, a purificação exterior procede da ablução interior.

Ó felizes lágrimas, pelas quais são lavadas as manchas interiores, e as labaredas do pecado se apagam! Bem-aventurados os que assim chorais, porque ríreis (cf. Mt 5,5).

Nessas lágrimas reconhece, ó alma, o teu Esposo, abraça o Desejado, embriaga-te em torrente de delícias, suga do seio da consolação o leite e o mel. Estes são os maravilhosos presentinhos e consolos que teu Esposo te distribui e concede, isto é, tuas lágrimas e suspiros.

Ele te trouxe nessas lágrimas a poção sob medida, o pão de dia e de noite, aquele pão que confirma o coração do homem e é mais doce do que o favo de mel.

Ó Senhor Jesus, se são tão doces essas lágrimas que brotam da tua lembrança e do teu desejo, quão doce haverá de ser o gozo experimentado em tua visão manifesta!

Se é tão doce chorar por ti, quanto mais doce será gozar de ti?

Mas, por que exprimimos de público tais secretos colóquios? Por que me esforço por revelar em termos comuns essas inefáveis ternuras? Os que não as experimentaram, não as compreenderão. Eles as leriam mais claramente no livro da experiência, onde a unção divina ensina por si mesma (cf. 1 Jo 2,27).

De qualquer modo, porém, a letra exterior não aproveita ao leitor, pois a leitura da letra exterior é de pouco sabor, a não ser que uma explicação tire do coração o sentido interior.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

IX

A graça se esconde

Ó minha alma, prolonguei por muito tempo este discurso. Pois era bom para nós estar ali, e contemplar com Pedro e João a glória do Esposo, e ficar largo tempo com ele, se ele quisesse fazer ali não duas, nem três tendas (cf. Mt 17,4), mas uma só em que estaríamos juntos, e juntos nos deleitássemos.

Mas eis que já diz o Esposo, Deixa-me partir, pois já sobe a aurora (Gn 32,26), já recebeste a luz da graça e a visita que desejavas.

Dada, pois, a bênção e mortificado o nervo da coxa, e mudado o nome de Jacó para Israel (cf. Gn 32,25-32), o Esposo longamente desejado se retira por um pouco de tempo, depressa escapa.

Ele se arreda, tanto em relação à visita de que falei, quanto à doçura da contemplação. Mas permanece sempre presente, quanto à direção, à graça, à união.

X

Como a ocultação da graça coopera para o nosso bem

Mas não temas, esposa, não desespere, não penses que és desprezada, se o Esposo te oculta por algum tempo a sua face. Tudo isso concorre ao teu bem (cf. Rm 8,28), e ganhas com a partida e com a vinda.

Ele veio para ti, e é também para ti que ele se afasta. Vem para a consolação, afasta-se por cautela, a fim de que a grandeza da consolação não te ensoberbeça, evitando que a presença contínua do Esposo, te leve a desprezar as companheiras e atribuas a consolação não à graça, mas à natureza.

Esta graça, o Esposo a concede quando quer e a quem ele quer, e não se possui como direito hereditário. É conhecido o provérbio que diz que a familiaridade excessiva gera o desprezo. Ele se afasta, pois, para não ser desprezado, se é demais assíduo, e para que, ausente, seja mais desejado, e desejado seja procurado com maior ardor, e longamente querido, seja, enfim, achado com maior alegria.

Além disso, se nunca faltasse essa consolação, que em relação à futura glória a revelar-se em nós (cf. Rm 8,18), é enigmática e parcial, talvez julgássemos que temos aqui cidadania permanente e procuraríamos menos a futura.

Assim, para não tomarmos o exílio por pátria, o penhor pelo pleno valor, é que o Esposo vem de tempo em tempo, ora trazendo consolação, ora a substituindo pelo leito de doente (cf. 8141,4).

Ele permite que saboreemos por um pouco de tempo a sua doçura, mas antes que ela seja plenamente sentida, ele se esvai. Assim, voejando sobre nós de asas abertas, ele nos provoca a voar (cf. Dt 32,11), como se dissesse: Experimentastes um pouco da minha suavidade e doçura, mas, se quereis saciar-vos plenamente, correi atrás de mim ao odor dos meus perfumes (cf. Ct 1,3), levantai os corações para o alto onde estou à direita do Pai. Aí me vereis, não mais em figura e em enigma, mas face a face, e então, o vosso coração gozará plenamente, e o vosso gozo ninguém vos tirará (Jo 16,22).



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

XI

Com que cuidado a alma se deve comportar depois da visita da graça

Mas, acautela-te, ó esposa. Quando o Esposo se ausenta, não vai para longe. Se não o vês, ele sempre te vê. Ele é cheio de olhos à frente e atrás (cf. Ez 1,18). Jamais podes fugir da sua vista. Tem junto de ti seus enviados, espíritos que são como que mensageiros muito sagazes, que vejam como te conduzes na ausência do Esposo, e te acusem diante dele se descobrirem em ti algum sinal de impureza e de leviandade.

Este Esposo é cheio de zelo. Se, acaso, acolheres um outro amante, ou te empenhas em agradar mais a um outro, ele logo se afasta de ti e se une a outras virgens fiéis.

É delicado esse Esposo, é nobre, é o mais belo dos filhos dos homens (Sl 45,3), e assim, não quer ter uma esposa senão perfeitamente bela. Se ele vir em ti uma mancha, ou uma ruga, logo desvia o seu olhar.

Ele não suporta nenhuma impureza. Sê, pois, casta, sê reservada e humilde, para merecer a visita frequente do teu Esposo.

Temo que este discurso se tenha prolongado demais, mas a matéria abundante me obrigou a isto, assim como a sua doçura. Não prolonguei por minha espontânea vontade, foi o seu encanto que me arrastou sem sentir.

XII

Recapitulação do que foi dito

Para que se possa ver melhor em conjunto o que foi dito em forma mais desenvolvida, vamos recapitulá-lo em resumo.

Assim como foi notado nos exemplos propostos, podes ver como os ditos degraus se ligam uns aos outros entre si. E como um precede a outro, tanto no tempo, como na casualidade.

Qual primeiro fundamento, vem a leitura. Ela fornece a matéria e nos leva à meditação.

A meditação, por sua vez, perscruta com maior diligência o que se deve desejar, e como que cavando, acha e mostra o tesouro. Mas, como não pode por si mesma obtê-lo, leva-nos à oração.

A oração, elevando-se a Deus com todas as suas forças, obtém o tesouro desejável, a suavidade da contemplação.

Sobrevindo a contemplação, ela recompensa o trabalho dos três degraus referidos, embriagando a alma sedenta com o orvalho da doçura celeste.

A leitura é feita segundo um exercício mais exterior; a meditação, segundo uma inteligência mais interior; a oração, segundo o desejo; a contemplação passa acima de todo sentido.

O primeiro degrau é dos principiantes; o segundo, dos que progridem; o terceiro, dos fervorosos; o



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

quarto, dos bem-aventurados.

XIII

Como os mesmos degraus são ligados uns aos outros

Estes degraus são de tal modo ligados, e de tal forma servem uns aos outros, que os precedentes pouco ou nada aproveitam sem os seguintes, e os seguintes, por sua vez, nunca ou só raramente, podem ser adquiridos sem os precedentes.

Que adianta, com efeito, ocupar o tempo em contínua leitura, percorrer os feitos e os escritos dos santos, se não esprememos o seu suco, mastigando e ruminando, e não o passamos até ao mais íntimo do coração, engolindo, a fim de por eles considerarmos diligentemente o nosso estado, e cuidarmos de praticar as obras daqueles cujos feitos queremos ler frequentemente?

Mas, como haveremos de cogitar estas coisas, ou como poderemos evitar que, meditando coisas erradas e vãs, se transgridam os limites constituídos pelos santos Pais, a não ser que sejamos antes instruídos a tal respeito pela leitura ou pelo ensino?

O ensino, de certo modo, se relaciona com a leitura, o que nos leva habitualmente a dizer que lemos para nós mesmos ou para os outros, mas também o que ouvimos dos mestres.

Igualmente, que vale ao homem ver pela meditação o que deve praticar, se não pode fazê-lo senão pelo auxílio da oração e pela graça de Deus? Porque todo dom excelente e todo dom perfeito vem de cima e desce do Pai das luzes (Tg 1,17).

Sem ele nada podemos, ao passo que ele faz em nós as obras, mas não sem nós. Pois somos cooperadores de Deus (1Cor 3,9), como diz o Apóstolo. Deus quer que lhe supliquemos, quer que abramos à graça que vem e bate à porta, o seio da nossa vontade, e lhe demos o nosso consentimento.

O Senhor exigia esse consentimento da Samaritana, quando dizia:

Chama o teu marido (Jo 4,16), como se dissesse: Quero te infundir a graça; aplica o teu livre arbítrio.

Dela exigia a oração: Se soubesses o dom de Deus, e quem é que te diz: Dá-me de beber, serias tu que lhe terias pedido a água viva (ib.1 O).

Inflamada, pois, pelo desejo, volta-se para a oração, dizendo:

Senhor, dá-me desta água, a fim de que eu não tenha mais sede. Assim, portanto, a palavra do Senhor que ouvira e depois meditara, a incitou à oração.

Como haveria de tomar-se solícita na súplica, se antes, a meditação não a tivesse feito arder? Ou de que lhe serviria a precedente meditação, se a oração seguinte não obtivesse o que aquela lhe mostrara?

Para que seja, pois, frutuosa a meditação, é preciso que se lhe siga o fervor da oração, da qual é como um efeito a doçura da contemplação.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

XIV

Consequências do que foi dito

De tudo isso podemos concluir que a leitura sem a meditação é árida, a meditação sem a leitura é errônea, a oração sem meditação é morna, a meditação sem oração é infrutífera.

A oração com fervor obtém a contemplação, mas a aquisição da contemplação é rara ou miraculosa sem a oração.

Deus, com efeito, cujo poder não tem limites, e cuja misericórdia se estende a todas as suas obras, às vezes suscita das pedras filhos de Abraão (cf. Mt 3,9). É o que se dá quando força corações duros e rebeldes a querer. Ele é como o pródigo que, segundo se costuma dizer, "dá o boi com os chifres", quando vem sem ser chamado e se envolve sem ser procurado.

Embora tenha isso acontecido a alguns, como a Paulo e alguns outros, não devemos, no entanto, tentar a Deus presumindo tais dons, mas fazer o que nos compete, isto é, ler e meditar a lei de Deus, e rogar-lhe que ajude a nossa fraqueza, e veja a nossa imperfeição. Ele próprio nos ensina a fazer assim, quando diz: Pedi e recebereis, procurai e achareis, batei e abrir-se-vos-á (Mt 7,7). Pois agora o reino dos céus sofre violência, e são os violentos que dele se apoderam (Mt 11,12).

Eis, pois, que as distinções acima assinaladas permitem perceber as propriedades dos vários degraus, como se concatenam entre si, o que produz em nós cada um deles. .

Feliz o homem que, tendo o espírito vazio de outros cuidados, deseja sempre passar e repassar por esses degraus. É aquele que, vendendo tudo que possui, compra o campo em que está escondido o tesouro desejável, que é recolher-se e ver como é suave o Senhor (cf. Sl 34,9).

Feliz, sim, aquele que, exercitado no primeiro degrau, bem atento no segundo, fervente no terceiro, alçado acima de si no quarto, se eleva cada vez mais forte, por essas subidas, até ver o Deus dos deuses em Sião (Sl 84,8).

Bem-aventurado é aquele, a quem é dado permanecer, ainda que por pouco tempo, nesse último degrau, e que pode dizer: Eis que sinto a graça de Deus, eis que contemplo com Pedro e João a sua glória no monte, eis que gozo com Jacó os abraços da bela Raquel.

Mas acautele-se ele depois de tal contemplação, para não cair nos abismos por uma queda desordenada, nem voltar, depois de tão grande visita, aos lascivos atos do mundo e às seduções da carne.

Como não pode a fraca ponta da mente humana sustentar mais longamente o esplendor da verdadeira luz, desça suavemente e com ordem algum dos três degraus pelos quais subira, e assim, alternadamente, ora em um ora em outro, demore segundo a moção do livre arbítrio e as circunstâncias de lugar e de tempo. A meu ver, ele estará tanto mais próximo de Deus, quanto mais longe do primeiro degrau. Como é, infelizmente, frágil e miserável a condição humana!

Vemos, pois, abertamente, com o auxílio da razão e os testemunhos das Escrituras, que a perfeição da vida bem-aventurada está contida nestes quatro degraus, e que o homem espiritual deve estar sempre a exercitar-se neles.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

Mas, quem é que guarda esse modo de viver, quem é ele, e nós o louvaremos? (Eclo 31,9). Querer, muitos querem, mas fazer é de poucos.

Queira Deus que sejamos desses poucos.

XV

Quatro causas que nos retraem dos referidos degraus

São quatro as causas que, o mais das vezes, nos desviam desses degraus: uma necessidade inevitável, a utilidade dum boa ação, a fraqueza humana, a vaidade mundana.

A primeira é desculpável; a segunda é tolerável; a terceira é miserável; a quarta é culpável. E verdadeiramente culpável. A quem, por essa causa, é desviado do seu propósito, melhor seria não ter conhecido a graça de Deus, do que retroceder depois de conhecê-la. Que escusa terá do seu pecado?

Não lhe poderá, acaso, Deus dizer, com razão: Que mais te devia fazer e não fiz? (cf. Is 5,4). Não existias e te criei. Tornaste-te servo do diabo e do pecado, e te redimi. Corrias com os ímpios ao redor do mundo, e te escolhi. Dei-te graça perante meus olhos e queria fazer em ti a minha habitação, e em verdade me desprezaste. Não jogaste para trás somente as minhas palavras, mas a mim mesmo, e andaste em busca das tuas concupiscências.

Mas, ó Deus bom, suave e manso, doce amigo, conselheiro prudente, ajuda forte, como é desumano e temerário aquele que te rejeita, e repele do seu coração um hóspede tão humilde e clemente!

Ó infeliz e nociva troca, rejeitar o seu Criador e acolher pensamentos maus e prejudiciais, e entregar tão depressa a pensamentos impuros e ao espezinhar dos porcos até mesmo aquela câmara secreta do Espírito Santo, que é o fundo do coração, que pouco antes se dirigia às alegrias celestes!

Ainda estão quentes no coração os vestígios do Esposo, e já ali se intrometem desejos adúlteros.

É inconveniente e indecoroso para ouvidos que acabam de ouvir palavras que não é lícito ao homem falar (cf. 2Cor 12,4), entregar-se tão depressa a fábulas e a ouvir maledicências. E para olhos que acabam de ser batizados pelas lágrimas sagradas, de repente se voltar para ver vaidades. Para a língua que acaba de cantar um doce epitalâmio, e que tinha reconciliado o Esposo com a esposa por suas palavras inflamadas e persuasivas, e a introduzira no celeiro (cf. Ct 2,4), de novo se converter às conversas torpes, às levandades, à urdi dura de dolos, à maledicência.

Não nos aconteça, Senhor, mas se acaso, por fraqueza humana, recairmos nisso, não desesperemos, mas de novo recorramos ao Médico clemente que levanta do pó o indigente e ergue o pobre do monturo (Sl 113,7). E ele, que não quer a morte do pecador, voltará a nos curar e salvar.

Já é tempo de pôr fim a esta carta. Oremos todos ao Senhor que no presente enfraqueça para nós os impedimentos que nos retraem da sua contemplação; no futuro, nos liberte inteiramente deles, levando-nos, mediante os referidos degraus, cada vez mais fortes, a vermos o Deus dos deuses em Sião (Sl 84,8). Ali, os eleitos não experimentarão mais gota a gota nem intermitentemente a doçura da contemplação. Pois terão, em incessante torrente de gozo, a alegria que ninguém tirará, e a paz imutável, a paz nele.

E tu, Gervásio, meu irmão, se do alto, te for dado um dia ascender ao cume desses degraus,



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

lembra-te de mim e ora por mim, quando for bem para ti.

Assim, o véu puxe o véu (cf. Ex 26,33), e aquele que escuta, diga:

Vem! (Ap 22,17).

Sobre Guigo II:

Guigo II foi o nono sucessor de São Bruno como prior do deserto da Grande Charteuse, de 1174 até 1180. Faleceu em 1188.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

O ROSARIO

o Terço

A sua origem e a sua intenção primordial

por

Karl Jos. KLinhammer S.J.

E is aqui em alguns traços concisos a história da origem do Rosário. Ela pode ajudar aqueles que o rezam a melhorar a sua maneira de o rezar, e levar aqueles que dizem não o poder rezar a rezá-lo. O Rosário tem particularmente a mesma origem que a devoção medieval do Sagrado Coração. Nasceu no tempo do Grande Cisma do Ocidente (1370-1417), num momento de infortúnio imenso, como amor restituído a Cristo, amor de inspiração e de expressão bíblica de que a Virgem Maria, sua Mãe, pode tornar-se o intérprete junto de nós.

I

A lenda do rosário não é assim tão antiga

Uma nota preliminar impõe-se: nós não devemos permitir-nos divulgar as lendas, quando há séculos sabemos que elas são falsas. Senão, aumentamos as dificuldades de crer naqueles que procuram a verdadeira fé.

Ora uma lenda, que resiste obstinadamente, pretende que o Rosário foi entregue durante uma aparição da Virgem a S. Domingos como proteção na sua luta contra os Albigenses. Esta lenda é falsa, embora seja mencionada em certos documentos eclesiásticos.

Já em 1743, quando aparecia o primeiro volume das "Acta Sanctorum" tratando dos Santos do mês de Agosto, o Bolardista Willem Kuypers S.J. prova que as biografias de S. Domingos não mencionam esta lenda ao longo dos dois primeiros séculos que seguiram a sua morte. Ele acrescenta que esta lenda não aparece senão em 1460 nas obras de Alam de Ia Roche O.P. (†1475). Ela é o fruto da sua imaginação excessiva devido (segundo Heribert Thurston S.J.) a uma confusão de nomes, pela qual ele confere a maneira de rezar do Cartuxo de Tréveris, Domingos de Prússia (†1460), ao fundador da sua Ordem. Depois de circunstâncias favoráveis e sobretudo graças à tipografia nascente, os trabalhos de Alam espalharam-se por toda a parte, dando crédito à lenda. Deus permite muito, certamente, em matéria de crença nos domínios próximos da fé; mas não é para que concentremos mais a nossa atenção sobre o conteúdo principal da nossa fé, em que Ele empenha a sua infalibilidade?

Tomás Esser O.P. editou em 1889 um manual para uso da confraria dominicana do Rosário no sentido da lenda. Mas nessa altura da redação teve dúvidas a esse respeito. Ele tem o mérito de ser o primeiro a explicar, aí por fins do século XIX, após um estudo aprofundado das fontes, que "a introdução progressiva dos pontos de meditação na oração do Rosário" remonta aos Cartuxos de Saint-Alban de Tréveris na metade do século XV. Ele podia ainda citar os nomes de Domingos de Prússia e de Adolfo de Esser.

Infelizmente não conseguiu reencontrar e explorar as obras originais dos Cartuxos de Tréveris. Esse trabalho foi somente realizado durante estes doze últimos anos.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

Teve como resultado esclarecer-nos definitivamente sobre a formação primeira do Rosário e sobre a sua intenção primordial.

Pela mesma ocasião, desmoronaram-se, como sem fundamento, todas as outras suposições ou teorias daqueles que - em comparação de Tomás Esser O.P. - se aventuraram bem imprudentemente. Entre estes últimos, citemos sobretudo as Irmãs Dominicanas de Toss, que estão próximas do místico Henrique Suso O.P. (†1366) e também de Henrique de Calcar O. Cart. (†1408).

A denominação “Rosário” é ambígua.

O seu primeiro sentido é profano.

O termo latino “rosarium” ou ainda “rosarius” não foi usado com a mesma significação nos diferentes períodos do passado. Numa mais antiga série de manuscritos, podia ser a forma latinizada do termo alemão “Rols (cavalo)”. Ele foi usado nesse sentido para designar coleções e obras de consulta, como por exemplo uma nomenclatura de decisões jurídicas ou um código de conveniências da época.

E num período mais recente que se faz derivar o nome do termo latino “rosa”. “Rosarium” toma então a sua verdadeira significação de: roseiral, roseira ou coroa de rosas. Será preciso ainda esperar um bom momento, antes que o termo designe a cadeia de pérolas que nós denominamos hoje “rosário” ou “terço” (O primeiro nome do terço foi “Pater noster”). Isso não acontecerá senão no fim do século XV.

A rosa simbolizou em todas as civilizações que a conheceram o amor humano. Após as cruzadas, um conto persa, “Goulistan”, introduziu-se no Ocidente e fez a conquista, no meio do século XIII, de todas as cortes das nobres europeias, sob a sua versão francesa do “Romance da Rosa”. O amor é descrito com realismo como uma incursão num jardim de rosas. As mulheres nobres da Idade Média trocam com os seus cavaleiros “coroas de rosas”, como prova de amor. Por um desenvolvimento ulterior, crescente nos meios nobres, as canções de amor são em breve chamadas “rosarium”. Não é preciso mais que um pequeno passo para designar igualmente com o nome de “rosarium” as canções de amor e de louvor dirigidas à Mãe de Deus.

Visto sob este ângulo, não é fácil compreender como a maneira simples e despojada de rezar das pessoas humildes, que consiste em repetir 50 vezes a saudação angélica, tal como os Cartuxos de Tréveris o tinham ensinado desde o princípio do século XV: Como esta maneira humilde pôde herdar o belo nome de Rosário, que os nobres reservaram à sua obra-prima?

Esse único fato atesta que o Rosário nasceu sob a influência dum nobre, familiar da oração popular, em uso nas regiões da Baixa Renânia. Como é que isso aconteceu?

A Ave do “Cântico de amor marial”

Esse nobre conhecia a fundo a literatura da corte, a piedade das gentes simples e o pensamento de Santa Matilde de Hackeborn (1241-1299).

Desta maneira, os escritos baixo renanos e os mais antigos documentos sobre o Rosário citam sem cessar um extrato do seu livro “Liber spiritualis gratiae”, que mostra em que sentido a saudação do anjo é dirigida à Mãe de Deus. Eis a tradução literal: Um sábado, durante o canto da Salve Regina, ela (Santa Matilde) diz à Santíssima Virgem: Ah! se eu pudesse, Rainha do Céu, saudar-te com a saudação mais querida que um coração humano possa inventar, eu o faria com grande alegria!



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

Nesse momento a Virgem apareceu-lhe em Glória. Sobre o seu peito um grande laço tinha gravada em letras de ouro a saudação do anjo: Eu te saúdo, Maria, cheia de graça... A Virgem lhe respondeu:

Ninguém ainda ultrapassou essa saudação e nunca ninguém poderá melhor saudar-me do que dirigindo-me com muito respeito a saudação que Deus Pai me fez transmitir pela palavra "Ave". Por essa saudação, Ele o Onipotente tomou-me tão forte e tão corajosa, que eu fui poupada de toda a mácula de pecado. Também, Deus Filho esclareceu-me tanto com a sua sabedoria que me tomei uma estrela cintilante que ilumina o céu e a terra: é o que exprime o nome "Maria", que significa "estrela do mar". Enfim o Espírito Santo me impregnou com a sua divina doçura, que me encheu de tantas graças, que agora quem procura graça junto de mim encontra-a. E o sentido das palavras "cheio de graça".

Com as palavras "O senhor está contigo" recorda-se como duma maneira indizível toda a Santíssima Trindade me une a Ela e realiza a Sua obra em mim, tomando da minha substância carnal e unindo esse qualquer coisa à natureza divina para não fazer senão uma só pessoa, de maneira que Deus se tomou homem e que o homem se tomou Deus. A alegria e a felicidade que eu senti nesse momento, ninguém poderá nunca concebê-lo perfeitamente.

Por "bendita entre todas as mulheres", cada criatura reconhece e testemunha que eu fui bendita e elevada acima de todas as outras criaturas, no céu e na terra.

Por "bendito é o fruto do teu ventre", é anunciado como uma bênção e festejado com júbilo o fruto salvador do meu corpo. Ele vivifica e santifica todas as criaturas e enche-as de bênçãos para a eternidade.

No tempo de Santa Matilde de Hacheborn, a Ave terminava com as palavras de Santa Isabel "bendito é o fruto do vosso ventre". E somente durante o século XIV que se lhe acrescentou o nome de "Jesus", e mais ainda muitas vezes "Jesus Cristo".

Na Europa de Leste, como por exemplo, na Polônia, ignora-se o nome até cerca de 1400.

O acréscimo "Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós, pobres pecadores..." vem mais tarde; foi introduzido na Ave pelas Confrarias do Rosário, isso duma maneira definitiva no princípio do século XVIII somente.

Quando o Rosário nasceu cerca de 1400, a Ave não era ainda senão uma saudação muito pessoal à Mãe de Nosso Senhor.

II

Os dois mais antigos escritos do rosário

Aí por 1398, Adolfo de Esser entrou para a Cartuxa de Saint-Alban de Tréveris. Pouco tempo depois, redigiu, com a licença do seu Prior, o P. Bernard (†1430 em Colônia), dois opúsculos em língua alemã dirigidos à Duquesa de Lorraine, Margarida de Baviera. Remeteu-lhos aí por 1400, provavelmente no seu castelo de Sierck, a montante de La Moselle em relação a Tréveris.

O primeiro escrito era uma "Vida de Jesus", que até hoje não foi identificado. O segundo, intitulado "Pequeno Jardim de rosas de Nossa Senhora", foi descoberto em dois exemplares. As duas obras completam-se e deviam introduzir a duquesa numa nova maneira de meditar: Durante a recitação das 50 Ave, aquele que medita faz mentalmente desfilar diante de si o nascimento e a vida de Jesus. Ele



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

toma a sério o amor ao mesmo tempo universal e muito pessoal de Deus. Por esta benevolência agradece-lhe com alegria; está persuadido de encontrar em cada particularidade da vida de Jesus uma resposta aos seus próprios problemas.

Alguns 20 anos mais tarde, nas introduções de que Adolfo fez preceder os textos do Rosário, é precisado que esta oração vocal das 50 Ave não obtinha a sua verdadeira beleza - aquela que agrada a Nosso Senhor e sua Mãe - que graças à meditação da vida de Jesus. É recomendado que ao longo desta meditação sejam evitados cuidadosamente toda a fantasia e embelezamento arbitrário, que afastam do Evangelho. Adolfo insiste muito para que aquele que reza o terço se esforce por transformar a sua vida em consequência.

Em conclusão: o Rosário na origem não era um piedoso exercício ao lado de outros exercícios. Era uma conduta global - fundada sobre a Bíblia e a Teologia - em vista da reforma da sua vida individual e da vida eclesial no estado presente.

A duquesa Margarida de Baviera (1376-1434)

A 6 de Fevereiro de 1393, a filha de Roberto do Palatinat - que devia tornar-se Rei da Alemanha (1400-1410) - desposou Carlos II, duque de Lorraine (1364-1431).

O duque era grande capitão, homem político de primeiro plano, mas débil sobre o plano moral. Quando o seu sogro se tomou Rei da Alemanha, ele bateu-se por ele. Mas voltou-se cada vez mais para o oeste a partir de 1412, se bem que o Parlamento francês lhe concedeu em 1418 o título de "Connétable", isto é, nomeou-o general-chefe das forças armadas. É verdade que ele exerceu esta função durante apenas um ano.

Apesar do amor sincero e da consideração que ele sentia pela sua esposa Margarida, não chegou a permanecer-lhe fiel, tanto mais que ela não lhe deu - após vários partos prematuros - senão duas filhas. Com a idade, ligava-se sempre mais à sua amante, Alizon du May, uma antiga regateira de Nancy. Ela deu-lhe vários filhos e filhas, que ele dotou num primeiro testamento em 1408, depois num segundo em 1424.

Margarida viveu o seu casamento no meio dum mundo caótico. Porque a política entrava na Igreja, tinha-se chegado à eleição de dois Papas. O sínodo de Pisa em 1409 agravou a situação votando um terceiro Papa. A Inglaterra estava em guerra - uma guerra que devia durar cem anos (1339-1453) - com a França, cujo Rei Carlos VI (1380-1422) se afundava cada vez mais na loucura.

A situação não era melhor na Alemanha onde o Rei Venceslau levava uma vida vistosa em Praga e descurava o governo do seu país. Exagerou ao ponto de os príncipes eleitores o demitirem das suas funções - aliás em vão - e elegeram para o seu lugar o pai de Margarida como rei. A certa altura três candidatos disputaram a coroa imperial. Ao mesmo tempo este Ocidente tão dilacerado estava ameaçado na sua própria existência. Os Soldados do Crescente, fortemente instalados na Península Ibérica e ameaçando todas as costas do Mediterrâneo, deslocaram-se desde os Bálcãs sobre a Hungria.

Tudo isso pesava fortemente na consciência de Margarida, que para mais tinha uma saúde frágil e devia tomar sozinha e sem as trair as decisões no lugar do Duque Carlos, quando este estava ausente durante as suas numerosas campanhas.

É para uma mulher numa tão trágica situação que os dois escritos do Rosário foram compostos.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

Eles levaram a duquesa a procurar em Jesus Cristo - pela oração - o equilíbrio interior.

E de fato, Margarida encontrou esse equilíbrio. Carlos II estimava Adolfo. E conseguiu que a sua Ordem o designasse como primeiro superior da sua nova cartuxa, perto de Sierck (1415-1421).

O Duque tinha verificado que a sua esposa começava desde 1400 a adquirir "uma tal prática espontânea, viva e perseverante do Rosário, que ela parecia como q e transformada, e em posse sempre mais perfeita das virtudes da "Vida de Jesus".

O que ela experimentava como uma ajuda eficaz, esta mulher assim dotada comunicava-o aos nobres da sua corte e ao pessoal ao seu serviço. Mas antes de mais, desta oração ela fez uma prática pessoal, oação que viveu intensamente na sua própria vida, de maneira que à sua morte, em 1434, a sua santidade foi reconhecida por todos.

O seu processo de canonização não chegou a bom termo. Mas ela é a avó de Bernardo de Baden (1429-1458) e a bisavó da Beata Margarida de Lorraine (†1521).

Ela é a primeira a propagar o Rosário. Provavelmente devemos à sua influência a maneira original de o rezar nos países latinos.

Adolfo de Esser, o primeiro devoto do Rosário

Os registros da cartuxa da época chamam-no: "Adolphus de Assindia" (cerca 1375-1439). Assim é designado o seu nome de batismo - os nomes em religião não existem ainda - e o seu lugar de origem. Ele é oriundo do Principado das Nobres Senhoras Cônegas isentas de Esserl Ruhr. Da sua vida anterior e sobre a sua família não fez - como bom cartuxo - nenhuma revelação, o que não facilita as investigações. Não se deve atribuir a sua profunda devoção para com a Santíssima Virgem à influência da sua mãe; o único episódio conhecido da sua juventude no-lo prova. E se ele teve uma entrada tão rápida na corte de Lorraine, não é porque estivesse habituado a mover-se em meio nobre e fosse, apesar da sua juventude, uma personalidade particularmente madura.

Todos os fatos concordam e provam que Adolfo pertencia a uma família da velha nobreza, da região de Colônia, que exercia desde há séculos a função de magistrado, isto é, o mais alto cargo do Principado de Esser.

Na corte ducal de Guilherme Von Berg (†1408) Adolfo gozava da consideração e da confiança do Duque e da sua esposa, que era Ana de Baviera, e que fundou em 1407 em Dusseldorf "a Fraternidade das Alegrias de Nossa Senhora para as Irmãs e Irmãos do Rosário".

Além disso, Adolfo fez provavelmente estudos de direito na jovem universidade de Colônia. Quando entrou em região, ele tinha pelo menos o título universitário de "Bacharel em Artes". O seu estilo oratório revela como está próximo do povo, apesar da sua formação universitária. Muito cedo ele poderia ter adotado de um convento de devotas de Esser, sem dúvida pelos bons cuidados dum cônego, a sua maneira popular de recitar as 50 Ave.

E se ele pôde tão facilmente socorrer a duquesa de Lorraine na sua aflição, é porque ele antes, numa situação trágica, teve de recorrer a esta forma de piedade bíblica, que não abandonará jamais até à sua morte.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

Uma confiança durante o último ano de vida revela ao mesmo tempo quais foram as necessidades e a graça desta hora: "Eu não podia de maneira nenhuma ser ajudado, se Deus não se tivesse feito homem! Eu não teria sabido onde e como encontrar Deus. É por isso que eu tenho tanta consideração pela natureza humana e a vida terrestre de Cristo".

Isso aconteceu quando? Segundo Modesto Leydecker, historiador da cartuxa de Tréveris em 1765, a causa imediata da entrada de Adolfo na Ordem teria sido provocada por uma repentina epidemia de morte massiva.

A decisão, portanto, tinha amadurecido lentamente, com as preocupações que lhe causava a sua mãe e também por causa dos acontecimentos vividos na corte do Duque de Berg. Talvez isso se situe à volta de 1396, na altura dos seus estudos em Calória.

A mesma época terá sido a hora do nascimento do Rosário. Enquanto Adolfo recitava as 50 Ave-Marias, esta humilde oração, ele apercebeu repentinamente desenhado num imenso fresco o curso do mundo englobando o seu próprio destino banhado no amor condescendente de Deus. Desta maneira, Adolfo de Esser foi o primeiro devoto do Rosário. Por que?

Precisamente porque foi o primeiro a unir a contemplação - da - vida - de Jesus à recitação vocal das 50 Ave-Marias. Desta união nasceu o nosso Rosário hoje em uso.

As 50 Ave-Marias das Devotas de Esser

Na Baixa Renânia, existiam até ao século XVII várias maneiras diferentes de recitar - com sentido - 50 Ave-Marias consecutivas. Dois livros de orações das Devotas de Esser contêm a maneira mais bela e a mais próxima do nosso Rosário. Encontram-se nos arquivos da catedral.

Eliminando toda a sobrecarga ulterior, obtemos o texto seguinte, que Adolfo de Esser certamente conheceu: No dia que comemora a Encanação do Filho de Deus no seio da Virgem Maria, reza assim:

"Ó Mãe de Deus, eu ofereço-te estas 50 Ave para te louvar e te honrar em reconhecimento do dia em que o Anjo Gabriel te anunciou que ias conceber o Filho de Deus pela ação do Espírito Santo. Como tu própria te doaste, também eu te entrego o meu corpo e a minha alma, a minha honra e todo o meu bem, os meus cinco sentidos e tudo aquilo de que posso dispor. Da tua parte, obtém para mim da parte do Senhor Onipotente tudo o que me é útil e bom para o Seu serviço, e para a minha alma a felicidade; e se um dia a minha alma e o meu corpo devem separar-se, então reclama, como sendo teu bem pessoal, a minha pobre alma e conduzi-la à alegria e à felicidade da vida eterna. Amém".

A partir desse dia durante um ano e todos os dias, recita 3 Ave como prova da tua consagração a Maria e acrescenta a oração seguinte:

"Ó Mãe de Deus, eu ofereço-te essas 3 Ave para te provar que no dia em que concebeste o Filho de Deus pela ação do Espírito Santo, eu dei-te o meu corpo e a minha alma, etc. (como referido acima)".

Um ano depois, na festa de Maria, recita, em primeiro lugar de pé, o salmo "Miserere" e continua de joelhos:

"O Anjo do Senhor entrou e disse a Maria: Eu te saúdo, Maria, cheia de graça. O senhor é contigo, tu és bendita entre todas as mulheres e Jesus, o fruto do teu ventre, é bendito".



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

Levanta-te agora, e diz com fervor: *Ámen*. Eis o dia que o Senhor fez! Hoje Deus teve pena do seu povo! Hoje livrou-o da morte, que uma mulher nos deu e que uma virgem agora suprimiu!”

Agora lança-te três vezes por terra e diz:

"Hoje Deus fez-se homem! O que Ele era, permaneceu o mesmo; e o que não era, adquiriu-o: Hoje Deus fez-se Homem!" De novo de pé, para venerar e festejar jubilosamente o começo da nossa salvação, diz: "Glória a ti, Senhor! Porque por esta obra, que é a maior do teu amor salvador, Tu nos concedeste, a nós, pobres pecadores, a Redenção total e a ajuda que conduz à vida nova".

Enfim, de joelhos, termina a tua oração por estas palavras:

"Ora por nós, Santa Mãe de Deus. Para que nos tomemos dignos das promessas de Jesus Cristo. Ó Deus, Tu que quiseste que o Teu Filho, depois do anúncio do anjo, tomasse carne no seio da Virgem Maria, concede a teus Filhos que a reconheçam verdadeiramente como Mãe de Deus. Por J.C.N.S. que vive e reina contigo na unidade do Espírito Santo pelos séculos dos séculos. Amém".

III

O "BILHETE-SOCORRO" DE DOMINGOS DE PRÚSSIA

Na Primavera de 1409, os Cartuxos de Tréveris elegeram como prior Adolfo de Esser, embora fosse o mais jovem entre eles. No mesmo ano, nos fins do Outono, um estudante pediu para ser admitido no convento. Fisicamente e psiquicamente ele estava sem forças, embora a morte lhe parecesse próxima. O Prior, a quem ele agradava apesar de tudo, enviou Domingos (1384-1460) a um piedoso Padre Carmelita, seu amigo, o bispo auxiliar de Tréveris, Comado de Altendorf (†1416). Este, depois de o ter ouvido em confissão - uma confissão geral de toda a sua vida - recomendou o vagabundo ao Prior: o que levou o Padre Adolfo a intervir em seu favor junto da comunidade. Foi assim que Domingos entrou no noviciado.

Anos antes, os seus condiscípulos de Cracóvia tinham formulado sobre Domingos um juízo muito apropriado: se as mulheres e a paixão do jogo não o destroem, ele dará um excelente clérigo - bem entendido na medida em que isso é possível na nossa universidade. De fato, por toda a parte onde a juventude se reúne, ele - o filho de um pescador - tornou-se depressa o "mestre de prazer".

Ele ocupou vários cargos bem retribuídos, como preceptor, notário e mestre de escola. Mas após um certo tempo, desaparecia de novo, para fugir às suas dívidas de jogo. Entretanto fez um pedido para entrar nos cartuxos de Praga. Foi recusado por causa da sua inconstância... Ora agora, dois anos depois, na altura em que ele está muito fatigado, muito deprimido, encontra-se com o Prior para o aceitar; um Prior que lhe assegura que comprometia a sua alma para o salvar, com duas condições: se ele aguenta e se ele aceita fazer o que a Ordem lhe imporá. Adolfo confiou o noviço aos cuidados do P. Pedro Eselweg.

É nesta situação, que acabamos de descrever, que o P. Adolfo pôs o seu aluno ao corrente da sua nova maneira de rezar, que ele chamava "Rosário"; isso soou como um cântico de amor. Inesquecíveis permaneceram estas palavras que ele acrescentou em seguida: "Não é possível que exista um homem tão corrompido que não consiga uma séria emenda da sua conduta, se recita esse Rosário durante um ano!"

A partir desse momento, Domingos entregou-se de todo o coração a essa oração, mas sem sucesso. Em vão recomeçou. Não conseguia concentrar-se; de tal modo estava enfraquecido.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

Então teve uma ideia - era durante o advento de 1409 - a ideia de resumir numa folha "a vida de Jesus" em 50 pequenas frases, que serviriam cada uma, por seu turno, para a meditação durante a recitação das 50 Ave. Graças a "esta invenção" conseguiu enfim meditar.

Na sua alegria, revelou imediatamente aos seus companheiros, os outros noviços, "a astúcia", que lhe abriu os caminhos da oração. E bem depressa o Prior aprendeu-o também ele. Domingos admirou-se que o P. Adolfo pudesse considerar com tanta seriedade "esta futilidade".

Este último, com efeito, tinha compreendido imediatamente que ajuda preciosa o método podia trazer às pessoas incapazes de rezar à maneira atual da duquesa e da sua. E para que a vantagem não se perdesse, pediu uma cópia do bilhete. Quando mais tarde, Domingos não cedia, então muito simplesmente Adolfo obrigou-o a transcrever outros bilhetes.

Divulgado por mais de mil exemplares através do mundo

Nunca Domingos duvidou que 50 anos mais tarde, ao recordar, escreveria semelhante verificação. Para já estava contente por ter descoberto uma maneira de rezar o Rosário. Mas o seu caráter instável incitou-o depressa a tomar a procurar outras formas de oração, que poderiam por acaso - como ele pensava - ser mais dignas da "Rainha dos Céus". Ainda noviço, Domingos pôs-se a compor como jogo de criança, com e sob forma de orações, uma espécie de "cerimonial de corte" para corte principesca, em honra da Mãe de Deus. Algum tempo depois, pôs-se com ela a querer "educar e cuidar do Menino Jesus". Enfim, compôs - em paralelo com o "demasiado humilde Rosário" - uma oração que, sem comentário, se tornou inacessível aos seus amigos, que não conheciam a sua mania dos anos vagabundos: a Alquimia. A redação desse comentário tomou-lhe sete anos (1432-1439). Tornou-se a sua obra mestra e estranha: "A coroa de pedras preciosas para a Virgem Maria".

Tudo isso revela que Domingos não teve, sem dúvida nunca, uma visão de conjunto do Rosário. Começou somente a duvidar de qualquer coisa, quando, após a morte de Adolfo, vítima da peste, seleccionou os seus papéis. Antes estava admirado, até mesmo irritado algumas vezes, quando Adolfo e um número crescente de confrades e de estrangeiros o solicitavam para outras cópias. Ele passou anos de solidão e de fraqueza. Quando verdadeiramente não é capaz de satisfazer os pedidos, os seus confrades ajudaram-no. Embora cada exemplar fosse submetido a uma censura rigorosa, antes de deixar a cartuxa, o texto, já em vida de Domingos, sofreu variantes.

Mas de que provinha este pedido?

O Rosário no contexto da reforma religiosa do século XV

O Concílio de Constança (1414-1418), com a eleição de Martinho V (1417-1431), restabeleceu a unidade da Igreja e favoreceu a reforma beneditina. Na mesma época por três vezes, Adolfo de Esser era eleito abade de importantes abadias. Mas ele recusou sempre, apesar da intervenção insistente do Arcebispo de Tréveris, Otto de Ziegenhair (1418-1430). Mas quando o seu irmão em religião, João Rode foi designado para o cargo de abade de S. Matias em Tréveris (1421-1439) e este lhe pediu para o acompanhar nas suas viagens e para o apoiar discretamente nas suas reformas, então Adolfo aceitou. É a esta atividade oculta que é preciso atribuir o fato que no princípio - além dos Cartuxos - foram os Beneditinos os mais importantes propagandistas e intérpretes das 50 pequenas frases do Rosário de Domingos de Prússia.

Numerosos códices, por exemplo, os da Abadia de Tegernsee, mostram como esta maneira bíblica



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

de rezar foi usada para renovação espiritual. De lá, ela estendeu-se a outras abadias da Alemanha do Sul. Até então o Rosário era uma oração altamente pessoal e individual.

Alguns 25 anos após a morte de Adolfo, começou-se a recitá-lo em comunidade, no Norte da França, sem se duvidar que a oração de massas possa sujeitar-se a outras leis psicológicas diferentes das da oração individual. A massa nivela e aplanar. Isto devia verificar-se, agora que o Rosário de Domingos é retomado pela Confraria do Rosário.

Eis como isso se passou: logicamente, em três etapas.

Alain de Ia Roche O.P.

Alain de Ia Roche O.P., de que se falou mais acima, aprendeu a conhecer os escritos de Domingos de Prússia, pelos cartuxos belgas. Ele aderiu a um movimento de reforma muito particular: a "Congregatio Hollandica", que se estendeu de Lille a Colônia e ao longo das costas do Báltico. Alam rejeitou o nome "Rosário", que lhe parecia erótico e por conseguinte inconveniente, e adotou das Devotas de Gand o nome "Saltério", para um saltério de 150 Ave. No entanto conservou de Tréveris a "Meditação - da - vida - de Jesus".

A partir de 1463, propagou pela pregação e seus escritos a nova maneira de rezar, e acentuou o seu lado comunitário. E quanto mais avançou em idade, tanto mais mergulhou cabeça baixa na oração "confrarizada", embora esta se tornasse demasiado complicada e exageradamente pesada.

A reação foi que a confraria do Rosário - que os seus discípulos tinham fundado em Colônia em 1475 - abandonou completamente a meditação do Evangelho. O que arrastou a resistência dos membros alemães do Sul da Confraria. O resultado disso foi que em 1481, em Vim, por abreviação das "pequenas frases de Tréveris", viu-se aparecer pela primeira vez - quase na sua forma atual - os 15 Mistérios do Rosário.

Será preciso esperar ainda uns bons 200 anos, antes que o Rosário obtenha da Confraria a sua forma definitiva, aquela que nós lhe conhecemos hoje.

O mais antigo texto de Domingos de Prússia há pouco descoberto

A "Vida de Jesus" recortada e resumida em 50 frases assemelha-se, em muitos lugares, textualmente, a passagens de Santa Matilde de Hackeborn de quem Domingos lia todos os dias um extrato da sua obra "Liber spiritualis gratiae".

Cada uma das frases deve ser precedida da Ave, da maneira seguinte:

"Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco; bendita sois Vós entre todas as mulheres, e bendito é o fruto de vosso ventre, Jesus"...

1. Que tu, Virgem pura, concebeste do Espírito Santo. Amém;

(Cada Ave-Maria, com sua cláusula, vai concluía com um "Amém" e um breve momento de silêncio para meditar).

2. Que tu foste através da montanha ao encontro de Isabel;



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

3. Que tu, serva pura, concebeste com grande alegria;
4. Que tu envolveste em faixas e deitaste num presépio;
5. Que os Santos Anjos louvaram com cânticos celestes;
6. Que os pastores procuraram e encontraram em Belém;
7. Que foi circuncidado ao oitavo dia e chamado Jesus;
8. A quem os três Reis Magos ofereceram ouro, incenso e mirra;
9. Que tu apresentaste no Templo a Deus seu Pai;
10. Com quem tu fugiste para o Egito e donde regressaste sete anos depois;
11. Que tu perdeste em Jerusalém e reencontraste três dias depois;
12. Que crescia todos os dias em idade, em graça e em sabedoria;
13. Que São João batizou no Jordão;
14. Que Satanás tentou e não venceu;
15. Que anunciou ao povo o Reino dos Céus com os seus discípulos;
16. Que curou muitos doentes com o poder de Deus;
17. De quem Maria Madalena lavou os pés com as suas lágrimas, enxaguou-os com os cabelos e ungiu-os com perfume;
18. Que ressuscitou dos mortos Lázaro e outros;
19. Que foi transfigurado no Tabor diante dos seus discípulos;
20. Quem, no dia de Ramos, em Jerusalém, foi recebido com grande pompa;
21. Quem, na última ceia, deu o seu corpo aos discípulos;
22. Quem rezou no Jardim das Oliveiras e suou gotas de sangue;
23. Quem se deixou prender, amarrar e conduzir de um juiz ao outro;
24. Que muitas testemunhas acusaram falsamente;
25. De quem a santa face foi escarnecida, velada e impressionada;
26. Quem, despojado seus vestidos, atado a uma coluna, foi duramente golpeado;



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Cruz Dum Volvitur Orbis”

27. Que foi cruelmente coroado de espinhos;
28. Diante de quem dobravam o joelho e adoravam com desprezo;
29. Que foi condenado injustamente a uma morte ignominiosa;
30. Que transportou a cruz sobre os seus santos ombros;
31. Quem, ao voltar-se, te dirigiu a palavra, a ti sua mãe, assim como a outras mulheres;
32. Quem foi cravado na cruz pelas mãos e pés;
33. Quem rezou por aqueles que o crucificavam, o torturavam e o matavam;
34. Quem disse ao bom ladrão: "Hoje mesmo estarás comigo no paraíso";
35. Quem te confiou, a ti sua mãe contristada, a João seu discípulo bem amado;
36. Quem gritou: “Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste”?
37. Quem foi dessedentado com fel e vinagre, quando disse: “Tenho sede”!
38. Quem disse: “Pai, entre as tuas mãos entrego o meu espírito”!
39. Quem disse em último lugar: “Tudo está consumado”!
40. Quem sofreu uma morte cruel por nós, pecadores. Amém. Louvor a Deus!
41. Cujo lado foi perfurado, donde correu sangue e água;
42. Quem, descido da cruz, tu recebeste sobre os teus joelhos, como normalmente se crê;
43. Quem homens justos e bons embalsamaram e sepultaram;
44. Cujas alma santa desceu aos infernos e libertos e libertou os nossos Pais;
45. Que ressuscitou dos mortos ao terceiro dia. Aleluia!
46. Quem te alegrou com uma muito grande alegria, a ti e àqueles a quem apareceu. Aleluia!
47. Quem também, na tua presença subiu ao céu e está sentado à direita de seu Pai. Aleluia!
48. Quem um dia julgará os vivos e os mortos;
49. Quem enviou aos seus fiéis o Espírito Santo no dia do Pentecostes;
50. Quem te fez subir ao céu, a ti sua dulcíssima Mãe, para estar com Ele, que vive e reina com o Pai e o Espírito Santo agora e sempre. Amém.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

O Rosário dos princípios e do futuro

A história da sua origem mostra claramente isto: antes de estar ao uso da comunidade, o Rosário era uma oração estritamente pessoal.

Se hoje cristãos, e mais particularmente os jovens, são alérgicos ao terço comunitário, não é talvez porque os adultos não o rezam com bastante silêncio.

Ou então, porque estes últimos, em contradição com a sua idade real, falharam em maturidade e abertura na sua maneira de o rezar?

Ou enfim, porque talvez ninguém nunca lhe dissesse que uma boa recitação do Rosário exige conhecimento acrescentado do Evangelho e de fidelidade a Cristo?

Não esqueçamos: três jovens estão na origem do Rosário!

Adolfo de Esser tinha apenas 23 anos quando o rezou pela primeira vez à sua maneira, em 1396.

A duquesa Margarida de Baviera tinha 24 anos quando Adolfo lhe entregou os seus dois escritos cerca do ano de 1400.

E Domingos de Prússia contava 25 anos quando acrescentou, para seu uso pessoal, o "bilhete socorro" ao terço de Adolfo, em 1409.

O que nasceu de uma necessidade pessoal urgente, numa época muito perturbada, contém o essencial:

O nome "Rosário", tomado do Amor cortês, mostra bem que "Deus é Amor" (1 Jo. 4, 8) e reclama o nosso amor.

Fé cristã é mais do que ideologia de intelectual. Ela é essencialmente e concretamente: troca de amor, partido de Deus, o Mistério em Pessoa do mundo, e atingindo cada membro da humanidade. Deveria acontecer-me um dia ser escandalizado pelo lado demasiado humano da Sua Igreja (à qual Ele me reenvia sem cessar), então é na Sagrada Escritura que eu devo procurar o Seu Rosto e o Seu Coração. Para lá chegar, é indispensável que eu comece pelo princípio e que eu procure - se é preciso, com a ajuda dos melhores comentários - uma inteligência mais profunda e mais ampla de cada passagem do Evangelho.

Mas em última instância lá onde nenhum comentário pode substituir-me, eu devo, na fé, tomar a sério a sua Pessoa e o seu Coração e realizar no quotidiano da minha vida os seus desejos e ensinamentos. Eu consegui-lo-ei somente, se renuncio a ler o Evangelho apenas e começo a meditá-lo em "Comunhão dos Santos", e mais particularmente com os olhos e o Coração de Maria. A vocação particular e a maior alegria da Santíssima Virgem é conduzir-nos a "um melhor conhecimento de Jesus".

Tomemos sem escrúpulos à liberdade de dizer - na recitação privada do terço e durante um certo tempo - a Ave na sua fórmula breve como uma saudação pessoal à Mãe de Deus, com a qual passamos em revista toda a história da nossa salvação por Jesus.

Mas seja qual for a maneira de rezar o terço - se ele é rezado "honestamente" - contém uma



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

"Stat Crux Dum Volvitur Orbis"

abundância de graças para as dificuldades presentes e as necessidades futuras.

O Papa Paulo VI na Encíclica "Marialis Cultus" propôs as "fórmulas" como um dos meios de renovar a recitação do Terço.

O sistema mais fácil é dizer uma fórmula em cada dezena de Ave-Marias. Dizem-se pois cinco fórmulas, dez vezes cada uma, por Terço. De um dia para o outro pode-se pois seguir a lista das fórmulas ou escolher dentre elas.

É o terço cartusiano. É talvez o terço do futuro.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

MENSAGEM DO SANTO PADRE AOS MEMBROS DA FAMÍLIA DOS CARTUXOS POR OCASIÃO DO IX CENTENÁRIO DA MORTE DE SÃO BRUNO

Ao Rev.do Pe.

MARCELLIN THEEUWES

Prior da Cartuxa Ministro Geral da Ordem dos Cartuxos
e a todos os membros da Família cartusiana

1. No momento em que os membros da Família dos Cartuxos celebra o IX centenário da morte do seu Fundador, juntamente com eles dou graças a Deus, que suscitou na sua Igreja a figura eminente e sempre atual de São Bruno. Numa oração fervorosa, ao apreciar o vosso testemunho de fidelidade à Sé de Pedro, uno-me de bom grado à alegria da Ordem cartusiana, que tem neste "pai bondoso e incomparável" um mestre de vida espiritual. A 6 de Outubro de 1101, "ardendo de amor divino", Bruno abandonava "as sombras fugitivas do século" para alcançar definitivamente os "bens eternos" (cf. Carta a Raul, n. 13). Os irmãos da ermida de Santa Maria da Torre, na Calábria, aos quais ele dera tanto afeto, não podiam duvidar que este Dies natalis inaugurava uma aventura espiritual singular que ainda hoje dá abundantes frutos à Igreja e ao mundo.

Testemunha da efervescência cultural e religiosa que, na sua época, agitava a Europa nascente, tendo tomado parte ativa na reforma que a Igreja desejava realizar perante as dificuldades internas com as quais se deparava, depois de ter sido um professor apreciado, Bruno sente-se chamado para se consagrar ao bem único que é o próprio Deus. "E o que há de melhor do que Deus? Existe outro bem, além do único Deus? Também a alma santa, que se apercebe desse bem, do seu incomparável fulgor, do seu esplendor, da sua bondade, arde com a chama do amor celeste e exclama: "Tenho sede do Deus forte e vivo, quando irei ver o rosto de Deus"" (Carta a Raul, 15). O carácter radical desta sede estimulou Bruno, na escuta paciente do Espírito, a descobrir com os seus primeiros companheiros um estilo de vida eremita, onde tudo favoreça a resposta à chamada de Cristo que, em todos os tempos, escolheu homens "para os conduzir à solidão e uni-los num amor íntimo" (Estatuto da Ordem dos Cartuxos). Mediante estas escolhas de "vida no deserto", Bruno convida desde o início toda a comunidade eclesial "a nunca perder de vista a vocação suprema, que é permanecer sempre com o Senhor" (Vita consecrata, 7).

Bruno evidencia o seu profundo sentido de Igreja, ele que foi capaz de esquecer o "seu" projeto para responder aos apelos do Papa. Consciente de que a caminhada pelas longas estradas da santidade não se concebe sem a obediência à Igreja, ele mostra-nos também que o verdadeiro caminho no seguimento de Cristo exige o entregar-se nas suas mãos, manifestando no abandono de si um acréscimo de amor. Esta atitude mantinha-o sempre na alegria e no louvor constantes. Os seus irmãos observaram que "tinha sempre o rosto repleto de alegria e a palavra modesta" (Introdução ao Pergaminho fúnebre dedicada a São Bruno). Estas palavras delicadas do Pergaminho fúnebre exprimem a fecundidade de uma vida dedicada à contemplação do rosto de Cristo, fonte de eficácia apostólica e força de caridade fraterna. Possam os filhos e as filhas de São Bruno, seguindo o exemplo do seu pai, continuar incansavelmente a contemplar Cristo, montando desta forma "uma guarda santa e perseverante, na expectativa da vinda do seu Mestre para lhes abrir logo que ele bater à porta" (Carta a Raul, n. 4); isto constitui um apelo encorajador a que todos os cristãos permaneçam vigilantes na oração a fim de acolher o seu Senhor!

2. Depois do Grande Jubileu da Encarnação, a celebração do nono centenário da morte de São Bruno



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

adquire hoje um ulterior relevo. Na Carta Apostólica Novo millennio ineunte convido todo o povo de Deus a partir de Cristo, a fim de permitir que todos os que têm sede de sentido e de verdade ouçam bater o coração de Deus e o coração da Igreja. A Palavra de Cristo, "estarei sempre convosco, até ao fim do mundo" (Mt 28, 20), convida todos os que têm o nome de discípulos a tirarem desta certeza um renovado impulso na sua vida cristã, força inspiradora do seu caminho (cf. Novo millennio ineunte, 29). A vocação para a oração e para a contemplação, que caracteriza a vida da Cartuxa, demonstra de modo particular que só Cristo pode dar à esperança humana uma plenitude de significado e de alegria.

Então, como duvidar um só instante que uma semelhante expressão do puro amor dê à vida da Cartuxa uma extraordinária fecundidade missionária? No retiro dos mosteiros e na solidão das celas, paciente e silenciosamente, os Cartuxos tecem as vestes nupciais da Igreja, "bela como uma esposa que se ataviou para o seu esposo" (Ap 21, 2); eles apresentam quotidianamente o mundo a Deus e convidam toda a humanidade para a festa nupcial do Anjo. A celebração do sacrifício eucarístico constitui a fonte e o auge de toda a vida no deserto, conformando com o próprio ser de Cristo todos os que se abandonam ao amor, a fim de tornar visíveis a presença e a ação do Salvador no mundo, para a salvação de todos os homens e para a alegria da Igreja.

3. No coração do deserto, lugar de prova e de purificação da fé, o Pai conduz os homens por um caminho de despojamento que se opõe a qualquer lógica do possuir, do sucesso e da felicidade ilusória. Guigues, o Cartuxo, não se cansava de encorajar todos os que desejavam viver segundo o ideal de São Bruno a "seguir o exemplo de Cristo pobre (para)... participar nas suas riquezas" (Sur la vie solitaire, n. 6). Este despojar-se requer uma ruptura radical com o mundo, que não é desprezo do mundo, mas uma orientação tomada para toda a existência numa busca assídua do supremo Bem: "Vós me seduzistes, Senhor, e eu me deixei seduzir" (Jr 20, 7). Feliz é a Igreja que pode contar com o testemunho dos Cartuxos, de total disponibilidade ao Espírito e de uma vida inteiramente dedicada a Cristo!

Por conseguinte, convido os membros da Família dos Cartuxos, através da santidade e da simplicidade da sua vida, a permanecer como uma cidade em cima do monte e como uma luz sobre o lucernário (cf. Mt 5, 14-15). Radicados na Palavra de Deus, saciados pelos Sacramentos da Igreja, amparados pela oração de São Bruno e dos irmãos, eles permanecem em toda a Igreja e no centro do mundo "lugares de esperança e de descoberta das bem-aventuranças, lugares onde o amor, haurindo na fonte da comunhão que é a oração, é chamado a tornar-se lógica de vida e fonte de alegria" (Vita consecrata, 51). Expressão sensível de uma oferta de toda a vida vivida em união com a de Cristo, a vida de clausura, fazendo sentir a precariedade da existência, convida a contar unicamente com Deus. É também "o lugar da comunhão espiritual com Deus e com os irmãos e irmãs, onde a limitação dos espaços e dos contatos ajuda à interiorização dos valores evangélicos (Ibid., n. 59). De facto, a busca de Deus na contemplação é inseparável do amor dos irmãos, amor que nos faz reconhecer o rosto de Cristo no mais pobre dos homens. A contemplação de Cristo vivida na caridade fraterna continua a ser o caminho mais seguro da fecundidade de qualquer vida. São João não deixa de o recordar: "Caríssimos, amemo-nos uns aos outros, porque o amor vem de Deus e todo aquele que ama, nasceu de Deus e conhece-o" (1 Jo 4, 7). São Bruno compreendeu isto muito bem, ele que nunca separou a prioridade que durante toda a sua vida conferiu a Deus da profunda humanidade de que era testemunha entre os seus irmãos.

4. O IX centenário do Dies natalis de São Bruno oferece-me a oportunidade de renovar a viva confiança à Ordem dos Cartuxos na sua missão de contemplação gratuita e de intercessão pela Igreja e pelo mundo. A exemplo de São Bruno e dos seus sucessores, os mosteiros dos Cartuxos não cessam de despertar a Igreja para a dimensão escatológica da sua missão, recordando as maravilhas que Deus realiza e vigiando na expectativa do cumprimento último da esperança (cf. Vita consecrata, 27). Sentinela incansável do Reino



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

que há-de vir, procurando "ser" antes de "fazer", a Ordem dos Cartuxos dá à Igreja vigor e coragem na sua missão, para se fazer ao largo e permitir que a Boa Nova de Cristo acenda toda a humanidade.

Nestes dias de festa da Ordem, rezo ardentemente ao Senhor para que faça ressoar no coração de numerosos jovens o apelo a deixar tudo para seguir Cristo pobre, ao longo do caminho exigente mas libertador do percurso dos Cartuxos. Além disso, convido os responsáveis da família dos Cartuxos a responder sem receio aos apelos das jovens Igrejas, para fundar mosteiros nos seus territórios.

Com este espírito, o discernimento e a formação dos candidatos que se apresentam devem ser objecto de uma atenção renovada por parte dos formadores. De facto, a cultura contemporânea, marcada por um forte sentimento hedonista, pelo desejo de possuir e por uma concepção errônea da liberdade, não facilita a expressão da generosidade dos jovens que desejam consagrar a sua vida a Cristo, escolhendo percorrer, no seu seguimento, o caminho de uma vida de amor oblato, de serviço concreto e generoso. A complexidade do caminho pessoal, a fragilidade psicológica, as dificuldades de viver a fidelidade no tempo, convidam a fazer com que nada seja descuidado, a fim de oferecer a todos os que pedem para entrar no deserto da Cartuxa uma formação que inclua todas as dimensões da pessoa. Além disso, dar-se-á uma particular atenção à escolha de formadores capazes de seguir os candidatos ao longo do caminho da libertação interior e da docilidade ao Espírito Santo. Por fim, sabendo que a vida fraterna é um elemento fundamental do caminho das pessoas consagradas, convidar-se-ão as comunidades a viver sem reservas o amor recíproco, criando um clima espiritual e um estilo de vida conformes com o carisma da Ordem.

5. Queridos filhos e amadas filhas de São Bruno, como recordei no final da Exortação pós-sinodal *Vita consecrata*, "vós não tendes apenas uma história gloriosa para recordar e narrar, mas uma grande história a construir! Olhai o futuro, para o qual vos projecta o Espírito a fim de realizar convosco ainda grandes coisas" (n. 110). No coração do mundo, tornai a Igreja atenta à voz do Esposo que fala ao seu coração: "Tende confiança! Eu venci o mundo" (Jo 16, 33). Encorajo-vos a nunca renunciar às intuições do vosso fundador, mesmo se o empobrecimento das comunidades, a diminuição das entradas e a incompreensão suscitada pela vossa escolha de vida radical vos possam fazer duvidar da fecundidade da vossa Ordem e da vossa missão, cujos frutos pertencem misteriosamente a Deus!

A vós, estimados filhos e queridas filhas da Cartuxa, que sois os herdeiros do carisma de São Bruno, compete conservar em toda a sua autenticidade e profundidade a especificidade do caminho espiritual que ele vos mostrou com a sua palavra e o seu exemplo. O vosso apreciado conhecimento de Deus, alimentado na oração e na meditação da sua Palavra, convida o povo de Deus a alargar o próprio olhar até aos horizontes de uma humanidade nova e rica da plenitude do seu sentido e unidade. A vossa pobreza oferecida para a glória de Deus e a salvação do mundo é uma eloquente contestação das lógicas de rendimento e de eficácia que, muitas vezes, fecham o coração dos homens e das nações às verdadeiras necessidades dos seus irmãos. A vossa vida escondida com Cristo, como a Cruz silenciosa plantada no coração da humanidade redimida, permanece de facto para a Igreja e para o mundo o sinal eloquente e a chamada permanente do facto que cada ser, hoje como ontem, se pode deixar prender por Aquele que é amor.

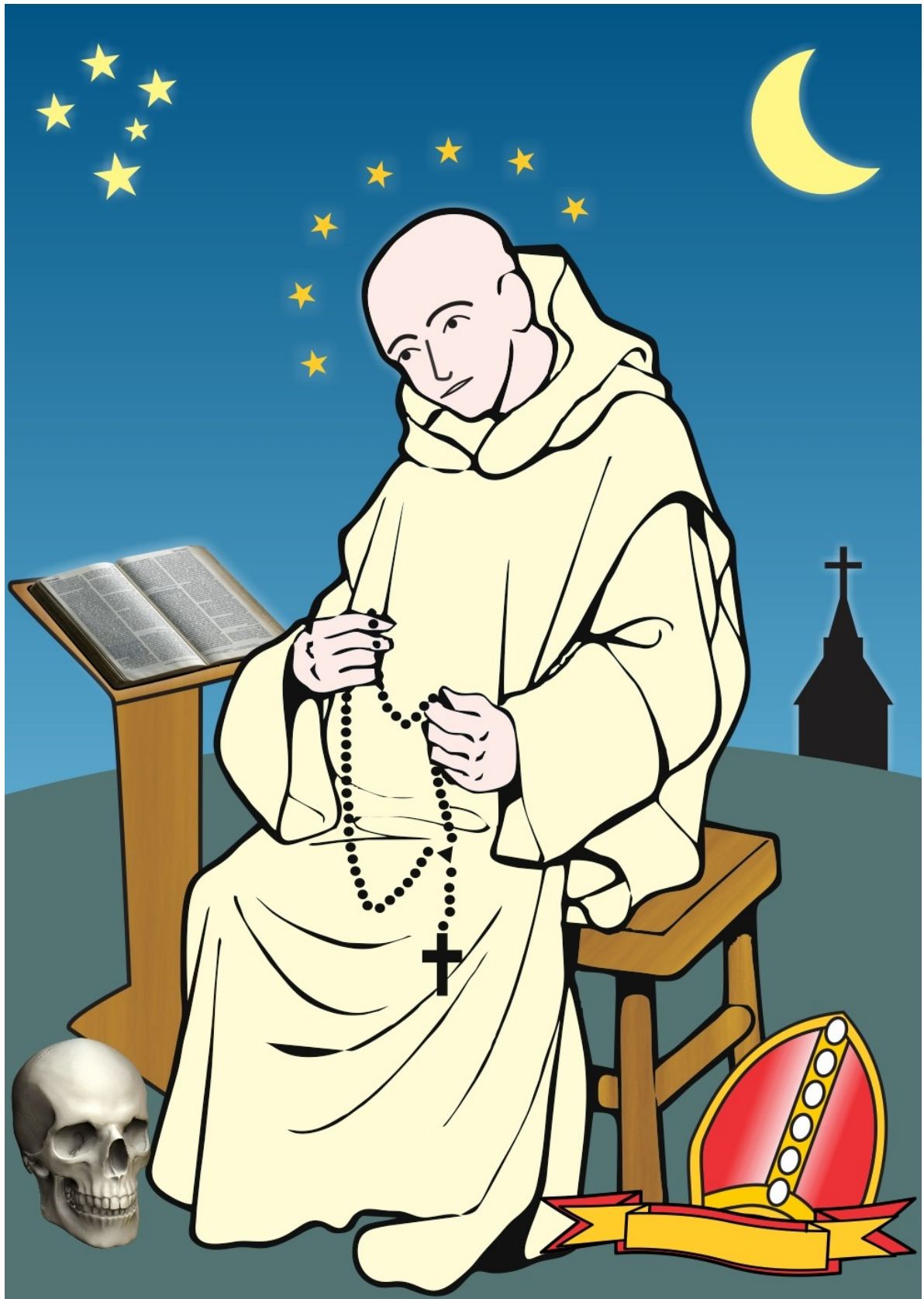
Ao confiar todos os membros da família da Cartuxa à intercessão da Virgem Maria, *Mater singularis Cartusienis*, Estrela da evangelização do terceiro milênio, concedo-vos a afetuosa Bênção apostólica, que faço extensiva a todos os benfeitores da Ordem.

Vaticano, 14 de Maio de 2001.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Cruz Dum Volvitur Orbis”



São Bruno de Colônia



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

ANEXO

INSTRUÇÃO GERAL SOBRE A LITURGIA DAS HORAS

CAPITULO I

IMPORTÂNCIA DA LITURGIA DAS HORAS

OU OFÍCIO DIVINO NA VIDA DA IGREJA

1. A oração pública e comunitária do povo de Deus é com razão considerada uma das principais funções da Igreja. Daí que, logo no princípio, os batizados "eram assíduos ao ensino dos Apóstolos, à união fraterna, à fração do pão e às orações" (At 2, 42). Da oração unânime da comunidade cristã nos dão repetidos testemunhos os Atos dos Apóstolos.¹

Que também os fiéis se costumavam entregar à oração individual em determinadas horas do dia, provam-no igualmente os documentos da primitiva Igreja. Depois foi-se introduzindo muito cedo, aqui e além, o costume de consagrar à oração comunitária alguns tempos especiais, por exemplo, a última hora do dia, ao entardecer, no momento em que se acendiam as luzes, e a primeira hora da manhã, quando, ao despontar o astro do dia, a noite chega ao seu termo.

Com o decorrer dos tempos, foram-se ainda santificando pela oração comunitária outras horas, que os Padres viam insinuadas na leitura dos Atos dos Apóstolos. Assim, os Atos falam-nos dos discípulos reunidos [para a oração] à terceira hora;² o Príncipe dos Apóstolos "sobe ao terraço da casa para orar, por volta da sexta hora" (10, 9); "Pedro ... e João sobem ao templo, para a oração da hora nona" (3, 1); "a meio da noite, Paulo e Silas, em oração, entoavam louvores a Deus" (16, 25).

2. Estas orações, feitas em comunidade, foram-se progressivamente organizando, até que vieram a constituir um ciclo horário bem definido. Esta Liturgia das Horas, ou Ofício Divino, embora enriquecida de leituras, é antes de mais oração de louvor e de súplica: oração da Igreja, com Cristo e a Cristo.

I. A ORAÇÃO DE CRISTO

Cristo, Orante do Pai

3. Vindo ao mundo para comunicar aos homens a vida divina, o Verbo que procede do Pai como esplendor da sua glória, "Sumo Sacerdote da Nova e Eterna Aliança, Cristo Jesus, ao assumir a natureza humana, introduz nesta terra de exílio o hino que eternamente se canta no Céu".³ Desde aquele momento, ressoa no coração de Cristo o louvor divino expresso em termos humanos de adoração, propiciação e intercessão. E tudo isto Ele apresenta ao Pai, como Cabeça da nova humanidade, Mediador entre Deus e os homens, em nome de todos, para benefício de todos.

4. O próprio Filho de Deus, que é "um com o Pai" (cf. Jo 10, 30) e que, ao entrar no mundo, disse: "Eu venho, ó Deus, para cumprir a tua vontade" (Hebr 10, 9; cf. Jo 6, 38), quis-nos deixar também exemplos da sua oração. E assim é que os Evangelhos no-l'O apresentam com muita frequência a orar: quando pelo Pai é revelada a sua missão,⁴ antes de chamar os Apóstolos,⁵ quando bendiz a Deus na multiplicação dos pães,⁶ no monte, aquando da sua transfiguração,⁷ quando opera a cura do surdo-mudo⁸ e ressuscita a Lázaro,⁹ antes da confissão de Pedro,¹⁰ quando ensina os discípulos a orar¹¹ ao regressarem os



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

discípulos da sua missão,¹² ao abençoar as criancinhas,¹³ quando roga por Pedro.¹⁴

A sua atividade quotidiana vemo-la estreitamente ligada à oração, como que nasce da oração;¹⁵ levanta-Se alta madrugada¹⁶ ou fica pela noite além, até à quarta vigília,¹⁷ entregue à oração a Deus.¹⁸

Temos, além disso, justos motivos para crer que tomava parte nas orações que publicamente se faziam nas sinagogas, onde "tinha por costume"¹⁹ ir aos sábados, ou no templo, ao qual chamava casa de coração,²⁰ e bem assim nas orações que os piedosos israelitas costumavam fazer diariamente em particular. Recitava também às refeições as tradicionais "bênçãos" a Deus, como expressamente vem narrado na multiplicação dos pães,²¹ na última Ceia,²² na ceia de Emaús;²³ e (na última Ceia) cantou os salmos com os discípulos²⁴.

Até aos derradeiros momentos da sua vida — próximo já da Paixão,²⁵ na última Ceia,²⁶ na agonia,²⁷ na Cruz²⁸ — o Divino Mestre apresenta-nos a oração como sendo a alma do seu ministério messiânico e do termo pascal da sua vida. Assim, "nos dias da sua vida mortal, apresentou orações e súplicas, entre clamores e lágrimas, Àquele que O podia livrar da morte, e foi atendido pela sua piedade" (Hebr 5, 7); e, mediante a oblação perfeita consumada na ara da cruz, "realizou a perfeição definitiva daqueles que são santificados" (Hebr 10, 14); finalmente, ressuscitado de entre os mortos, continua sempre vivo a interceder por nós.²⁹

II. ORAÇÃO DA IGREJA

Preceito da oração

5. Aquilo que Jesus fez, isso mesmo ordenou fizéssemos nós. "Orai" — diz repetidas vezes — "rogai", "pedi",³⁰ "em meu nome".³¹ E até nos deixou, na oração dominical, um modelo de oração.³² Inculca a necessidade da oração,³³ oração humilde,³⁴ vigilante,³⁵ perseverante e cheia de confiança na bondade do Pai,³⁶ feita com pureza de intenção, consentânea com a natureza de Deus.³⁷

Os Apóstolos, por sua vez, apresentam-nos com frequência, em suas Epístolas, fórmulas de oração, mormente de louvor e ação de graças, e exortam-nos a orar no Espírito Santo,³⁸ pela mediação de Cristo,³⁹ ao Pai,⁴⁰ com perseverança e assiduidade;⁴¹ sublinham a eficácia da oração para alcançar a santidade;⁴² exortam à oração de louvor,⁴³ de ação de graças,⁴⁴ de súplica,⁴⁵ de intercessão por todos os homens.⁴⁶

A Igreja continuadora da oração de Cristo

6. Vindo o homem inteiramente de Deus, é seu dever reconhecer e confessar a soberania do seu Criador. Assim o fizeram, através da oração, os homens piedosos de todos os tempos.

Mas a oração dirigida a Deus tem de estar ligada a Cristo, Senhor de todos os homens, único Mediador,⁴⁷ o único por quem temos acesso a Deus.⁴⁸ Ele une a Si toda a comunidade dos homens,⁴⁹ e de tal forma que entre a oração de Cristo e a de toda a humanidade existe uma estreita relação. Em Cristo, e só n'Ele, é que a religião humana adquire valor salvífico e atinge o seu fim.

7. É totalmente peculiar e profunda a união que existe entre Cristo e aqueles que, pelo sacramento da



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

regeneração, Ele assume como membros do seu Corpo que é a Igreja. Deste modo, partindo da Cabeça, por todo o Corpo se difundem todas as riquezas pertencentes ao Filho: a comunicação do Espírito, a verdade, a vida, a participação na sua filiação divina, que se manifestava em toda a sua oração enquanto viveu no meio de nós.

O sacerdócio de Cristo é também participado por todo o Corpo da Igreja. Os batizados, mediante a regeneração e a unção do Espírito Santo, são consagrados como casa espiritual e sacerdócio santo;⁵⁰ e por esta forma, ficam habilitados a exercer o culto da Nova Aliança, culto este proveniente, não das nossas forças, mas dos méritos e dom de Cristo.

"Nenhum dom poderia Deus ter feito aos homens mais valioso do que este: ter-lhes dado por Cabeça o seu Verbo pelo qual criou todas as coisas, e tê-los unido a Ele como membros seus; ter feito com que Ele seja ao mesmo tempo Filho de Deus e Filho do homem, um só Deus com o Pai e um só homem com os homens. Deste modo, quando falamos a Deus na oração, não podemos separar d'Ele o Filho; e, quando ora o Corpo do Filho, não pode separar de Si mesmo a Cabeça. E assim, é Ele próprio, o Salvador único do seu Corpo, Nosso Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, quem ora por nós, ora em nós e a Ele nós adoramos. Ora por nós, como nosso Sacerdote; ora em nós, como nossa Cabeça; a Ele oramos, como nosso Deus. Reconheçamos, pois, n'Ele a nossa voz, e a voz d'Ele em nós".⁵¹

E é nisto que assenta a dignidade da oração cristã: em participar da piedade mesma do Filho Unigênito para com o Pai e daquela oração que Ele, durante a sua vida cá na terra expressou por palavras e continua agora, sem interrupção, em toda a Igreja e em cada um dos seus membros, em nome e para salvação de todo o gênero humano.

Ação do Espírito Santo

8. A unidade da Igreja orante é realizada pelo Espírito Santo, o mesmo que está em Cristo,⁵² em toda a Igreja e em cada um dos batizados. "É o próprio Espírito que vem em auxílio da nossa fraqueza"; é Ele que "ora por nós com gemidos inefáveis" (Rom 8,26); é Ele mesmo, como Espírito do Filho, que infunde em nós "o espírito da adoção filial, no qual clamamos: *Abba, Pai*" (Rom 8,15; cf. Gal 4,6; 1 Cor 12,3; Ef 5,18; Jud 20). Nenhuma oração, portanto, se pode fazer sem a ação do Espírito Santo, o qual, realizando a unidade de toda a Igreja, conduz pelo Filho ao Pai.

Caráter comunitário da oração

9. O exemplo e o preceito do Senhor e dos Apóstolos, de orar incessantemente, hão de considerar-se, não como regra puramente legal, mas como um elemento que faz parte da mais íntima essência da própria Igreja, enquanto esta é uma comunidade e deve expressar, inclusive pela oração, a sua natureza comunitária. Daí que, quando nos Atos dos Apóstolos se fala, pela primeira vez, da comunidade dos fiéis, esta nos aparece reunida precisamente em oração, "com as mulheres, com Maria, Mãe de Jesus, e seus irmãos" (At 1,14). "A multidão dos crentes era um só coração e uma só alma" (At 4,31); e esta unanimidade assentava na palavra de Deus, na comunhão fraterna, na oração e na Eucaristia.⁵³

É certo que a oração feita a sós no quarto, portas fechadas,⁵⁴ é necessária e recomendável,⁵⁵ e não deixa nunca de ser oração de um membro da Igreja, por Cristo, no Espírito Santo. Todavia, a oração comunitária possui uma dignidade especial, baseada nestas palavras de Cristo: "Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, Eu estou no meio deles" (Mt 18,20).



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

III. A LITURGIA DAS HORAS

Consagração do tempo

10. Cristo disse: "É preciso orar sempre, sem desfalecimento" (Lc 18,1). E a Igreja, seguindo fielmente esta recomendação, não cessa nunca de orar, ao mesmo tempo que nos exorta com estas palavras: "Por Ele (Jesus), ofereçamos continuamente a Deus o sacrifício de louvor" (Hebr 13,15). Este preceito é cumprido, não apenas com a celebração da Eucaristia, mas também por outras formas, de modo particular com a Liturgia das Horas.

Entre as demais ações litúrgicas, esta, segundo a antiga tradição cristã, tem como característica peculiar a de consagrar todo o ciclo do dia e da noite.⁵⁶

11. Ora, uma vez que o fim da Liturgia das Horas é a santificação do dia e de toda a atividade humana, a sua estrutura teve que ser reformada, no sentido de repor cada uma das Horas, tanto quanto possível, no seu tempo verdadeiro, tendo em conta o condicionalismo da vida moderna.⁵⁷

Por isso, "já para santificar realmente o dia, já para rezar as próprias Horas com fruto espiritual, importa recitá-las no momento próprio, quer dizer, naquele que mais se aproxime do tempo verdadeiro correspondente a cada Hora canônica".⁵⁸

Relação entre a Liturgia das Horas e a Eucaristia

12. A Liturgia das Horas alarga aos diferentes momentos do dia ⁵⁹ o louvor e ação de graças, a memória dos mistérios da salvação, as súplicas, o antegozo da glória celeste, contidos no mistério eucarístico, "centro e vértice de toda a vida da comunidade cristã".⁶⁰

A própria celebração eucarística tem na Liturgia das Horas a sua melhor preparação, porque esta suscita e nutre da melhor maneira as disposições necessárias para uma frutuosa celebração da Eucaristia, quais são a fé, a esperança, a caridade, a devoção, o espírito de sacrifício.

Exercício da função sacerdotal de Cristo na Liturgia das Horas

13. "A obra da redenção e da perfeita glorificação de Deus" ⁶¹ realiza-a Cristo no Espírito Santo por meio da Igreja. E isto, não somente na celebração da Eucaristia e na administração dos Sacramentos, mas também, e dum modo primacial, na Liturgia das Horas.⁶² Nela está Cristo presente, quando a assembléia está reunida, quando é proclamada a palavra de Deus, quando "ora e salmodia a Igreja".⁶³

Santificação do homem

14. Na Liturgia das Horas, opera-se a santificação do homem⁶⁴ e presta-se culto a Deus, por forma a estabelecer uma espécie de intercâmbio, um diálogo entre Deus e o homem: "Deus fala ao seu povo, ... e o povo responde a Deus no canto e na oração".⁶⁵

Aqueles que tomam parte na Liturgia das Horas podem colher dela abundantíssimos frutos de santificação, em virtude da palavra de Deus que nela ocupa lugar importantíssimo. Efetivamente, é da Escritura Sagrada que são tiradas as leituras; aos salmos se vão buscar as palavras de Deus cantadas na



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

sua presença; duma forte inspiração bíblica estão repassadas todas as preces, orações e cânticos.⁶⁶

Não só quando se lê "aquilo que foi escrito para nossa edificação" (Rom 15,4), mas também quando a Igreja ora e canta, é alimentada a fé dos participantes e os seus corações elevam-se para Deus, a fim de Lhe oferecerem a homenagem espiritual e d'Ele receberem a graça em maior abundância.⁶⁷

Louvor prestado a Deus, em união com a Igreja celeste

15. Na Liturgia das Horas, a Igreja exerce a função sacerdotal da sua Cabeça, "oferecendo ininterruptamente ⁶⁸ a Deus o sacrifício de louvor, ou seja, o fruto dos lábios que glorificam o seu nome".⁶⁹

Esta oração é "a voz da Esposa a falar ao Esposo, e também, a oração que o próprio Cristo, unido ao seu Corpo, eleva ao Pai".⁷⁰ Consequentemente, "todos os que assim rezam desempenham, por um lado, o ofício da própria Igreja, e, por outro, participam da excelsa honra da Esposa de Cristo, enquanto estão, em nome da Igreja, diante do trono de Deus, a cantar os divinos louvores".⁷¹

16. Cantando os louvores de Deus nas Horas canônicas, a Igreja associa-se àquele hino de louvor que por toda a eternidade é cantado na celeste morada.⁷² Ao mesmo tempo antegoza as delícias daquele celestial louvor que João nos descreve no Apocalipse e que ressoa ininterruptamente diante do trono de Deus e do Cordeiro. Realiza-se a nossa estreita união com a Igreja celeste, quando "concelebramos em comum exultação os louvores da Divina Majestade, quando todos os que fomos resgatados no sangue de Cristo, de todas as tribos, línguas, povos e nações (cf. Ap 5, 9), congregados numa só Igreja, engrandecemos a Deus, uno e trino, no mesmo cântico de louvor".⁷³

Esta liturgia celeste, já os profetas a anteviram na vitória do dia sem noite, da luz sem trevas: "Já não será o sol a tua luz durante o dia, nem a claridade da lua será a tua luz durante a noite, porque o Senhor será a tua luz eterna" (Is 60,19; cf. Ap 21,23.25). "Será um dia contínuo, conhecido somente do Senhor, sem alternância do dia e da noite; ao entardecer, brilhará a luz" (Zac 14,7). Ora, "a última fase dos tempos chegou já para nós (cf. 1 Cor 10,11); a restauração do mundo encontra-se irrevogavelmente realizada e, em certo sentido, antecipada já no tempo presente".⁷⁴ Pela fé somos instruídos acerca do sentido da própria vida temporal, de tal modo que vivemos, com a criação inteira, na expectativa da manifestação dos filhos de Deus.⁷⁵ Na Liturgia das Horas, proclamamos a nossa fé, exprimimos e fortalecemos a nossa esperança, e tomamos parte já, de certo modo, na alegria do louvor perene, do dia que não conhece ocaso.

Súplica e intercessão

17. Mas, na Liturgia das Horas, a par do louvor divino, a Igreja expressa igualmente os votos e anseios de todos os cristãos; mais ainda: roga a Cristo e, por Ele, ao Pai pela salvação do mundo inteiro.⁷⁶ E esta voz não é somente a voz da Igreja; é também a voz de Cristo, uma vez que todas as orações são proferidas em nome de Cristo – "por Nosso Senhor Jesus Cristo". Deste modo, a Igreja prolonga aquelas preces e súplicas que o mesmo Cristo fazia nos dias da sua vida mortal;⁷⁷ daí, a sua particular eficácia. Não é, portanto, somente pela caridade, pelo exemplo, pelas obras de penitência, mas também pela oração, que a comunidade eclesial exerce uma verdadeira maternidade para com as almas, no sentido de as conduzir a Cristo.⁷⁸



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

Isto diz respeito principalmente a todos aqueles que receberam mandato especial de celebrar a Liturgia das Horas, isto é: os bispos e presbíteros, que têm por dever de ofício orar pela grei que lhes está confiada e por todo o povo de Deus,⁷⁹ os outros ministros sagrados e os religiosos.⁸⁰

Ápice e fonte da atividade pastoral

18. Aqueles que tomam parte na Liturgia das Horas contribuem, através duma misteriosa fecundidade apostólica, para o incremento do povo de Deus.⁸¹ Efetivamente, o objetivo do trabalho apostólico é conseguir que "todos aqueles que pela fé e pelo batismo se tornaram filhos de Deus se reúnam em assembléia, louvem a Deus na Igreja, participem no sacrificio, comam a Ceia do Senhor".⁸²

Por esta forma, os fiéis exprimem na sua vida e manifestam aos outros "o mistério de Cristo e a genuína natureza da verdadeira Igreja, que tem como característica peculiar o ser ... visível e dotada de riquezas invisíveis, ardorosa na ação e dedicada à contemplação, presente no mundo e, todavia, peregrina".⁸³

Por outro lado, as leituras e as preces da Liturgia das Horas são fonte de vida cristã. Esta vida alimenta-se na mesa da Escritura Sagrada e nas palavras dos Santos e robustece-se na oração. O Senhor, sem o qual nada podemos fazer,⁸⁴ quando O invocamos, dá eficácia e incremento às nossas obras;⁸⁵ e assim, dia após dia, vamos sendo edificados como templo de Deus no Espírito,⁸⁶ até atingirmos a medida da idade perfeita de Cristo;⁸⁷ ao mesmo tempo, vamos robustecendo as nossas energias para podermos anunciar Cristo àqueles que estão fora.⁸⁸

Que a mente concorde com a voz

19. Para que esta oração seja própria de cada um daqueles que nela tomam parte, seja fonte de piedade e da multiforme graça divina e sirva também de alimento à oração pessoal e à atividade apostólica, importa celebrá-la com dignidade, atenção e devoção, e fazer com que o espírito concorde com a voz.⁸⁹ É necessário que todos cooperem com a graça divina, para que não a recebam em vão. Buscando a Cristo e esforçando-se por aprofundar o seu mistério na oração,⁹⁰ louvem a Deus e elevem as suas súplicas com o mesmo espírito com que orava o Divino Salvador.

IV. QUEM CELEBRA A LITURGIA DAS HORAS

a) Celebração comunitária

20. A Liturgia das Horas, tal como as demais ações litúrgicas, não é ação privada, mas pertence a todo o corpo da Igreja, manifesta-o e afeta.⁹¹ O caráter eclesial da celebração aparece-nos com toda a sua clareza – e, por isso mesmo, é sumamente recomendável – quando realizada, com a presença do próprio Bispo rodeado dos seus presbíteros e restantes ministros,⁹² por uma Igreja particular, "na qual está presente e operante a Igreja de Cristo, una, santa, católica e apostólica".⁹³ Esta celebração, quando levada a efeito, mesmo sem a presença do Bispo, por um cabido de cônegos ou por outros presbíteros, far-se-á sempre atendendo à verdade das Horas e, tanto quanto possível, com a participação do povo. O mesmo se diga dos cabidos das colegiadas.

21. As outras assembleias de fiéis, entre as quais há que destacar as paróquias como células da diocese, localmente constituídas sob a presidência dum pastor como substituto do Bispo, e que "dalgum modo



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

representam a Igreja visível estabelecida por toda a terra”,⁹⁴ celebrem as Horas principais, quanto possível, na igreja e em forma comunitária.

22. Sempre que os fiéis são convocados e se reúnem para celebrar a Liturgia das Horas, pela união das vozes e dos corações manifestam a Igreja que celebra o mistério de Cristo.⁹⁵

23. É função daqueles que receberam as ordens sacras ou foram investidos dalguma especial missão canônica⁹⁶ organizar e dirigir a oração da comunidade. “Devem, por isso, esforçar-se para que todos aqueles que estão entregues aos seus cuidados sejam unânimes na oração”.⁹⁷ Procurarão convidar os fiéis e formá-los mediante uma catequese adequada para a celebração comunitária das partes mais importantes da Liturgia das Horas, mormente nos domingos e festas.⁹⁸ Hão-de ensiná-los a fazer desta participação uma oração autêntica.⁹⁹ Para isso, terão que os ajudar, através duma formação apropriada, a penetrar no sentido cristão dos salmos, por forma a serem levados, pouco a pouco, a saborear e utilizar mais amplamente a oração da Igreja.¹⁰⁰

24. As comunidades de cônegos, de monges, de monjas e de outros religiosos, que, por força da Regra ou das Constituições, celebram integral ou parcialmente a Liturgia das Horas, quer segundo o rito comum quer segundo o seu rito particular, representam a Igreja orante dum modo muito especial. Estas comunidades reproduzem de uma forma mais completa a imagem da Igreja a cantar ininterruptamente, numa só voz, os louvores divinos; além disso, cumprem também o dever de “trabalhar”, antes de mais pela oração, “para a edificação e crescimento de todo o Corpo Místico de Cristo e para o bem das igrejas particulares”.¹⁰¹ Isto se aplica de modo especial aos que se entregam à vida contemplativa.

25. Os ministros sagrados e todos os clérigos não obrigados por outro título à celebração comunitária, quando vivam em comunidade ou se encontrem juntos, procurem celebrar em comum pelo menos algumas das partes da Liturgia das Horas, mormente Laudes pela manhã e Vésperas à tarde.¹⁰²

26. Aos religiosos de ambos os sexos não obrigados à celebração comunitária e aos membros de qualquer Instituto de perfeição, recomenda-se encarecidamente que se reúnam em comum, ou entre si ou juntamente com o povo, para celebrar a Liturgia das Horas ou alguma parte da mesma.

27. Os grupos de leigos, onde quer que se encontrem reunidos, seja qual for o motivo destas reuniões — oração, apostolado ou outro motivo — são igualmente convidados a desempenhar esta função da Igreja,¹⁰³ celebrando alguma parte da Liturgia das Horas. Importa, de fato, que aprendam acima de tudo a adorar a Deus Pai em espírito e verdade¹⁰⁴ na ação litúrgica, e se lembrem que, através do culto público e da oração, eles podem atingir todos os homens e contribuir muito para a salvação do mundo inteiro.¹⁰⁵

Convém, finalmente, que a família, qual santuário doméstico da Igreja, não se contente com a oração feita em comum, mas, dentro das suas possibilidades, procure inserir-se mais intimamente na Igreja, com a recitação dalguma parte da Liturgia das Horas.¹⁰⁶

b) Mandato de celebrar a Liturgia das Horas

28. A Liturgia das Horas está, de modo muito particular, confiada aos ministros sagrados. E assim, cada um deles está obrigado a celebrá-la, mesmo na ausência de povo, fazendo, claro está, as necessárias adaptações. Efetivamente, os ministros sagrados são deputados pela Igreja para celebrar a Liturgia das Horas, para que esta função de toda a comunidade seja desempenhada ao menos através deles, de uma



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

forma certa e constante, e se continue na Igreja, ininterruptamente, a oração de Cristo.¹⁰⁷

O Bispo é, de modo eminente, o representante visível de Cristo e o sumo sacerdote do seu rebanho. Dele, em certo sentido, deriva e depende a vida dos seus fiéis em Cristo.¹⁰⁸ Portanto, deve ser ele, entre os membros da sua Igreja, o primeiro na oração. E esta sua oração, quando recita a Liturgia das Horas, é feita sempre em nome da Igreja e a favor da Igreja que lhe está confiada.¹⁰⁹

Os presbíteros, unidos ao Bispo e a todo o presbitério, fazem também, dum modo especial, as vezes de Cristo sacerdote,¹¹⁰ e participam da mesma função, orando por todo o povo a eles confiado e pelo mundo inteiro.¹¹¹

Todos estes desempenham o ministério do bom Pastor que roga pelos seus para que tenham a vida e sejam consumados na unidade.¹¹² Na Liturgia das Horas, que a Igreja lhes propõe, não somente encontrarão uma fonte de piedade e alimento para a oração pessoal,¹¹³ mas também um meio de alimentar e desenvolver, pela riqueza da contemplação, a sua ação pastoral e missionária, para alegria de toda a Igreja de Deus.¹¹⁴

29. Por conseguinte, os bispos, os presbíteros e todos os outros ministros sagrados, que receberam da Igreja o mandato (cf. n. 17) de celebrar a Liturgia das Horas, estão obrigados a celebrar diariamente o ciclo completo destas mesmas Horas, guardando, quanto possível, a sua correspondência com a respectiva hora do dia.

Primeiramente, darão a devida importância àquelas Horas que constituem, por assim dizer, o fulcro desta Liturgia, isto é, Laudes e Vésperas. Estas Horas procurem não as omitir, a não ser por motivo grave.

Serão também fiéis em celebrar o Ofício das Leituras, que é por excelência uma celebração litúrgica da palavra de Deus. Por esta forma se desempenharão cada dia do múnus que por título peculiar lhes incumbe, que é o de acolher a palavra de Deus, a fim de se tornarem mais perfeitos discípulos do Senhor e mais profundamente saborearem as insondáveis riquezas de Cristo.¹¹⁵

Para melhor santificarem o dia, terão a peito rezar também a Hora Média, bem como Completas, com as quais terminam o "serviço divino" e se encomendam ao Senhor antes de recolher ao leito.

30. É da máxima conveniência que os diáconos permanentes recitem todos os dias pelo menos parte da Liturgia das Horas, conforme a Conferência Episcopal determinar.¹¹⁶

31. a) Os cabidos das catedrais e das colegiadas recitarão no coro as partes da Liturgia das Horas a que, seja pelo direito comum seja pelo direito particular, estão obrigados.

E cada um dos membros destes cabidos, além das Horas que são obrigatórias para todos os ministros sagrados, está obrigado a recitar individualmente aquelas Horas que são celebradas pelo respectivo cabido.¹¹⁷

b) As comunidades religiosas obrigadas à Liturgia das Horas, e cada um dos respectivos membros, celebrarão as Horas segundo o que estiver determinado pelo seu direito particular, salvo o prescrito no n. 29 para os que receberam as Ordens sacras.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

As comunidades obrigadas ao coro, essas celebrarão diariamente o ciclo integral das Horas.¹¹⁸ Fora do coro, os membros (destas comunidades) recitarão as Horas em conformidade com o seu direito particular, salvo sempre o prescrito no n. 29.

32. Às restantes comunidades religiosas e a cada um dos seus membros, recomenda-se que, tanto quanto lho permitirem as condições em que se encontram, celebrem algumas partes da Liturgia das Horas, porque esta é a oração da Igreja, que faz de todos os que andam dispersos um só coração e uma só alma.¹¹⁹ Igual recomendação é feita aos leigos.¹²⁰

c) Estrutura da celebração

33. A Liturgia das Horas é regulada segundo leis próprias. Nela se combinam, de uma forma particular, elementos comuns às outras celebrações cristãs. Na sua estrutura geral, inclui sempre: primeiramente o hino, depois a salmodia, a seguir uma leitura, longa ou breve, da Sagrada Escritura, finalmente as preces.

Tanto na celebração comunitária como na recitação individual, a estrutura essencial é sempre a mesma: diálogo entre Deus e o homem. Todavia, a celebração comunitária manifesta mais claramente a natureza eclesial da Liturgia das Horas. Pelas aclamações, pelo diálogo, pela salmodia alternada, etc., favorece também a participação ativa de todos, segundo a condição de cada um. Além disso, respeita melhor as diferentes formas de expressão.¹²¹ Consequentemente, sempre que seja possível uma celebração comunitária, com a assistência e participação ativa dos fiéis, esta deve preferir-se à celebração individual e como que privada.¹²² Além disso, na recitação coral e comunitária, convém, quanto possível, que o Ofício seja cantado de acordo com a natureza e função de cada uma das suas partes.

Deste modo se porá em prática a recomendação do Apóstolo: "A palavra de Cristo permaneça em vós em toda a sua riqueza, para vos instruídes e aconselhades uns aos outros com toda a sabedoria; e com salmos, hinos e cânticos inspirados, cantai de todo o coração a Deus a vossa gratidão " (Col 3,16; cf. Ef 5,19-20).

CAPÍTULO II

SANTIFICAÇÃO DO DIA:

AS DIVERSAS HORAS LITÚRGICAS

I. INTRODUÇÃO A TODO O OFÍCIO

34. A introdução a todo o Ofício é normalmente formada pelo Invitatório. Este é constituído pelo versículo — **Abri, Senhor, os meus lábios: E a minha boca anunciará o vosso louvor** — e pelo salmo 94. Este salmo é um convite dirigido todos os dias aos fiéis para que celebrem os louvores de Deus e escutem a sua voz, e ao mesmo tempo uma exortação a esperarem "o repouso do Senhor"¹.

Se parecer bem, o salmo 94 pode ser substituído pelos salmos 99, 66 ou 23.

O salmo invitatório deve ser recitado, como se indica no lugar próprio, em forma responsorial, quer dizer, acompanhado da respectiva antífona. Esta é enunciada e repetida no princípio, e retomada após cada estrofe.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

35. O Invitatório tem o seu lugar próprio no princípio de todo o ciclo da oração quotidiana; isto é, ou antes das Laudes ou antes do Ofício das Leituras, conforme o dia se iniciar com uma ou outra destas duas ações litúrgicas. No caso de se dever antepor a Laudes, pode-se omitir eventualmente o salmo com a respectiva antífona.

36. As antífonas do Invitatório variam conforme os dias litúrgicos, como é indicado em seu lugar próprio.

II. LAUDES E VÉSPERAS

37. "As Laudes, como oração da manhã, e o as Vésperas, como oração da tarde, constituem segundo uma venerável tradição da Igreja universal, como que os dois pólos do Ofício quotidiano; por isso, devem considerar-se como Horas principais, e como tais se devem celebrar"².

38. As Laudes destina-se a santificar o tempo da manhã; e, como se pode ver por muitos dos seus elementos, neste sentido estão estruturados. O seu caráter de oração da manhã está belamente expresso nestas palavras de S. Basílio Magno: "O louvor da manhã têm por fim consagrar a Deus os primeiros movimentos da nossa alma e do nosso espírito, de modo a nada emprendermos antes de nos alegrarmos com o pensamento de Deus, segundo o que está escrito: "Lembrei-me de Deus, e enchi-me de alegria" (Salmo 76,4); e ainda para que o corpo não se entregue ao trabalho antes de fazermos o que está escrito: "Eu Vos invoco, Senhor, pela manhã, e ouvis a minha voz: de manhã vou à vossa presença e espero confiado" (Salmo 5,4-5).³

Esta Hora, recitada ao despontar da luz de um novo dia, evoca também a Ressurreição do Senhor Jesus, a Luz verdadeira que ilumina todos os homens (cf. Jo 1,9), o "Sol de Justiça" (Mal 4,2), o "Sol nascente que vem do alto" (Lc 1,78). Neste sentido, compreende-se perfeitamente a recomendação de S. Cipriano: "Devemos orar logo de manhã para celebrar, na oração matinal, a Ressurreição do Senhor"⁴.

39. As Vésperas celebram-se à tarde, ao declinar do dia "a fim de agradecermos tudo quanto neste dia nos foi dado e ainda o bem que nós próprios tenhamos feito"⁵. Com esta oração, que fazemos subir "como incenso na presença do Senhor" e em que o "erguer das nossas mãos é como o sacrifício vespertino"⁶, recordamos também a obra da Redenção. E, "num sentido mais sagrado, pode ainda evocar aquele verdadeiro sacrifício vespertino que o nosso Salvador confiou aos Apóstolos na última Ceia, ao inaugurar os sacrossantos mistérios da Igreja, quer aquele sacrifício vespertino que, no dia seguinte, no fim dos tempos, Ele ofereceu ao Pai, erguendo as mãos para a salvação do mundo inteiro"⁷. Finalmente, no sentido de orientar a nossa esperança para a luz sem crepúsculo, "oramos e pedimos que sobre nós brilhe de novo a luz, imploramos a vinda de Cristo, que nos virá trazer a graça da luz eterna"⁸. Nesta hora, unimos as nossas vozes às das Igrejas orientais, cantando: "Luz esplendente da santa glória do Pai celeste e imortal, santo e glorioso Jesus Cristo! Chegada a hora do sol poente, contemplando a estrela vespertina, cantamos ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo...".

40. Dar-se-á, portanto, a estas duas Horas de Laudes e Vésperas a máxima importância como oração da comunidade cristã. Promover-se-á a sua celebração pública e comunitária, principalmente entre as pessoas que vivem em comunidade. Recomenda-se mesmo a sua recitação a todos os fiéis que não possam tomar parte na celebração comunitária.

41. As Laudes e as Vésperas começam pelo versículo — **Vinde, ó Deus, em meu auxílio. Socorrei-me sem demora** — ao qual se segue o **Glória ao Pai...** com o **Como era no princípio...**, e (fora do tempo da Quaresma) **Aleluia**. Tudo isto, porém, se omite nas Laudes, quando estas forem antecedidas do



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

Invitatório.

42. Segue-se o hino respectivo. A função do hino é dar a cada hora do Ofício ou a cada festa como que a sua tonalidade própria; e ainda, de modo particular nas celebrações com o povo, tornar mais fácil e agradável o começo da oração.

43. A seguir ao hino, vem a salmodia, conforme os nn. 121-125. A salmodia das Laudes consta de um salmo de carácter matinal, um cântico do Antigo Testamento e um salmo laudatório, segundo a tradição da Igreja.

A salmodia das Vésperas consta de dois salmos (ou de duas seções de um salmo mais longo) adequados a esta Hora e à celebração com o povo, mais um cântico tirado das Epístolas ou do Apocalipse.

44. Terminada a salmodia, segue-se uma leitura, breve ou longa.

45. A leitura breve é variável conforme o dia, o tempo litúrgico ou a festa. Há de ser lida e escutada como verdadeira proclamação da palavra de Deus, na qual se propõe, de uma forma incisiva, um pensamento sagrado e é posta em relevo alguma frase mais breve que na leitura contínua da Sagrada Escritura passaria despercebida. As leituras breves variam para cada dia do ciclo salmódico.

46. Em vez da leitura breve, pode-se escolher, mormente na celebração com o povo, uma leitura bíblica mais longa tirada quer do Ofício das Leituras quer das leituras da Missa, devendo-se escolher de preferência aqueles textos que, por qualquer razão, não tenham podido ser lidos. Nada impede também que, uma vez por outra, se escolha uma leitura mais apropriada, segundo as normas dos nn. 248-249 e 251.

47. Na celebração com o povo, se parecer bem, pode-se ajuntar uma breve homilia, de comentário à leitura precedente.

48. Após a leitura ou a homilia, se for oportuno, pode-se guardar um momento de silêncio.

49. Como resposta à palavra de Deus, segue-se um canto responsorial ou responsório breve, que eventualmente se pode omitir.

Também pode ser substituído por outro canto de função e características idênticas, desde que esteja devidamente aprovado pela Conferência Episcopal.

50. Seguidamente, diz-se o cântico evangélico com sua antífona: nas Laudes, o cântico de Zacarias, **Benedictus**; nas Vésperas, o cântico da B. Virgem Maria, **Magnificat**. Estes cânticos, cujo uso radica numa tradição secular e popular da

Igreja Romana, são um hino de louvor e acção de graças pela redenção. As antífonas de **Benedictus** e de **Magnificat** variam conforme o dia, o tempo litúrgico ou a festa.

51. Terminado o cântico, seguem-se: nas Laudes, as preces, a consagrar o dia ao Senhor; nas Vésperas, as súplicas de intercessão (cf. nn. 179-193).

52. Às preces ou às súplicas segue-se o **Pai Nosso**, recitado por todos.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

53. Depois do **Pai Nosso**, diz-se a oração conclusiva. Esta, para os dias de semana do Tempo Comum, vem no Saltério; para os restantes dias, no Próprio.

54. Seguidamente, no caso de presidir à celebração um sacerdote ou diácono, este faz a despedida do povo, com a saudação **O Senhor esteja convosco** e a bênção, como na Missa, e o convite **Vamos em paz**. R. **Amen**. Aliás, termina a celebração com **O Senhor nos abençoe**, etc.

III. OFÍCIO DAS LEITURAS

55. O Ofício das Leituras visa proporcionar ao povo, e muito especialmente àqueles que de modo peculiar estão consagrados ao Senhor, uma meditação mais rica da Sagrada Escritura e das mais belas páginas dos autores espirituais. Embora as leituras que hoje se fazem na Missa, todos os dias, formem já um ciclo bastante completo dos textos bíblicos, todavia, o tesouro da revelação e da tradição contido no Ofício das Leituras pode ser de grande proveito espiritual. São os sacerdotes os primeiros que devem procurar aproveitar-se destas riquezas, de modo que, recebendo eles mesmos a palavra de Deus, a possam dispensar a todos e façam do seu ensino "alimento do povo de Deus"⁹.

56. "A leitura da Escritura sagrada deve ser acompanhada da oração, para que seja um diálogo entre Deus e o homem: "a Ele falamos quando oramos, a Ele ouvimos quando lemos os divinos oráculos"¹⁰. E é por isso que o Ofício de Leitura se compõe também de salmos, hino, oração e outras fórmulas, que lhe dão um carácter de verdadeira oração.

57. Segundo a Constituição *Sacrosanctum Concilium*, o Ofício das Leituras, "embora, quando recitado no coro, conserve o seu carácter de louvor noturno, deve ser reformado no sentido de se poder recitar a qualquer hora do dia; o número dos salmos deve também ser reduzido, e as leituras mais longas"¹¹.

58. Neste sentido, aqueles que por direito particular estão obrigados a manter este Ofício com o seu carácter de louvor noturno, ou aqueles que louvavelmente assim o queiram fazer, quer o recitem de noite quer de madrugada, antes de Laudes, devem escolher, no Tempo Comum, o hino dentro da série destinada a este fim. Além disso, para os domingos, solenidades e certas festas, ter-se-á em conta o que se diz nos nn. 70-73, a respeito das vigílias.

59. Salva a disposição do número precedente, o Ofício da Leitura pode-se recitar a qualquer hora do dia, ou até no dia anterior, à noite, depois de recitadas as Vésperas.

60. No caso de o Ofício das Leituras se recitar antes de Laudes, será precedido do Invitatório, como acima ficou dito (nn. 34-36). Aliás, começará pelo versículo **Vinde, ó Deus, em meu auxílio...** com **Glória ao Pai, Como era**, e (fora do tempo da Quaresma) **Aleluia**.

61. A seguir, diz-se o hino. Este, no Tempo Comum, toma-se ou da série noturna, como atrás ficou dito (n. 58), ou da série diurna, consoante a hora da celebração.

62. Vem depois a salmodia, constituída por três salmos (ou três secções, no caso de os salmos correntes serem mais longos). No Tríduo Pascal, nos dias dentro das oitavas da Páscoa e do Natal, bem como nas solenidades e festas, os salmos, com as respectivas antífonas, são próprios.

Nos domingos e dias de semana, os salmos, com as respectivas antífonas, tomam-se da série corrente do Saltério. Tomam--se igualmente da série corrente do Saltério nas memórias dos Santos, a não ser que estas tenham salmos e antífona próprias (cf. nn. 218 ss.).



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

63. Depois dos salmos, diz-se normalmente, o versículo, a servir de transição entre a salmodia e as leituras.
64. São duas as leituras: a primeira, tirada da Bíblia; a segunda, das obras dos Padres ou dos Escritores eclesiásticos, ou então uma leitura hagiográfica.
65. Após cada leitura, diz-se um responsório (cf. nn. 169-172).
66. Normalmente, a leitura bíblica é a indicada no Próprio do Tempo, segundo as normas dadas mais adiante, nn. 140-155. Nas solenidades e festas, a leitura bíblica toma-se do respectivo Próprio ou Comum.
67. A segunda leitura, com seu responsório, toma-se à escolha, ou do livro da Liturgia das Horas ou do Lecionário facultativo, de que se fala mais adiante, n. 161.

Nas solenidades e nas festas dos Santos, diz-se uma leitura hagiográfica própria ou, na falta desta, a segunda leitura do respectivo Comum dos Santos. Nas memórias dos Santos cuja celebração não seja impedida, diz-se a leitura hagiográfica em vez da segunda leitura corrente (cf. nn. 166 e 235).

68. Nos domingos fora da Quaresma, nos dias dentro das oitavas da Páscoa e do Natal, nas solenidades e festas, após a segunda leitura com seu responsório, diz-se o hino **Te Deum** (o qual se omite nas memórias e nos dias de semana). Querendo, pode-se omitir a última parte deste hino, desde o verso **Salvai, Senhor, o vosso povo** até ao fim.
69. O Ofício das Leituras termina com a oração própria do dia, seguida, pelo menos na recitação comunitária, da aclamação **Bendigamos ao Senhor**. R. **Graças a Deus**.

IV. VIGÍLIAS

70. A Vigília pascal é celebrada em toda a Igreja na forma indicada nos respectivos livros litúrgicos. "A vigília desta noite", diz S. Agostinho, "é de tal grandeza, que só ela pode reivindicar como próprio seu o nome comum dado às outras vigílias"¹², "Passamos em vigília a noite em que o Senhor ressuscitou, em que para nós inaugurou, na sua carne, aquela vida em que não há morte nem sono... E assim, Aquele que, numa vigília um pouco mais prolongada, cantamos ressuscitado, nos concederá a graça de reinarmos com Ele numa vida sem fim"¹³.
71. À semelhança da Vigília pascal, introduziu-se em diversas igrejas o costume de iniciar igualmente com uma vigília diversas solenidades. Entre estas, destacam-se o Natal do Senhor e o dia do Pentecostes. Este costume deve-se conservar e promover, segundo o uso de cada Igreja. Onde, eventualmente, convenha realçar com uma vigília outras solenidades ou peregrinações, seguir-se-ão as normas respeitantes às celebrações da palavra divina.
72. Os Padres e os autores espirituais exortam com muita frequência os fiéis, sobretudo os que levam vida contemplativa, à prática da oração noturna. Ela exprime e aviva a espera do Senhor que vem: "À meia-noite, ouve-se um clamor: Aí vem o esposo, ide ao seu encontro" (Mt 25,6). "Estai vigilantes, pois não sabeis a hora em que o Senhor vem: se à tarde, se à meia-noite, se ao cantar do galo, se de manhã; não vá ele chegar de repente e vos encontre a dormir" (Mc 13,35-36). Por isso, merecem louvor todos aqueles que mantêm o Ofício das Leituras com o seu caráter de oração noturna.
73. O Ofício das Leituras, no Rito Romano, continua a ser muito breve, por causa daqueles que se



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

dedicam ao apostolado. No entanto, aqueles que, seguindo a tradição, desejarem prolongar um tanto mais a celebração da vigília

dominical, das solenidades ou das festas, procederão do seguinte modo:

Primeiramente, celebra-se o Ofício das Leituras tal como vem no livro da Liturgia das Horas, até às leituras inclusive. Depois das leituras, antes do **Te Deum**, dizem-se os cânticos que para esse efeito vêm indicados no Apêndice do referido livro. Seguidamente, lê-se o Evangelho, sobre o qual, eventualmente, se pode fazer uma homilia. Por último, canta-se o hino **Te Deum** e recita-se a oração.

O Evangelho, nas solenidades e festas, tomar-se-á do Lecionário da Missa; aos domingos, da série de leituras referentes ao mistério pascal, como vem indicado no Apêndice do livro da Liturgia das Horas.

V. TERÇA (ORAÇÃO DAS NOVE), SEXTA (ORAÇÃO DAS DOZE) E NONA (ORAÇÃO DAS QUINZE HORAS): HORA MÉDIA

74. Segundo a mais antiga tradição, e a exemplo do que se fazia na Igreja Apostólica, costumavam os cristãos, por devoção privada, orar a certas horas do dia, mesmo no meio do trabalho. Com o decorrer dos tempos, esta tradição veio a revestir diversas formas de celebração litúrgica.

75. O uso litúrgico, tanto do Oriente como do Ocidente conservou a Oração das Nove, das Doze e das Quinze Horas, sobretudo por lhes andar ligada a memória de certos acontecimentos da Paixão do Senhor e da primeira propagação do Evangelho.

76. O Concílio Vaticano II ordenou que, no coro, se mantivessem a Oração das Nove, das Doze e das Quinze Horas.¹⁴ Salvo direito particular, devem igualmente manter o uso litúrgico de recitar estas três Horas os que professam vida contemplativa. Aliás, a todos é recomendado, mormente àqueles que tomam parte em retiros espirituais ou em reuniões de carácter pastoral.

77. Fora do coro, salvo o direito particular, é permitido escolher uma só destas três Horas, a que mais convier à hora do dia, a fim de manter a tradição de orar durante o dia, a meio do trabalho.

78. Na estrutura da Oração das Nove, das Doze e das Quinze Horas, atendeu-se tanto aos que recitam uma só destas Horas, ou seja, a “Hora Média”, como aos que, por obrigação ou devoção, recitam as três.

79. A Oração das Nove, das Doze e das Quinze Horas, ou Hora Média, começam pelo versículo introdutório, **Vinde, ó Deus, em meu auxílio...**, com **Glória, Como era**, e (fora do tempo da Quaresma) **Aleluia**. Segue-se o hino correspondente à Hora. Depois vem a salmodia. A seguir, uma leitura breve, seguida de um versículo. Termina-se com a oração e, pelo menos na recitação comunitária, com a aclamação **Bendigamos ao Senhor**. R. **Graças a Deus**.

80. Para cada uma destas Horas, estão indicados hinos e orações diferentes, a condizer, segundo a tradição, com o tempo verdadeiro, no sentido de melhor se obter a santificação das horas do dia. Por isso, quem recitar uma Hora somente deverá escolher os elementos correspondentes a essa Hora. Leituras breves e orações variam também consoante o dia, o tempo litúrgico ou a festa.

81. Apresenta-se um duplo esquema de salmodia: uma corrente, outra complementar. Quem recitar só uma Hora escolherá a salmodia corrente. Quem recitar mais do que uma Hora, dirá numa delas a salmodia corrente e nas outras a complementar.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

82. A salmodia corrente consta de três salmos (ou três secções, no caso de salmos mais extensos) do ciclo do Saltério, com suas antífonas, salvo indicação em contrário.

Nas solenidades, no Tríduo Pascal e nos dias dentro das oitavas da Páscoa e do Natal, dizem-se antífonas próprias com os três salmos da salmodia complementar, salvo se houver salmos especiais ou a celebração duma solenidade ocorrer ao domingo; neste último caso, tomam-se os salmos do domingo, correspondentes à 1ª semana.

83. A salmodia complementar consta de três grupos de salmos, normalmente escolhidos da série dos salmos ditos "graduais".

VI. COMPLETAS

84. As Completas são a última oração do dia. Rezam-se antes de iniciar o descanso noturno, ainda que, eventualmente, já passe da meia-noite.

85. As Completas começa, do mesmo modo que as restantes Horas, pelo versículo **Vinde, ó Deus, em meu auxílio...**, com **Glória, Como era** e (fora do tempo da Quaresma) **Aleluia**.

86. A seguir, é louvável que se faça o exame de consciência. Na celebração comunitária, este é feito ou em silêncio ou inserido num ato penitencial, segundo os formulários do Missal Romano.

87. Depois diz-se o hino respectivo.

88. A salmodia, nos domingos, depois das I Vésperas, consta dos salmos 4 e 133; depois das II Vésperas, do salmo 90. Para os outros dias, foram escolhidos salmos apropriados, que excitam sobretudo a confiança no Senhor.

É, porém, facultada a substituição destes salmos pelos do domingo, para comodidade, principalmente, daqueles que desejem porventura rezar Completas de cor.

89. Depois da salmodia, há uma leitura breve, seguida do responsório **Em vossas mãos**. A seguir, diz-se o cântico evangélico **Nunc dimittis**, com a respectiva antífona. Este cântico é, de certo modo, o ponto culminante de toda esta Hora litúrgica.

90. A oração conclusiva é a que vem indicada no Saltério.

91. Depois da oração, diz-se, mesmo na recitação individual, **O Senhor nos conceda...**

92. E termina-se com uma das antífonas de Nossa Senhora. No tempo pascal, diz-se sempre **Regina caeli**. Além das antífonas que vêm no livro da Liturgia das Horas, podem as Conferências Episcopais aprovar outras.¹⁵

VII. LIGAÇÃO OCASIONAL DAS HORAS DO OFÍCIO

COM A MISSA OU ENTRE SI

93. Em casos particulares, quando as circunstâncias o pedirem, na celebração pública ou comunitária, pode-se fazer uma ligação mais estreita da Missa com uma Hora do Ofício, dentro das normas a seguir



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

indicadas, contanto que a Missa e a Hora pertençam ao mesmo Ofício. Evitar-se-á, porém, que isto redunde em prejuízo do bem pastoral, mormente aos domingos.

94. Quando a Missa é precedida imediatamente das Laudes, celebradas no coro ou em comum, a ação litúrgica pode começar ou pelo versículo introdutório e o hino das Laudes, sobretudo nos dias feriais, ou pelo canto e procissão de entrada e saudação do celebrante, principalmente nos dias festivos. Num e noutro caso, omitir-se-á um destes dois ritos iniciais.

Segue-se a salmodia das Laudes, na forma habitual, até à leitura breve exclusive. Terminada a salmodia, omitido o ato penitencial e eventualmente o **Kýrie**, diz-se o **Gloria**, segundo as rubricas, e o celebrante recita a oração da Missa. Segue-se a Liturgia da palavra, como de costume.

A oração universal faz-se na devida altura e na forma acostumada para a Missa. Contudo, nos dias feriais, na Missa matutina, em vez dos formulários quotidianos da oração universal, podem-se dizer as preces matinais próprias de Laudes.

Depois da comunhão, com o respectivo cântico, diz-se o **Benedictus** com sua antífona das Laudes. Segue-se a oração depois da comunhão, e tudo o mais como de costume.

95. No caso de a Missa ser precedida imediatamente da celebração pública da Hora Média, quer dizer, Oração das Nove, das Doze e das Quinze Horas, a ação litúrgica pode igualmente começar ou pelo versículo introdutório e o hino da respectiva Hora, sobretudo nos dias feriais, ou pelo canto e procissão de entrada e saudação do celebrante, mormente nos dias festivos. Num e noutro caso, omitir-se-á um destes dois ritos iniciais.

Segue-se a salmodia da respectiva Hora, como de costume, até à leitura breve exclusive. Terminada a salmodia, omitido o ato penitencial e eventualmente o **Kýrie**, diz-se o **Gloria**, segundo as rubricas, e o celebrante recita a oração da Missa.

96. Quando a Missa é precedida imediatamente das Vésperas, estas ligam-se à Missa da mesma forma que Laudes. Note-se, porém, que não se podem celebrar as primeiras Vésperas das solenidades, domingos e festas do Senhor que ocorram ao domingo, senão depois de celebrada a Missa do dia anterior ou sábado.

97. No caso de a Hora Média, quer dizer, Oração das Nove, das Doze e das Quinze Horas, ou as Vésperas, se seguirem à Missa, esta será celebrada na forma habitual até à oração depois da comunhão inclusive.

Dita a oração depois da comunhão, começa imediatamente a salmodia da respectiva Hora. Na Hora Média, terminada a salmodia, omite-se a leitura breve e diz-se logo a oração; e faz-se a despedida tal e qual como na Missa. Nas Vésperas, terminada a salmodia, omite-se a leitura e diz-se logo o cântico **Magnificat** com a respectiva antífona; e, omitidas as preces e a oração dominical, diz-se a oração conclusiva e dá-se a bênção ao povo.

98. Com exceção do Natal do Senhor, não é permitido, regra geral, juntar a Missa com o Ofício das Leituras, pois a Missa tem já o seu ciclo de leituras que se deve distinguir do Ofício. Todavia, nalgum caso excepcional, se se vir que pode haver nisso vantagem, então, logo depois da segunda leitura do Ofício, com seu responsório, omitindo tudo o mais, inicia-se a Missa com o hino **Gloria**, caso se deva dizer; aliás, com a oração.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

99. No caso de o Ofício das Leituras se rezar imediatamente antes de outra Hora, pode-se dizer o hino da respectiva Hora a iniciar o Ofício das Leituras. No fim do Ofício da Leitura, omite-se a oração e a conclusão; e, na Hora que vier a seguir, omite-se o versículo introdutório e o **Glória ao Pai**.

CAPITULO III

ELEMENTOS CONSTITUTIVOS

DA LITURGIA DAS HORAS

I. OS SALMOS E A SUA RELAÇÃO COM A ORAÇÃO CRISTÃ

100. Na Liturgia das Horas, a Igreja utiliza, em grande parte, para sua oração aqueles belíssimos hinos que, sob a inspiração do Espírito Santo, foram compostos pelos autores sagrados do Antigo Testamento. Por sua própria origem, os salmos possuem, de fato, a virtude de elevar para Deus o espírito dos homens, de excitar neles santos e piedosos afetos, de os ajudar admiravelmente a dar graças na prosperidade, de os consolar e robustecer na adversidade.

101. Todavia, os salmos não encerram mais que uma sombra daquela plenitude dos tempos que se revelou em Cristo Senhor e da qual tira a oração da Igreja todo o seu valor. Por esse motivo, não admira que, apesar da elevada estima em que os salmos são tidos por todos os cristãos, surjam por vezes certas dificuldades quando alguém pretende fazer seus estes poemas venerandos, servindo-se deles para orar.

102. Porém, o Espírito Santo, que inspirou os salmistas a cantá-los, não deixa nunca de assistir com a sua graça aqueles que, animados de fé e boa vontade, salmodiam estes sagrados hinos. Além disso, é necessário que todos, na medida das suas forças, procurem "adquirir uma formação bíblica o mais rica possível, sobretudo quanto aos salmos"¹, e aprendam também a maneira de fazer da salmodia sua oração pessoal.

103. Os salmos nem são leituras nem orações em prosa, mas poemas de louvor. Por isso, embora admitindo que às vezes tenham sido recitados em forma de leitura, todavia, dado o seu gênero literário, com razão são designados em hebraico pelo termo *Tehillim*, quer dizer, "cânticos de louvor", e em grego *psalmói*, ou seja "cânticos acompanhados ao som do saltério". De fato, todos os salmos possuem um certo caráter musical, que determina o modo como devem ser executados. E assim, mesmo quando o salmo é recitado sem canto, ou até individualmente ou em silêncio, a sua recitação terá de conservar este caráter musical. Apresentando embora um texto ao nosso espírito, ele visa principalmente a excitar os corações dos que os salmodiam ou escutam, e mesmo dos que os acompanham "ao som do saltério e da cítara".

104. Aquele que salmodia sabiamente irá percorrendo versículo a versículo, meditando um após outro, de coração sempre pronto a responder como o quer o Espírito que inspirou o salmista e assistirá igualmente os homens piedosos que estão dispostos a receber a sua graça. Eis o motivo por que a salmodia, conquanto reclame a reverência devida à majestade divina, deve desenrolar-se na alegria do coração e doçura da caridade, como convém à poesia sacra e ao canto divino e sobretudo à liberdade dos filhos de Deus.

105. As palavras dos salmos ajudam-nos muitas vezes a orar com mais facilidade e fervor, quer dando graças e glorificando a Deus na exaltação, quer suplicando desde as profundezas da nossa angústia. Mas também pode por vezes acontecer — mormente quando o salmo não fala diretamente a Deus — que surja uma ou outra dificuldade. É que o salmista, como poeta que é, umas vezes dirige-se ao povo a recordar-



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

lhe a história de Israel; outras vezes, são outros que ele interpela, inclusive as próprias criaturas irracionais; outras ainda, introduz a falar Deus e os homens, ou até, como no salmo segundo, os próprios inimigos de Deus. Donde se infere que o salmo constitui um tipo de oração muito diferente de uma prece ou de uma coleta de composição eclesiástica. Além disso, a natureza poética e musical dos salmos não implica que se dirijam necessariamente a Deus, mas sim que sejam cantados na presença de Deus, como adverte S. Bento: "Consideremos a maneira como havemos de estar na presença da Divindade e dos seus Anjos; e, ao salmodiar, guardemos uma atitude tal que o nosso espírito concorde com a nossa voz"².

106. Aquele que salmodia abre o coração aos sentimentos que o salmo inspira, consoante o gênero literário de cada um deles: canto de lamentação, de confiança, de ação de graças, etc., gêneros a que os exegetas costumam dar justo relevo.

107. Atendo-se ao sentido literal dos salmos, aquele que os salmodia procurará relacionar o texto com a vida humana dos crentes.

Cada salmo, como é sabido, foi composto em determinadas circunstâncias a que os próprios títulos do saltério hebraico fazem alusão. Seja qual for, porém, a sua origem histórica, cada salmo tem um sentido literal que, mesmo em nossos dias, não podemos menosprezar. E, se bem que estes poemas tenham nascido no Oriente, há muitos séculos, eles traduzem de forma adequada a dor e a esperança, a miséria e a confiança dos homens de todos os tempos e regiões; cantam sobretudo a fé em Deus, bem como a revelação e a redenção.

108. Na Liturgia das Horas, quem salmodia não o faz tanto em seu próprio nome como em nome de todo o Corpo Místico de Cristo, e até na pessoa do próprio Cristo. Se tivermos isto em conta, desaparecem as dificuldades que possam surgir para quem salmodia, caso os seus sentimentos íntimos se sintam em desacordo com os afetos expressos num salmo. Por exemplo: quando a uma pessoa triste e angustiada se depara um salmo de jubilação, ou, ao contrário, quando a alguém que se sente feliz aparece um salmo de lamentação. No caso da oração estritamente privada, esta discordância pode evitar-se, uma vez que pode escolher um salmo mais condizente com os sentimentos pessoais. No caso, porém, do Ofício divino, a salmodia não tem caráter privado, mesmo que alguém recite as Horas sozinho; o ciclo dos salmos, oficialmente estabelecido, é recitado em nome da Igreja. Ora, salmodiando em nome da Igreja, podem-se encontrar sempre motivos de alegria ou de tristeza, pois aqui tem aplicação a palavra do Apóstolo: "Alegrar-se com os que se alegram, chorar com os que choram" (Rom 12,1).

Deste modo, a fragilidade humana, ferida pelo amor próprio, recupera a saúde pela caridade que faz com que o espírito concorde com a voz de quem salmodia.³

109. Quem salmodia em nome da Igreja deverá captar o sentido pleno dos salmos, particularmente o sentido messiânico, pois foi este o que levou a Igreja a adotar o Saltério. Este sentido messiânico aparece-nos em toda a sua clareza no Novo Testamento, e o próprio Cristo Senhor o apontou expressamente aos Apóstolos quando lhes disse: "É preciso que se cumpra tudo quanto está escrito a meu respeito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos" (Lc 24,44). Exemplo conhecidíssimo deste sentido messiânico, temo-lo naquele diálogo referido por S. Mateus a respeito do Messias, Filho de David e seu Senhor,⁴ em que o salmo 109 é aplicado ao Messias.

Nesta mesma ordem de ideias, os Santos Padres admitiram e explicaram todo o Saltério como profecia referente a Cristo e à Igreja. E é dentro deste mesmo critério que os salmos têm sido utilizados na sagrada Liturgia. E, se bem que, por vezes, se tenham aceitado interpretações algo retorcidas, no geral, é legítima a interpretação quer dos Padres quer da Liturgia, que nos salmos ouviram Cristo a clamar ao Pai



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

ou o Pai a dirigir-se ao Filho, ou reconhecem neles até a voz da Igreja, dos Apóstolos e dos Mártires. Este método de interpretação também floresceu durante a Idade Média. De fato, numerosos códices do Saltério escritos nesta época, no título anteposto a cada salmo era apontado, para uso dos que os rezavam, o sentido cristológico. Esta interpretação cristológica não se restringiu unicamente aos salmos considerados messiânicos, mas estendia-se a muitos outros casos, num sentido acomodaticio é certo, mas aceite pela tradição da Igreja.

Na salmodia dos dias festivos, de modo particular, foi o sentido cristológico que presidiu à escolha dos salmos. Este sentido é com frequência posto em relevo nas antífonas, tiradas dos mesmos salmos.

II. ANTÍFONAS E OUTROS ELEMENTOS QUE

AJUDAM A ORAÇÃO DOS SALMOS

110. Três elementos, dentro da tradição latina, muito contribuem para a inteligência dos salmos ou para fazer deles oração cristã: os títulos, as orações salmicas e, principalmente, as antífonas.

111. No Saltério da Liturgia das Horas, cada salmo é precedido dum título, a indicar o sentido do mesmo salmo e o seu valor para a vida humana do crente. Estes títulos, no livro da Liturgia das Horas, visam unicamente à utilidade de quem salmodia. Para facilitar a oração à luz da Revelação nova, acrescenta-se uma sentença tirada do Novo Testamento ou dos Padres, a qual serve como de convite a rezar o salmo no sentido cristológico.

112. As coletas salmódicas ajudam a quem recita os salmos os entendê-los num sentido predominantemente cristão. Estas coletas vêm no Suplemento ao livro da Liturgia das Horas, uma para cada salmo. Podem-se utilizar livremente, de acordo com a antiga tradição, da seguinte maneira: terminado o salmo, após uns momentos de silêncio, reza-se a coleta, como que a resumir os afetos de quem salmodia e a concluir a oração.

113. Cada salmo é acompanhado da respectiva antífona, mesmo quando a Liturgia das Horas se celebre sem canto, inclusive na recitação individual. As antífonas servem para tornar mais claro o gênero literário do salmo; transformam o salmo em oração pessoal; põem em relevo esta ou aquela sentença digna de particular atenção e que doutro modo passaria despercebida; dão ao salmo um colorido especial, em harmonia com as circunstâncias em que é utilizado; ajudam muito a interpretar o salmo num sentido tipológico conforme as festas, desde que se excluam acomodações arbitrarias; finalmente, contribuem para tornar a recitação dos salmos mais agradável e variada.

114. As antífonas do Saltério foram compostas de modo a poderem ser traduzidas em língua vernácula e poderem também repetir-se após cada estrofe, segundo o que se diz no n. 125. No Ofício do Tempo Comum, quando não for cantado, as antífonas podem-se substituir pelas sentenças antepostas aos salmos (cf. n. 111).

115. Quando, pela sua extensão, um salmo se dividir em várias secções, dentro da mesma Hora canônica, cada uma destas secções é acompanhada da respectiva antífona, para dar uma nota de variedade, principalmente na celebração com canto, e também para ajudar a apreender melhor as riquezas do salmo. Todavia pode-se recitar o salmo todo seguido sem interrupção, só com a primeira antífona.

116. O Tríduo Pascal, os dias dentro das oitavas da Páscoa e do Natal, os domingos do tempo do Advento, do Natal, da Quaresma e da Páscoa, os dias da Semana Santa e do Tempo Pascal e os dias 17 a



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

24 de Dezembro têm antífonas próprias para cada salmo nas Laudes e nas Vésperas.

117. Nas solenidades, propõem-se antífonas próprias para o Ofício das Leituras, Laudes, Oração das Nove, das Doze e das Quinze Horas e Vésperas; na sua falta tomam-se do respectivo Comum. Nas festas, o mesmo acontece para o Ofício das Leituras, Laudes e Vésperas.

118. Se alguma memória dos Santos tiver antífonas próprias, observam-se (cf. n. 235).

119. As antífonas do **Benedictus** e do **Magnificat**, no Ofício do Tempo, tomam-se do Próprio do Tempo, se as tiver; aliás, do Saltério corrente. Nas solenidades e festas, tomam-se do Próprio, se as tiver; aliás, do respectivo Comum. Nas memórias que não tiverem antífona própria, diz-se, à escolha, ou a do Comum ou a do dia de semana corrente.

120. No Tempo Pascal, junta-se **Aleluia** a todas as antífonas, salvo se não se harmonizar com o sentido das mesmas.

III. MANEIRA DE SALMODIAR

121. Para mais facilmente se poder sentir a fragrância espiritual e literária dos salmos, estes podem-se recitar de diferentes maneiras, de acordo com o gênero literário ou a extensão de cada um, conforme a recitação é feita em latim ou em vernáculo, e principalmente consoante o modo de celebração, quer dizer, se é feita por um só, por vários ou com o povo reunido em assembleia. É que (na Liturgia das Horas) os salmos não se empregam como se fossem uma determinada quantidade de oração, mas sim tendo em vista a variedade e as características peculiares de cada salmo.

122. No canto ou recitação dos salmos, podem adotar-se diversas modalidades confirmadas pela tradição ou pela experiência: ou tudo seguido (*in directum*), ou alternando os versículos ou as estrofes, quer entre dois coros quer entre duas partes da assembleia, ou ainda em forma responsorial.

123. No princípio de cada salmo, dir-se-á sempre a respectiva antífona, como ficou dito acima, nn. 113-120. No final do salmo inteiro, concluir-se-á, como é habitual, com o **Glória ao Pai** e **Como era**. O **Glória ao Pai** é uma conclusão tradicional muito apropriada, pois vem dar à oração do Antigo Testamento um sentido laudativo, cristológico e trinitário. Terminado o salmo, se parecer melhor, pode-se repetir a antífona.

124. Os salmos mais extensos vêm no Saltério divididos em várias secções. Estas divisões da salmodia em vários membros são feitas de molde a esboçar a estrutura ternária da Hora, embora respeitando estritamente o sentido objetivo de cada salmo.

Convém, principalmente na celebração coral, marcar estas divisões, intercalando o **Glória ao Pai** no fim de cada secção.

É permitido, no entanto, ou seguir este modo tradicional, ou fazer uma pausa entre as diferentes secções do salmo, ou ainda recitar o salmo inteiro com a respectiva antífona.

125. Quando o gênero literário assim o aconselha, indica-se a divisão dos salmos em estrofes. Isto permite executá-los com intercalação da antífona depois de cada estrofe, sobretudo quando são cantados em língua vernácula. Neste caso, bastará dizer o **Glória ao Pai** no fim do salmo todo.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

IV. CRITÉRIO SEGUIDO NA DISTRIBUIÇÃO

DOS SALMOS NO OFÍCIO

126. Os salmos estão distribuídos por um ciclo de quatro semanas. Omitem-se alguns salmos, muito poucos. Outros, que a tradição tornou mais conhecidos, repetem-se com mais frequência. Além disso, para os ofícios das Laudes e Vésperas, foram escolhidos salmos a condizer com a respectiva Hora.⁵

127. Como Laudes e Vésperas se destinam mais particularmente à celebração com o povo, foram escolhidos para estas Horas salmos que se prestam melhor a este modo de celebração.

128. Para Completas seguiu-se a norma indicada no n. 88.

129. Para o domingo, inclusive no Ofício das Leituras e na Hora Média, foram escolhidos aqueles salmos que, segundo a tradição, melhor traduzem o mistério pascal. Para a sexta-feira, escolheram-se os salmos penitenciais ou relacionados com a Paixão.

130. Os salmos 77, 104 e 105, em que mais claramente nos é revelada a história da salvação através do Antigo Testamento, como prenúncio do que viria a acontecer no Novo, reservam-se para o tempo do Advento, do Natal, da Quaresma e da Páscoa.

131. Os três salmos 57, 82 e 108, em que predomina o caráter imprecatório, foram suprimidos do ciclo do Saltério. Foram igualmente suprimidos certos versículos de alguns outros salmos, como se indica no princípio do salmo respectivo. A omissão destes textos foi motivada por uma certa dificuldade de ordem psicológica, muito embora os próprios salmos imprecatórios figurem na piedade do Novo Testamento, p. ex., em Ap 6,10, sem que de maneira alguma pretendam induzir a maldição.

132. Os salmos demasiado extensos, para poderem caber dentro de uma só Hora do Ofício, são distribuídos por vários dias, a essa mesma Hora, de modo a poderem ser recitados integralmente por aqueles que não costumam dizer outras Horas. É o que se dá com o salmo 118, que é distribuído por vinte e dois dias, tantas quantas as suas divisões, na Hora Média, pois a tradição atribuiu sempre este salmo às horas diurnas.

133. O ciclo das quatro semanas do Saltério articula-se com o ano litúrgico da seguinte maneira: a primeira semana (omitindo eventualmente as outras) começa no primeiro domingo do Advento, na primeira semana do Tempo Comum, no primeiro domingo da Quaresma e no primeiro domingo da Páscoa.

No Tempo Comum, o ciclo do Saltério segue a série das semanas. Por isso, depois do Pentecostes, retoma-se a semana do Saltério indicada no Próprio do Tempo, no princípio da respectiva semana do Tempo Comum.

134. Nas solenidades e festas, no Tríduo Pascal, nos dias dentro das oitavas da Páscoa e do Natal, o Ofício das Leituras tem salmos próprios, escolhidos de entre aqueles que tradicionalmente lhes costumam ser atribuídos. A sua congruência é posta em relevo, geralmente pela antífona. O mesmo se faz para a Hora Média em certas solenidades do Senhor e na oitava da Páscoa. Nas Laudes, dizem-se os salmos e o cântico indicados no Saltério para o primeiro domingo. Nas primeiras Vésperas das solenidades, dizem-se os salmos da série Laudate, segundo o antigo costume. Nas segundas Vésperas das solenidades e nas Vésperas das festas, os salmos e o cântico são próprios. Na Hora Média das solenidades, com exceção



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

daquelas de que se falou acima e salvo se caírem ao domingo, os salmos são tirados dos chamados "salmos graduais". Na Hora Média das festas, dizem-se os salmos do dia de semana corrente.

135. Nos outros casos, dizem-se os salmos do ciclo do Saltério, a não ser que haja antífonas ou salmos próprios.

V. CÂNTICOS DO ANTIGO E DO NOVO TESTAMENTO

136. Nas Laudes, entre o primeiro e o segundo salmo, insere-se um cântico tirado, segundo o costume, do Antigo Testamento. As duas séries de cânticos — a da antiga tradição romana e a introduzida no Breviário por S. Pio X — foram aumentadas, no novo Saltério, com outros cânticos tirados de vários livros do Antigo Testamento. Deste modo, cada dia da semana tem seu cântico próprio nas quatro semanas. Aos domingos, dizem-se alternadamente as duas partes do cântico dos três jovens.

137. Nas Vésperas, a seguir aos dois salmos, insere-se um cântico do Novo Testamento, tirado ou das Epístolas ou do Apocalipse. São sete estes cânticos, um para cada dia da semana. Nos domingos da Quaresma, em vez do cântico aleluiático do Apocalipse, diz-se o da primeira Epístola de S. Pedro. Além disso, na solenidade da Epifania e na festa da Transfiguração do Senhor, diz-se o cântico indicado no lugar próprio, tirado da primeira Epístola a Timóteo.

138. Os cânticos evangélicos — **Benedictus, Magnificat, Nunc dimittis** — são acompanhados da mesma solenidade com que é costume ouvir a proclamação do Evangelho.

139. No ordenamento quer da salmodia quer das leituras, segue-se esta regra tradicional: primeiro o Antigo Testamento, a seguir o Apóstolo, finalmente o Evangelho.

VI. LEITURA DA SAGRADA ESCRITURA

a) Leitura da Sagrada Escritura em geral

140. A leitura da Sagrada Escritura que, segundo a antiga tradição, é feita publicamente na Liturgia, quer na celebração eucarística quer no Ofício divino, deve ser tida na maior estima por todos os cristãos. Esta leitura não é escolhida segundo um critério individual nem para satisfazer tal ou tal inclinação do espírito; é proposta pela Igreja em ordem ao mistério que a Esposa de Cristo "vai desenrolando através do ciclo anual, desde a Encarnação e Nascimento até à Ascensão, dia do Pentecostes e expectativa da feliz esperança e vinda do Senhor"⁶. Além disso, na celebração litúrgica, a leitura da Sagrada Escritura vem sempre acompanhada da oração, de modo que a leitura produza mais abundante fruto e, por seu lado, a oração, mormente a dos salmos com a leitura se apreenda melhor e se torne mais fervorosa.

141. Na Liturgia das Horas, apresentam-se duas espécies de leituras da Sagrada Escritura: uma longa, outra breve.

142. Da leitura longa, facultativa nas Laudes e nas Vésperas, já se falou acima, n. 46.

b) Ciclo de leituras da Sagrada Escritura no Ofício das Leituras

143. No ciclo das leituras da Sagrada Escritura para o Ofício das Leituras, teve-se em conta quer os tempos sagrados em que a tradição manda ler determinados livros quer o ciclo das leituras da Missa. Assim, a Liturgia das Horas combina-se com a Missa, de forma que a leitura da Sagrada Escritura no



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

Ofício venha completar a que se faz na Missa. Deste modo, ter-se-á uma visão geral da história da salvação.

144. Salva a exceção referida no n. 73, na Liturgia das Horas não se lê o Evangelho, uma vez que é lido integralmente todos os anos na Missa.

145. Há um duplo ciclo de leituras bíblicas: o primeiro abrange um ano só, e é o que vem no livro da Liturgia das Horas; o segundo, facultativo, é bienal, como o ciclo ferial "*per annum*" das leituras da Missa, e vem no Suplemento.

146. O ciclo bienal das leituras está organizado por forma a lerem-se em cada ano quase todos os livros da Sagrada Escritura, reservando para a Liturgia das Horas os textos mais extensos ou mais difíceis que não é possível ler na Missa. O Novo Testamento é lido integralmente todos os anos, parte na Missa, parte na Liturgia das Horas. Quanto aos livros do Antigo Testamento, foram escolhidas aquelas partes que têm maior importância quer para compreender a história da salvação quer para alimentar a piedade.

As leituras da Liturgia das Horas e as da Missa combinam-se entre si de maneira a evitar a repetição dos mesmos textos no mesmo dia ou a fixação dos mesmos livros nos mesmos tempos litúrgicos, o que viria a deixar para a Liturgia das Horas as perícopes menos importantes e a alterar a ordem dos textos. Isto exige necessariamente que o mesmo livro seja lido, alternadamente, um ano na Missa, outro ano na Liturgia das Horas; ou pelo menos, quando se tenha de ler (duas vezes) no mesmo ano, decorra um certo intervalo de tempo entre uma leitura e outra.

147. No Tempo do Advento, de acordo com a antiga tradição, lêem-se perícopes do livro de Isaías, em forma de leitura semi-contínua, em anos alternados. A esta leitura, junta-se também o livro de Rute e algumas profecias do profeta Miqueias. Os dias 17 a 24 de Dezembro têm leituras especiais, deixando de parte as leituras da terceira semana do Advento que não tiverem lugar.

148. Do dia 29 de Dezembro a 5 de Janeiro, lê-se: no primeiro ano, a Epístola aos Colossenses, onde a Encarnação do Senhor nos é apresentada dentro do contexto geral da história da salvação; no segundo ano, lê-se o Cântico dos Cânticos, no qual é prefigurada a união de Deus e do homem em Cristo: "Deus Pai celebrou as bodas de Deus Filho quando O uniu à natureza humana no seio da Virgem, quando Deus, que é antes dos séculos, Se quis fazer homem no fim dos séculos"⁷.

149. De 7 de Janeiro ao sábado depois da Epifania, leem-se os textos escatológicos do livro de Isaías (60-66) e do livro de Baruc. As leituras que não tenham lugar nesse ano, omitem-se.

150. Durante a Quaresma, no primeiro ano leem-se extratos do livro do Deuteronômio e da Epístola aos Hebreus. No segundo ano, apresenta-se uma visão global da história da salvação, com textos escolhidos dos livros do Êxodo, Levítico e Números. Na Epístola aos Hebreus, é interpretada a antiga aliança à luz do mistério pascal de Cristo. Desta Epístola é tirada a leitura da Sexta-feira da Paixão (Sexta-feira Santa), referente ao sacrifício de Cristo (9, 11-28), e a do Sábado Santo, referente ao repouso do Senhor (4, 1-16). Nos outros dias da Semana Santa, leem-se: no primeiro ano, os cantos terceiro e quarto do Servo do Senhor, tirados do livro de Isaías, e perícopes do livro das Lamentações; no segundo ano, o profeta Jeremias como figura de Cristo sofredor.

151. No Tempo Pascal, com exceção do primeiro e segundo domingo da Páscoa e as solenidades da Ascensão e do Pentecostes, leem-se, de acordo com a tradição: no primeiro ano, a primeira Epístola de S. Pedro, o livro do Apocalipse e as Epístolas de S. João; no segundo ano, os Atos dos Apóstolos.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

152. Da segunda-feira a seguir ao domingo do Batismo do Senhor até à Quaresma, e da segunda-feira depois do Pentecostes até ao Advento, tem lugar a série contínua das 34 semanas do Tempo Comum.

Esta série é interrompida desde a Quarta-feira de Cinzas até ao domingo do Pentecostes. Na segunda-feira a seguir ao domingo do Pentecostes, retoma-se a leitura do Tempo Comum, a contar da semana seguinte àquela em que foi interrompida pela Quaresma, omitindo a leitura marcada para o domingo.

Nos anos em que há somente 33 semanas do Tempo Comum, omite-se a semana que viria logo a seguir ao Pentecostes, de modo a ficar sempre com as leituras das últimas semanas, de carácter escatológico.

Os livros do Antigo Testamento estão distribuídos seguindo a história da salvação: Deus revela-Se ao longo da vida do povo: este vai sendo conduzido e iluminado por fases sucessivas. Consequentemente, os livros dos profetas são lidos com os livros históricos, inseridos no tempo em que os mesmos profetas viveram e ensinaram. E assim, no primeiro ano, a série das leituras do Antigo Testamento apresenta simultaneamente os livros históricos e os oráculos dos profetas desde o livro de Josué até ao tempo do exílio. No segundo ano, depois do livro do Gênesis que se lê antes da Quaresma, retoma-se a história da salvação a partir do exílio até à época dos Macabeus. Neste ano, inserem-se os profetas mais recentes, os livros sapienciais e as narrativas dos livros de Ester, Tobias e Judite.

As Epístolas dos Apóstolos que não são lidas em tempos litúrgicos especiais são distribuídas tendo em conta, por um lado, o ciclo das leituras da Missa, por outro, a ordem cronológica em que foram escritas.

153. O ciclo de um só ano foi abreviado, de tal modo que se leiam todos os anos perícopes seletas da Sagrada Escritura, combinando-as com o duplo ciclo das leituras da Missa, de que são o complemento.

154. As solenidades e festas têm leituras próprias; se não, tomam-se do Comum dos Santos.

155. Cada perícope, tanto quanto possível, mantém certa unidade. Por isso, e para não ir além de uma extensão razoável, aliás variável consoante o gênero literário de cada livro, omitem-se aqui ou além alguns versículos, omissão esta que vai sempre indicada. Pode-se, porém, e é mesmo louvável, fazer uma leitura integral, utilizando para isso um texto aprovado.

c) Leituras breves

156. As leituras breves ou "capítulos", cuja importância na Liturgia das Horas já foi apontada no n. 45, foram escolhidas de modo a expressar um pensamento ou uma exortação em forma concisa e clara. Procurou-se, além do mais, a variedade.

157. Neste sentido, organizaram-se quatro séries semanais de leituras breves para o Tempo Comum, que vêm no Saltério. Assim, durante quatro semanas, a leitura breve é todos os dias diferente. Há também séries semanais de leituras

breves para os tempos do Advento, Natal, Quaresma e Páscoa; e ainda leituras breves próprias para as solenidades e festas e algumas memórias, mais uma série de uma semana para Completas.

158. Na escolha das leituras breves seguiram-se estes critérios:



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

- a) excluíram-se os Evangelhos, como é de tradição;
- b) atendeu-se, na medida do possível, ao caráter peculiar do domingo, da sexta-feira e das próprias Horas;
- c) as leituras das Vésperas, como vêm a seguir a um cântico do Novo Testamento, são tiradas exclusivamente do Novo Testamento.

VII. LEITURAS DOS PADRES E

ESCRITORES ECLESIÁSTICOS

159. Segundo a tradição da Igreja Romana, no Ofício da Leitura, à leitura bíblica segue-se outra tirada dos Padres ou dos Escritores eclesiásticos, com seu responsório, a não ser quando haja uma leitura hagiográfica (cf. nn. 228-239).

160. Nesta leitura são apresentados extratos das obras dos Padres, Doutores da Igreja e outros Escritores eclesiásticos, pertencentes tanto à Igreja Ocidental como Oriental, dando preferência aos Padres que na Igreja gozam de particular autoridade.

161. Além das leituras indicadas para cada dia no livro da Liturgia das Horas, há também um Lecionário facultativo com maior abundância de leituras, para facultar mais largamente aos que recitam o Ofício divino os tesouros da Tradição da Igreja. É deixada à liberdade de cada um a escolha da segunda leitura, tomando-a ou do livro da Liturgia das Horas ou do Lecionário facultativo.

162. Além disso, as Conferências Episcopais podem apresentar outros textos acomodados à tradição e mentalidade dos respectivos países. Estes textos deverão figurar num apêndice ao Lecionário facultativo. Devem ser tirados das obras de Escritores católicos insígnies por sua doutrina e santidade de vida.⁸

163. A função principal das leituras (na Liturgia das Horas) é meditar a palavra de Deus tal como a tradição da Igreja entende. Pois a Igreja julgou sempre necessário explicar aos fiéis, de forma autêntica, a palavra de Deus, de modo que "a linha da interpretação profética e apostólica se mantenha sempre dentro da norma no sentido eclesiástico e católico"⁹.

164. Pelo contato assíduo com os documentos que a Tradição universal da Igreja nos apresenta, os leitores são conduzidos a meditar mais profundamente a Escritura Sagrada, a sentir-lhe a suavidade, a amá-la com vivo afeto. Efetivamente, os escritos dos Padres são testemunhos esplêndidos dessa meditação da palavra de Deus, prolongada através dos séculos, mediante a qual a Igreja, Esposa do Verbo Encarnado, "depositária do desígnio e do espírito do seu Esposo e seu Deus"¹⁰, se esforça por adquirir uma inteligência cada vez mais profunda das Escrituras Sagradas.

165. A leitura dos Padres introduz também os cristãos no sentido dos tempos e festas litúrgicas. Além disso, abre-lhes igualmente o acesso às inestimáveis riquezas espirituais que constituem o magnífico patrimônio da Igreja e são base da vida espiritual e alimento riquíssimo da piedade. Por sua vez, os pregadores da palavra de Deus têm à sua disposição, diariamente, excelentes modelos de pregação sagrada.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

VIII. LEITURAS HAGIOGRÁFICAS

166. Diz-se leitura hagiográfica, quer o texto dalgum Padre ou Escritor eclesiástico que fala expressamente do Santo celebrado ou a ele se pode muito bem aplicar, quer algum trecho tirado dos escritos do mesmo Santo, quer ainda a sua biografia.

167. Na elaboração dos Próprios dos Santos particulares, deve-se respeitar a verdade histórica ¹¹ e ter em conta o verdadeiro proveito espiritual de quem lê ou ouve a leitura hagiográfica. Evitar-se-á cuidadosamente tudo aquilo que serve apenas para suscitar a admiração. Em contrapartida, pôr-se-á em relevo a espiritualidade peculiar dos Santos, de forma adequada às condições atuais, sublinhando ao mesmo tempo a sua importância na vida e na espiritualidade da Igreja.

168. Antes da leitura propriamente dita, insere-se uma breve nota biográfica, com alguns apontamentos de carácter puramente histórico e resumo da sua vida. Esta nota tem uma finalidade meramente informativa, e, como tal, não é para ser lida na celebração.

IX. RESPONSÓRIOS

169. A leitura bíblica, no Ofício das Leituras, é seguida do respectivo responsório, cujo texto é tirado do tesouro da tradição ou é uma composição original. A finalidade do responsório é projetar sobre a leitura precedente nova luz que ajude a compreendê-la melhor, enquadrar esta leitura na história da salvação, estabelecer a transição do Antigo para o Novo Testamento, fazer que a leitura se transforme em oração e contemplação, finalmente imprimir, com sua beleza poética, uma nota de agradável variedade.

170. A segunda leitura é, como a primeira, seguida também dum responsório apropriado. Mas este já não tem uma ligação tão estreita com o texto da leitura, e por isso favorece mais a liberdade da meditação.

171. Assim, os responsórios, com o respectivo refrão, mantêm o seu valor mesmo na recitação individual. Nesta, porém, pode não se repetir o refrão, a não ser que o sentido o exija.

172. Numa forma análoga, mas simplificada, o responsório breve nas Laudes, Vésperas e Completas (de que já se falou acima, nn. 49 e 89), e os versículos da Oração das Nove, das Doze e das Quinze Horas, constituem uma resposta à leitura breve, à maneira de aclamação. A sua finalidade é fazer penetrar mais profundamente a palavra de Deus no espírito do ouvinte ou do leitor.

X. HINOS E OUTROS CÂNTICOS NÃO-BÍBLICOS

173. Os hinos, no Ofício, vêm já duma antiquíssima tradição, e ainda hoje nele mantêm o seu lugar.¹² Dada a sua natureza lírica, estão particularmente destinados ao louvor divino, constituindo ao mesmo tempo um elemento popular. Além disso, mais que os outros elementos do Ofício, marcam logo de entrada a característica peculiar de cada Hora ou de cada festa, movendo e animando as almas a uma piedosa celebração. Esta eficácia é acrescida com frequência pela beleza literária. Finalmente, os hinos são, no Ofício, o elemento poético mais importante de criação eclesiástica.

174. O hino termina tradicionalmente com uma doxologia, que, normalmente, é dirigida à mesma Pessoa divina a quem se dirige o hino.

175. Para maior variedade, no Ofício do Tempo Comum instituiu-se uma dupla série de hinos para todas as Horas, a recitar em semanas alternadas.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

176. Além disso, para o Ofício das Leituras, também se introduziu, no Tempo Comum, uma dupla série de hinos, para serem recitados consoante os casos, ou de dia ou de noite.

177. Os hinos novos podem ser cantados com as melodias tradicionais do mesmo ritmo e métrica.

178. Quanto à celebração em língua vernácula, compete às Conferências Episcopais, não só adaptar à índole peculiar de cada língua os hinos latinos, como também introduzir novas composições hínicas,¹³ desde que se harmonizem perfeitamente com o espírito da Hora, do tempo litúrgico ou da festa. Evitar-se-á, porém, com todo o cuidado, a adoção de canções populares, que não possuam autêntico valor artístico ou não condigam com a dignidade da Liturgia.

XI. PRECES, ORAÇÃO DOMINICAL,

ORAÇÃO CONCLUSIVA

a) Preces ou intercessões nas Laudes e nas Vésperas

179. A Liturgia das Horas celebra os louvores de Deus. Todavia, nem a tradição judaica nem a tradição cristã separa o louvor divino da oração de súplica; e até, não raro, fazem esta derivar daquele. O apóstolo Paulo recomenda que se façam "preces, orações, súplicas e ações de graças por todos os homens, pelos reis e por todas as autoridades, para que possamos levar uma vida tranquila e pacífica, com toda a piedade e dignidade. Isto é bom e agradável aos olhos de Deus, nosso Salvador, pois Ele quer que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade" (1 Tim. 2, 1-4). Esta recomendação, não raro os Padres a interpretam como devendo fazer-se essas intercessões pela manhã e ao fim da tarde.¹⁴

180. As intercessões, agora restauradas na Missa do rito romano, fazem-se igualmente nas Vésperas, embora de forma diferente, como adiante se descreve.

181. É também tradicional encomendar logo pela manhã a Deus o dia inteiro. Por isso, nas Laudes, fazem-se invocações para encomendar e consagrar o dia inteiro ao Senhor.

182. Pelo nome de "preces" são designadas tanto as intercessões das Vésperas como as invocações das Laudes para consagrar o dia a Deus.

183. Para maior variedade, mas sobretudo para expressar melhor as diferentes necessidades da Igreja e dos homens, segundo os diversos estados, assembleias, pessoas, condições e tempos, propõem-se formulários de preces diferentes para cada dia do ciclo do Saltério, bem como para os diferentes tempos do ano litúrgico e para algumas celebrações festivas.

184. Além disso, as Conferências Episcopais podem adaptar os formulários que vêm no livro da Liturgia das Horas ou aprovar outros novos,¹⁵ em conformidade com as normas a seguir indicadas.

185. Tal como na oração dominical, também nas preces se há de unir à súplica o louvor de Deus ou proclamação da sua glória, ou a memória da história da salvação.

186. Nas preces das Vésperas, a última intenção será sempre pelos defuntos.

187. A Liturgia das Horas é principalmente oração de toda a Igreja a favor de toda a Igreja, e ainda pela



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

salvação do mundo inteiro.¹⁶ Neste sentido, as intenções de carácter universal virão, nas preces, logo em primeiro lugar. Nelas se pedirá pela Igreja com suas diversas ordens, pelas autoridades civis, pelos que sofrem oprimidos pela pobreza, doença ou infelicidade, pelas necessidades do mundo inteiro, tais como a paz e outras intenções análogas.

188. Tanto nas Laudes como nas Vésperas, podem-se acrescentar algumas intenções particulares.

189. As preces do Ofício são estruturadas de modo a poderem-se adaptar quer à celebração com o povo, quer à celebração numa pequena comunidade, quer à recitação individual.

190. Na recitação com o povo ou em comum, as preces são introduzidas por uma breve admoção feita pelo sacerdote ou ministro. Nesta admoção, enuncia-se já a resposta, invariável, que a assembleia deverá repetir.

191. As intenções são dirigidas diretamente a Deus. Deste modo, tanto podem servir para a celebração comunitária como para a recitação individual.

192. Cada fórmula de intenção consta de duas partes, podendo a segunda servir de resposta variável.

193. Assim, podem-se usar diferentes maneiras: dizer o sacerdote ou ministro as duas partes da fórmula, e a assembleia responder com o refrão invariável ou fazer uma pausa de silêncio; ou então dizer o sacerdote ou ministro só a primeira parte da fórmula, e a assembleia responder com a segunda parte.

b) Oração dominical

194. Nas Laudes e nas Vésperas, que são as Horas mais particularmente destinadas à celebração com o povo, a seguir às preces, de acordo com uma venerável tradição, recita-se, pela sua especial dignidade, a oração dominical.

195. Doravante, portanto, a oração dominical dir-se-á três vezes ao dia: na Missa, nas Laudes e nas Vésperas.

196. O **Pai Nosso** é recitado por todos em conjunto, podendo, se se considerar oportuno, ser introduzido por uma breve exortação.

c) Oração conclusiva

197. No fim da Hora, diz-se, para terminar, a oração conclusiva. Na celebração pública e com povo, é ao sacerdote ou diácono que pertence, tradicionalmente, recitar esta oração.¹⁷

198. Esta oração, no Ofício das Leituras, é, por via de regra, a mesma da Missa. Em Completas, diz-se sempre a que vem no Saltério.

199. Nas Laudes e nas Vésperas, aos domingos, nos dias de semana do tempo do Advento, do Natal, da Quaresma e da Páscoa, nas solenidades, festas e memórias, a oração conclusiva é tomada do Próprio. Nos dias de semana do Tempo Comum, para exprimir o carácter próprio destas Horas, diz-se a que vem indicada no ciclo do Saltério.

200. Na Oração das Nove, das Doze e das Quinze Horas, ou Hora Média, aos Domingos, nos dias de



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

semana do tempo do Advento, do Natal, da Quaresma e da Páscoa, nas solenidades e festas, a oração conclusiva toma-se do Próprio. Nos outros dias, dizem-se as orações que vêm no Saltério, as quais traduzem a índole característica de cada uma destas Horas.

XII. SILÊNCIO SAGRADO

201. Geralmente, em todas as celebrações litúrgicas se há de procurar "guardar, nos momentos próprios, um silêncio sagrado"¹⁸. Consequentemente, na celebração da Liturgia das Horas, facultar-se-á também a possibilidade de uns momentos de silêncio.

202. E assim, conforme as conveniências e a prudência aconselharem, seguindo o costume dos nossos maiores, poder-se-á introduzir uma pausa de silêncio após cada salmo, depois de repetida a antífona, mormente quando, a seguir ao salmo, se disser uma coleta salmódica (cf. n. 112); ou ainda após as leituras, breves ou longas, antes ou depois do responsório. Este momento de silêncio visa obter a plena ressonância da voz do Espírito Santo nos corações e unir mais estreitamente a oração pessoal à palavra de Deus e à oração oficial da Igreja.

Cuidar-se-á, porém, que o silêncio não venha alterar a estrutura do Ofício ou causar aos que nele participam mal-estar ou enfado.

203. Na recitação individual, é deixada mais ampla liberdade quanto a estas pausas, com o fim de meditar alguma fórmula susceptível de estimular afetos espirituais, sem que por isso o Ofício perca o seu caráter de oração pública.

CAPÍTULO IV

DIFERENTES CELEBRAÇÕES NO DECURSO

DO ANO LITÚRGICO

I. CELEBRAÇÃO DOS MISTÉRIOS DO SENHOR

a) Domingo

204. O Ofício do domingo principia com as primeiras Vésperas. Nestas, diz-se tudo do Saltério, com exceção das partes indicadas como próprias.

205. Quando uma festa do Senhor se celebra ao domingo, tem primeiras Vésperas próprias.

206. Como celebrar eventualmente as vigílias dominicais, já foi dito acima, n. 73.

207. Onde for possível, é da máxima conveniência celebrar com o povo, segundo o antiquíssimo costume, pelo menos as Vésperas¹.

b) Tríduo Pascal

208. No Tríduo Pascal, celebra-se o Ofício conforme é indicado no Próprio do Tempo.

209. Os que tomarem parte na Missa vespertina da Ceia do Senhor, na Quinta-feira Santa, ou na



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

celebração da Paixão do Senhor, na Sexta-feira Santa, não rezam Vésperas.

210. Na Sexta-feira da Paixão do Senhor e no Sábado Santo, antes das Laudes, celebrar-se-á, na medida do possível, em forma pública e com o povo, o Ofício das Leituras.

211. Os que tomarem parte na Vigília pascal não rezam Completas do Sábado Santo.

212. A Vigília pascal substitui o Ofício das Leituras. Por conseguinte, os que não tomarem parte na solene Vigília pascal devem ler pelo menos quatro leituras desta Vigília, com seus cânticos e orações. De entre as leituras, convém escolher as do Êxodo, Ezequiel, Apóstolo e Evangelho. Termina-se com o hino **Te Deum** e a oração do dia.

213. As Laudes do Domingo da Ressurreição são rezadas por todos. As Vésperas, convém celebrá-las em forma solene, para festejar a tarde deste dia sagrado e comemorar as aparições do Senhor aos seus discípulos. Onde existir, conserve-se religiosamente o costume tradicional de celebrar, no dia de Páscoa, as Vésperas batismais, com a procissão ao batistério acompanhada do canto dos salmos.

c) Tempo Pascal

214. O carácter pascal da Liturgia das Horas é marcado pela aclamação **Aleluia**, com que termina a maior parte das antífonas (cf. n. 120), pelos hinos, antífonas e preces especiais, e ainda pelas leituras próprias escolhidas para cada Hora.

d) Natal do Senhor

215. Na noite do Natal do Senhor, antes da Missa, convém celebrar uma vigília com o Ofício das Leituras. Os que tomarem parte nesta Vigília não rezam Completas.

216. As Laudes, no dia de Natal, reza-se normalmente antes da Missa da aurora.

e) Outras solenidades e festas do Senhor

217. Para o ordenamento do Ofício nas solenidades e festas do Senhor, observar-se-á o que se diz mais adiante, nn. 225-233, com as devidas alterações.

II. CELEBRAÇÕES DOS SANTOS

218. As celebrações dos Santos estão organizadas de modo que não se sobreponham às festas e tempos sagrados em que se comemoram os mistérios da salvação,² que não interrompam com excessiva frequência o ciclo da salmodia e da leitura divina, nem dêem ocasião a repetições indevidas; mas, por outro lado, favoreçam de forma conveniente a legítima devoção de cada um. É nestes princípios que assenta a reforma do Calendário, ordenada pelo Concílio Vaticano II, bem como as normas que regulam a celebração dos Santos na Liturgia das Horas, descritas nos números a seguir.

219. As celebrações dos Santos classificam-se em solenidades, festas, memórias.

220. As memórias podem ser obrigatórias ou, quando não se indique nada, facultativas. Para decidir sobre a conveniência ou não de celebrar num Ofício com o povo ou em comum tal ou tal memória facultativa, atender-se-á ao bem geral ou à devoção autêntica da própria assembleia, e não apenas à devoção de quem



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

preside.

221. No caso de ocorrência de várias memórias facultativas no mesmo dia, celebrar-se-á somente uma delas, omitindo as outras.

222. Só as solenidades gozam de direito de transferência, segundo as rubricas.

223. As normas a seguir indicadas valem tanto para os Santos que figuram no Calendário Romano em geral como para os que figuram nos calendários particulares.

224. Na falta de textos próprios, suprem-se com os do respectivo Comum dos Santos.

1. Ordenamento do Ofício nas solenidades

225. As solenidades têm primeiras Vésperas, no dia anterior.

226. Nas Vésperas, tanto primeiras como segundas, são próprios: o hino, as antífonas, a leitura breve com seu responsório, a oração conclusiva. Quando os não tiverem próprios, tomam-se do Comum.

Nas primeiras Vésperas, os dois salmos tomam-se normalmente da série **Laudate** (ou seja, dos salmos 112, 116, 134, 145, 146, 147), conforme à antiga tradição; o cântico do Novo Testamento é o que vai indicado no lugar próprio. Nas segundas Vésperas, os salmos e o cântico são próprios. As preces ou são próprias ou do Comum.

227. Nas Laudes, são próprios: o hino, as antífonas, a leitura breve com seu responsório, a oração conclusiva. Quando os não tiverem próprios, tomam-se do Comum. Os salmos são os do domingo I do Saltério. As preces ou são próprias ou do Comum.

228. No Ofício das Leituras, é tudo próprio: hino, antífonas, salmos, leituras, responsórios. A primeira leitura é bíblica, a segunda hagiográfica. Tratando-se de um Santo de culto somente local e para o qual não haja textos especiais nem sequer no Próprio do lugar, reza-se tudo do Comum.

O Ofício das Leituras termina com o **Te Deum** e a oração própria.

229. Na Hora Média, ou na Oração das Nove, das Doze e das Quinze Horas, salvo indicação em contrário, diz-se o hino quotidiano. Os salmos são tirados de entre os "graduais", com antífona própria. Ao domingo, dizem-se os salmos correspondentes ao I Domingo do Saltério. A leitura breve e a oração são próprias. Nalgumas solenidades do Senhor, os salmos também são próprios.

230. Nas Completas, diz-se tudo do domingo, respectivamente depois das primeiras ou das segundas Vésperas.

2. Ordenamento do Ofício nas festas

231. As festas, com exceção das festas do Senhor que caírem ao domingo, não têm primeiras Vésperas. No Ofício da Leitura, Laudes e Vésperas, faz-se tudo como nas solenidades.

232. Na Hora Média, ou Oração das Nove, das Doze e das Quinze Horas, diz-se o hino quotidiano. Os salmos com suas antífonas são do dia de semana, a não ser que um motivo particular ou a tradição exija,



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

para a Hora Média, antífona própria que irá indicado no respectivo lugar. A leitura breve e a oração são próprias.

233. As Completas dizem-se como nos dias comuns.

3. Ordenamento do Ofício nas memórias

234. Salvo o caso das memórias facultativas que ocorram nos tempos privilegiados, nenhuma diferença existe no ordenamento do Ofício, entre memória obrigatória e memória facultativa, quando esta efetivamente se celebre.

a) Memórias ocorrentes nos dias comuns

235. No Ofício das Leituras, Laudes e Vésperas:

a) os salmos com suas antífonas dizem-se do dia de semana corrente, salvo no caso de haver antífonas ou salmos próprios, o que em seu lugar irá indicado;

b) a antífona do Invitatório, o hino, a leitura breve, as antífonas de **Benedictus** e **Magnificat** e as preces dizem-se do Santo, quando forem próprios; caso contrário, dizem-se ou do Comum ou do dia de semana corrente;

c) a oração conclusiva diz-se do Santo;

d) no Ofício das Leituras, a leitura bíblica com seu responsório é da Escritura corrente. A segunda leitura é hagiográfica, com responsório próprio ou do Comum. Na falta da leitura própria, diz-se a leitura patristica do dia corrente. Não se diz o hino **Te Deum**.

236. Na Hora Média, ou Oração das Nove, das Doze e das Quinze Horas, e nas Completas, reza-se tudo do dia de semana, e nada do Santo.

b) Memórias ocorrentes nos tempos privilegiados

237. Aos domingos, nas solenidades e festas, na Quarta--feira de Cinzas, durante a Semana Santa e oitava da Páscoa, não se faz nada das memórias correntes.

238. Nos dias de semana de 17 a 24 de Dezembro inclusive, durante a oitava do Natal e nos dias de semana da Quaresma, não se celebra nenhuma memória obrigatória, nem sequer nos calendários particulares. As que eventualmente ocorrerem durante o tempo da Quaresma consideram-se, nesse ano, memórias facultativas.

239. Nos tempos atrás indicados, querendo celebrar-se a memória dalgum Santo no próprio dia em que ela ocorrer:

a) no Ofício das Leituras, após a leitura patristica com seu responsório do Próprio do Tempo, acrescenta-se a leitura hagiográfica com seu responsório e conclui-se com a oração do Santo;

b) nas Laudes e Vésperas, após a oração conclusiva, pode-se acrescentar a antífona (própria ou do Comum) e a oração do Santo.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

c) Memória de Santa Maria no sábado

240. Nos sábados do Tempo Comum, em que são permitidas as memórias facultativas, pode celebrar-se, com o mesmo rito, a memória, igualmente facultativa, de Santa Maria, com a leitura própria.

III. CALENDÁRIO QUE SE DEVE SEGUIR

E POSSIBILIDADE DE ESCOLHER DETERMINADO

OFÍCIO OU ALGUMAS DE SUAS PARTES

a) Calendário que se deve seguir

241. Na celebração coral ou comunitária, o Ofício tem de ser conforme ao calendário próprio, isto é, da diocese, da família religiosa ou de cada igreja.³ Os membros das famílias religiosas unem-se à comunidade da Igreja local celebrando a Dedicção da Igreja catedral e o Padroeiro principal do lugar ou duma região mais vasta em que residem.⁴

242. Todo o clérigo ou religioso, obrigado por qualquer título que seja ao Ofício divino, sempre que tome parte na celebração dum Ofício diferente do seu, quer no calendário quer no rito, satisfaz por esta forma à sua obrigação, quanto a esta parte do Ofício.

243. Na recitação individual, é permitido seguir ou o calendário do lugar ou o calendário próprio, salvo nas solenidades e festas próprias.⁵

b) Faculdade de escolher determinado Ofício

244. Nos dias de semana que permitam a celebração duma memória facultativa, é permitido, por justa causa, celebrar com este mesmo rito (cf. nn. 234-239) o Ofício de um Santo inscrito nesse dia no Martirológio Romano ou no seu Apêndice devidamente aprovado.

245. Fora das solenidades, dos domingos do Advento, Quaresma e Páscoa, da Quarta-feira de Cinzas, Semana Santa, oitava da Páscoa e dia 2 de Novembro, é permitido, por uma razão de utilidade pública ou por motivo de devoção, celebrar, na íntegra ou parcialmente, um Ofício votivo, por exemplo: por ocasião duma peregrinação, duma festa local, da solenidade externa dalgum Santo.

c) Faculdade de escolher alguns formulários

246. Em certos casos particulares, podem-se escolher, no Ofício, formulários diferentes dos indicados, contanto que não se altere a estrutura geral de cada Hora e se observem as normas seguintes.

247. No Ofício dos domingos, solenidades, festas do Senhor inscritas no Calendário geral, dias de semana da Quaresma e da Semana Santa, dias dentro das oitavas da Páscoa e do Natal, dias de semana de 17 a 24 de Dezembro inclusive, não é permitido nunca substituir os formulários próprios, ou apropriados, destas celebrações, tais como: antífonas, hinos, leituras, responsórios, orações e, quase sempre, também os salmos.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

Todavia, se for oportuno, os salmos dominicais da semana corrente podem substituir-se pelos salmos dominicais doutra semana, e até, no caso duma celebração com o povo, por outros salmos especialmente escolhidos de molde a iniciar progressivamente o povo na sua compreensão.

248. No Ofício das Leituras, respeitar-se-á sempre a leitura corrente da Sagrada Escritura. Também para o Ofício tem validade este desejo da Igreja: "que, dentro dum determinado número de anos, se leia ao povo a parte mais importante das Escrituras Sagradas"⁶.

Assim considerando, no tempo do Advento, do Natal, da Quaresma e da Páscoa, nunca se deixará o ciclo das leituras da Sagrada Escritura estabelecido para o Ofício das Leituras. No Tempo Comum, havendo justa causa, podem-se escolher, um dia ou alguns dias seguidos, leituras marcadas para outros dias, inclusive outras leituras bíblicas. É o caso, por exemplo, por ocasião de exercícios espirituais, reuniões pastorais, preces pela unidade da Igreja e outros casos semelhantes.

249. Quando, por motivo duma solenidade ou festa ou alguma celebração especial, se interromper a leitura contínua, é permitido, dentro da mesma semana e tendo em conta o ordenamento geral de toda ela, ou juntar às outras as partes que se omitiram ou decidir quais os textos a que se deve dar preferência.

250. Ainda no Ofício das Leituras, em vez da segunda leitura marcada para tal dia, pode-se, por motivo justo escolher outra leitura do mesmo tempo, quer do livro da Liturgia das Horas quer do Lecionário facultativo (n. 161). Além disso, nos dias feriais do Tempo Comum e até, se parecer oportuno, no tempo do Advento, do Natal, da Quaresma e da Páscoa, pode-se fazer uma leitura semi-contínua duma obra dalgum Santo Padre a condizer com o espírito bíblico e litúrgico.

251. As leituras breves, as orações, os cânticos e as preces marcadas para os dias de semana dalgum tempo peculiar, podem se dizer nos outros dias de semana do mesmo tempo.

252. Deve-se ter o maior respeito pelo ciclo do Saltério tal como está distribuído por semanas.⁷ Todavia, por motivos de ordem espiritual ou pastoral, em vez dos salmos marcados para tal dia, é permitido dizer os salmos dessa mesma Hora marcados para outro dia. Podem até ocorrer circunstâncias ocasionais em que é permitido escolher salmos e outros textos apropriados, à maneira de Ofício votivo.

CAPITULO V

RITOS A OBSERVAR

NA CELEBRAÇÃO COMUNITÁRIA

I. DIFERENTES FUNÇÕES A DESEMPENHAR

253. Tal como nas demais ações litúrgicas, também na celebração da Liturgia das Horas "cada qual, ministro ou simples fiel, no desempenho do seu ofício, fará tudo e só o que lhe compete, segundo a natureza do rito e as normas litúrgicas"¹.

254. Quando for o Bispo a presidir, sobretudo na Igreja catedral, há de estar rodeado do seu presbitério e ministros, com participação plena e ativa do povo. Todas as celebrações com o povo, por via de regra, são presididas por um sacerdote ou diácono, com a presença de ministros.

255. O presbítero ou diácono que presidir à celebração pode ir revestido de estola por cima da alva ou



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

sobrepeliz, podendo o presbítero revestir também o pluvial. Nas grandes solenidades, nada impede que vários presbíteros vão revestidos de pluvial, e os diáconos de dalmática.

256. Ao sacerdote ou diácono que preside à celebração pertence dar início ao Ofício, dizendo, da sua sede, o versículo introdutório, começar a oração dominical, recitar a oração conclusiva, saudar, abençoar e despedir a assembleia.

257. As preces podem ser recitadas ou pelo sacerdote ou pelo ministro.

258. Na falta de presbítero ou diácono, quem presidir ao Ofício é em tudo igual aos outros. Por isso, nem ocupará o presbitério, nem saudará nem abençoará a assembleia.

259. Os que desempenharem o ofício de leitor farão as leituras, quer longas quer breves, de pé, no lugar próprio.

260. A entoação das antífonas, salmos e cânticos será feita pelo cantor ou cantores. Quanto à salmodia, observar-se-ão as normas indicadas acima, nn. 121-125.

261. Nas Laudes e nas Vésperas, durante o cântico evangélico pode-se incensar o altar e, a seguir, o sacerdote e o povo.

262. A obrigação coral refere-se à comunidade e não ao local da celebração, que pode não ser forçosamente a igreja, sobretudo para as Horas celebradas sem solenidade.

263. Todos os participantes estão de pé:

- a) durante a introdução ao Ofício e versículo introdutório de cada Hora;
- b) durante o hino;
- c) durante o cântico evangélico;
- d) durante as preces, oração dominical e oração conclusiva.

264. Todos escutam sentados as leituras, menos o Evangelho.

265. Durante os salmos e cânticos, com suas antífonas, a assembleia pode estar sentada ou de pé, conforme o costume.

266. Todos fazem o sinal da cruz, da frente ao peito e do ombro esquerdo ao direito:

- a) no princípio das Horas, quando se diz: **Vinde, ó Deus, em meu auxílio;**
- b) ao começar os cânticos evangélicos, **Benedictus, Magnificat, Nunc dimittis.**

Faz-se o sinal da cruz sobre os lábios, no princípio do Invitatório, às palavras **Abri, Senhor, os meus lábios.**

II. CANTO NO OFÍCIO



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

267. Nas rubricas e normas da presente Instrução, as palavras "*dizer*" ou "*proferir*" — entendem-se quer do canto quer da recitação, dentro dos princípios a seguir indicados.

268. "A celebração do Ofício divino com canto é a forma mais condizente com a natureza desta oração. Além disso, ela marca também uma solenidade mais completa, ao mesmo tempo que traduz uma união mais profunda dos corações no canto dos louvores de Deus. Por isso, vivamente se recomenda àqueles que celebram o Ofício divino no coro ou nas comunidades"².

269. As declarações do Concílio Vaticano II a respeito do canto litúrgico ³ nas ações litúrgicas em geral valem de modo particular para a Liturgia das Horas. Todas e cada uma das suas partes foram, é certo, reformadas de modo a permitirem uma recitação frutuosa mesmo individual. Contudo, a maior parte dos seus elementos têm caráter lírico; e, por conseguinte, não sendo cantados, não podem traduzir plenamente o seu sentido. Isto se aplica de modo particular aos salmos, cânticos, hinos e responsórios.

270. Sendo assim, na celebração da Liturgia das Horas, o canto não se pode considerar mero adorno, extrínseco à oração. Antes, irrompe das profundezas da alma de quem reza e louva o Senhor, ao mesmo tempo que manifesta, numa forma plena e perfeita, o caráter comunitário do culto.

São, por isso, dignas de louvor todas as assembleias cristãs, quaisquer que sejam, que se esforcem por adotar o mais frequentemente possível esta forma de oração. Mas, para isso, é preciso que tanto os clérigos e religiosos como os simples fiéis sejam instruídos com uma adequada catequese e necessários ensaios, de modo a poderem cantar com alegria as Horas litúrgicas, sobretudo nos dias festivos. Como, porém, é difícil cantar o Ofício na íntegra, e, por outro lado, o louvor da Igreja, nem por sua origem nem

por sua natureza, se pode considerar reservado aos clérigos ou aos monges, antes é pertença de toda a comunidade cristã, deve-se ter em conta um certo número de princípios, para que a celebração da Liturgia das Horas com canto não somente se faça de modo correto, mas se distinga também pela sua autenticidade e beleza.

271. Primeiramente, convém utilizar o canto pelo menos aos domingos e dias festivos. Além disso, o canto deverá marcar também, pela forma como é utilizado, os diferentes graus de solenidade.

272. Por outro lado, nem todas as Horas têm a mesma importância. Por isso, é conveniente distinguir com o canto aquelas que são realmente, por assim dizer, os dois pólos do Ofício divino, isto é, Laudes e Vésperas.

273. Desde que seja feita com elevação artística e espiritual, é de recomendar uma celebração integralmente cantada. Todavia, pode ser vantajoso aplicar o princípio de uma solenização "progressiva"; e isto, tanto por motivos de ordem prática, mas também porque não se devem equiparar indiscriminadamente os diversos elementos da celebração litúrgica; antes, deve cada um deles ser restituído ao seu sentido originário e à sua verdadeira função. Deste modo, a Liturgia das Horas não se há de considerar como um belo monumento de tempos idos, que exige conservar-se inalterado para excitar a admiração por si mesmo; importa antes que reviva numa forma nova, receba novo incremento, tornando-se expressão autêntica de uma comunidade radiante de vida.

Este princípio da solenização "progressiva" admite graus intermédios entre um Ofício integralmente cantado e a simples recitação de todas as suas partes. Esta solução permite uma grande e agradável variedade, que se avaliará em função da tonalidade do dia ou da Hora que se celebra, da natureza de cada elemento constitutivo do Ofício, da importância numérica e características da



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

comunidade celebrante, finalmente, do número de cantores de que é possível dispor no caso concreto.

Graças a esta maior maleabilidade, o louvor público da Igreja poderá, com mais frequência do que até aqui, celebrar-se com canto e adaptar-se de múltiplas formas às mais variadas circunstâncias. Deste modo, divisam-se fundadas esperanças de que se venham a descobrir novas vias e novas formas para o nosso tempo, como sempre tem acontecido na vida da Igreja.

274. Nas ações litúrgicas cantadas em latim, dar-se-á, em igualdade de circunstâncias, o primeiro lugar ao canto gregoriano, como canto próprio da Liturgia Romana.⁴ "A Igreja, porém, não exclui das ações litúrgicas nenhum gênero musical, desde que se harmonize com o espírito da mesma ação litúrgica e com a natureza de cada uma das suas partes e, por outro lado, não impeça a devida participação ativa do povo"⁵. Quando, no Ofício cantado, não houver melodia para determinada antífona, ir-se-á buscar ao repertório musical outra antífona a condizer, segundo a norma dos nn. 113, 121-125.

275. A Liturgia das Horas pode celebrar-se também em língua vernácula. Para isso, "procurar-se-á preparar as melodias destinadas ao Ofício divino cantado em língua vulgar"⁶.

276. Nada obsta, no entanto, a que, dentro da mesma celebração, se cantem umas partes numa língua e outras noutra.⁷

277. Quais os elementos que de preferência devem ser cantados, isso é determinado pelo genuíno ordenamento da própria celebração litúrgica, ordenamento este que exige uma justa apreciação do sentido e natureza de cada uma das suas partes e do próprio canto. Partes há, com efeito, que de si mesmas exigem o canto.⁸ Tais são, em primeiro lugar, as aclamações, as respostas às saudações do sacerdote e dos ministros, as respostas das preces litânicas, bem como as antífonas e salmos, os versículos intercalares e os refrões, os hinos e cânticos.⁹

278. Que os salmos andam estreitamente ligados à música (cf. nn. 103-120), prova-o a tradição tanto judaica como cristã. De fato, para penetrar plenamente o sentido de numerosos salmos, ajuda serem cantados, ou pelo menos considerados sempre do ponto de vista poético e musical. Por conseguinte, sempre que seja possível, preferir-se-á esta forma, pelo menos nos dias e Horas principais, pois assim o pede o caráter originário dos mesmos salmos.

279. As diversas maneiras de executar os salmos já foram descritas acima, nn. 121-123. Esta variedade será ditada, não tanto pelas circunstâncias externas, quanto pelos diferentes gêneros dos salmos que entram na celebração. Assim, pode ser preferível escutar os salmos sapienciais e históricos, ao passo que os hinos e ações de graças pedem, por si mesmos, o canto comunitário. O que acima de tudo interessa é não tornar a celebração rígida e artificial, nem se preocupar com a observância meramente formalística de certas normas; mas sim que ela corresponda verdadeiramente à realidade. É nisto que antes de mais se há de concentrar todo o esforço, para que os espíritos se sintam possuídos do desejo da genuína oração da Igreja e tenham gosto em celebrar os louvores de Deus (cf. Sl. 146).

280. Os hinos, quando possuem autêntico valor doutrinal e artístico, contribuem grandemente para alimentar a oração de quem recita as Horas. Em si, destinam-se a ser cantados. Por isso, muito se recomenda que, na medida do possível, se dê preferência a esta forma de execução na celebração comunitária.

281. O responsório breve a seguir à leitura, nas Laudes e nas Vésperas, de que acima se falou (n. 49),



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

destina-se por si mesmo a ser cantado, e cantado pelo povo.

282. Igualmente os responsórios que, no Ofício das Leituras, se seguem às leituras, por sua própria natureza reclamam o canto. Estão, porém, estruturados de tal forma que, mesmo na recitação individual e privada, conservam o seu valor. O canto, neste caso, poderá utilizar-se com mais frequência, quando ornado de melodias mais simples e fáceis do que aquelas que nos foram transmitidas pelas fontes litúrgicas.

283. As leituras, longas ou breves, em si mesmas, não se destinam a ser cantadas. Ao proclamá-las, pôr-se-á todo o cuidado em as ler com dignidade, clareza, distinção, de modo que todos as possam ouvir e entender perfeitamente. Neste sentido, a única forma musical que se pode aceitar para as leituras é aquela que permita melhor audição das palavras e mais perfeita compreensão do texto.

284. Os textos proferidos só pelo presidente, por exemplo as orações, podem muito bem ser cantados, com arte e beleza, sobretudo em latim. Em certas línguas vernáculas, isto será mais difícil, a não ser que o canto ajude a perceberem todos mais claramente as palavras do texto.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

NOTAS DE RODAPÉ

CAPÍTULO I

1 Cf. At 1,14; 4,24; 12,5. 12; cf. Ef 5, 19-21.

2 Cf. At 2,1-15.,

3 Conc. Vat. II, Const. *Sacrosanctum Concilium*, n.º 83.

4 Lc 3, 21-22.

5 Lc 6, 12.

6 Mt 14, 19; 15, 36; Mc 6, 41; 8, 7; Lc 9, 16; Jo 6, 11.

7 Lc 9, 28-29.

8 Mc 7, 34.

9 Jo 11, 41 ss.

10 Lc 9, 18.

11 Lc 11, 1.

12 Mt 11 25 ss.; Lc 10, 21 ss.

13 Mt 19, 13.

14 Lc 22, 32.

15 Mc 1, 35; 6, 46; Lc 5, 16; cf. Mt 4, 1 par.; Mt 14, 23.

16 Mc 1, 35.

17 Mt 14, 23. 25; Mc 6, 46. 48.

18 Lc 6, 12.

19 Lc 4, 16.

20 Mt 21, 13 par.

21 Mt 14, 19 par.; 15, 36 par.

22 Mt 26, 26 par.

23 Lc 24, 30.

24 Mt 26, 30 par.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

25 Jo 12, 27 s.

26 Jo 17, 1-26.

27 Mt 26, 36-44 par.

28 Lc 23, 34. 46; Mt 27, 46; Mc 15, 34.

29 Cf. Hebr 7, 25.

30 Mt 5, 44; 7, 7; 26, 41; Mc 13, 33; 14, 38; Lc 6, 28; 10, 2; 11, 9; 22, 40. 46

31 Jo 14, 13 s.; 15, 16; 16, 23 s. 26.

32 Mt 6, 9-13; Lc 11, 2-4.

33 Lc 18, 1.

34 Lc 18, 9-14.

35 Lc 21, 36; Mc 13, 33.

36 Lc 11, 5-13; 18, 1-8; Jo 14, 13; 16, 23.

37 Mt 6, 5-8; 23, 14; Lc 20, 47; Jo 4, 23.

38 Rom 8, 15. 26; 1 Cor. 12, 3; Gal 4, 6; Jud 20.

39 2 Cor 1, 20; Col. 3, 17.

40 Hebr 13, 15.

41 Rom 12, 12; 1 Cor 7, 5; Ef 6, 18; Col 4, 2; 1 Tess 5, 17; 1 Tim 5, 5; 1 Pedro 4, 7.

42 1 Tim 4, 5; Tiago 5, 15 s.; 1 Jo 3, 22; 5, 14 s.

43 Ef 5, 19 s.; Hebr 13, 15; Ap 19, 5.

44 Col 3, 17; Fil 4, 6; 1 Tes 5, 17; Tim 2, 1.

45 Rom 8, 26; Fil 4, 6.

46 Rom 15, 30; 1 Tim 2, 1 s.; Ef 6, 18; 1 Tess 5, 25; Tiago 5, 14. 16.

47 1 Tim 2, 5; Hebr 8, 6; 9, 15; 12, 24.

48 Rom 5, 2; Ef 2, 18; 3, 12.

49 Cf. Conc. Vat. II, Const. *Sacrosanctum Concilium*, n.º 83.

50 Conc. Vat. II, Const. *Lumen gentium*, n.º 10.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

51 S. Agostinho, *Enarrat. in Psalm.* 85, 1: CCL 39, 1176.

52 Cf. Lc 10, 21, quando Jesus "exultou no Espírito Santo e disse: Eu te bendigo, ó Pai...".

53 Cf. At 2, 42 gr.

54 Cf. Mt 6, 6.

55 Cf. Conc. Vat II, Const. *Sacrosanctum Concilium*, n.º 12.

56 Cf. Conc. Vat. II, Const. *Sacrosanctum Concilium*, nn. 83-84.

57 Cf. *Ibid.*, n. 88.

58 Cf. *Ibid.*, n. 94.

59 Cf. Conc. Vat. II, Decr. *Presbyterorum Ordinis*, n. 5.

60 Conc. Vat. II, Decr. *Christus Dominus*, n. 30.

61 Conc. Vat. II, Const. *Sacrosanctum Concilium*, n. 5.

62 Cf. *Ibid.*, nn. 83 e 98.

63 *Ibid.*, n. 7.

64 *Ibid.*, n. 10.

65 *Ibid.*, n. 33.

66 *Ibid.*, n. 24.

67 Cf. *Ibid.*, n. 33.

68 1 Tess. 5, 17.

69 Cf. Hebr 13, 15.

70 Conc. Vat. II, Const. *Sacrosanctum Concilium*, n. 84.

71 *Ibid.*, n. 85.

72 Cf. *Ibid.*, n. 83.

73 Conc. Vat. II, Const. *Lumen gentium*, n. 50; cf. Const. *Sacrosanctum Concilium*, nn. 8 e 104.

74 Cf. Conc. Vat. II, Const. *Lumen gentium*, n. 48.

75 Cf. Rom. 8, 19.

76 Cf. Conc. Vat. II, Const. *Sacrosanctum Concilium*, n. 83.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

77 Cf. Hebr 5, 7.

78 Cf. Conc. Vat. II, Decr. *Presbyterorum Ordinis*, n. 6.

79 Cf. Conc. Vat. II, Const. *Lumen gentium*, n. 41.

80 Cf. infra, n. 24.

81 Cf. Conc. Vat. II, Decr. *Perfectae Caritatis*, n. 7.

82 Cf. Conc. Vat. II, Const. *Sacrosanctam Concilium*, n. 10.

83 *Ibid.*, n. 2.

84 Cf. Jo 15, 5.

85 Cf. Conc. Vat. II, Const. *Sacrosanctum Concilium*, n. 86.

86 Cf. Ef 2, 21-22.

87 Cf. Ef 4, 13.

88 Cf. Conc. Vat. II, *Sacrosanctum Concilium*, n. 2.

89 *Ibid.*, n. 90; cf. S. Bento, *Regula Monasteriorum*, c. 19.

90 Cf. Conc. Vat. II, Decr. *Presbyterorum Ordinis*, n. 14; Decr. *Optatam totius*, n. 8.

91 Cf. Conc. Vat. II, Const. *Sacrosanctum Concilium*, n. 26.

92 Cf. Conc. Vat. II, Const. *Sacrosanctum Concilium*, n. 41.

93 Cf. Conc. Vat. II, Decr. *Christus Dominus*, n. 11.

94 Cf. Conc. Vat. II, Const. *Sacrosanctum Concilium*, n. 42; cf. Decr. *Apostolicam Actuositatem*, n. 10.

95 Cf. Conc. Vat. II, Const. *Sacrosanctum Concilium*, nn. 26 e 84.

96 Cf. Conc. Vat. II, Decr. *Ad gentes*, n. 17.

97 Conc. Vat. II, Decr. *Christus Dominus*, n. 15.

98 Cf. Conc. Vat. II, Const. *Sacrosanctum Concilium*, n. 100.

99 Cf. Conc. Vat. II, Decr. *Presbyterorum Ordinis*, n. 5.

100 Cf. infra, nn. 100-109.

101 Conc. Vat. II, Decr. *Christus Dominus*, n. 33; cf. Decr. *Perfectae Caritatis*, nn. 6. 7. 15; cf. Decr. *Ad gentes*, n. 15.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

- 102 Cf. Conc. Vat. II, Const. *Sacrosanctum Concilium*, n. 99
- 103 Cf. Conc. Vat. II, Const. *Sacrosanctum Concilium*, n. 100.
- 104 Cf. Jo 4, 23.
- 105 Cf. Conc. Vat. II, Decl. *Gravissimum educationis*, n. 2; Decr. *Apostolicam Actuositatem*, n. 16.
- 106 Cf. Conc. Vat. II, Decr. *Apostolicam Actuositatem*, n. 11.
- 107 Cf. Conc. Vat. II, Decr. *Presbyterorum Ordinis*, n. 13.
- 108 Cf. Conc. Vat. II, *Sacrosanctum Concilium*, n. 41; Const. *Lumen gentium*, n. 21.
- 109 Cf. Conc. Vat. II, *Lumen gentium*, n. 26; Decr. *Christus Dominus*, n. 15.
- 110 Cf. Conc. Vat. II, Decr. *Presbyterorum Ordinis*, n. 13.
- 111 Cf. *Ibid.*, n. 5.
- 112 Cf. Jo 10, 11; 17, 20, 23.
- 113 Cf. Conc. Vat. II, *Sacrosanctum Concilium*, n. 90.
- 114 Cf. Conc. Vat. II, Const. *Lumen gentium*, n. 41.
- 115 Cf. Conc. Vat. II, Const. *Dei Verbum*, n. 25; Decr. *Presbyterorum Ordinis*, n. 13.
- 116 Paulo VI, Motu proprio *Sacrum Diaconatus Ordinem*, 18 de Junho de 1967, n. 27: *A.A.S.* 59 (1967), p. 703.
- 117 Cf. S. Cong. dos Ritos, Instr. *Inter Oecumenici*, n. 78: *A.A.S.* 56 (1964), p. 895.
- 118 Cf. Conc. Vat. II, Const. *Sacrosanctum Concilium*, n. 95. 119 Cf. At. 4, 32.
- 120 Cf. Conc. Vat. II, Const. *Sacrosanctum Concilium*, n. 100.
- 121 Cf. *Ibid.*, nn. 26. 28-30.
- 122 Cf. *Ibid.*, n. 27.

CAPÍTULO II

- 1 Hebr 3, 7-4, 16.
- 2 Conc. Vat. II, Const. *Sacrosanctum Concilium*, n. 89 s.; cf. *Ibid.*, n. 100.
- 3 S. Basílio M., *Regulae fusius tractatae*, Resp. 37, 3: PG 31, 1014.
- 4 S. Cipriano, *De oratione dominica* 35: PL 4, 561.
- 5 S. Basílio, *o. c.*: PG 31, 1015.



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

6 Cf. Salmo 140, 2.

7 Cassiano, *De Institutione coenob.*, L. 3, c. 3: PL 49, 124. 125.

8 S. Cipriano, *De Oratione dominica*, 35: PL 4, 560.

9 Pontificale Romanum, *De Ordinatio. Presbyterorum*, n. 14.

10 S. Ambrósio, *De Officiis ministrorum* 1, 20, 88: PL 16, 50: Conc. Vat. II, Const. *Dei Verbum*, n. 25.

11 Conc. Vat. II, Const. *Sacrosanctum Concilium*, n. 89 c.

12 *Sermo Guelferbytanus* 5: PLS 2, 550.

13 *Ibid.*, PLS 2, 552.

14 Cf. Conc. Vat. II, Const. *Sacrosanctum Concilium*, n. 89 e.

15 Cf. Conc. Vat. II, Const. *Sacrosanctum Concilium*. n. 38.

CAPÍTULO III

1 Conc. Vat. II, Const. sobre a Sagrada Liturgia, *Sacrosanctum Concilium*, n. 90.

2 *Regula monasteriorum*, c. 19.

3 Cf. S. Bento, *Regula monasteriorum*, c. 19.

4 Mt 22, 44 ss.

5 Cf. Conc. Vat. II, Const. *Sacrosanctum Concilium*, n. 91.

6 Conc. Vat. II, Const. *Sacrosanctum Concilium*, n. 102.

7 S. Gregório Magno, *Homilia 34 in Evangelia*: PG 76, 1282.

8 Cf. Conc. V II, Const. *Sacrosanctum Concilium*, n. 38.

9 S. Vicente de Lerins, *Commonitorium*, 2: PL 50, 640.

10 S. Bernardo, *Sermo 3 in Vigilia Nativitatis* 1: PL 183 (ed. 1879), 94.

11 Cf. Conc. Vat. II, Const. *Sacrosanctum Concilium*, n. 92 c.

12 Cf. Conc. Vat. II, Const. *Sacrosanctum Concilium*, n. 93.

13 Cf. Conc. Vat. II, Const. *Sacrosanctum Concilium*, n. 38.

14 Assim, p. ex., S. João Crisóstomo, *In Epist. ad Tim. I*, Homilia 6: PG 62, 530.

15 Cf. Conc. Vat. II, Const. *Sacrosanctum Concilium*, n. 38



Ordem dos Cartuxos: Textos Seleccionados

“Stat Crux Dum Volvitur Orbis”

16 Cf. *Ibid.*, nn. 83 e 89.

17 Cf. *infra*, n. 256.

18 Conc. Vat. II, Const. *Sacrosanctum Concilium*, n. 30.

CAPÍTULO IV

1 Cf. Conc. Vat. II, Const. *Sacrosanctum Concilium*, n. 100.

2 Cf. Conc. Vat. II, Const. *Sacrosanctum Concilium*, n. 111.

3 Cf. Normae universales de anno liturgico et de calendario, n. 52.

4 Cf. *Ibid.*, n. 52 c.

5 Cf. Tabela dos dias litúrgicos, nn. 4 e 8 Cf. *infra*, pp. 93-95.

6 Conc. Vat. II, Const. *Sacrosanctum Concilium*, n. 51.

7 Cf. *supra*, nn. 100-109.

CAPÍTULO V

1 Conc. Vat. II, Const. *Sacrosanctum Concilium*, n. 28.

2 S. Cong. dos Ritos, Instr. *Musicam sacram*, 5 de Março de 1967, n. 37: *A.A.S.* 59 (1967), p. 310; Cf. Conc. Vat. II, Const. *Sacrosanctum Concilium*, n. 99.

3 Cf. Conc. Vat. II, Const. *Sacrosanctum Concilium*, n. 113.

4 Cf. Conc. Vat. II, Const. *Sacrosanctum Concilium*, n. 116.

5 S. Cong. dos Ritos, Instr. *Musicam sacram*, 5 de Março de 1967, n. 9: *A.A.S.* 59 (1967), p. 303; Cf. Conc. Vat. II, Const. *Sacrosanctum Concilium*, n. 116.

6 S. Cong. dos Ritos, Instr. *Musicam sacram*, 5 de Março de 1967, n. 41; cf. nn. 54-61: *A.A.S.* 59 (1967), pp. 312, 316-317.

7 Cf. *Ibid.*, n. 51: p. 315.

8 Cf. *Ibid.*, n. 6: p. 302.

9 Cf. *Ibid.*, nn. 16a, 38: pp. 305, 311.

